



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

JOSÉ ARTHUR SOARES DE MELO

**O DISCURSO RELIGIOSO NA CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DISCURSIVO DO
EX-PRESIDENTE BOLSONARO NO X (*TWITTER*)**

RECIFE
2024

JOSÉ ARTHUR SOARES DE MELO

**O DISCURSO RELIGIOSO NA CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DISCURSIVO DO
EX-PRESIDENTE BOLSONARO NO X (*TWITTER*)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Sônia Virginia Martins Pereira.

**RECIFE
2024**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Melo, José Arthur Soares de.

O discurso religioso na construção do ethos discursivo do ex-presidente
Bolsonaro no X (Twitter) / José Arthur Soares de Melo. - Recife, 2024.
189 p.. : il., tab.

Orientador(a): Sônia Virginia Martins Pereira

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de
Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2024.

Inclui referências.

1. Análise de discurso. 2. Discurso religioso. 3. Ethos discursivo. 4. Jair
Bolsonaro. 5. X (Twitter). I. Pereira, Sônia Virginia Martins . (Orientação). II.
Título.

410 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2024 - 87)

JOSÉ ARTHUR SOARES DE MELO

**O DISCURSO RELIGIOSO NA CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DISCURSIVO DO
EX-PRESIDENTE BOLSONARO NO X (*TWITTER*)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguística.

Aprovado em: 04/03/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Sônia Virginia Martins Pereira (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco — UFPE

Prof.^a Dr.^a Otávia Pinheiro Pedrosa Fernandes (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco — UFPE

Prof. Dr. Cláudio Humberto Lessa (Examinador Externo)
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais — CEFET/MG

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela sua graça e por toda provisão nos momentos de maiores desafios.

Expresso minha profunda gratidão à minha mãe e ao meu pai, que sempre me incentivaram e forneceram apoio durante todo o trabalho. Acreditar na importância da educação e seu impacto em minha vida foi um legado valioso que carregarei sempre.

À minha querida orientadora Sônia, agradeço pela orientação e contribuições significativas para o aprimoramento do trabalho. Obrigado por, desde a graduação, ser um exemplo de pessoa e profissional, proporcionando todo suporte necessário, incentivo e compreensão, além de apontar os caminhos necessários para consolidar a solidez do meu trabalho.

Aos amigos Fabrício, pelos livros, revisões e discussões desde a graduação, e Joyce, pelas revisões detalhadas, leituras e apoio incansável, muito obrigado por tudo!

À admirada professora Débora, pelo incentivo a não acreditar em fronteiras entre os saberes, tornando todo esse processo árduo mais leve e humanizado.

À minha estimada ex-orientadora Morgana, que contribuiu para o meu amadurecimento desde as reuniões de iniciação científica. Agradeço pelos momentos inesquecíveis que moldaram e motivam meu percurso acadêmico.

À incrível professora Juliene, pelos preciosos comentários e refinamentos no meu pré-projeto, agradeço pelos apontamentos e inspiração.

Ao admirável professor Cláudio, pelos valiosos comentários durante as excelentes aulas e pela contribuição durante a minha qualificação.

Aos brilhantes docentes do PPGL/UFPE, agradeço pelas aulas, debates e proximidade em tempos desafiadores de distâncias físicas e aproximações virtuais.

À equipe da secretaria e da coordenação do PPGL/UFPE, agradeço o esforço constante em prover todo o apoio da melhor forma possível.

Ao NUPEDE, pelo papel fundamental em minha formação na graduação; ao GESTO, pelas discussões frutíferas; e ao RED, pelos incríveis aprendizados, discussões e produções ao longo do mestrado.

À UFPE, por todos os momentos memoráveis.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para que esta pesquisa pudesse ser realizada, minha sincera gratidão!

RESUMO

O presente estudo se propõe a analisar a construção do *ethos* discursivo do ex-presidente Jair Bolsonaro em publicações no X (*Twitter*). Este exame se fundamenta na exploração do emprego do discurso religioso de João 8.32 e visa identificar estratégias discursivas, significados e variações semânticas resultantes da sua disseminação naquela rede social. O foco de investigação recai sobre a questão: como o discurso religioso de João 8.32 foi veiculado no X (*Twitter*), no perfil de Bolsonaro, com a intenção de construir uma projeção etóica que, mediante estratégias de pós-verdade, suscitasse credibilidade? Sob esse viés, delimitamos como objetivo geral examinar a formação do *ethos* discursivo de Jair Bolsonaro no X (*Twitter*), fundamentado no emprego do discurso religioso de João 8.32, identificando estratégias, significados e variações resultantes de sua disseminação no ecossistema digital. Como objetivos específicos, elencamos: a) Identificar as estratégias discursivas e argumentativas construídas pelo enunciador para a construção e manutenção dos seus *ethé* no X (*Twitter*); b) Apontar as estratégias identificadas nos enunciados relacionadas ao emprego da pós-verdade; c) Interpretar os sentidos atribuídos aos discursos religiosos empregados pelo enunciador, em suas postagens, refletindo sobre a sua imprescindibilidade e o diálogo entre os saberes para a manutenção do *ethos* de Bolsonaro em suas postagens; e d) Verificar as variações no *ethos* edificado pelo enunciador, comparando o contexto de criação dos enunciados postados nos *tweets* e o diálogo com outros discursos. O corpus da pesquisa abarca um conjunto de 17 tweets retirados do X (*Twitter*), seguindo as diretrizes estabelecidas por Paveau (2021[2017]), no que concerne à análise do discurso digital. A abordagem teórica adotada neste estudo amalgama elementos da análise dialógica do discurso, conforme delineada nos estudos de Bakhtin (1993[1965], 1997[1979], 2010, 2013, 2016) e Volóchinov (2018[1929], 2013[1930]), da análise de discurso francesa, embasada nas obras de Maingueneau (2021; 2008a; 2000) e Charaudeau (2018, 2022), bem como da argumentação no discurso respaldada por Amossy (2008). No contexto das redes sociais e da internet, também incorporamos os aportes teóricos de Recuero (2009), Elm (2008) e Messenberg (2017). No que tange à metodologia, situamos esta pesquisa como um estudo qualitativo (Rohling, 2014; Bauer; Gaskell, 2002; Flick, 2004, 2012; Yin, 2016), de natureza documental (Creswell, 2007; Charaudeau, 2011), fundamentado no método indutivo (Marconi; Lakatos, 2002). A análise do corpus constatou que o enunciador adotou o discurso religioso como uma estratégia discursiva visando melhorar sua projeção etóica no X (*Twitter*). Isso se deu através da descontextualização e esvaziamento do sentido das referências bíblicas, da confusão entre as verdades fatural e doutrinal e da sustentação de pós-verdades para a manutenção do seu *ethos*. Além disso, os enunciados se estruturaram mediante forma de linguagem autoritária, com o propósito de transformar as publicações em enunciados que não admitem diálogo, contestação ou discussão. Essa estratégia visou combater seu *antiethos*, promovendo-se como o único detentor da “verdade”, ao exercer o seu *ethos* de líder e chefe, muitas vezes, disseminando desinformação. Por fim, Bolsonaro sustentou-se no discurso constituinte religioso para outorgar credibilidade aos seus enunciados.

Palavras-chave: Análise de discurso; Discurso religioso; Ethos discursivo; Jair Bolsonaro; X; *Twitter*.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the construction of the discursive ethos of former President Jair Bolsonaro in publications on X (Twitter). This examination is based on exploring the recurrent use of the religious discourse of John 8.32 and aims to identify discursive strategies, meanings, and semantic variations resulting from its dissemination on that social network. The focus of the investigation falls on the question: how was the religious discourse of John 8.32 conveyed on X (Twitter), on Bolsonaro's profile, with the intention of building an ethical projection that, through post-truth strategies, would generate credibility? Under this perspective, our general objective is to examine the formation of Jair Bolsonaro's discursive ethos on X (Twitter), based on the use of the religious discourse of John 8.32, identifying strategies, meanings, and variations resulting from its dissemination in the digital ecosystem. As specific objectives, we list: a) Identify the discursive and argumentative strategies constructed by the enunciator to construct and maintain their *ethé* on X (Twitter); b) Point out the strategies identified in the statements related to the use of post-truth; c) Interpret the meanings attributed to the religious discourses used by the enunciator in his posts, reflecting on their indispensability and the dialogue between knowledge for maintaining Bolsonaro's ethos in his posts; and d) Check the variations in the ethos built by the enunciator, comparing the context of creation of the statements posted in tweets and the dialogue with other speeches. The research corpus encompasses a set of 17 tweets taken from X (Twitter), following the guidelines established by Paveau (2021 [2017]), regarding the analysis of digital discourse. The theoretical approach adopted in this study amalgamates elements of dialogical discourse analysis, as outlined in the studies of Bakhtin (1993[1965], 1997[1979], 2010, 2013, 2016) and Voloshinov (2018[1929], 2013[1930]), French discourse analysis, based on the works of Maingueneau (2021; 2008a; 2000) and Charaudeau (2018, 2022), as well as argumentation in discourse supported by Amossy (2008). In the context of social networks and the internet, we also incorporated the theoretical contributions of Recuero (2009), Elm (2008), and Messenberg (2017). Regarding methodology, we situate this research as a qualitative study (Rohling, 2014; Bauer; Gaskell, 2002; Flick, 2004, 2012; Yin, 2016), of a documentary nature (Creswell, 2007; Charaudeau, 2011), based on the inductive method (Marconi; Lakatos, 2002). The corpus analysis found that the enunciator adopted religious discourse as a discursive strategy aiming to improve his *ethotic* projection on X (Twitter). This occurred through the decontextualization and emptying of the meaning of biblical references, the confusion between factual and doctrinal truths, and the support of post-truths to maintain his ethos. Furthermore, the statements were structured using an authoritarian form of language, with the purpose of transforming the publications into statements that do not admit dialogue, contestation, or discussion. This strategy aimed to combat his *antiethos*, promoting himself as the only owner of the 'truth', by exercising his ethos as a leader and boss, often disseminating misinformation. Finally, Bolsonaro relied on religious constituent discourse to give credibility to his statements.

Keywords: Discourse analysis; Religious discourse; Discursive ethos; Jair Bolsonaro; X; Twitter.

RESUMÉ

La présente étude vise à analyser la construction de l'éthos discursif de l'ancien président Jair Bolsonaro dans les publications sur X (Twitter). Cet examen s'appuie sur l'exploration de l'usage du discours religieux de Jean 8.32 et vise à identifier les stratégies discursives, les significations et les variations sémantiques résultant de sa diffusion sur ce réseau social. L'objet de l'enquête se concentre sur la question : comment le discours religieux de Jean 8.32 a-t-il été véhiculé sur X (Twitter), sur le profil de Bolsonaro, avec l'intention de construire une projection éthique qui, à travers des stratégies de post-vérité, générerait de la crédibilité ? Sous ce biais, notre objectif général est d'examiner la formation de l'éthos discursif de Jair Bolsonaro sur X (Twitter), basé sur l'utilisation du discours religieux de Jean 8.32, en identifiant les stratégies, les significations et les variations résultant de sa diffusion dans l'écosystème numérique. Comme objectifs spécifiques, nous listons : a) Identifier les stratégies discursives et argumentatives construites par l'énonciateur pour construire et maintenir son éthos sur X (Twitter) ; b) Souligner les stratégies identifiées dans les énoncés liés à l'utilisation de la post-vérité ; c) Interpréter les significations attribuées aux discours religieux utilisés par l'énonciateur dans ses messages, en réfléchissant sur leur caractère indispensable et le dialogue entre les connaissances pour maintenir l'éthos de Bolsonaro dans ses messages ; et d) Vérifier les variations de l'éthos construit par l'énonciateur, en comparant le contexte de création des déclarations publiées dans les tweets et le dialogue avec d'autres discours. Le corpus de recherche englobe un ensemble de 17 tweets issus de X (Twitter), suivant les lignes directrices établies par Paveau (2021 [2017]), concernant l'analyse du discours numérique. L'approche théorique adoptée dans cette étude fusionne des éléments de l'analyse du discours dialogique, comme indiqué dans les études de Bakhtine (1993[1965], 1997[1979], 2010, 2013, 2016) et Voloshinov (2018[1929], 2013[1930]), l'analyse du discours française, à partir des travaux de Maingueneau (2021 ; 2008a ; 2000) et Charaudeau (2018, 2022), ainsi que l'argumentation en discours soutenue par Amossy (2008). Dans le contexte des réseaux sociaux et d'Internet, nous avons également intégré les apports théoriques de Recuero (2009), Elm (2008) et Messenberg (2017). Sur le plan méthodologique, nous situons cette recherche comme une étude qualitative (Rohling, 2014 ; Bauer ; Gaskell, 2002 ; Flick, 2004, 2012 ; Yin, 2016), à caractère documentaire (Creswell, 2007 ; Charaudeau, 2011), fondée sur des approches inductives. méthode (Marconi; Lakatos, 2002). L'analyse du corpus a révélé que l'énonciateur a adopté le discours religieux comme stratégie discursive visant à améliorer sa projection éthique sur X (Twitter). Cela s'est produit à travers la décontextualisation et le vidage du sens des références bibliques, la confusion entre les vérités factuelles et doctrinales et le soutien des post-vérités pour maintenir son ethos. De plus, les déclarations ont été structurées en utilisant une forme de langage autoritaire, dans le but de transformer les publications en déclarations qui n'admettent pas le dialogue, la contestation ou la discussion. Cette stratégie visait à combattre son antiéthos, se présentant comme le seul détenteur de la « vérité », en exerçant son éthos de leader et de patron,

diffusant souvent de la désinformation. Enfin, Bolsonaro s'est appuyé sur le discours des constituants religieux pour donner de la crédibilité à ses déclarations.

Mots clés : Analyse du discours ; Discours religieux ; Éthos discursif ; Jair Bolsonaro ; X ; Twitter.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Exemplo de tweet em sua forma estereotipada, com base em Paveau (2021[2017])	76
Figura 2: Exemplo de tweet em sua forma estereotipada, com base em Paveau (2021[2017])	77
Figura 3: Exemplo de tweet em sua forma ecológica, com base em Paveau (2021[2017])	77
Figura 4: Voto contra deficientes	106
Figura 5: O João 8:32 é para sempre	110
Figura 6: Mensagem sempre à frente	114
Figura 7: Fome no Brasil	118
Figura 8: Política e religião	122
Figura 9: Citação, autor desconhecido	126
Figura 10: Foro de São Paulo	129
Figura 11: Verdade sobre a Amazônia	132
Figura 12: Uso do cartão corporativo	136
Figura 13: Notícia	139
Figura 14: Taxação do sol	143
Figura 15: Futuro do Brasil	146
Figura 16: Preço da gasolina	151
Figura 17: Imprensa e a verdade	155
Figura 18: Recursos repassados pelo governo	159
Figura 19: Reabertura da economia	163
Figura 20: Manchete sobre mensalão	166

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Súmula comparativa das estratégias identificadas nos tweets.....	169
--	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do discurso
ADD	Análise dialógica do discurso
ADF	Análise de discurso francesa
ADP	Análise do discurso pecheutiana
DR	Discurso religioso
DP	Discurso político
PSL	Partido social liberal
PT	Partido dos trabalhadores
SRS	Site de rede social
SRSs	Sites de redes sociais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. OS ESTUDOS DO DISCURSO E ALGUNS DESDOBRAMENTOS TEÓRICOS.....	22
2.1 ESCOLA FRANCESA DE ANÁLISE DO DISCURSO: UM BREVE OLHAR RETROSPECTIVO.....	22
2.2 ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA: UMA ABORDAGEM ENUNCIATIVA.....	26
2.2.1 Os discursos constituintes.....	29
2.3 ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: A INEVITÁVEL POSTURA INTERDISCIPLINAR.....	31
2.3.1 A palavra monológica e os discursos constituintes: entre a irrefutabilidade e a fundação.....	37
2.3.2 Os gêneros do discurso e o enunciado.....	44
2.4 A ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO.....	51
2.5 O ETHOS DISCURSIVO E A CENOGRAFIA DIGITAL.....	55
3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A REDE SOCIAL X (TWITTER).....	71
3.1 OS VALORES E A RELEVÂNCIA DO X (TWITTER).....	71
3.2 IMPORTÂNCIA DA ECOLOGIA DOS DISCURSOS NO X (TWITTER).....	74
Figura 1: Exemplo de tweet em sua forma estereotipada, com base em Paveau (2021[2017]).....	76
Figura 2: Exemplo de tweet em sua forma estereotipada, com base em Paveau (2021[2017]).....	76
Figura 3: Exemplo de tweet em sua forma ecológica, com base em Paveau (2021[2017]).....	77
3.3 IMPLICAÇÕES DO ALGORITMO NOS ENUNCIADOS DIGITAIS.....	79
4. CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISCURSO POLÍTICO: DO (NEO)CONSERVADORISMO À HEGEMONIA DA PÓS-VERDADE.....	82
4.1 Breve retrospecto sobre discurso (neo)conservador.....	82
4.1.2 Discurso político: confronto entre os saberes.....	87
4.1.3 Figuras de verdade no discurso político.....	90
4.1.4 Os éthé no discurso político.....	94
5. EM TORNO DO PERCURSO METODOLÓGICO.....	98
5.1 Das especificidades da construção do corpus à ecologia dos Tweets: diálogos indispensáveis.....	98
6. ANÁLISE DOS ENUNCIADOS DO CORPUS.....	105
6.1 Tweet 1.....	106
Figura 4: Voto contra deficientes.....	106
6.2 Tweet 2.....	110
Figura 5: O João 8:32 é para sempre.....	110
6.3 Tweet 3.....	114
Figura 6: Mensagem sempre à frente.....	114
6.4 Tweet 4.....	118
Figura 7: Fome no Brasil.....	118
6.5 Tweet 5.....	122
Figura 8: Política e religião.....	122
6.6 Tweet 6.....	126

Figura 9: Citação, autor desconhecido.....	126
6.7 Tweet 7.....	129
Figura 10: Foro de São Paulo.....	129
6.8 Tweet 8.....	132
Figura 11: Verdade sobre a Amazônia.....	132
6.9 Tweet 9.....	136
Figura 12: Uso do cartão corporativo.....	136
6.10 Tweet 10.....	140
Figura 13: Notícia.....	140
6.11 Tweet 11.....	144
Figura 14: Taxação do sol.....	144
6.12 Tweet 12.....	147
Figura 15: Futuro do Brasil.....	147
6.13 Tweet 13.....	152
Figura 16: Preço da gasolina.....	152
6.14 Tweet 14.....	156
Figura 17: Imprensa e a verdade.....	156
6.15 Tweet 15.....	160
Figura 18: Recursos repassados pelo governo.....	160
6.16 Tweet 16.....	164
Figura 19: Reabertura da economia.....	164
6.17 Tweet 17.....	167
Figura 20: Manchete sobre mensalão.....	167
Quadro 1: Súmula comparativa das estratégias identificadas nos tweets.....	170
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	173
REFERÊNCIAS.....	177

1. INTRODUÇÃO

Não é necessário possuir um profundo conhecimento da Bíblia, uma formação teológica ou uma posição de liderança religiosa, nem mesmo ser afiliado a uma fé cristã, para, em algum momento nos últimos anos, já ter se deparado com o versículo do evangelho de João 8.32, que proclama: “E conhecerão a verdade e ela vos libertará”. Em certos casos, é possível que não se esteja ciente da origem precisa desse discurso, mas, dadas as circunstâncias políticas recentes, o trecho em questão foi amplamente citado e divulgado pelo ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, em numerosas ocasiões. No entanto, percebe-se que, em diversos contextos, a significação original desse trecho bíblico foi, assim, desvinculada de seu interdiscurso (Curcino, 2021) e passou a ser associada, principalmente, ao político em questão, ao invés da Bíblia ou ao cristianismo.

Sob essa perspectiva, fomos impelidos a investigar sobre essa temática inicialmente, principalmente, pelos estudos de Maingueneau (2008b[1994]; 2008a[2006]), que já discorriam sobre o uso do discurso constituinte religioso para diversos artifícios políticos em outros âmbitos mais abrangentes. No entanto, na realidade do Brasil, tendo em vista os sites de redes sociais e as novas formas de textualidade proporcionadas pelos avanços da internet, essa estratégia parecia não estar tão amplamente difundida, ou pelo menos não se tinha um conhecimento concreto da produtividade e do sucesso que ela ocasiona.

O versículo de João 8.32, inicialmente associado à esfera da Bíblia, das instituições religiosas e da literatura, adquiriu novas conotações, especialmente em torno do ano de 2018. A disseminação ampla dessa referência, principalmente pelo então candidato à presidência na época, levou-a a ser adotada como um slogan de campanha (Curcino, 2021). Neste contexto, em algumas situações, a sua menção ou divulgação passou a ser percebida como um gesto de apoio ao candidato Jair Bolsonaro, um deslocamento que despertou nosso interesse em uma investigação mais aprofundada sobre o papel do discurso religioso, empregado pelo ex-presidente, como meio de sustentar sua imagem, especialmente através do X (*Twitter*).

Sob esse prisma, a existência desta pesquisa é resultado de um evento similar ao relatado a respeito do uso desse discurso religioso na esfera política e como ele passou a ser projetado para a construção de uma imagem que desperte confiança, credibilidade e adesão ao que é publicado na rede social (*Twitter*). Dessa forma, partimos do seguinte questionamento: *como o discurso religioso de João 8.32 foi veiculado no X (Twitter), no perfil de Bolsonaro, com a intenção de construir uma projeção etórica que, mediante estratégias de pós-verdade, suscitasse credibilidade?*

Nesse contexto, é observável que desde o cenário de 2018 até sua eleição e subsequente término de mandato, a frequência de compartilhamento desse discurso tornou-se uma constante em suas contas nas redes sociais, especialmente no X (*Twitter*). No entanto, nota-se que, ao ser empregado com fins políticos, o uso desse trecho bíblico adquire um significado substancialmente distinto daquele que aparece no discurso religioso da Bíblia. Enquanto no discurso de João 8.32, a referência à verdade está intrinsecamente ligada ao evangelho, a figura de Cristo e sua mensagem (Curcino, 2021), conforme os princípios cristãos, as divulgações desse mesmo discurso, quando feitas pelo político, são adotadas como uma estratégia discursiva visando angariar apoio para a construção de seu *ethos*. Desse modo, o texto foi dissociado de seu contexto original e passou a ser utilizado pelo ex-presidente como uma “fonte legitimadora” para respaldar tudo o que ele publica, contribuindo para a manutenção de sua imagem e a construção de um *ethos* de credibilidade (Charaudeau, 2018[2005]) com o objetivo de suscitar adesão em suas redes sociais.

Com base nisso, as reflexões de Curcino e de outros pesquisadores que integram a obra “*Discurso e (pós)verdade*” (Curcino; Sargentini; Piovezani, 2021) destacaram e estimularam nosso interesse em empreender uma investigação mais aprofundada sobre a utilização do discurso religioso pelo então político em seu perfil. A partir das discussões sobre pós-verdade presentes nos capítulos da mencionada obra, ao articular outro matiz de significado, a passagem de João 8. 32 é apropriada pelo político e subvertida com objetivos diversos (Curcino, 2021). Contudo, ao submeter nosso corpus de estudo a outras concepções e ao indagar sobre o papel desse discurso religioso nas enunciações veiculadas no X (*Twitter*), nos deparamos com outras maneiras de endossar essas referências bíblicas para a preservação de seu *ethos* alicerçadas nas estratégias de pós-verdade.

Nesse sentido, nossa pesquisa também foi alimentada pelo interesse nos estudos que abordam o discurso religioso dentro do campo da análise de discurso francesa, estabelecendo uma interlocução teórica com a análise dialógica do discurso. Em termos gerais, ao levar em consideração as lacunas enfatizadas por Maingueneau (2021) no que diz respeito às escassas pesquisas sobre o discurso religioso, notamos que, como o linguista aponta, esse campo ainda parece estar predominantemente vinculado às instituições religiosas. Portanto, podemos perceber que algumas das lacunas identificadas pelo pesquisador (Maingueneau, 2008b[1994]; 2008a[2006]) continuam relevantes quando analisamos o cenário brasileiro. Deste modo, acreditamos que este estudo de pesquisa desempenha um papel importante ao

preencher, de algum modo, essa lacuna e, ao mesmo tempo, ao proporcionar um avanço no entendimento do emprego do discurso religioso como estratégia política.

Dentro desse contexto, ao relacionar essa lacuna de conhecimento sobre o discurso religioso com as discussões prévias sobre o contexto político no início de nossa pesquisa, torna-se pertinente refletir sobre como esse discurso é utilizado pelo político e quais são suas implicações na sociedade em que vivemos. Para isso, é indispensável trazer à nossa reflexão os postulados referentes ao estudo do discurso religioso com base nas reflexões de Bakhtin (2002[1975]; 1993[1965]), o que nos faz avançar na compreensão do que Maingueneau discute. Ao ser concebido como uma palavra monológica, variante de uma palavra autoritária (Mueller, 2017), esse discurso passa a adquirir não apenas um aspecto de constituição e de autoridade, mas também de dogma e de inquestionabilidade, colaborando para a disseminação de pós-verdades pelo político.

No que se refere ao estudo do discurso político, este trabalho se apoia nas contribuições de estudiosos como Charaudeau (2018[2005], 2022), Lacerda (2018) e Grandin (2006). Especificamente em relação a Charaudeau, nossa abordagem se fundamenta principalmente em suas análises sobre os *ethé* no discurso político em sentido amplo, vinculando-os às suas reflexões acerca dos saberes de conhecimento e os saberes de crença (Charaudeau, 2018[2005]). As ponderações do pesquisador francês sobre as figuras de verdade, o discurso manipulatório e a pós-verdade (Charaudeau, 2022) também desempenham um papel central em nossa pesquisa, contribuindo significativamente para o avanço da compreensão da problemática investigada. Além disso, embora Charaudeau discuta essas questões de maneira geral, recorremos a Lacerda (2018), Grandin (2006) e outros autores para realizar uma breve contextualização histórica sobre o conservadorismo e sua influência contemporânea nas redes sociais, com um enfoque mais específico no neoconservadorismo.

Ademais, como mencionado anteriormente, adotamos também os princípios relacionados à análise do discurso digital, conforme propostos por Paveau (2021[2017]), bem como a investigação das dinâmicas nas redes sociais, fundamentada nas obras de Recuero (2009), Elm (2008) e Messenberg (2017). A abordagem que enfatiza a ecologia dos discursos na *web* emerge como uma necessidade para incorporar os conceitos teórico-metodológicos relacionados ao ambiente digital, incluindo aspectos como os comentários, a estrutura compósita, a escrita digital, entre outros. Isso tem como objetivo realizar uma análise que considere, de maneira simultânea, os aspectos linguísticos e extralinguísticos (Paveau,

2021[2017]), ressaltando a importância dos valores presentes nas interações das redes sociais (Recuero, 2009), abrangendo tanto os aspectos práticos quanto os técnicos e instrumentais.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa é conduzida seguindo diretrizes da análise de discurso, sendo classificada como um estudo qualitativo, conforme recomendado por diversos autores (Rohling, 2014; Bauer; Gaskell, 2002; Flick, 2004, 2012; Yin, 2016). Nesse enfoque, os textos desempenham um papel central, servindo como os principais elementos que sustentam a interpretação, a comunicação e a divulgação das descobertas.

Além disso, esta pesquisa é categorizada como de natureza documental, uma vez que envolve a reconstrução da realidade textualizada em documentos, seguindo abordagens estabelecidas por autores como Creswell (2007) e Charaudeau (2011). É importante notar que esses documentos, sendo de natureza semi-pública, como indicado por Elm (2008), são considerados mais adequados para a análise de enunciados digitais.

Adicionalmente, nossa abordagem metodológica se baseia no método indutivo, conforme preconizado por Marconi e Lakatos (2002). Isso quer dizer que utilizamos os dados coletados para conduzir a interpretação e as conclusões, sem dar prioridade a uma hipótese prévia, pois visamos observar a generalidade do que pesquisamos, conforme enfatizado por Xavier (2010).

Isto posto, definimos como objetivo geral *examinar a formação do ethos discursivo de Jair Bolsonaro no X (Twitter), fundamentado no emprego do discurso religioso de João 8.32, identificando estratégias, significados e variações resultantes de sua disseminação no ecossistema digital*. Além disso, delimitamos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar as estratégias discursivas e argumentativas construídas pelo enunciador para a construção e manutenção dos seus *ethé* no X (Twitter).
- Apontar as estratégias identificadas nos enunciados relacionadas ao emprego da pós-verdade;
- Interpretar os sentidos atribuídos aos discursos religiosos empregados pelo enunciador, em suas postagens, refletindo sobre a sua imprescindibilidade e o diálogo entre os saberes para a manutenção do *ethos* de Bolsonaro em suas postagens;
- Verificar as variações no *ethos* edificado pelo enunciador, comparando o contexto de criação dos enunciados postados nos *tweets* e o diálogo com outros discursos.

Nossa expectativa é fornecer uma contribuição para o avanço do campo dos estudos linguísticos, particularmente no que diz respeito à pesquisa sobre o discurso religioso, preenchendo, de algum modo, as lacunas identificadas na literatura, especialmente pensando

sobre contexto brasileiro. Além disso, almejamos enriquecer a compreensão das estratégias discursivas empregadas pelos enunciadores no âmbito político, à medida que buscam angariar prestígio e apoio de seus seguidores adotando a pós-verdade como uma verdade. Buscamos, ainda, destacar a importância do diálogo e do reconhecimento de diversas perspectivas, saberes e verdades, enfatizando que essas visões podem coexistir sem a necessidade de hierarquizar ou manipular uma como superior às outras, sem extinguir ou blindar esse diálogo incessante.

Por outro lado, é importante reconhecer que pesquisas como a nossa estão sujeitas a algumas limitações inerentes. A volatilidade das redes sociais, com suas atualizações frequentes e mudanças nos algoritmos, é uma dessas limitações¹. Além disso, o escopo do nosso *corpus* e suas delimitações não podem englobar questões tão abrangentes, especialmente quando adotamos uma abordagem qualitativa. Devemos também considerar o viés da amostragem coletada, a influência em constante evolução dos algoritmos e o fenômeno das bolhas de filtro que as redes sociais podem criar, afetando a circulação das informações. No entanto, é importante ressaltar que essas limitações não invalidam nossa investigação do problema delimitado. Em vez disso, elas destacam a virtualização crescente das interações que refletem e impactam a vida em ambientes digitais, indicando uma crescente interdependência das redes sociais na vida das pessoas como um todo, daí a relevância de investir em uma reflexão sobre elas.

Estruturamos este trabalho da seguinte maneira: após a introdução, na segunda seção, realizamos uma breve retrospectiva sobre a origem da análise do discurso na França e seus desenvolvimentos subsequentes, com o propósito de nos situarmos dentro desta disciplina abrangente. Em seguida, continuamos nossa explanação sobre a vertente da análise de discurso à qual estamos afiliados, enfatizando os conceitos cruciais adotados neste estudo. Prosseguimos discutindo a análise dialógica do discurso, destacando a inevitável interconexão entre os conceitos e noções que fundamentam nossa pesquisa. Dedicamos uma seção mais ampla à análise do enunciado e suas implicações em ambas as teorias. Posteriormente, abordamos a argumentação no discurso, enfatizando sua inseparabilidade da esfera política, concluindo esta seção com reflexões e considerações sobre o *ethos* discursivo e a cenografia digital.

Na terceira seção, concentramos nossa discussão nos aspectos relacionados à plataforma de rede social X (*Twitter*) e examinamos detalhes relevantes sobre as

¹ Grande exemplo disso é o que aconteceu com o “*Twitter*” que passou a se chamar “X”, ainda que carregue o nome *Twitter* em seus endereços.

peculiaridades desse ambiente online. Destacamos os valores e a importância do X (*Twitter*) na sociedade, estabelecendo um diálogo com os teóricos que fundamentam nossa pesquisa. Em seguida, abordamos as noções relacionadas à ecologia dos discursos na rede e enfatizamos, concisamente, alguns pontos relacionados ao impacto dos algoritmos nas postagens e nos enunciados encontrados nesse contexto digital. A quarta seção é dedicada à reflexão sobre o discurso político, começando com uma breve análise dos principais aspectos do conservadorismo e do neoconservadorismo contemporâneo. Posteriormente, fazemos algumas observações sobre o confronto entre os diferentes tipos de saberes evocados e as estratégias discursivas utilizadas nesse cenário político, encerrando essa seção com uma análise dos principais *ethé* identificados nesse domínio.

Adicionalmente, o propósito da quinta seção é detalhar as noções relacionadas à nossa abordagem metodológica. Nossa intenção é, portanto, justificar as escolhas metodológicas e enfatizar, mais uma vez, a relevância do diálogo para esclarecer nosso objeto de estudo. Após estabelecermos esses fundamentos, procedemos à análise dos enunciados que compõem o corpus de pesquisa na sexta seção. Finalmente, apresentamos nossos resultados e as considerações finais referentes à análise executada.

2. OS ESTUDOS DO DISCURSO E ALGUNS DESDOBRAMENTOS TEÓRICOS

Nesta seção, discorreremos sobre as principais abordagens que nos respaldam teoricamente quanto aos estudos do discurso e as suas bifurcações e confluências. Primeiramente, faremos um breve retrospecto sobre a análise do discurso francesa e o seu projeto fundador. Na sequência, seguiremos discutindo sobre a análise de discurso francesa, à qual nos filiamos, e alguns de seus conceitos importantes, estabelecendo um diálogo teórico com a análise dialógica do discurso e algumas conceituações imprescindíveis dos teóricos russos que sustentam a teoria dialógica da linguagem. Dissertaremos, brevemente, sobre a argumentação e as suas contribuições na sequência. A seção posterior destina-se, finalmente, ao aprofundamento do *ethos* discursivo e da cenografia digital, no âmbito da ADF, conceitos centrais de análise do nosso trabalho.

2.1 ESCOLA FRANCESA DE ANÁLISE DO DISCURSO: UM BREVE OLHAR RETROSPECTIVO

Discutiremos, nesta seção, sobre o projeto fundador da análise do discurso francesa, sob a ótica de Michel Pêcheux, estabelecendo um breve percurso histórico visando melhor compreender o quadro contemporâneo da análise do discurso, ao mesmo tempo em que realçamos a importância e o protagonismo do filósofo, inspirados na sua crítica à falsa transparência da linguagem. Para tal, trataremos sobre a lacuna que os estudos saussurianos foram impelidos a alimentar face ao contexto histórico e ao seu posterior avanço, por meio de Pêcheux e do seu grupo, também perpassado por questões históricas particulares na França.

Começamos pelo termo discurso. No *Curso de Linguística Geral* 2006[1916], a menção a ele é equivalente à fala, a qual é concebida como

[...] um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1.º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2.º, o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações (Saussure, 2006[1916], p. 22).

Nessa perspectiva, percebe-se que a definição do termo em questão ainda não despertava tanto interesse de investigações, pois Saussure, em seu trabalho, prioriza a língua e os seus possíveis elementos internos em detrimento da fala, em virtude da influência do seu contexto positivista (Petri; Cervo, 2016). Tendo isso em vista, convém enfatizar que esse alicerce de elementos concebidos como internos é fortemente influenciado pela conjuntura histórica, política e científica da época, em que tais relações eram compreendidas,

inevitavelmente, em termos de exclusão dos elementos vistos como mais abstratos (Gadet; Pêcheux, 2004). A partir da crítica a esse corte do genebrino foi possível começar a pensar no estudo mediante um enfoque menos rigidamente estrutural da língua, o que está mais próximo do que compreendemos como os estudos do discurso hoje.

No entanto, tratar sobre análise de discurso (AD), por um bom tempo, foi algo longínquo do que se concebe como AD atualmente. É com Zellig Harris (1952) que o termo é precisamente introduzido no contexto estruturalista estadunidense para remeter de modo mais simples à análise de trocas verbais, ou seja, para se referir a uma cadeia de enunciados (Maingueneau, 1990). É nessa abordagem que o termo foi fortemente usado nas fases iniciais do âmbito da linguística funcional e linguística textual (Votre, 2019). A ênfase ao trabalho de Harris é importante, pois:

Antes de tudo porque a “análise” de Harris, fundada sobre o teste de comutação, se inscreve no quadro estruturalista de uma decomposição das unidades da língua em elementos mínimos, mas também porque a escola francesa de análise de discurso se afirma como uma “análise” (= uma psicanálise) aplicada aos textos (Maingueneau, 1990, p. 69).

Considerando esse preâmbulo, o surgimento da análise do discurso na França é fruto de diversas questões particulares da época, dentre elas, podemos citar: a reação às pressões exercidas pelo estruturalismo triunfante, o surgimento da gramática gerativa transformacional e a forte influência do marxismo althusseriano, aberto em direção à psicanálise, o que fez com que nesse cenário a vontade militante e o interesse científico fossem quase indissociáveis (Maingueneau, 1990). O marco do nascimento da análise do discurso francesa², enquanto disciplina transversal, é o lançamento número 13 da revista *Langages*, organizado pelo linguista Jean Dubois e a publicação da obra *Análise Automática do Discurso*, de Michel Pêcheux (Maldidier, 2011; Maingueneau, 1990).

Pêcheux, na AD69, inaugurou [...] “uma máquina de abrir questões mais do que de dar respostas” (Maldidier, 2003, p. 19). Seu desejo de autonomia da análise do discurso visava operacionalizar uma tentativa de afastamento da pura aplicação de teorias e/ ou procedimentos metodológicos vindos de outros campos, como uma simples integração da disciplina à linguística, questionando o que o fazer científico diz de si (Maldidier, 2011). Com isso, ao retomar a dicotomia de Saussure, Pêcheux inscreve [...] “os processos de

² A Escola Francesa de Análise do Discurso (Fonseca-Silva, 2005; Orlandi, 2005; Paveau, Sarfati, 2006). Para distinguir o projeto de Pêcheux do atual cenário da análise de discurso na França, chamaremos aquele de Análise do Discurso Pecheutiana (ADP) e este de Análise de Discurso Francesa (ADF). Análise do Discurso (AD) será usado no sentido abrangente sem se restringir a uma corrente específica ou autor(a).

significação num outro terreno, mas não concebe nem o sujeito, nem os sentidos como individuais, mas como históricos, ideológicos” (Mussalim, 2004, p. 105).

O filósofo propôs uma forma de refletir sobre a linguagem que acolhe o desconforto de não se acomodar às evidências e a um lugar estabilizado, mas que se ergue a partir da arte da reflexão nos entremeios (Orlandi, 2015). Segundo o autor, a AD trabalha num espaço no qual os enunciados aparecem como uma série de possíveis pontos de deriva que oferecem lugar à interpretação (Pêcheux, 2015). Nessa conjuntura, cabe enfatizar que nem o sentido é transparente e nem o sujeito também o é, considerando o seu assujeitamento e a sua interpelação pela ideologia. Além disso, não se busca com a AD atingir sentido verdadeiro mediante uma chave de interpretação (Orlandi, 2012), mas sim executar de um gesto de leitura, que não se restringe à interpretação, pois, como assevera o filósofo: “A análise de discurso não pretende se instituir em especialista da interpretação, dominando ‘o’ sentido dos textos, mas somente construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito” [...] (Pêcheux, 2011, p. 291).

Sob essa perspectiva, tanto o materialismo histórico quanto o estruturalismo criaram bases para a emergência da AD e do projeto de Althusser. No campo da psicanálise, foi de interesse da AD, sobretudo, as ponderações de Lacan sobre o inconsciente, haja vista a sua importância para a representação do sujeito (Mussalim, 2004). Este foi concebido por Pêcheux, inicialmente, como uma “máquina autodeterminada” [...] “de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que ‘utilizam’ seus discursos quando na verdade são seus ‘servos’ assujeitados, seus ‘suportes’” (Pêcheux, 1997[1983], p. 311). Nesse sentido, nessa primeira fase se buscou a instauração de um processo informatizado, inspirado no modelo estrutural de Harris, para a construção de sequências discursivas (Baronas, 2011).

Posteriormente, na segunda fase da AD, poucas inovações aparecem, o pesquisador reformula a noção de formação discursiva (FD) de Foucault³ e introduz a definição de interdiscurso às reflexões, [...] “a problemática AD-2 obriga a se descobrir os pontos de confronto polêmico nas fronteiras internas da FD, as zonas atravessadas por toda uma série de efeitos discursivos” (Pêcheux, 1997[1983], p. 314). Nessa perspectiva, abre-se espaço para a delimitação de *corpora* discursivos que permitem ultrapassar o nível da justaposição contrastada em virtude do trabalho com suas influências internas desiguais (Pêcheux,

³ Baronas (2011) destaca que, embora não desenvolvido, o conceito de formação discursiva está enunciado um pouco antes de Foucault no artigo *Lexis et metalexis: les problèmes des determinants* (Pêcheux; Fuchs, 1968), possuindo, então, uma “paternidade partilhada”.

1997[1983]). Ainda sobre a FD, enquanto Foucault defendia o afastamento da ideologia ao analisar enunciados, Pêcheux considerava a ideologia como o critério primário para pensar sobre a pertinência de um enunciado a uma FD e para a individuação dessa FD (Indursky, 2007). Desse modo, observa-se a nítida distinção nas suas abordagens.

Na sua terceira fase, além de muitos questionamentos apontados pelo estudioso, são destacadas as numerosas pesquisas sobre encadeamentos intradiscursivos/ interfrásticos, que [...] “permite à AD-3 abordar o estudo da construção dos objetos discursivos e dos acontecimentos, e também dos ‘pontos de vista’ e ‘lugares enunciativos no fio intradiscursivo” (Pêcheux, 1997[1983], p. 316). São incorporados, também, alguns aspectos referentes às heterogeneidades enunciativas acerca do discurso do outro colocado em cena pelo sujeito, considerando a existência de um “além interdiscursivo”. Nesta fase, “[...] os diversos discursos que atravessam uma FD não se constituem independentemente uns dos outros para serem, em seguida, postos em relação, mas se formam de maneira regulada no interior de um interdiscurso” (Mussalin, 2004, p. 120). Logo, é nessa fase que o filósofo se afasta da máquina da primeira fase.

Nesse viés, é possível observar que, ao longo das suas três fases, a análise *do* discurso se solidifica e extrapola a esfera do político, posteriormente, se deslocando para uma análise *de* discurso, na abrangência de outras materialidades a partir da sua terceira fase (Baronas, 2011).

Até aqui, tentamos destacar o singular contexto de fundação dessa disciplina ou desse modo de conceber a linguagem a partir dos questionamentos nos entremeios e nas entrelinhas, salientando, brevemente, a importância do trabalho de Pêcheux e do seu grupo, fundamentais para que esse campo se desenvolvesse e abrangesse novos quadros intelectuais. Não se trata de uma tarefa fácil, em virtude da nossa não filiação aos trabalhos de Pêcheux, mas sim de uma escolha que considera a crítica de Courtine (2005) no que se refere à importância da (d)evolução da memória à AD que, indiscutivelmente, deve muito ao teórico fundador na França. Esse gesto parece ser realçado por Paveau; Sarfati (2006), ao sublinharem que:

Diferentemente da escola francesa dos anos 1960 e 1970, a análise do discurso atual é um domínio bem constituído. Um olhar retrospectivo sobre as fundações e uma reflexão epistemológica sobre a disciplina parecem, doravante, necessários a toda nova pesquisa nesse domínio. (Paveau, Sarfati, 2006, p. 210).

Dessa forma, após ressaltar o papel de Pêcheux nos estudos do discurso, que foram impulsionados por suas contribuições, avançaremos para as bases teóricas que nos sustentam.

Estes fundamentos teóricos surgiram posteriormente às reflexões do filósofo, mas incorporaram os avanços conquistados pelo grupo de pesquisadores que colaborou com ele, como exemplificado por Possenti (2009a).

2.2 ANÁLISE DE DISCURSO FRANCESA: UMA ABORDAGEM ENUNCIATIVA

Destacamos, anteriormente, o cenário de fundação da Escola Francesa de Análise do Discurso e as suas principais inquietações teóricas, a partir do trabalho de Michel Pêcheux. Contudo, em contraste com o projeto fundador que unia a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise, a situação atual da análise de discurso francesa (ADF) não se restringe ao esquema concebido por Pêcheux. Entre outras coisas, isso pode, talvez, ser explicado devido ao seu trágico desaparecimento, bem como o de seu grupo multidisciplinar na França, como salienta Leandro Ferreira (2003).

A partir daí, Maingueneau (1990) ao retratar o percurso histórico da ADF, dentre outras questões levantadas, sugere repensar os fundamentos da disciplina, tendo em vista que ela não pode fazer como se nada tivesse se modificado nas ciências humanas desde a sua fundação no cenário francófono. Ele justifica sua recomendação dizendo que

É inegável que a análise de discurso se alimentou do althusserianismo mas isto não significa que ela se reduza a ele. Podemos muito bem conceber que a solidez dessa referência impede de ver um movimento de pensamento, na realidade, mais complexo. O próprio fato de que a análise de discurso tenha sobrevivido ao apagamento da conjuntura que a tornou possível, o fato de que ela tenha podido tocar públicos estranhos ao marxismo e à psicanálise parecem indicar que isto que por longo tempo tomamos como uma ortodoxia talvez não o seja. (Maingueneau, 1990, p. 73).

O autor ainda acrescenta que diferentemente das preocupações da AD, de primeira geração, essa que corresponde aos trabalhos que buscavam evidenciar as particularidades das formações discursivas, entre as décadas de 60 e início de 70, a AD de segunda geração, na qual o pesquisador e outros teóricos se inscrevem, pode ser entendida como uma reação àquela que a precedeu, cuja base são as teorias enunciativas (Maingueneau, 1993).

Por conseguinte, a fim de refletir sobre elementos “[...] que afetam a discursividade para além da relação direta entre a língua e a história” (Possenti, 2008, p. 9), o linguista francês chama a atenção para o fato de que todo discurso encontra em si uma presença, implícita ou polêmica de um outro (Maingueneau, 2008b[1984]), definição que, certamente, reflete os postulados do chamado Círculo de Bakhtin, em virtude de algumas de suas

concepções teóricas convergentes (Grillo; Veloso, 2007), diálogo que será aprofundado ao longo desta seção.

Adentrando nos empreendimentos teóricos que nos embasam, a partir dos estudos de Maingueneau, focalizaremos aqui apenas os seus principais trabalhos, aos quais recorreremos, referentes aos estudos do discurso religioso e do *ethos* discursivo. Para um aprofundamento geral do seu percurso, sob o prisma da linguística, recomendamos Possenti; Baronas (2008), Possenti; Mussalim (2010) e Baronas; Ponsoni (2019).

Inicialmente⁴, em *Gênese dos discursos*, Maingueneau (2008b[1984]) desenvolve sete hipóteses para o entendimento da semântica de alguns discursos estudados em uma longa pesquisa empírica dos discursos religiosos da França do século XVII, mais especificamente, as correntes conflitantes do *humanismo devoto* e do *jansenismo* (Possenti; Mussalim, 2010). Mais precisamente em sua terceira hipótese, *uma semântica global*, o autor discorre sobre alguns planos discursivos que a constituem. Nosso interesse está, principalmente, em suas considerações sobre o modo de enunciação, por ser ali que, entre outras questões, Maingueneau começa a apontar para as noções que seriam posteriormente aprofundadas sobre os estudos do *ethos* discursivo.

O linguista francês também sustenta em *Cenas da enunciação* que não é possível separar os textos dos seus quadros de produção e circulação. Essa cena, trata-se, então, tanto de um determinado *quadro* quanto de um *processo*, pois [...] “ela permite realçar a importância do trabalho a que se dedicam permanentemente os participantes de um gênero do discurso: o de *colocarem-se em cena*.” (Baronas; Ponsoni, 2019, p. 88). Maingueneau (2008a[2006]) organiza as cenas da enunciação em três dimensões⁵. Segundo ele

A *cena englobante* atribui ao discurso um estatuto pragmático, ela o integra em um tipo: publicitário, administrativo, filosófico... A *cena genérica* é a do contrato associado a um gênero ou a um subgênero de discurso: o editorial, o sermão, o guia turístico, a consulta médica... Quanto à cenografia, ela não é imposta pelo gênero, mas construída pelo próprio texto: um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética, amigável etc. (Maingueneau, 2008a[2006], p. 70)

Desse modo, a cena englobante está relacionada ao tipo de discurso. O autor afirma que, para determinarmos esta cena, é necessário compreender a qual tipo de discurso ela pertence, dentre os vários existentes (Maingueneau, 2013). Para elucidar essa cena, o autor

⁴ Desconsideramos, nesse percurso, as obras de caráter mais didático do autor, conforme destacado por Baronas; Ponsoni (2019).

⁵ Eventualmente pode haver uma quarta, as *cenas validadas*, que são aquelas “já instaladas na memória coletiva, seja a título de modelos que se rejeitam ou de modelos que se valorizam.” (Maingueneau, 2013, p. 102).

exemplifica o ato de recebermos um folheto na rua, quando somos levados a refletir sobre o tipo de discurso a que ele está se referindo, em outras palavras, qual o propósito de estar o recebendo, seja ele o publicitário, o político ou o religioso.

A cena genérica, por conseguinte, é mais específica, por envolver o contexto social em que os enunciadores estão inseridos. Para compreendê-la devemos nos atentar aos papéis, suportes, circunstâncias, participantes envolvidos, etc. Contudo, é importante destacar que “na medida em que os gêneros são instituições de fala sócio-historicamente definidas, sua instabilidade é grande, e eles não se deixam apreender em taxonomias compactas.” (Maingueneau, 2008a, p. 116). Assim, devem ser considerados os objetivos particulares do gênero do discurso. Tomando como base o primeiro exemplo do autor mencionado anteriormente, podemos dizer que um folheto político de campanha implica a ação de um determinado candidato dirigir-se a um eleitor em potencial e assim por diante, estabelecendo uma relação comunicativa entre ambos.

A cenografia, nesse contexto, representa a configuração cênica que é essencial para que o discurso possa ser proferido, aceito como legítimo e persuasivo. Ela desencadeia um processo, pois:

[...] a fala supõe uma certa situação de enunciação, que, na realidade, vai sendo validada progressivamente por intermédio da própria enunciação. Desse modo, a cenografia é *ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra*; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la estabelecendo que essa cenografia onde nasce a fala é precisamente a cenografia exigida para enunciar como convém, segundo o caso – a política, a filosofia, a ciência –, ou para promover certa mercadoria. (Maingueneau, 2013, p. 98).

A construção da cenografia visa desenvolver sua própria estrutura de legitimação, visando persuadir os coenunciadores a aceitarem as posições que lhes são atribuídas. Entretanto, ela precisa tentar controlar o seu desenvolvimento, por isso se faz necessário que a cenografia mantenha uma certa distância em relação ao coenunciador. Durante esse processo de entrelaçamento, os enunciados são imbuídos de um *ethos* que é gradualmente validado por meio da própria enunciação, pois enunciar não se limita à expressão de ideias, mas também implica a construção e a validação do contexto em que a enunciação ocorre (Maingueneau, 2013).

Sob essa perspectiva, a compreensão do *ethos* de um discurso é fundamental, pois na construção das cenas da enunciação ele é fruto de uma interação entre o *ethos* pré-discursivo⁶

⁶ Também nomeado de *ethos* prévio por Ruth Amossy e Galit Haddad de acordo com Maingueneau (2018).

e o *ethos* discursivo (mostrado), assim como nos casos em que é mencionada a sua própria fala a partir do *ethos* dito (Maingueneau, 2008a). Ainda para o linguista, não é possível definir uma fronteira entre o “*ethos* dito” e o “*ethos* mostrado”, por haver uma forte interação entre ambos. É importante ponderar, contudo, que, em algumas situações, o “*ethos* dito” pode estar ausente no discurso, ao contrário do “*ethos* mostrado”, que se faz sempre presente. Logo, o *ethos* é uma construção discursiva influenciada por variáveis como escolhas linguísticas, valores morais, histórico do enunciador e interpretações do coenunciador, não sendo nada estático ou imutável.

Na seção seguinte, dedicaremos atenção especial às referidas noções, tendo em vista que determinadas questões suscitam a necessidade de uma análise mais aprofundada, principalmente no que concerne à relação entre o *ethos* discursivo e a cenografia na *web*. Por agora, é importante frisar que tal concepção clássica⁷ das cenas da enunciação é repensada por Maingueneau (2015a[2014], 2018, 2020a), tendo em vista a emergência e a ocorrência de cada vez mais pesquisas que se debruçam sobre *corpora* da internet, em termos mais atuais, como defende Paveau (2021[2017]), *corpus* digitais nativos. Daí a necessidade de uma abordagem desses temas, de modo mais amplo, justificando a escolha da análise ser apresentada na próxima seção. Podemos antecipar que, segundo o autor, há uma tendência de enfraquecimento da cena genérica na internet, dando lugar ao destaque da cenografia e do hipergênero⁸ (Maingueneau, 2010) como elementos de maior relevância.

2.2.1 Os discursos constituintes

Em acréscimo, introduzida por Maingueneau; Cossutta (1995), a noção de discursos constituintes visa recobrir um domínio cuja categorização, de acordo com Maingueneau (2008a), possibilita a abertura de um programa de trabalho que parece promissor. Se referindo a discursos como o discurso religioso, o filosófico, o literário, o científico, etc. o linguista

⁷ Mais precisamente, o autor emprega o termo *tradicional* (Maingueneau, 2020a) para se referir ao quadro em que ele pensou, na década de 1980, ainda sob uma abordagem estruturada na dualidade oral/ escrito (MAINGUENEAU, 2015a[2014]), que não parece ser suficiente hoje para dar conta das novas textualidades do discurso digital.

⁸ Em virtude da não produtividade da abordagem clássica de gênero para o contexto da internet, Maingueneau (2020a, 2010, 2006) fala em hipergênero para designar categorizações como “diálogo”, “carta”, “ensaio”, “diário”, entre outras, que desempenham o papel de “formatar” o texto. Ao contrário do gênero discursivo, o hipergênero não é um dispositivo de comunicação historicamente definido, mas sim um modo de organização com coerções menos rígidas, encontrado em diversos contextos e épocas. Dentro desse âmbito, é possível desenvolver uma ampla gama de encenações da fala (Maingueneau, 2006). Na internet, essa configuração torna-se mais produtiva para se pensar sobre as novas formas de projetar o *ethos* com base no que é discutido em Maingueneau (2020a, 2023).

desenvolve a noção, realçando que esses discursos pretendem não reconhecer uma autoridade além da sua própria, além de não admitir que outros discursos se situem acima deles (Maingueneau, 2008a). Nas palavras do pesquisador

Discursos como o religioso, o científico e o filosófico são evidentemente constituintes. O discurso político nos parece operar sobre um plano diferente: ele se situa na confluência dos discursos constituintes, sobre os quais se apoia (invocando a ciência, a religião, a filosofia etc.) e os múltiplos extratos da doxa da coletividade. (Maingueneau, 2008a, p. 38).

Considerando esse postulado, o autor ressalta que para que tais discursos não sejam autorizados por si, eles buscam se resguardar em uma “Fonte legitimadora”. Em sua tese, voltada para o estudo do discurso religioso, o pesquisador identifica, no discurso humanista devoto, a figura de um “Deus manso”, elaborada pelos textos que procuram legitimar uma doutrina contra reformista (Maingueneau, 2008a). Chama-nos atenção, no *corpus* do nosso trabalho, o lugar que o discurso religioso ocupa, ao se apoiar quase que exclusivamente nessa fonte legitimadora religiosa, pouco se pautando em discursos científicos, por exemplo.

Ao prosseguir a sua definição, Maingueneau (2008a) destaca que esse conjunto de discursos visa delimitar um lugar-comum coletivo, dos diversos lugares que circulam na sociedade. Nessa perspectiva, ele salienta que devemos considerar que os discursos constituintes se excluem e se atraem em uma inevitável imbricação, ao exemplificar que o discurso científico, por exemplo, sempre tende a invocar um tipo de ameaça a outros discursos constituintes, como o religioso ou o filosófico (Maingueneau, 2008a). Ademais, é importante se ater a algumas questões para analisar esses discursos:

Uma análise da ‘constituição’ dos discursos constituintes deve assim se ater a mostrar a articulação entre o intradiscursivo e o extradiscursivo, a imbricação entre uma representação do mundo e uma atividade enunciativa. Esses discursos representam o mundo, mas suas enunciações são parte integrante do mundo que eles representam, elas são inseparáveis da maneira pela qual geram sua própria emergência, o acontecimento de fala que elas instituem. (Maingueneau, 2008a, p. 38).

Com base nessas reflexões, considerando os principais estudos conduzidos pelo linguista francês (Maingueneau, 2008b[1994]; 2008a[2006]), é inegável que muito se avançou em relação aos estudos desses discursos constituintes. Entretanto, algumas lacunas apontadas recentemente pelo autor, na França, ainda permanecem vigentes atualmente, especialmente se transpomos sua reflexão ao cenário brasileiro. Nas palavras do autor:

Du seul fait que je m'intéresse depuis de nombreuses années à ce que j'appelle les 'discours constitutants' (MAINGUENEAU, 1999), j'ai pu constater le peu d'attention que prêtent la plupart des analystes du discours à ce qui relève du religieux ou de l'esthétique. [...] L'analyse du discours s'est ainsi maintenue à distance des départements universitaires qui traditionnellement étudient les écrits prestigieux (littérature, philosophie, religion...), renvoyant leur étude à des spécialistes, qui eux-mêmes sont trop contents de conserver le monopole en la matière. (Maingueneau, 2021, on-line)⁹

O estudioso reforça, desse modo, a sua crítica antiga a muitos trabalhos de AD, por eles privilegiarem enunciados que não são submetidos a fortes restrições institucionais, não havendo razão para a AD se desinteressar por qualquer tipo de discurso (Maingueneau, 2008a). Ao defender isso, embora o autor argumente que os estudos do discurso tenham emergido se debruçando sobre enunciados que, tradicionalmente, eram negligenciados pelos estudos universitários — tratando do discurso político, tal fato não aconteceu de modo satisfatório com muitos dos discursos constituintes, tendo em vista a sua crítica ao “monopólio” na área (Maingueneau, 2021), o que acreditamos apontar, ainda, para uma possível lacuna.

Esse questionamento é importante, ao dissolver algumas fronteiras erguidas nos estudos linguísticos na totalidade, que busca, talvez radicalmente, afastar os estudos linguísticos dos estudos literários, ou vice-versa, o que, na análise de discurso praticada pelo autor francês, não parece ter muito sentido. Contudo, essa preocupação não parece estar restrita a Maingueneau.

2.3 ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: A INEVITÁVEL POSTURA INTERDISCIPLINAR

Brait (2006), por sua vez, ao sustentar que o conjunto das obras do *Círculo de Bakhtin* inspiraram o surgimento de uma Análise Dialógica do Discurso, defende que uma sustentada separação entre os estudiosos da linguística, bem como os da literatura, não pode ser considerada quando se aborda a linguagem na perspectiva dialógica, [...] “na medida em que o pensamento bakhtiniano, para falar da linguagem em uso e avançar em sua concepção social e histórica de linguagem, não descarta qualquer tipo de discurso.” (Brait, 2006, p. 26). Isto

⁹ Pelo simples fato de me interessar há muitos anos pelo que chamo de ‘discursos constituintes’ (MAINGUENEAU, 1999), pude observar a pouca atenção que a maioria dos analistas do discurso dá ao que é religioso ou estético. [...] A análise do discurso foi, portanto, mantida à distância dos departamentos universitários que estudam tradicionalmente escritos de prestígio (literatura, filosofia, religião...), enviando seu estudo para especialistas, eles próprios muito felizes em manter um monopólio nesta área. (Tradução livre)

posto, essa inquietação que aproxima a ADF e a ADD é importante, pois tanto na obra de Bakhtin, quanto em muitas das noções trabalhadas por Maingueneau, a noção central que aproxima as duas abordagens é a ênfase no enunciado: a língua em uso, de fato, a unidade real da comunicação (Volóchinov, 2013[1930]; Bakhtin, 1997[1979]) e o átomo do discurso (Foucault, 2008[1969]), o que aprofundaremos a seguir.

Embora a terminologia Análise Dialógica do Discurso ou a Teoria Dialógica da Linguagem só tenha se tornado popular no país após a publicação de “Análise e teoria do discurso”, de Brait, em 2006, as análises de discurso que se sustentam nos postulados teórico-metodológicos dos pensadores russos¹⁰ (Bakhtin, Volóchinov, Pumpianski, Medvedev...) estão presentes no Brasil desde a popularização das traduções de suas obras (Destri; Marchezan, 2021). Brait (2006) nos lembra que o pensamento bakhtiniano se difunde no Brasil e no Ocidente, não como um bloco coeso, mas gradualmente. Nas palavras da autora

O enfrentamento bakhtiniano da linguagem leva em conta, portanto, as particularidades discursivas que apontam para contextos mais amplos, para um extralinguístico aí incluído. O trabalho metodológico, analítico e interpretativo com textos/ discursos se dá [...] herdando da Linguística a possibilidade de esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macroorganizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva, assim como a dos sujeitos aí instalados. (Brait, 2006, p. 13).

Essa compreensão de que a língua é dinâmica e que se desenvolve na comunicação dialógica, por meio de enunciados assumidos por sujeitos, os quais expressam suas posições e julgamentos (Destri; Marchezan, 2021), impossibilita desconsiderar quaisquer tipos de discursos, sejam eles oriundos de reflexões sobre abordagens linguísticas ou literárias. Ao considerar, portanto, que a linguagem é, imprescindivelmente, direcionada ao outro, seja ele existente como indivíduo ou não (Volóchinov, 2013[1930]), os pensadores russos que inspiram uma compreensão dialógica da linguagem consideram tais relações como o princípio constitutivo fundamental, pois mesmo em produções verbais profundamente monológicas, é possível identificar uma relação dialógica subjacente (Bakhtin, 1997[1979]).

¹⁰ A partir daqui, assim como Pereira (2018), adotaremos essa expressão em detrimento de *Círculo de Bakhtin* em virtude da apontada inexistência dele, confirmadas por estudos mais recentes [...] “a exemplo da pesquisa de Sériot (2010), o qual pondera que essa nomeação adjetiva Bakhtin como mentor, guia, mestre, reservando aos demais pensadores a categoria de seguidores, discípulos do mestre” [...] “apesar da imagem construída sobre o chamado ‘Círculo’, em torno de Bakhtin, havia, simplesmente, um grupo de intelectuais que comungavam das mesmas ideias. Este fato é ratificado por Bakhtin quando, na entrevista com Duvakin (2012), assegura que teve notoriedade somente em círculos muito restritos tendo ao seu redor um círculo chamado de ‘o Círculo de Bakhtin’, onde inclui Pumpianski, Medvedev, Pavel Nikolaevich, Volóchinov.” (Pereira, 2018, p. 173-174)

No que se refere à presença inevitável das relações dialógicas, Brait assevera que:

As contribuições bakhtinianas para uma teoria/ análise dialógica do discurso, sem configurar uma proposta fechada e linearmente organizada, constituem de fato um corpo de conceitos, noções, categorias e especificam a *postura dialógica* diante do *corpus discursivo*, da metodologia do pesquisador. A pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem, e do compromisso ético do pesquisador com o objeto, que, dessa perspectiva, é um sujeito histórico. (Brait, 2006, p. 29).

Sob essa perspectiva, a abordagem dialógica em sua proposta não se vê como autossuficiente, pois é no diálogo que reside a oportunidade do aprimoramento dos saberes. Assim, outras noções e conceitos trabalhados tanto pelos estudiosos russos quanto por outros pesquisadores se fazem oportunas para a abordagem do objeto estudado no *corpus* investigado, aliadas às diretrizes colocadas por Brait (2006), pois a diferenciação da perspectiva dialógica de outras abordagens do discurso decorre do método dialógico de pesquisa (De Paula, 2013).

A ADD surge, então, partindo do interesse de Bakhtin (2013[1929]) em ultrapassar os limites da linguística saussuriana, visando contribuir, sob uma abordagem distinta daquela, ao focalizar os elementos exteriores dela. Com isso, o filósofo russo visa dar ênfase ao enunciado, compreendido como o elemento real de comunicação, por meio do qual é possível atribuir sentido mediante as relações dialógicas inevitáveis nas distintas esferas de comunicação humana (Bakhtin, 1997[1979]). Ao contemplar os princípios propostos pela linguística de Saussure (2006[1916]), Bakhtin (2013[1929]) destaca a importância da metalinguística. Essa abordagem, fundamentada no princípio do dialogismo como elemento constitutivo da linguagem, é central para toda a estrutura conceitual bakhtiniana, incluindo sua teoria dialógica, como delineado por Ribeiro (2014).

Nesse empreendimento, a metalinguística visa dar conta do que o recorte sausseriano não pôde considerar: as questões exteriores à língua. Esse programa de pesquisa, que tem por objeto de estudo as relações dialógicas e a palavra bivocal (Grillo, 2006), é alimentado pelos diversos pensadores russos em conjunto com Bakhtin, que destinaram suas reflexões para os sentidos, em detrimento dos significados, como em Saussure (2006[1916]) (Ribeiro, 2014). Ainda no que se refere a essa proposta metalinguística, observamos uma súmula importante em Cordeiro; Pereira (2022):

Essa nova visão sobre a língua e, por conseguinte, o seu estudo, é importante para a arquitetura bakhtiniana e, também, para outros campos de teorização, tais como, o

da Psicologia e da Sociologia. Ora, é preciso que a língua seja entendida a partir das relações dialógicas que se dão nos eventos discursivos, relações essas impossíveis de serem estudadas quando se olha a língua como um sistema fechado. A metalinguística é, desse modo, uma proposta de uma nova disciplina científica ou uma ciência que busca atravessar as fronteiras da Linguística — seja ela, de um lado, mostrando-se demasiadamente estruturalista, seja, de outro, centrada no psicologismo abstrato. (Cordeiro; Pereira, 2022, p. 137)

Assim, ao centrar suas reflexões sobre o caráter inevitavelmente dialógico e em suas relações, os pensadores russos concentram os seus trabalhos no estudo do enunciado e no processo de enunciação, que entre outros propósitos, permite discutir sobre os discursos que esses enunciados materializam. Ao partir do estudo de obras da esfera literária, o autor, nesse viés, postula definições imprescindíveis que refletem e sustentam os pilares da ADD atual, mas que, como já dissemos, não estão limitados aos enunciados da esfera literária, o que é ressaltado por Grillo (2006). É, portanto, em virtude dessa sólida amplitude, que os contributos da teoria dialógica proposta por esses pesquisadores ultrapassem a esfera dos estudos linguísticos e literários, ao afetar outras disciplinas das ciências humanas e das artes.

Conforme mencionado anteriormente, o conceito principal que nos estimula a desenvolver um diálogo teórico entre a Análise Dialógica do Discurso (ADD) e a Análise de Discurso Francesa (ADF) é a importância do enunciado para as duas abordagens. As inquietações teórico-metodológicas dos pensadores russos salientam a importância de se olhar para o enunciado como a manifestação da unidade real da comunicação. Volóchinov (2013) destaca que para a ocorrência da enunciação implica considerar não só o ouvinte, mas também o falante, mesmo que esse ouvinte não seja precisamente um indivíduo de fato. Sua definição, portanto, enfatiza o processo de enunciação como constituído de duas faces, ou seja, necessariamente de forma dialógica, pois: “o diálogo – o intercâmbio verbal – representa a forma mais natural da linguagem” (Volóchinov, 2013[1930], p. 163).

Nessa direção, é fulcral entender que a língua, segundo Volóchinov (2013[1930]), não é concebida de forma rígida, estando restritamente atrelada a um conjunto de regras, mas ela é viva, continua em constante movimento, e seu desenvolvimento acompanha o da vida social, sendo impossível concebê-la como um objeto inerte. Ainda conforme os termos do teórico russo, a enunciação é vista como um só momento. Ele usa a alusão desse processo uma gota num rio da comunicação verbal, realçando, assim, a fluidez existente nessa troca dialógica. A instauração desse intercâmbio sempre deve considerar os falantes – protagonistas, e o auditório, que designa a presença dos participantes na situação comunicativa (Volóchinov,

2013[1930]). Cabe frisar, com isso, que assim como em Bakhtin, enunciado/ enunciação¹¹ não se restringe apenas à modalidade oral, mas abarca também as produções escritas, como destaca Yaguello (2004).

Assim sendo, torna-se imprescindível destacar o postulado fundamental compartilhado por todos os discursos, sob o prisma da ADD:

Estamos convencidos de que todo discurso é dialógico, dirigido a outra pessoa, à sua compreensão e à sua efetiva resposta potencial. Essa orientação a um outro, a um ouvinte, pressupõe inevitavelmente que se tenha em conta a correlação sócio-hierárquica entre ambos os interlocutores. (Volóchinov, 2013[1930,] p. 168).

Bakhtin (1997[1979]) também destaca que a constituição do enunciado em sua totalidade é possível graças à presença de elementos dialógicos intrinsecamente relacionados com outros enunciados. No que se refere a hierarquia apontada por Volóchinov (2013), a escolha das palavras direcionadas ao interlocutor varia consoante o grupo e os laços sociais que unem os falantes. Isso significa que a linguagem é influenciada pelos contextos sociais e culturais nos quais os indivíduos estão inseridos, e que as palavras são utilizadas e orientadas em função do interlocutor (Bakhtin[Volóchinov], 2004[1929]).

Com isso, chamamos atenção para o fato de que o processo de enunciação não se esgota em sua superfície textual, mas considera também os aspectos não verbais que incluem a entonação, o gestual, as expressões faciais, entre outros (Volóchinov, 2013[1930]). Portanto, para analisar o processo de enunciação, é necessário considerar tanto os aspectos verbais quanto os não verbais envolvidos no discurso. Sob essa ótica, é importante considerar uma faceta importante do enunciado nesse intercâmbio comunicativo que se estabelece por meio do diálogo, o seu significado.

Para Volóchinov (2013[1930]), cada vez que alguém fala, esse enunciado tem um significado específico. No entanto, mesmo na construção de enunciações mais simples, nem sempre é fácil identificar precisamente o seu significado, pois em contextos distintos, essa enunciação também pode ter significados diferentes. Bakhtin (1997[1979]) também assevera que:

¹¹ De acordo com nota de Bezerra em “Os gêneros do discurso” (Bakhtin, 2016), Bakhtin não faz distinção entre o produto do discurso — enunciado, e o ato de sua produção — enunciação, diferentemente de outros estudiosos do campo das teorias da enunciação. Contudo, ao perceber que essa questão é, em muitos aspectos, resultante da interpretação do tradutor da obra, estabeleceremos essa “distinção” para evitar confusões/ incompreensões.

As palavras da língua não são de ninguém, porém, ao mesmo tempo, só as ouvimos em forma de enunciados individuais, só as lemos em obras individuais, e elas possuem uma expressividade que deixou de ser apenas típica e tornou-se também individualizada (segundo o gênero a que pertence), em função do contexto individual, irreproduzível, do enunciado. (Bakhtin, 1997[1979], p. 313-314).

Segundo essa perspectiva, as palavras instauram um elo que conecta os indivíduos em uma rede interminável de diálogos que se estabelecem inevitavelmente na esfera da comunicação humana (Bakhtin[Volóchinov], 2004[1929]). Sendo assim, as palavras nunca serão utilizadas da mesma maneira, mesmo que sejam repetidas, devido ao contexto em que cada orador as profere para transmitir cada enunciado. É importante lembrar que a enunciação é sempre um produto singular e único. Nesse sentido, tanto o conteúdo quanto o tom das palavras podem expressar de maneira singular as posições e objetivos que cada falante busca com seu uso. Isso se dá, pois a palavra é sempre guiada pelo outro. No entendimento de Volóchinov:

Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade [...] A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (Volóchinov, 2004[1929], p. 113).

Uma vez que ela não surge do nada e há sempre um tipo de responsividade, a palavra suscita uma atitude responsiva ativa. Nesse processo, a compreensão do enunciado do outro, para Bakhtin (1997[1979]), está sempre acompanhada de uma resposta que, de alguma forma, é inevitavelmente produzida quando aquele que ouve se torna aquele que fala. Logo, a compreensão meramente passiva do enunciado, como ocorre nos esquemas estruturais da linguística (Saussure, 2006[1916]), é criticada pelo filósofo, uma vez que ela não corresponde ao papel ativo e real do participante da comunicação verbal. Em resumo, é de nosso interesse compreender que na tomada da palavra não está no foco apenas a sua expressão, mas o efeito a ser produzido no outro pelo enunciado proferido, não nos esquecendo de que as palavras também apontam para um determinado lugar que os enunciadores ocupam (Volóchinov, 2013[1930]).

Nessa configuração, entendendo que o enunciado pode ser projetado e moldado, a depender das circunstâncias em que se encontra, se observa o protagonismo atribuído ao locutor na interação com o seu interlocutor no processo comunicativo. Sob esse contexto, no próprio ato de endossar algum aspecto de sua fala, de confrontá-lo ou de questioná-lo, o

enunciador se esforça para garantir o seu estatuto de falante, nesse constante intercâmbio que ocorre com o outro. Ainda que longas, as palavras de Bakhtin são muito elucidativas quanto a esse processo:

[...] o enunciado é repleto de reações-respostas a outros enunciados numa dada esfera da comunicação verbal. Estas reações assumem formas variáveis: podemos introduzir diretamente o enunciado alheio no contexto do nosso próprio enunciado, podemos introduzir-lhe apenas palavras isoladas ou orações que então figuram nele a título de representantes de enunciados completos. Nesses casos, o enunciado completo ou a palavra, tomados isoladamente, podem conservar sua alteridade na expressão, ou então ser modificados (se imbuírem de ironia, de indignação, de admiração, etc.); também é possível, num grau variável, parafrasear o enunciado do outro depois de repensá-lo, ou simplesmente referir-se a ele como as opiniões bem conhecidas de um parceiro discursivo; é possível pressupô-lo explicitamente; nossa reação-resposta também pode refletir-se unicamente na expressão de nossa própria fala — na seleção dos recursos lingüísticos (*sic*) e de entonações, determinados não pelo objeto de nosso discurso e sim pelo enunciado do outro acerca do mesmo objeto (Bakhtin, 1997[1979], p. 317).

No que se refere à expressividade do enunciado, os variados recursos lingüísticos possuem uma relevância considerável na projeção do seu enunciado para uma determinada plateia, a exemplo do *ethos*, ou a imagem de si que recorrem a diversificadas expressões do tom de um discurso. Chama-nos atenção, especificamente, na tomada de palavra isolada mencionada acima, a possibilidade de modificação e de projeção de um enunciado, que pode ser desvinculado com o propósito de torná-lo outro. Não se trata, contudo, de uma tentativa de ruptura de um certo elo, pois Bakhtin (1997[1979]) já adverte que o enunciado não pode ser dissociado dos elos anteriores que o determinam – ou ao menos não deveria, mas sim de uma propriedade cujo objetivo é atribuir um maior destaque a certos elementos, em detrimento de outros.

2.3.1 A palavra monológica e os discursos constituintes: entre a irrefutabilidade e a fundação

Avançando em nosso referencial teórico, considerando essa proposital ênfase a certos atributos que pode ser feita na construção da enunciação, a tomada de palavra pode, estrategicamente, se estruturar e se projetar para o outro de uma maneira que não é abertamente dialógica, estamos falando do que Bakhtin (2002[1975]) desenvolve em suas reflexões sobre a palavra monológica, uma forma de palavra autoritária.

Diferentemente do aspecto dialógico que é tão caro nos empreendimentos do estudioso russo, a palavra monológica, naturalmente, não é passível de diálogos. Por ser derivada da

palavra autoritária, ela carrega em sua composição um conjunto de atributos que lhe conferem um estatuto fechado, monologal e hermético. Bakhtin (2002[1975]) assevera que a palavra autoritária é apenas transmitida em virtude de sua inércia e de sua rigidez. Torna-se, então, objetificada e coisificada quando ela se esvazia de autoridade até mesmo no contexto literário, dado que [...] “em torno dela não há jogo, emoções plurivocais, ela não é circundada de diálogos vivos, agitados, e em múltiplas ressonâncias, em volta dela morre o contexto, as palavras secam.” (Bakhtin, 2002[1975], p. 144).

Nessa lógica, para reconhecer a autoridade e a legitimação da palavra autoritária, é preciso que nos situemos sócio-historicamente, pois ela já se faz presente antes mesmo da nossa gênese enquanto seres. Em súpula, Bakhtin explana:

A palavra autoritária, numa zona mais remota, é organicamente ligada ao passado hierárquico. É, por assim dizer, a palavra dos pais. Ela já foi reconhecida no passado. É uma palavra encontrada de antemão. Não é preciso selecioná-la entre outras equivalentes. Ela ressoa numa alta esfera, e não na esfera do contato familiar. Sua linguagem é uma linguagem especial (por assim dizer, hierática). Ela pode tornar-se objeto de profanação. Aproxima-se do tabu, do nome que não se pode tomar em vão. (Bakhtin, 2002[1975], p. 143).

A partir da sua definição, em sentido abrangente, é importante destacar que essa palavra não é reduzida apenas ao discurso autoritário derivado da esfera religiosa, mas está atrelada a variadas formas de se exercer um tipo de autoridade que não se estabelece ou não se pauta no postulado imprescindível do princípio dialógico, na compreensão de que todo discurso é guiado por uma resposta e não pode evitá-la (Bakhtin, 2002[1975]). O pensador russo também destaca que as palavras autoritárias podem representar diferentes conteúdos, como o autoritarismo em si, o tradicionalismo, o universalismo, o oficialismo entre outros. Além disso, ao destacar a sua proximidade com o tabu, o filósofo já denota que as interdições dessa palavra podem estar relacionadas a uma forma de insulto e de violação ao que é sagrado. Vale realçar, por fim, que não se trata de uma palavra produzida por estratos sociais com menor prestígio, e sim por uma alta e restrita esfera da sociedade, não sendo em vão e nem por acaso a autoridade que ela visa exercer.

No que diz respeito à aceitação e ao reconhecimento dessa palavra monológica, uma vez que não importa muito o diálogo na sua estruturação, ela permanece sendo legitimada e veiculada, quer seja reconhecida por nós ou quer não, ainda que não exista uma compreensão sólida acerca da mesma (Bakhtin, 2002[1975]). Ao discorrer sobre algumas especificidades da palavra autoritária sob enfoque da palavra religiosa, Mueller (2017) exemplifica que os dogmas religiosos presentes em algumas das principais religiões — o judaísmo, o islã e o

cristianismo, funcionam dessa forma. Para a pesquisadora, enquanto no cristianismo católico os enunciados são projetados para serem aceitos por um rebanho, no islã esse dogma já advém do Alcorão, interpretado por um tipo de líder em ocasiões específicas.

Ademais, ao deslocar sua discussão da palavra autoritária para o discurso autoritário, Bakhtin salienta que:

O discurso autoritário exige nosso reconhecimento incondicional, e não absolutamente uma compreensão e assimilação livre em nossas próprias palavras. Também ela não permite qualquer jogo com o contexto que a enquadra, ou com seus limites, quaisquer comutações graduais ou móveis, variações livres criativas e estilizantes. Ela entra em nossa consciência verbal como uma massa compacta e indivisível, é preciso confirmá-la por inteiro ou recusá-la na íntegra. Ela se incorpora indissolivelmente à autoridade — o poder político, a instituição, a personalidade — com ela permanece e com ela cai. Não se pode separá-la; aprovar um, tolerar o outro, recusar totalmente o terceiro. (Bakhtin, 2002[1975], p. 144).

Com essa conceituação, observamos que o entendimento de um discurso autoritário não se dá dialogadamente, mas sim mediante uma condução que ocorre por meio de uma autoridade apta a o propagar. Assim, não parece caber uma moderação em receber essa palavra autoritária — como o próprio termo sugere, ou ela é assimilada em sua totalidade, ou recusada na mesma proporção. Disso se consegue compreender a sua natureza ser essencialmente monológica (Macedo, 2023) tendo em vista a nítida impossibilidade inerente de concessões. A palavra monológica, assim, sustenta e abastece muitos discursos autoritários que recorrem à legitimidade que provém de diversas ordens, seja política, econômica, religiosa, etc. No domínio religioso, portanto, a transmissão dessa palavra é baseada na autoridade dos livros sagrados canonizados, que fornecem o fundamento para a mensagem que está sendo transmitida (Mueller, 2017).

Por conseguinte, Bakhtin (2002[1975]) chama atenção para alguns atos que ele considera importantes do pensamento religioso e da palavra religiosa. Tendo como foco uma determinada entidade que fala, essa forma de compreensão possui como foco adivinhar a vontade da divindade, interpretar presságios e instruções, transmitir e analisar a palavra de Deus, santos, profetas e outros seres considerados sagrados, pois para ele “todos os sistemas religiosos, mesmo os primitivos, possuem à sua disposição um imenso aparato especial e metodológico que transmite e interpreta os diferentes aspectos da palavra divina (hermenêutica).” (Bakhtin, 2002[1975], p. 150). Embora importante, essa apreensão do

pensador, por ser muito abrangente e buscar recobrir a temática, em sentido amplo, não parece dar conta da compreensão de todas as manifestações da palavra autoritária.¹²

Ainda seguindo essa linha de raciocínio, o autor continua se esforçando para exemplificar que na esfera científica, diferentemente da hermenêutica da palavra religiosa, a palavra em si é consideravelmente minimizada. Isso significa que ela será dotada de outros atributos que focalizam o objeto que está em estudo. Se por um lado, nas ciências matemáticas e naturais, o conhecimento não está atrelado à compreensão e à interpretação das palavras ou sinais provenientes do próprio objeto que se deseja conhecer, por outro, nas ciências nomeadas por ele de humanitárias, há uma necessidade de restabelecimento, de transmissão e de interpretação das palavras do outro (Bakhtin, 2002[1975]). Com isso, percebemos que toda palavra se assenta em um contexto dialógico, mas enquanto a palavra essencialmente dialógica surge, se desloca e repercute no diálogo, estando sempre aberta ao outro, a palavra autoritária, em contrapartida, é projetada para ser transmitida, ser reproduzida e se esvazia sobre si mesma.

É importante mencionar, quanto às reverberações dessa palavra no decurso da história, o que é discutido por Bakhtin (1993[1965]), de forma geral, sobre o modo como a sociedade na época da Idade Média e do Renascimento buscava formas de conviver em uma espécie de “dualidade do mundo” que procurava resistir à Igreja e ao Estado — duas instituições que podem se valer e se valem da palavra autoritária de formas distintas. Ao se debruçar sobre o cômico e o riso, o filósofo argumenta que ocorre naquela sociedade uma inversão das posições e das hierarquias que, entre tantas coisas, não se subordinam mais, temporariamente, às autoridades religiosas e nem ao Estado. Essa espécie de ruptura, que ocorre através da insubordinação, é, sem dúvida, uma busca de se desvincular do dogmatismo e da submissão, ainda que transitória.

Na esteira do que defende Bakhtin (1993[1965]), no ato de questionar o inquestionável e abandonar, por um momento, essas “verdades universais” do discurso autoritário, se objetivava conferir vez a uma verdade singular¹³, que é possante de seu caráter dialógico. Se por um lado a palavra autoritária visa encerrar e evitar os diálogos e as reverberações, o estudo do contexto de Rabelais da Idade Média e do Renascimento demonstram que não se parece caminhar mais para uma “verdade universal”, esta, cada vez mais, dá lugar às verdades singulares. Nesse cenário, Mueller (2017) destaca que a palavra autoritária pode se tornar

¹² Em virtude disso recorreremos, também, a Maingueneau nas suas reflexões sobre o discurso constituinte religioso.

¹³ Conceitos a serem aprofundados mais adiante.

petrificada, não apenas por seu fechamento, mas também pela sua incompreensão, pois: “se a palavra autoritária se conservar *petrificada*, seguirá sendo monossemântica; se é interpretada e atualizada, ainda que seja sagrada, será vitalizada e produzirá novas significações espirituais.” (Mueller, 2017, p. 110). Ao que tudo indica, consoante à autora, ela não só continua sendo monossemântica, mas também tem desfalecido ao invés de ser vitalizada na produção de significações um tanto peculiares.

Em resumo, a partir da apreciação de Bakhtin (2002[1975]; 1993[1965]) e Mueller (2017), podemos sumarizar que a palavra monológica autoritária:

- Surge em resposta a uma palavra e está inscrita em um contexto dialógico, mas por natureza não está aberta a diálogos;
- Pode ser projetada por uma autoridade que a legitima;
- Pode ser incorporada a uma autoridade, pertencente a um terreno sagrado, como os livros canonizados – Bíblia, Torá e Alcorão.
- Não é constituída nem povoada de diálogos vivos.
- Não é comprovável e/ou verdadeira cientificamente, pois se sustenta e adquire “verdade” na autoridade que a legitima.

Com efeito, na tentativa de melhor apreender a manifestação da palavra religiosa no *corpus* em estudo, entendemos que as definições de Maingueneau e Cossutta (1995), Maingueneau (2000; 2008a; 2008b) quanto aos discursos constituintes — especificamente o religioso, em diálogo com a abordagem discutida por Bakhtin (2002[1975]; 1993[1965]) quanto à palavra monológica autoritária — cuja palavra religiosa é uma variante (Mueller, 2017), se complementam por algumas razões. A hipótese do linguista avança, a nosso ver, ao chamar atenção para o fato de que, ainda que o discurso religioso seja reconhecido ou não por um indivíduo, ele é constitutivo da sociedade, assim como os outros discursos constituintes, na medida em que cada um desses discursos encontra validade e legitimidade em si próprios (Maingueneau, 2008a). Essa autoridade e constituição estão intrinsecamente ligadas ao contexto hierárquico em que essa palavra é concebida. Nesse contexto, a transmissão e interpretação dela, conforme discutido por Bakhtin (2002[1975]), continuam a mantê-la restrita a especialistas, como apontado por Maingueneau (2021), perpetuando o exercício de autoridade sobre ela.

No discurso religioso cristão, por exemplo, a fonte legitimadora provém de um único Deus, ele fala, portanto, através da Bíblia, livro canonizado do cristianismo considerado

inspirado por Deus, através do ser humano. Trata-se, então, de uma palavra, apenas apreendida e compartilhada — principalmente por líderes religiosos, independentemente das denominações — para os que seguem a respectiva doutrina, e ainda que seja possível qualquer pessoa questionar, contestar e contra-argumentar, é indispensável o exercício da fé na sua profissão espiritual para os cristãos, como os próprios livros da bíblia defendem¹⁴. Portanto, se nota a relação do que Bakhtin (2002[1975]) sustenta ao alegar que é preciso aceitar essa palavra completamente ou rejeitá-la integralmente, pois ela é o que é, e não se encontra aberta a diálogos e às verdades singulares (Bakhtin, 1993[1965]).

Outrossim, Bakhtin (2002[1975]) aprofunda sua reflexão sobre a palavra autoritária e sobre o pensamento científico com ênfase no uso dessa palavra e como ela pode ser objetificada ou reificada. O filósofo explana que a maioria das disciplinas linguísticas, naquela época, concebiam a língua como sendo simplesmente concreta. Sua crítica a essa concepção positivista está no fato de que se pretendia conceber a palavra neutramente, além do esvaziamento dos contextos social, histórico e cultural, numa tentativa de lograr uma pureza teórica (Bakhtin, 2002[1975]). Nesse sentido, ao tratar o sujeito simplesmente como objeto, se limita a aptidão deste de agir e dialogar, restringindo-o à mera reprodução e descrição fria dos fenômenos observados (Santos; Santos, 2021). Com isso, se observa porque Bakhtin (2002[1975], p. 151) reiterou que “o conhecimento dessa palavra objetivada e coisificada carece de toda penetração dialógica num sentido cognoscível e com tal palavra não se pode conversar”: a palavra é, entre outras coisas, o resultado da maneira como a sociedade a utiliza.

Por outro lado, Maingueneau (2000; 2008a; 2008b; 2021) parece seguir uma hipótese diferente na apreensão do que ele chama de discurso constituinte, em virtude do seu próprio objeto de estudo. Em conjunto aos demais discursos constituintes apontados por ele, essa noção visa descrever os discursos que exercem um papel fundador, a partir de diferentes registros, eles asseguram a diversidade das expressões discursivas coletivas (Maingueneau, 1996). Para discutir sobre a “constituição” desse grupo, ele defende a análise de três valores semânticos:

- A constituição como ação de estabelecer legalmente permite caracterizar o discurso como instaurando as modalidades de sua própria emergência no interdiscurso [...] -
- A constituição como modo de organização, agenciamento de constituintes, permite pôr em evidência a coesão/coerência das totalidades textuais. -
- A constituição como conjunto de disposições legais que determinam os direitos e deveres de cada um em

¹⁴ A exemplo de Hebreus 11.1: Ora, a fé é a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos. Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/hebreus_11_1/. Acesso em: 17 abr. 2023.

uma coletividade permite assinalar que o discurso constituinte está precisamente destinado a servir de norma e de garantia aos comportamentos de uma coletividade, a delimitar o lugar comum das palavras que aí podem circular. (Maingueneau, 2000, p. 7).

Observa-se, então, que ao considerar o outro e os seus interdiscursos nesse processo, além de seus enlaces contextuais e do reflexo de uma coletividade, a definição do pesquisador permite enxergar os discursos constituintes por meio de uma apreensão mais geral. Dessa forma, ao focalizarmos o discurso constituinte religioso, essa visão se torna ainda mais perceptível, tendo em vista a importância que esse discurso exerce em nossa sociedade nas diversas relações existentes. Além disso, se observa, cada vez mais, numerosos conflitos entre esses discursos, que reiteradamente recorrem mutuamente para renegociar o seu estatuto, com o intuito de preponderar sobre os outros, nessa ameaça constante (Maingueneau, 2008b).

Em resumo, sustentamos a perspectiva de que o diálogo entre a palavra autoritária, no contexto religioso, à luz das reflexões de Bakhtin e Mueller, oferece uma compreensão mais robusta do fenômeno religioso em sua totalidade. Essa visão é fortalecida pela consideração dos apontamentos de Maingueneau em suas reflexões mais recentes sobre a natureza constituinte desse discurso. É indiscutível que a questão religiosa é um ponto sensível de ser discutido e ainda mais estudado, reforçando a restrição desses discursos e práticas estarem restritos aos chamados especialistas (Maingueneau, 2021; 2019), mas diferentemente da hermenêutica e da interpretação da palavra autoritária que Bakhtin (2002[1975]) trata, ponderar e pesquisar sobre os usos e as formas com que esse discurso ressoa sendo projetado na sociedade, sob amparo das Ciências da Linguagem, é um passo para reconhecer a sua importância e mudar o quadro apontado pelo linguista francês¹⁵.

As considerações apresentadas possuem relevância direta para o âmbito de nossa investigação, manifestando-se principalmente na contextualização a que o DR é sujeito nos enunciados do corpus. Nesse sentido, a utilização do DR pode ser interpretada tanto como uma expressão da intenção de adotá-lo como um discurso constituinte, capitalizando a autoridade que lhe é conferida, quanto como uma adesão ao seu caráter dogmático e monológico, configurando-se como respaldo e justificativa moral para comportamentos, ou a falta deles.

Destaca-se, adicionalmente, que essa abordagem pode intensificar a subversão do DR, conforme mencionada por Curcino (2021), resultando em uma compreensão distinta daquela associada ao domínio do saber de crença (Charaudeau, 2022). Com isso, se estabelece, nesse

¹⁵ Retomaremos essa discussão na seção sobre o discurso político.

cenário político, a imagem que se visa ser erguida “não absolutamente uma imagem falsa, uma aparência enganosa, mas uma imagem que é o próprio ser em sua verdade da troca” (Charaudeau, 2018[2005], p. 7), troca essa que, no ecossistema digital, recebe um prestígio maior a cada dia para o cenário político.

Dessa forma, tendo destacado o papel fundamental da configuração da palavra em sua forma monológica, através da palavra autoritária, e retomado a discussão sobre os discursos constituintes, com o foco no discurso religioso, retomamos as reflexões dos pensadores russos quanto à palavra dialógica e o enunciado para tratar, a seguir, dos gêneros do discurso.

2.3.2 Os gêneros do discurso e o enunciado¹⁶

Como abordado anteriormente, a palavra pode ser adotada para a construção, desde enunciados essencialmente dialógicos, até às formas monológicas e autoritárias desse colocar da palavra em funcionamento. Nesse sentido, ao discorrer sobre o processo de construção da enunciação, pautada no uso da língua, Bakhtin (1997[1979]) salienta que:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. (Bakhtin, 1997[1979], p. 280).

A partir dessa definição, vemos que a compreensão do autor acerca do enunciado avança ao defender que este, além de sua singularidade, não se restringe ao plano oral ou ao escrito, como em outras abordagens enunciativas. Quando se pretende, então, compreender e analisar a construção de um enunciado, é imperativo tratar não apenas do seu **conteúdo temático**, mas também do seu **estilo** e de sua **construção composicional**. Esses elementos, que são constitutivos do enunciado, longe de serem categorias estanques, proporcionam uma apreensão mais eficaz do processo de construção do gênero do discurso. Assim, reconhecendo que cada enunciação é produzida em um contexto comunicativo único, o gênero que cada

¹⁶ Apreciaremos esse conceito por meio do diálogo sobre os postulados dos pensadores russos (Bakhtin, Volóchinov e Medviédev), bem como via outros pesquisadores que também recorrem às contribuições daqueles. Por essa razão, não contemplaremos as abordagens enunciativas de pensadores como Roman Jakobson, Émile Benveniste, entre outros.

locutor adota, através da análise do gênero ao qual ele pertence, proporciona também a identificação do contexto social e das particularidades do enunciado em análise.

Sob essa abordagem, Bakhtin (1997[1979]) continua a insistir na importância do enunciado enquanto unidade real da comunicação verbal. Seu destaque visa esclarecer sempre que é o enunciado que molda a forma do discurso, considerando que ele é produzido por um sujeito falante em que está inserido nessa colocação da palavra em funcionamento. Logo, “quaisquer que sejam o volume, o conteúdo, a composição, os enunciados sempre possuem, como unidades da comunicação verbal, características estruturais que lhes são comuns, e, acima de tudo, fronteiras claramente delimitadas” (Bakhtin, 1997[1979], p. 294). Portanto, todas as diferentes formas de segmentos do enunciado abordados pelo autor pretendem melhorar a compreensão desse discurso, considerando a sua ampla diversidade de formas.

Avançando nas especificidades do enunciado sustentadas pelo teórico russo, os gêneros do discurso são divididos em primários e secundários. Os primários são concebidos pelo autor como mais simples, são aqueles produzidos corriqueiramente, enquanto os secundários demandam uma complexidade maior, embora eles possam incorporar as formas primárias corriqueiras do uso cotidiano (Bakhtin, 1997[1979]). O filósofo exemplifica os gêneros primários como as formas de diálogo oral, da linguagem de reuniões sociais, de círculos, da linguagem familiar, etc. Ao se pautarem em muitos desses gêneros de natureza primária, os secundários podem ser exemplificados como a escrita literária, a científica, o teatro, o discurso científico, o discurso político, etc. Estes respeitam as convenções sociais às quais estão inseridos, daí o seu caráter mais desenvolvido e complexo, o que se observa principalmente nas manifestações escritas.

É relevante pontuar, ainda, que os gêneros do discurso, na abordagem dos pensadores russos, não se restringem ao conteúdo temático, à construção composicional e ao estilo, nem às estruturas do texto, mas se concatenam, inevitavelmente, ao dialogismo e ao modo de compreender e de enfrentar a vida e o pensamento humano (Brait; Pistori, 2012). Com isso, conforme as esferas de atividades sociais se expandem e adquirem maior complexidade, observa-se uma distinção e uma ampliação do repertório dos gêneros em cada cultura (Pereira, 2022). Sob essa perspectiva, o gênero é, em sua natureza, um enunciado concreto, estando ele intrinsecamente ligado à abordagem global de compreensão pautada por meio do seu processo de direcionamento, que ocorre sempre em diálogo com o outro.

Esse entendimento sobre os gêneros do discurso só é possível por meio do cotejo dos diversos trabalhos de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, mas sem jamais se encerrar em uma

reduzida tipologia textual (Brait; Pistori, 2012). Em razão da própria conduta de enxergar a linguagem como um modo de agir, pensar e representar o mundo, essa noção se ancora sempre no intercâmbio que ocorre via dialogismo, envolvendo não apenas sua dimensão interior, mas também exterior. Nesse sentido, percebe-se que, na maioria das suas ocorrências, há uma interpenetração dessas relações dialógicas nos gêneros do discurso com as formas intra e extralinguísticas, não sendo possível refletir sobre um desses aspectos sem considerar, inevitavelmente, os demais (Destri; Marchezan, 2021).

No que diz respeito aos demais elementos que compõem o enunciado, por **conteúdo temático**, entende-se aquilo a que o enunciado se refere, o seu tema, que varia de maneira significativa em relação às diferentes esferas de comunicação social (Bakhtin, 1997[1979]). Ele é perpassado e fortemente afetado pelo contexto histórico, social, temporal no qual a enunciação se materializa. Volóchinov (2013[1930]) adverte que não se deve entender que a compreensão de determinado tema se dá passivamente, pois ele não se esgota puramente na superfície linguística. Sob esse mesmo ponto de vista, o pensador ressalta que um determinado tema, por exemplo, é tratado de forma diferente a partir de enunciações diversas. Há, ainda, os aspectos relativos ao extralinguístico, que, em parte, dependem e estão unidos ao tema da conversação, dentre os quais podemos apontar a entonação, os gestos e o modo particular de enunciar de cada locutor.

Medviédev (2012[1928]), por conseguinte, também endossa essas particularidades referentes ao conteúdo temático ao dizer que:

O tema transcende sempre a língua. Mais do que isso, o tema não está direcionado para a palavra, tomada de forma isolada, nem para a frase e nem para o período, mas para o todo do enunciado como apresentação discursiva. O que domina o tema é justamente esse todo e suas formas, irredutíveis a quaisquer formas linguísticas. (Medviédev, 2012[1928], p. 196).

Assim, é somente através desse todo do enunciado que é estabelecida a relação do discurso com a realidade sob sua forma concreta, pois para além do seu conteúdo, é necessário considerar essa diversa heterogeneidade constitutiva dos discursos. É importante frisar, acerca desse modo específico de tomar a palavra, considerando a abordagem bakhtiniana para a qual a compreensão de todo enunciado deve ser sempre dialógica, que não se pode desvincular o entendimento deste do elo de comunicação da cadeia em que ele está estabelecido, de modo a considerá-lo como inédito ou final. Há, então, em todos esses discursos, uma ressonância dialógica, que, garantidamente, aponta para essa cadeia maior que abarca um todo, e que, ao recuperar os elos, sempre incorpora variadas reações e respostas,

mantendo seu caráter interlocutivo (Bakhtin, 1997[1979]). Aqui, novamente, somos remetidos à heterogeneidade tão cara às reflexões dos pensadores russos que atravessam as variadas noções da teoria dialógica da linguagem.

Ademais, tendo em vista o defendido pelo autor sobre o conteúdo temático, nos voltando para a **construção composicional**, Bakhtin (1997[1979]) realça a sua ampla heterogeneidade e as singularidades de sua extensão nos enunciados. Em uma definição mais ampla, mas não acabada, o autor defende que, enquanto falantes:

Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. (Bakhtin, 1997[1979], p. 302).

É ao tratar sobre esse “todo discursivo” que se observa a indissolubilidade desses conceitos (construção composicional e estilo) no entendimento do filósofo. Em outras palavras, reconhecendo que a linguagem é perpassada por contextos históricos, culturais e sociais peculiares, e que os significados das palavras e das expressões são estabelecidos por esses contextos, a construção composicional reafirma a impossibilidade de segregar elementos para a sua apreensão. Não se trata, pois, de uma análise simples, compreendendo que “o enunciado é um fenômeno complexo, polimorfo, desde que o analisemos não mais isoladamente, mas em sua relação com o autor (o locutor) e enquanto elo na cadeia da comunicação verbal, em sua relação com os outros enunciados” [...] (Bakhtin, 1997[1979], p. 319-320). Sendo assim, para uma compreensão adequada de um enunciado, é fundamental que se considere tanto a totalidade do que foi manifesto em sua estrutura quanto as relações dialógicas envolvidas nesse processo.

Em acréscimo, em sua reflexão sobre o enunciado, Bakhtin (1997[1979]) condiciona o **estilo** e a **composição** de um enunciado ao seu objeto e a sua expressividade, através da relação valorativa que o enunciator expressa em sua enunciação. Com isso, ao pensarmos sobre os contextos escritos, essa expressividade e estilo buscam se esforçar de modo mais acentuado, tendo em vista que, diferentemente dos contextos orais, é importante que esse enunciado seja compreendido adequadamente pelo interlocutor. Além disso, o filósofo assinala que para compreender completamente o estilo de um enunciado, é necessário considerar as tonalidades dialógicas presentes, em virtude de elas preencherem o enunciado e serem fundamentais para a sua compreensão (Bakhtin, 1997[1979]). Essa observação sublinha o fato de que essa heterogeneidade, expressa por meio de discursos alheios, nem sempre será

expressa de modo que é compreendida ou interpretada da mesma forma por seu coenunciador, pois cada um pode chegar a compreensões diferentes sobre fenômenos variados, embora não qualquer compreensão.

O estilo, segundo Bakhtin (1997[1979]), é inseparável das unidades temáticas, ele remete ao modo como o enunciado é construído, assim como no que se refere à relação entre os interactantes que estão inseridos na comunicação verbal. Trata-se de um elemento que contribui para a unidade de gênero de um enunciado, em virtude disso é que ele não pode ser isolado e concebido desconectado da construção composicional de um enunciado. A depender do gênero, independente da esfera a que ele pertence, o estilo pode se manifestar individualmente, principalmente no âmbito literário. Esse estilo individual é mais raro em situações em que o gênero é mais standardizado, como em documentos, notas etc. (Bakhtin, 1997[1979]).

Pensando em um contexto digital, é inegável que há uma forma de expressão que pode ser entendida como padrão, a qual todos os usuários devem se submeter. Contudo, cada enunciação é individual, e considerando a ampla heterogeneidade dos enunciadores, o tomar da palavra de cada um, em certa medida, adota um estilo individual em função dos objetivos a que aspira alcançar com seus discursos. Sendo assim, entendemos que esses (hiper)gêneros (Maingueneau, 2010) que permeiam as relações atuais, em boa parte, são propícios para a existência de estilos mais individuais.

Ao chamar atenção para a relação hierárquica que o estilo deve obedecer para estar alinhado ao seu receptor, Volóchinov (2013[1930]) assinala que a adequação do estilo se estabelece em função da relação que o enunciator possui com o seu interlocutor. Ela pode estar em um mesmo patamar, pode surgir de um locutor em uma posição superior para interlocutores em um lugar mais inferiorizado ou vice-versa. Assim, a escolha das palavras deve estar atenta para esses desdobramentos, especialmente pensando em contextos em que a comunicação não poderia — ou não deveria, ser entendida de forma ambígua, salvo os casos em que essa construção é intencional, especialmente na esfera política. O pensador sumariza que:

Todos os procedimentos indicados não são, obviamente, suficientes para construir uma frase. A entonação, que expressa a orientação social, não só exige palavras ou expressões de um estilo particular, não só lhes dá um significado particular, mas também indica que lugar devem ocupar e as distribui na enunciação. (Volóchinov, 2013[1930], p. 185).

Volóchinov, nesse sentido, ao abordar a entonação, — o tom, que, para Bakhtin (1997[1979]), está atrelado à expressividade da palavra — realça a relevância de se pensar sobre a forma com que o enunciado vai ser recebido pelo seu interlocutor, apontando para a imagem de si construída para o outro através dos nossos discursos. Esse destaque dos pensadores referentes ao tom, aponta para alguns conceitos da abordagem de estudos do discurso por meio de Maingueneau (Grillo; Veloso, 2017), sobretudo no que se refere à cenografia e ao *ethos* discursivo, o que será aprofundado adiante.

Para além desses desdobramentos, Bakhtin (1997[1979], p. 351) frisa que tanto a linguagem quanto o estilo são complementares e contribuem para uma compreensão mais profunda do discurso, já que “a relação com o sentido é sempre dialógica” e “o ato de compreensão já é dialógico”. Nessa linha de raciocínio, no que se refere aos elementos constitutivos do enunciado, Destri; Marchezan (2021) advertem que, a fim de evitar uma abordagem mecânica na análise, esses procedimentos não ocorrem em uma sequência linear, como etapas isoladas, e uma vez que eles são integrados e interconectados no ato concreto da análise, bem como as atividades de descrição, de análise e de interpretação. Dessa forma, não só o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo se interpenetram, mas também as relações e as tonalidades dialógicas perpassam toda a sua configuração, uma vez que, na perspectiva da teoria dialógica da linguagem, nenhum conteúdo está inteiramente esgotado, assim como os conceitos não se veem como prontos e fechados, mas sim sempre em constante interação e intercâmbio.

Outrossim, ao considerarmos as formulações de Bakhtin e Volóchinov acerca dos enunciados, encontramos algumas similaridades com as definições de Foucault (2008[1969]), para o qual:

[...] o enunciado aparece como um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele; como um ponto sem superfície, mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas específicas de grupamentos; como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; como um átomo do discurso. (Foucault, 2008[1969], p. 90)

Percebe-se que o autor destaca a importância do enunciado para estabelecer a presença de frases, proposições ou atos de linguagem e validar a construção dessas noções. Ele afirma que o enunciado é aceitável e interpretável seguindo os requisitos executados, enfatizando sua indispensabilidade para a análise de discursos (Foucault, 2008[1969]). O filósofo também observa que o enunciado é um elemento repetível, enquanto a enunciação é um evento

singular e irrepetível, semelhantemente ao defendido por Volóchinov (2013[1930]) e Bakhtin (1997[1979]). Além disso, o autor se concentra em como o enunciado se relaciona com o objeto do saber, fornecendo uma base teórica sólida para a investigação da produção discursiva em sua arqueologia.

Foucault (2008[1969]) ainda acrescenta que o enunciado é um evento complexo e dinâmico que transcende as fronteiras estritas da língua e do sentido, sendo um acontecimento que não pode ser completamente esgotado ou compreendido. Em outras palavras, a produção de um enunciado envolve não apenas aspectos estruturais da língua, mas também contextos históricos, culturais e sociais que moldam sua criação e sua recepção. Assim, o enunciado é expresso em constante evolução, e sua interpretação requer uma abordagem que considere não somente as características linguísticas, mas também os fatores contextuais que o moldam.

A partir dessas premissas, ainda que não seja possível afirmar com precisão que Foucault tenha se baseado diretamente nas teorias de Bakhtin e Volóchinov no que se refere ao enunciado/ enunciação, compartilhamos da visão de Costa (2015) sobre as concepções dos pensadores russos, mais especificamente bakhtinianas, terem certamente exercido influência sobre o pensamento foucaultiano no que diz respeito aos seus postulados referentes ao enunciado. A discussão sobre esse conceito em Foucault é importante para a ADF (Charaudeau; Maingueneau, 2008), pois muitas das noções fundamentais dessa abordagem sob a ótica de Maingueneau são estruturadas a partir das ideias de Foucault. Em síntese, Maingueneau visa operacionalizar algumas dessas noções foucaultianas, com foco específico no estudo dos enunciados na AD.

Até agora, em síntese, vimos que o enunciado é fundamental não apenas nos empreendimentos dos teóricos russos que alimentam as bases teórico-metodológicas da ADD, mas também a partir da chamada segunda geração de pesquisas da ADF. Realçamos as preocupações tanto de Maingueneau quanto de Bakhtin no que se refere à compreensão particular do discurso religioso e da palavra religiosa e visamos aproximar as contribuições de cada um com vistas a compreender e analisar de modo mais produtivo o *corpus* em investigação, acreditando que a interlocução é inevitável em nosso estudo. Trataremos, no fim dessa seção, da abordagem argumentativa do discurso, que passa a ser interesse da AD, sobretudo a partir da abertura da disciplina para os seus estudos em caráter mais enunciativo e pragmático (Emediato, 2022).

2.4 A ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO

Nesse sentido, em consonância com Amossy (2011[2008]), entendemos a argumentação como um processo fundamental dos discursos, que não pode ser negligenciado pela AD. Conquanto, esse entendimento não é partilhado por todas as abordagens de estudo da disciplina. Segundo Emediato (2022), não parece existir espaço, no projeto fundador da ADF, para abordar aspectos relacionados à argumentação e às estratégias utilizadas na produção dos discursos, pois “é difícil conceber uma ação estratégica e finalizada dos indivíduos ao falarem, quando todos, sem exceção, já estariam recrutados pela ideologia, e, sem projetos de fala, seriam mais falados do que falantes” [...] (Emediato, 2022, p. 443). Não se trata, com efeito, de uma simples integração à disciplina, quando se planeja tratar da argumentação sob o viés discursivo, mas de uma necessidade se se aspira compreender os variados fenômenos em investigação¹⁷.

Sob essa perspectiva, a chamada barreira já discutida anteriormente, que defende a segregação entre os estudos literários e linguísticos, interrogada tanto por Brait (2006) ao discutir sobre a abordagem da ADD quanto por Maingueneau (2021) na ADF, é retomada quando se pensa nesse quadro argumentativo. Para este último, no entendimento de Amossy (2011), a AD deveria unir os diversos campos que se dedicam a explorar discursos distintos, independentemente da sua natureza, ao invés de segregar o texto literário como algo irredutivelmente diferente. Cremos que, sem considerar essas contribuições, os estudos do discurso perdem consideravelmente a oportunidade de olhar para discursos que, ainda hoje, não são de interesse da disciplina (Maingueneau, 2019; 2021). Assim, ao se observar os efeitos práticos do que esse desinteresse em estudos gera na sociedade, a estigmatização e o preconceito (Maingueneau, 2021; Bezerra, 2019), é possível que, de algum modo, se comece a materializar a desconstrução desses entraves teóricos, pelo menos a longo prazo.

Ademais, ainda que extensas, mas não exaustivas, as palavras de Amossy (2020) são muito importantes para compreensão do que é defendido em sua abordagem sobre a argumentação no discurso:

Não há discurso sem enunciação (o discurso é o efeito da utilização da linguagem em situação), sem dialogismo (a palavra é sempre, como diz Bakhtin, uma reação à palavra do outro), sem apresentação de si (toda fala constrói uma imagem verbal do

¹⁷ Amossy (2018) ainda ressalta o papel da *doxa* no processo de argumentação em considerar a orientação do discurso social.

locutor), sem o que se poderia chamar “argumentatividade” ou orientação, mais ou menos marcada do enunciado, que convida o outro a compartilhar modos de pensar, de ver, de sentir. Em suma, todo discurso supõe o ato de fazer funcionar a linguagem num quadro figurativo (“eu” – “tu”); está imerso na trama dos discursos que o precedem e o cercam; produz, de bom ou de mau grado, uma imagem do locutor e influencia as representações ou as opiniões de um alocutário. Nesse sentido, o estudo da argumentação e do modo como ela se alia aos outros componentes na espessura dos textos é parte integrante da análise do discurso. (Amossy, 2020, p. 12).

Aliado ao que a autora, de forma muito coerente, defende, Maingueneau (2011) ressalta que buscar confrontar a argumentação e a AD é se expor a muitas dificuldades. Para o autor, de forma mais abrangente, a gestão da dimensão argumentativa de um texto varia conforme o tipo de análise que está sendo executada, mas assim como Amossy (2020) sustenta, a argumentação é entendida como uma unidade fundamental da e para a análise de discursos. A partir desse entendimento, refletindo sobre perspectiva de estudo por ele adotada, Maingueneau destaca que:

Por sua vez, quando o analista do discurso se volta para a argumentação, não é com a intenção de estabelecer o modelo dos processos de validação, mas de relacioná-los a um gênero do discurso histórica e socialmente situado, de integrá-los na complexidade de um funcionamento discursivo que mobiliza parâmetros de diversas ordens. (Maingueneau, 2011, p. 71).

A partir dessa definição, aliado ao que sustenta Amossy (2020), percebe-se que em virtude da complexa configuração das variadas formas de discurso, a adoção de propriedades da natureza dos estudos argumentativos é uma necessidade, na visão de que essa diversidade é mais satisfatoriamente compreendida por meio do diálogo. Desse modo, torna-se fundamental compreender que, em virtude da sua própria natureza dialógica, o discurso possui como preceito fundamental a habilidade de buscar agir sobre o outro, na tentativa de influenciá-lo (Amossy; Zavaglia, 2007; Amossy, 2005). Isso não acontece sempre de forma explícita, mas se ancora em variadas dosagens e associações moldadas ao gênero do discurso em questão, ao ambiente e ao que se cogita alcançar na construção de sua enunciação.

Em uma abordagem argumentativa do discurso é necessário considerar, na perspectiva de Amossy (2011), que a busca por adesão não se restringe apenas a um debate e a determinado ponto de vista, mas principalmente às formas de enxergar e de sentir o mundo. Com isso, a partir dos modos de se observar a sociedade, também merecem destaque as diversas espécies de discordâncias que existem entre enunciados diversos, indo desde os desacordos até às polêmicas. Todas essas noções encontram-se, necessariamente, relacionadas com a atualidade e precisam ser de uma importância considerável ou de um certo interesse público em determinada cultura (Amossy, 2017). Assim, tendo papel fundamental na democracia, nota-se que a divergência é a essência da argumentação, haja vista que as coisas,

por mais indiscutíveis que possam ser, sempre serão geridas de formas diferentes pelos variados interlocutores.

Além disso, os três componentes fundamentais da retórica aristotélica clássica são importantes para o sucesso de uma estratégia persuasiva, podendo ser aplicados em diferentes medidas e proporções segundo o contexto e os objetivos que o enunciador visa atingir (Amossy, 2011). Há, então, variados modos de evocar o *ethos*, o *logos* e o *pathos* na perspectiva da autora. O primeiro está relacionado à imagem de si construída por meio do discurso para uma determinada audiência¹⁸; o segundo está amparado em bases mais racionais que são dotadas de razão e fundadas em evidências de diferentes ordens, e o terceiro está relacionado aos sentimentos e às emoções nas quais o locutor se apoia para sensibilizar o outro. Esses modos que remetem à tradição da retórica têm o seu papel na sua perspectiva de estudo, todavia convém destacar que eles não se esgotam nos pressupostos da retórica clássica, pois para a linguista:

[...] a argumentação no discurso pretende [...] ancorar o estudo em processos discursivos específicos levando em consideração os avanços das ciências da linguagem. Ao mesmo tempo, ela os associa indissoluvelmente às instâncias socioinstitucionais nas quais se dá a fala. Nesse sentido, são os fundamentos fornecidos pela AD que permitem conciliar o estudo da argumentação retórica aos funcionamentos discursivos, examinando-os numa situação de discurso, ou seja, numa situação de comunicação preestabelecida, num espaço sociocultural e num campo (no sentido de Bourdieu). (Amossy; Zavaglia, 2007, p. 129).

Considerando os aperfeiçoamentos que os estudos linguísticos, de modo geral, têm a contribuir com a abordagem das temáticas de interesse da pesquisadora, é possível observar o esforço dela ao conciliar as colaborações de variados teóricos no intento de prosseguir na investigação das temáticas dos estudos argumentativos. Sob esse ponto de vista, compreendendo que a argumentação é inerente ao discurso, compete ao analista descrever as diferentes formas de argumentação verbal com os demais processos linguísticos, concebendo não só a estreita relação entre eles, mas também os âmbitos situacionais e sociais em que ocorre a enunciação (Amossy, 2011).

Diante disso, quando analisamos esta esfera discursiva, conforme estabelecido anteriormente nesta seção, na abordagem dos teóricos da ADD e da ADF, torna-se evidente que a dimensão argumentativa desempenha um papel crucial no conjunto do discurso e não pode ser separada dele, conferindo a cada expressão verbal um caráter singular que não pode ser universalizado.

¹⁸ É relevante pontuar que a abordagem de Amossy sobre o *ethos* se distingue em alguns aspectos do trabalho por Maingueneau e por Charaudeau.

De modo geral, consoante a abordagem de Amossy (2011), uma análise argumentativa deve ocorrer considerando algumas diretrizes:

- I. Deve, a partir da materialidade do discurso, estudar os argumentos a partir da língua natural, considerando-os integrantes do seu funcionamento global;
- II. Compreende a argumentação em uma situação de enunciação singular, na qual é relevante conhecer todas as suas especificidades, desde o lugar, o momento, as circunstâncias, etc.;
- III. Visa compreender a argumentação de forma situada em relação ao interdiscurso, na situação de enunciação, de retomada, de modificação, de refutação, etc.;
- IV. Considera, impreterivelmente, a forma como o *logos* se alia, discursivamente, com o *ethos* para despertar sentimentos no interlocutor através do *pathos*;

Ademais, é relevante destacar os diálogos entre a abordagem de Amossy com relação ao estudo das polêmicas no espaço público. Para que alcance uma abrangência e uma relevância maior, é necessário que um dado conflito envolva nuances de caráter público a fim de que ele seja estabelecido como polêmico. Além disso, o antagonismo é imprescindível para que essa polêmica seja instaurada (Amossy, 2017), seja mediante a um conflito, uma dicotomização ou ainda uma polarização. Sob esse viés, enunciados variados surgem como uma reação-resposta a outros, objetivando sustentar uma nova visão sobre aquele evento polêmico.

Considerando essa perspectiva, na esteira do que a autora sustenta em sua abordagem argumentativa, Maingueneau (2007) endossa a importância de as disciplinas do discurso não trabalharem de modo fechado, haja vista que elas são frequentemente impelidas a cogitarem colocar-se a serviço umas das outras partindo de um lugar que lhe é próprio. É nessa compreensão que entendemos a necessidade dessa interdisciplinaridade teórica, na busca de recorrer às contribuições e às noções relevantes de cada abordagem para entendimento de nosso objeto de estudo. Retomaremos essa ênfase na relevância da interlocução com os estudos de Amossy posteriormente, na seção na qual discorreremos sobre o discurso político e alguns dos seus desdobramentos, sob o viés dessa abordagem argumentativa, em interlocução com outros conceitos imprescindíveis.

Em síntese, destinamos essa seção do trabalho a salientar as principais noções teóricas que nos sustentam partindo desde a ADF até a ADD. Inicialmente, visamos situar a ADF destacando os principais conceitos nos quais nos embasamos, desde as cenas da enunciação, passando pelos discursos constituintes — com ênfase no religioso, e brevemente discorreremos

sobre o *ethos* que será retomado na próxima seção. Por conseguinte, dialogando com a ADD, frisamos a importância do enunciado, aprofundando nossa interlocução e refletindo sobre as formas de composição desses enunciados através dos gêneros do discurso. Destacamos, ainda, a projeção da palavra dialógica e da palavra monológica no discurso, sob o prisma do dialogismo bakhtiniano. Por fim, abordamos algumas considerações sobre a abordagem argumentativa dos discursos que também dialoga com noções da ADF e ADD. Na próxima subseção, aprofundaremos a discussão sobre o *ethos* discursivo e o seu prolongamento para a internet, assim como ampliaremos noções correlacionadas e ramificações teóricas referentes ao conceito.

2.5 O *ETHOS* DISCURSIVO E A CENOGRAFIA DIGITAL

Anteriormente, ao discorrer sobre algumas noções da ADF, fundamentais em nosso estudo, mencionamos brevemente algumas considerações sobre o *ethos* discursivo, ressaltando que, em virtude da abrangência deste conceito, destinaríamos um espaço para tratar especificamente sobre a respectiva noção. Vamos nos deter, desse modo, às abordagens mais atuais sobre o *ethos* discursivo, no quadro da ADF, assim como nos estudos de orientação argumentativa, enfatizando esse trabalho entre releituras e deslocamentos pensados pelos variados analistas que manejam e recorrem ao *ethos* de diferentes modos em suas pesquisas¹⁹.

De modo geral, como sublinhamos, a noção de *ethos* discursivo é objeto de estudo de diversos teóricos, desde a *Retórica* de Aristóteles, passando por Oswald Ducrot, em sua Teoria Polifônica da Enunciação, até as abordagens mais contemporâneas, como no quadro da ADF através de Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau, além dos estudos argumentativos, a partir de Ruth Amossy, que se aproximam e dialogam em uma série de pontos com os teóricos franceses (Amossy, 2018). Como se pode pressupor, essas diversas apreensões sobre o *ethos* não são uníssonas, haja vista que as variadas abordagens que refletem sobre ele partem do contexto da Retórica, mas o deslocam e reinterpretam o conceito, realçando o que, para cada pesquisador, se sobressai ou se modifica. É relevante, sob esse prisma, que tenhamos em mente a conceituação alçada pelos gregos.

Consoante à perspectiva aristotélica, o *ethos* está relacionado àquelas características associadas ao orador no ato de produção do seu discurso, assim como em contextos atribuídos

¹⁹ Não é nosso objetivo aprofundar exaustivamente tal conceito. Para uma apreciação mais sólida e abrangente da noção de *ethos* recomendamos Amossy (2018) e Carreon (2018).

a certos locutores inseridos em uma dada comunidade (Maingueneau, 2008a). Para Aristóteles (2019), portanto, o *ethos* se relaciona à escolha consciente de um orador que visa, sobretudo, suscitar uma imagem de integridade e de confiança em um auditório. Ele enfatiza que a presença desse caráter é notável em todos os discursos nos quais a escolha do orador é visível. Isso é mais nítido em relação às máximas, considerando que o uso dessas expressões revela, de forma geral, as preferências do orador e o que ele considera mais relevante em seu discurso²⁰. Assim, se as máximas adotadas forem moralmente aceitas, elas refletirão o caráter íntegro do orador e atribuirão a ele uma posição de confiança e respeito diante da audiência (Aristóteles, 2019).

Além de discutir sobre o *ethos*, Aristóteles (2005) também atribui uma expressiva relevância ao *pathos* e ao *logos*. Ao ressaltar a função do *pathos* para o sucesso de um determinado discurso, o filósofo assevera que quando os ouvintes de determinado auditório são conduzidos a sentir emoções, é possível exercer a persuasão de modo mais eficaz, pois as considerações particulares sobre determinados assuntos são alteradas se a audiência sente um sentimento de tristeza ou alegria, ou de amor, ou ódio, por exemplo. O *pathos*, portanto, explora todas essas paixões, emoções e sentimentos que podem ser vistos como uma fraqueza²¹, a qual os oradores recorrem para moldar a opinião pública em favor de si. Isso não ocorre, todavia, por si só, na própria construção do *pathos*. Aristóteles (2005) sublinha que pode se recorrer a artifícios do modo de expressão, o *ethos*, para a mobilização de um discurso eficiente. Aliás, convém enunciar que o próprio *logos* é inevitavelmente importante para que se tenha sucesso nesse jogo persuasivo que visa à alcançável perfeição.

Aliado ao *ethos* e ao *pathos*, o *logos*, por sua vez, recobre os elementos que devem ser verdadeiros ou prováveis, se deve fazer uso dele [...] “quando mostramos a verdade ou o que parece verdade, a partir do que é persuasivo em cada caso particular” (Aristóteles, 2005, p. 97). Desse modo, quando o autor discute sobre essa noção, ele chama atenção para o equívoco de recorrer a deduções muito amplas ou recorrer a formas linguísticas demasiadamente complexas, pois é necessário que o auditório em questão reconheça e compreenda o que se está falando. O filósofo continua dizendo ser em virtude dessa importante sinalização que oradores incultos, muitas vezes, têm mais sucesso diante dos seus auditórios (Aristóteles, 2005). Percebe-se, nesse sentido, a importância da convergência do que é falado com a

²⁰ É importante destacar que em virtude da tradição oral e do contexto em que o respectivo filósofo estava inserido em sua totalidade — alguns séculos antes de Cristo, discurso aqui se refere apenas à tradição oral, uma das formas mais relevantes de comunicação para ele, não se estendendo, desse modo, às formas escritas.

²¹ É relevante destacar que, desde a tradição clássica, o emprego das emoções na argumentação foi consistentemente encarado de forma desfavorável por ser percebido como menos sólido e menos ético.

realidade e com o que de fato interessa aos interlocutores em questão, ao passo em que, em diferentes medidas, se recorre às emoções e às imagens de si que precisam ser críveis a quem ouve e recebe o discurso em potencial.

Nesse breve apanhado do que Aristóteles (2005; 2019) discute, acreditamos que é inevitável não ser remetido a algum ou a vários episódios no âmbito político, considerando que em muitos aspectos as suas considerações são atemporais e reverberam até hoje em nossa sociedade, distante em muito do cenário do importante filósofo. Cremos ser em virtude dessa importância e atualidade que estudiosos de diferentes domínios dos saberes recorrem aos seus postulados e os reinterpretem e atualizam, sem desconsiderar o seu mérito, no intento de contribuir para sinalizar e discorrer sobre inquietações e problemáticas que se fazem presentes no mundo moderno.

Na esfera das Ciências da Linguagem, ao reformular o conceito específico de *ethos*, Maingueneau (2008a) ressalta que, na atualidade, ele é compreendido de formas diferentes, ao considerar que estamos inseridos em um cenário distinto do da retórica antiga, além de a fala não ser mais dotada, exclusivamente, dos mesmos dispositivos daquela época. A compreensão do autor, então, ressalta que é inviável estabelecer uma definição precisa e fechada a esse conceito, visto que é mais apropriado considerá-lo como o ponto de partida para diversas possibilidades de desenvolvimento, cujos *corpora* têm um papel fundamental na ampliação dessa diversidade (Maingueneau, 2008a). Vamos nos deter a ampliar essa noção em especial doravante, discorrendo, também, sobre algumas modificações e ressignificações referentes a esse conceito central em nosso estudo.

Ao reconfigurar o conceito de *ethos* a partir de Aristóteles (2019), Maingueneau (2008b[1994]) amplia a sua abrangência e o traz para o centro da ADF. Na trilogia dos meios de prova aristotélicos, junto ao *logos* e ao *pathos*, o *ethos* está atrelado às virtudes que atribuiriam a credibilidade e o caráter a um orador. Além destas, há também uma dimensão social, a partir da qual o orador visa convencer por meio da projeção adequada de seu caráter (Eggs, 2018). Contudo, como salienta Amossy:

Nos dois casos, trata-se da imagem de si que o orador produz em seu discurso, e não de sua pessoa real. A perspectiva aristotélica em que se inspiram as ciências da linguagem difere, nesse ponto, da tradição iniciada por Isócrates e desenvolvida mais tarde pelos latinos, que define o *ethos* como um dado preexistente fundado na autoridade individual e institucional do orador (sua reputação, seu estatuto social etc.). (Amossy, 2008, p. 220).

Nessa perspectiva, antes dos pesquisadores franceses, na semântica argumentativa²², Oswald Ducrot tratou do *ethos* pela primeira vez nas Ciências da Linguagem, sustentando que ele não pode ser visto como uma técnica de oratória situada fora da língua, mas o concebe como inscrito na própria língua, como um sistema eminentemente argumentativo, pensando a partir de sua Teoria Polifônica da Enunciação (Baronas, 2008). Assim, na abordagem ducrotiana, o *ethos* não está relacionado à ordem do dizer, enquanto ser no mundo, consoante a Aristóteles, mas à ordem do mostrar, pois:

Não se trata de afirmações auto-elogiosas que ele pode fazer de sua própria pessoa no conteúdo de seu discurso, afirmações que podem ao contrário chocar o ouvinte, mas da aparência que lhe confere a fluência, a entonação, calorosa ou severa, a escolha das palavras, os argumentos [...] (Ducrot, 1987[1984], p. 189).

Ducrot (1987[1984]) enfatiza, nesse viés, esse mostrar-se conscientemente, da ordem do Locutor, da enunciação, o que embora o aproxime da concepção aristotélica referente à conquista de um caráter, diverge em alguns elementos por focalizar o mostrar-se, apresentando uma perspectiva mais linguística e semântica. Em outros termos, enquanto para Aristóteles (2019) o *ethos* associa-se à integridade moral e virtude do orador, Ducrot (1987[1984]) compreende tal noção como sendo mais relacionada à construção discursiva da imagem do orador por meio da linguagem e da argumentação.

Entretanto, Amossy (2018) pontua que o linguista não desenvolveu a sua reflexão sobre o *ethos*, de modo a aprofundar de forma mais sólida sua compreensão sobre tal noção. Por outro lado, a reestruturação do *ethos* a partir da perspectiva discursiva de Maingueneau (2018) é mais abrangente, pois ela não se reduz apenas à dimensão retórica e à ordem do falar — como em Aristóteles, nem à abordagem de Ducrot — pautada somente no exhibir-se conscientemente, mas alonga a sua apreciação a todo e qualquer discurso escrito — ainda que o negue, pois:

[...] toda fala procede de um enunciador encarnado; mesmo quando escrito, um texto é sustentado por uma voz - a de um sujeito sustentado para além do texto [...] esse *ethos* não diz respeito apenas, como na retórica antiga, à eloquência judiciária ou aos enunciados orais: é válido para qualquer discurso, mesmo para o escrito (Maingueneau, 2013, p. 104 - 107).

Tendo isso em vista, o deslocamento teórico produzido pelo linguista, além de tornar a noção de *ethos* mais operacional e intuitiva, abrange aspectos que, até então, não pareciam ser uma preocupação partilhada nos estudos linguísticos. Ao propor, nesse viés, uma releitura do

²² Ou semântica pragmática (Amossy, 2018).

ethos, ele defende um distanciamento da perspectiva Retórica, pois para ele, é preciso se distanciar da atribuição de uma maior relevância à esfera oral como ocorre nessa abordagem antiga. O linguista, assim, atrela a noção de *ethos* a um “tom” que está associado a um esquema que se interessa por atributos associados a um “caráter” e a uma “corporalidade” que são suscitadas no ato da enunciação (Maingueneau, 1993). O *ethos*, então, na perspectiva do autor, não se trata de uma construção sempre intencional, mas que pode edificar-se inconscientemente. Essa reconfiguração por Maingueneau (1993) amplia a apreensão do *ethos* a partir de uma perspectiva mais “encarnada”, não se restringindo mais ao oral, mas considerando, ainda, os enunciados escritos (Maingueneau, 2008a).

Nesse quadro enunciativo, a noção de “tom”, como sinaliza Grillo; Veloso (2007), é oriunda das contribuições dos pensadores russos que sustentam os conceitos da ADD. Intrínseco ao conceito de enunciado, a entonação, além de diferenciá-lo da frase, é inevitável, pois não se pode evitar que a palavra seja entoada, assim como não se pode a desvincular de um juízo de valor presente na interação (Almeida; Souza, 2022). Essa escolha, além de abarcar os discursos orais e escritos, realça a preocupação de considerar no processo de estudo do *ethos* o locutor e o interlocutor, assim como não restringem tal conceito a um domínio linguístico em específico, interessando também o âmbito literário, como já mencionado anteriormente.

Ainda discorrendo sobre as especificidades do *ethos* trabalhado pelo linguista francês, Maingueneau (2008a) destaca que a sua perspectiva ultrapassa o quadro da argumentação, pois “além da persuasão pelos argumentos, a noção de *ethos* permite refletir sobre o processo mais geral da adesão dos sujeitos a determinado posicionamento” (Maingueneau, 2008a, p. 64). Ele opta, então, por uma abordagem mais “encarnada” do *ethos*, que vai recobrir uma série de características físicas — a corporalidade, e psíquicas — o caráter, relacionadas estritamente com o fiador, a fonte que legitima o que se diz e atesta o que é enunciado. Em acréscimo:

[...] o *ethos* implica uma forma de mover-se no espaço social, uma disciplina tácita do corpo, apreendida por meio de um comportamento. O destinatário o identifica apoiando-se em um conjunto difuso de representações sociais, avaliadas positiva ou negativamente, de estereótipos, que a enunciação contribui para reforçar ou transformar. (Maingueneau, 2008a, p. 65).

É olhando para esses atos de reforçar ou transformar estereótipos que a noção de *ethos* será fundamental na análise do *corpus* em estudo. Além disso, a incorporação a determinado posicionamento, manifestado através do discurso, permite que este seja aderido por uma

comunidade imaginária (Maingueneau, 2018). É fundamental destacar que esse *ethos* discursivo, inevitavelmente, está atrelado à construção de uma cenografia, como mencionado brevemente na seção anterior. Nas palavras de Maingueneau (2015a[2014], p. 122):

Enunciar não é apenas ativar as normas de uma instituição de fala prévia; é construir sobre essa base uma encenação singular da enunciação: uma cenografia [...] a noção de cenografia se apoia na ideia de que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende enunciar. Todo discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende, de fato, suscitar a adesão dos destinatários instaurando a cenografia que o legitima. (Maingueneau, 2015a[2014], p. 122-123).

Assim, retomando as cenas da enunciação tratadas na seção anterior — a cena englobante, a cena genérica e a cenografia, a atividade de tomada de palavra, nessa construção discursiva, se entrelaça com a instauração dessa cena. Ao projetar-se para o outro, nesse viés, o enunciador considera ao mesmo tempo, por vezes até inconscientemente, o tipo de discurso, o subgênero do discurso e a forma de enunciação que vai sendo instaurada. Com isso, a medida que a cenografia legitima o enunciado, ele deve legitimá-la ao mesmo tempo, ao passo que o *ethos* se encontra imbricado a esse processo de validação (Maingueneau, 2008a). A adesão mencionada pelo autor, desse modo, pode ser relacionada ao que Volóchinov (2013) assevera acerca do processo de instauração da enunciação, no qual a entonação e os gestos estão condicionados à situação específica em que se encontra o locutor, que deve considerar, impreterivelmente, a plateia que participa dessa enunciação.

No entanto, as coisas não são tão simples quando se pensa nos *corpora* digitais, sendo insuficiente a análise destes com base, exclusivamente, nessas cenas. Especificamente em se tratando dos estudos sobre o *ethos* discursivo na internet, o pesquisador francês destaca a importante indicação de que [...] “a análise em termos de *ethos* não pode ser feita como quando se tratava de produções resultantes da genericidade clássica” (Maingueneau, 2020a, p. 156). O linguista chama atenção para a nova configuração dos *corpora*, que confrontam a AD em virtude de um regime que funciona de modo não tradicional. Sem dúvida, esse novo olhar para as configurações do *ethos* experimentado pela internet apontam para a importante obra de Paveau (2021[2017]), que emerge da necessidade de uma abordagem que não continue a conceber o ambiente digital como uma simples transposição do que ocorre no não-digital²³.

Ao pôr em prática o ato de questionar a pertinência das categorias adotadas pelos analistas do discurso, resultante das diferentes modalidades e configurações do discurso

²³ O próprio pesquisador recomenda a consulta a Paveau (2017) ao discutir sobre o segundo componente da cenografia característica da internet, a digital.

(Maingueneau, 2015), e longe de explorar todo o potencial do *ethos*, Maingueneau (2018b, online) ressalta a pertinência do trabalho de Paveau em “[...] trazer para o centro do debate a especificidade dos novos objetos que o desenvolvimento da web trouxe à luz.” As contribuições da linguista, tanto no que se refere às questões teóricas quanto às diretrizes metodológicas, não podem ser desconsideradas do nosso quadro de análise, cuja emergência dos *corpora* se deu nativamente no próprio ambiente digital do X (*Twitter*), que veicula os enunciados objetos de estudo.

Considerando algumas de suas relevantes obras mais antigas sobre *corpora* da *web*²⁴, acreditamos que a postura de Maingueneau é importante, não somente por acolher as novidades e os avanços teóricos dos estudos como os de Paveau (2021 [2017]), mas também por refletir e modificar o seu próprio fazer científico²⁵, ao realçar os seus esforços de indagar sobre, entre outras coisas, as tensões constitutivas da AD. Nas palavras dele: “Em ciências humanas e sociais, não poderia existir, aliás, o olhar sobranceiro e neutro, sobretudo quando se trata de refletir sobre um saber recente” (Maingueneau, 2015a[2014], p. 11). Parece ser exatamente isso que observamos no decorrer dos avanços dos seus trabalhos. O pesquisador continua enfatizando que:

A análise do discurso emergiu e se difundiu a partir dos anos 1960 em um mundo ainda estruturado pela dualidade oral/ escrito: o subtítulo da principal revista nesse campo, *Discourse Studies*, apresenta-se significativamente como uma revista internacional ‘- *for the study of text and talk*’, expressão que repousa implicitamente sobre essa dualidade [...] os analistas do discurso são agora levados a se interrogarem sobre a pertinência das categorias que utilizam, a se perguntarem se elas ainda estão à altura dessa nova distribuição das cartas em jogo. (Maingueneau, 2015a[2014], p. 159).

Nesse sentido, com base nos seus postulados, bem como no que se refere à proposta dialógica que adotamos, cremos que desconsiderar essas inquietações colocadas pelo autor seria ir contra a própria abordagem em que nos ancoramos, para a qual o diálogo sob essa perspectiva interdisciplinar torna-se indispensável se quisermos compreender o nosso objeto de estudo de modo mais abrangente e eficaz. É isso que é possível observar na conduta de pesquisadores que nos embasam, desde os pensadores russos como Bakhtin e Volóchinov, na abordagem dialógica, se estendendo às ponderações de Maingueneau, Charaudeau – a ser

²⁴ A exemplo do *Ethos e apresentação de si nos sites de relacionamento* (Maingueneau, 2010).

²⁵ Referimo-nos, especificamente, aos avanços no que concerne à cenografia digital (Maingueneau, 2014; 2015[2014]; 2020), algo que também ocorre muito com outros pesquisadores, se observados de forma diacrônica. Antes, na construção de *corpora* sobre a web e a internet, por questões talvez éticas ou referentes ao manuseio dos dados, não se considerava a ecologia desses enunciados, muitas vezes o redigitando e não o capturando via *screenshots*, além de a análise considerar poucos elementos da web em si, centrando a reflexão no conteúdo textual, na maior parte dos casos.

aprofundado posteriormente, e Amossy, que não se fecham na forma com que prosseguem os seus objetos de estudo, mas recorrem ao diálogo, seja em virtude de questões teóricas convergentes ou por interesses metodológicos comuns, obviamente, respeitando as discrepâncias que cada um dos pesquisadores possui.

Com base nessas considerações, é em virtude desses progressos e avanços que a abordagem clássica das cenas da enunciação na *web* não parece ser suficiente para dar conta dessa nova configuração, e por isso ela é repensada pelo analista. Por sua vez, Maingueneau (2020a) destaca que na internet a cenografia e o hipergênero (Maingueneau, 2010) vão para o primeiro plano, em detrimento da cena genérica. Em virtude disso, ela passa a ter, então, simultaneamente, duas dimensões: a *verbal* e a *digital*.

Ela é *verbal* por remeter aos elementos propriamente linguísticos que implicam em sua construção. Deparamo-nos, com isso, diante de um mosaico, no qual se encontram textos de variadas ordens, além do regime tradicional, como listas, fotos, vídeos, diagramas, etc. Nesse quadro, o *ethos*, em termos tradicionais, que seria essencialmente verbal, dá lugar a um tipo de *ethos* global que é bem mais fluido e que passa a considerar as peculiaridades do enunciador com o site de que o texto faz parte (Maingueneau, 2020a). O *ethos*, portanto, gradualmente, é levado a um tipo de diluição que visa acentuar algumas facetas e tenta inibir outras, isso só é possível em virtude da intensa multiplicidade de elementos que a internet proporciona.

A cenografia digital, por sua vez, abrange duas dimensões: a *iconotextual* e a *reticular*. A *iconotextual* considera que a própria configuração do site é uma imagem, por ser exibida em uma tela, mas também contém imagens e tudo isso contribui para a apreensão do *ethos* global. Contudo, é preciso considerar não só as categorias mais comuns, como imagens ou vídeos, mas também aquelas que possibilitam variadas formas de se enxergar, como os gráficos, os textos curtos, as ênfases e os destaques, as caixas de textos, além das formas e das cores (Maingueneau, 2020a). A *reticular* possui relações geradas por diferentes tipos de instruções, pois se considera que internamente o *site* é uma rede de páginas, e externamente ele instaura *links* com o exterior. Assim, o indivíduo que navega recorre a essas variadas formas de ações como preferir, sem que haja um padrão a ser seguido. Maingueneau (2020a) destaca que para contemplar a natureza verbal e manipulável desses enunciados recorre-se a termos que unem ambas as categorias, conforme sustentado por Paveau (2021[2017]).

Sob essa perspectiva, dentre algumas características que se relacionam com que é sustentado por Maingueneau, e que ampliam e aprofundam as especificidades sinalizadas pelo

autor, podemos correlatar alguns verbetes como a *ampliação* e o *compósito* consoante a definição de Paveau (2021[2017]). Ao discutir sobre *ampliação*, Paveau (2021[2017]) destaca que a escrita no domínio digital, referente à razão computacional, é ampliada, pois as capacidades de expressão e de comunicação transcendem à da razão gráfica. Para ela, a forma da *web*, além de estender os escritos por meio de comentários, oportuniza, também, a criação de enunciações simultâneas. Com isso, a leitura é ampliada e o entendimento de determinada mensagem não é restrito mais à primeira enunciação, mas compreende as respostas e os comentários de variadas ordens, desde os seus prolongamentos até os compartilhamentos e metadiscursos (Paveau, 2021[2017]). Considerando esse postulado, se observa que a internet inverte algumas hierarquias e modifica apreensões sobre o processo comunicativo que só acontecia entre um número consideravelmente menor de falantes, por exemplo.

Quanto ao elemento *compósito*, a linguista francesa assevera que ele se constitui em uma espécie de imbricamento entre o linguístico e o técnico dos discursos digitais nativos da *web*, essa noção se relaciona de forma muito estrita com a abordagem pós-dualista sustentada pela pesquisadora, que preza pela apreensão em seu aspecto *continuum*, que não segrega o on-line e o off-line (Paveau, 2021[2017]). Nessa perspectiva, a relação entre o humano e o não humano não está apenas relacionada ao uso de artefatos para acessar essa realidade híbrida, mas é indispensável pensar em uma abordagem que altere essa segregação [...] “e modificar a concepção de língua para pensá-la como constituída com o outro” (Paveau, 2021[2017], p. 119-120). Como estrutura compósita, a autora exemplifica o caso das *hashtags* e dos *hiperlinks*, por exemplo, assim como quaisquer elementos que podem ser clicados no ambiente digital. Esse pressuposto dialoga bastante com a dimensão *reticular* ponderada por Maingueneau (2020a), mas na conceituação da pesquisadora essas especificidades são trabalhadas com uma maior profundidade²⁶.

Prosseguindo na discussão sobre as particularidades da cenografia digital e o seu *ethos*, as variadas formas de recorrer a recursos languageiros na respectiva esfera permitem que o *ethos* reverbere de modos, até então, não identificados em um cenário de estudo sob uma abordagem mais comum de tal noção. Nesse entendimento, Maingueneau (2020a) aponta dois polos importantes de fontes enunciativas não fechadas que buscam favorecer um tipo de *ethos*: um se centra na *saliência* e outro no *apagamento* do *ethos*.

²⁶ Retornaremos essas e outras noções da Análise do Discurso Digital proposta por Paveau 2021[2017], na subseção seguinte.

Quando ocorre uma saliência do *ethos*, como no caso de uma rede social, bem como em blogs e outros sites, há a projeção de um *ethos* pessoal, em virtude do nome próprio do enunciador se fazer presente no ambiente. Em contextos como esse, o próprio nome do locutor exerce papel de fiador do enunciado, em virtude de ele ser imbuído de um *caráter* e de uma *corporalidade* (Maingueneau, 2020a). Essas características são perceptíveis em nosso *corpus*, semelhantemente ao exemplo do autor referente aos políticos, pois em virtude da facilidade e da agilidade que o X (*Twitter*) proporciona, muitos enunciadores adotam o *website* como um tipo de *blog*. Desse modo, ainda que, em muitos casos, o perfil não seja administrado pelo político em questão, o objetivo é que pareça ser, pois isso também afeta a manutenção do *ethos*.

Em contrapartida, o processo de apagamento do *ethos* não significa a ausência de produção do *ethos*, mas de uma espécie de projeção que visa enfatizar o propósito do site ao mesmo tempo em que se busca uma espécie de isenção da entidade que produz e mantém o endereço. Para que isso ocorra eficazmente, Maingueneau (2020a) destaca duas resoluções intrínsecas às quais esses sites devem se submeter: privilegiar o seu caráter funcional, além de facilitar a navegação fluida em seu interior. Com esses esforços, se objetiva que o usuário possa ter uma identificação mais fácil de um ambiente em comparação com os outros.

Pode-se pensar, por exemplo, no modo como redes como o X (*Twitter*), *Facebook* e *Instagram* se constituem, além da importância de uma interface identificável e que seja usual, há uma importante relevância a *cor* adotada por cada uma, como destaca Paveau (2021[2017]). Ao longo do tempo, as mudanças que ocorrem no centro desses *websites* apontam não só para as mudanças da sociedade e dos usuários, mas também as especificidades do público-alvo que não é o mesmo no decorrer do tempo com as novas redes e aplicações que transformam. É fulcral também considerar nesse processo o conceito de algoritmo discutido por Paveau (2021[2017]), que não parece ser, de modo algum, neutro ou isento, prometemos, novamente, retomar esse tema mais adiante.

Por conseguinte, identificamos, ainda, nas especificidades do *ethos* identificado no cenário digital sublinhadas pelo francês, a possibilidade de destacar um tipo de *ethos* com vistas a torná-lo forte, bem como atenuá-lo, no intento de enfraquecê-lo. Assim, embora essa conceituação não esteja explícita, compreendemos que o *ethos* forte é manifesto quando uma instância considera um conjunto de diretrizes para a construção de determinada enunciação, de modo a ser perceptível do que aquela produção se trata, o que acarreta um *ethos* profissional passível de ser observado. Maingueneau (2020a) elucida como exemplo o caso de

produções oriundas de instituições jornalísticas que, em geral, seguem uma estrutura similar que é comum ao gênero discursivo em questão.

Em contrapartida, o *ethos* fraco está relacionado às produções que em sua composição é difícil pensar em uma estabilidade. Isso ocorre em produções que variam enormemente e que são pouco consistentes, como em comentários em geral, que não seguem, normalmente, um padrão, além de recorrerem a variados pseudônimos, que propiciam e facilitam o extravasamento de afetos e subjetividades sem que haja muita preocupação com impedimentos (Maingueneau, 2020a).

Ademais, ainda ao considerar a variação na noção trabalhada pelo analista ao se deparar com materiais que não são exclusivamente verbais que Maingueneau (2018 [2014]; 2020a) triparte o *ethos* em três dimensões que interagem fortemente: a dimensão *categorial*, a dimensão *experencial* e a dimensão *ideológica*, de acordo com essa tripartição, o autor esclarece que:

1. A dimensão “categorial” recobre coisas muito diversas. Ela pode tratar de papéis *discursivos* ou de status *extradiscursivos*. Os papéis discursivos são aqueles ligados à atividade de palavra: animador, contador, pregador... Os status extradiscursivos podem ser de natureza muito variada: pai de família, funcionário, médico, camponês, americano, solteiro etc. 2. a dimensão “experencial” do *ethos* recobre as características sócio-psicológicas estereotipadas, associadas às noções de incorporação e de mundo ético: bom senso e lentidão do camponês, dinâmica do jovem empreendedor...; 3. a dimensão “ideológica” refere-se a posicionamentos dentro de um campo: feminista, de esquerda, conservador ou anticlerical... dentro do campo político, romântico ou naturalista... dentro do campo literário etc. (Maingueneau, 2018, p. 322).

Sob esse viés, considerando o inevitável diálogo entre essas dimensões, observa-se o propósito dessa conceituação defendida pelo analista, que se afasta da conceituação clássica e faz com que ela se torne mais funcional. Os esforços do pesquisador, segundo Carreon; Ruiz; Araújo (2019), visam esse afastamento da retórica e transfere sua compreensão para uma categoria de análise menos subjetiva, embora ainda haja muito trabalho a ser trilhado nessa área.

À vista disso, esse repensar da aplicabilidade dos conceitos de *ethos* são necessários, segundo o linguista, pois é preciso considerar a expressiva diversidade de manifestações dos discursos, no intento de avançar na reflexão sobre essa noção, esse conceito e esse potencial (Maingueneau, 2023), a ser observado em diferentes segmentos de estudos. Portanto, a discussão sobre tal noção ainda se mostra distante de um esgotamento ou de uma plena

exploração sob o mirante da AD e dos estudos enunciativos no esforço de trazer ao centro da reflexão a variedade que perpassa essas manifestações.

Prosseguindo nos desdobramentos atrelados à referida definição, é indispensável tratar sobre o *ethos* pré-discursivo, também nomeado de *ethos* prévio por outros pesquisadores, e que se refere às representações sobre o *ethos* antes que o enunciador se expresse de fato. Esse desdobramento está intrinsecamente relacionado aos variados estereótipos que se fazem presentes na sociedade, que se manifestam, no âmbito da AD, como uma representação condensada constituída a partir de elementos diversos que é resultante de um modelo cultural existente (Amossy, 2008).

Convém pontuar, nessa perspectiva, que esses estereótipos podem se construir sob uma forma, muitas vezes, depreciativa e imprecisa, que não consegue atingir uma estabilidade do significante linguístico, segundo Maingueneau (2008b). Esses simulacros, no entendimento do linguista, se expressam em explanações de discursos alheios baseadas na compreensão de cada um. Ele exemplifica essa noção através da alusão a uma espécie de “Pentecostes pervertido”, em que cada enunciador compreende os enunciados do outro em sua própria língua, mesmo que compartilhem o mesmo idioma. Assim, essas diversas representações constroem, inevitavelmente, imagens e representações do *ethos* de um falante, que serão confirmadas ou não após seu discurso.

Além disso, ao longo do processo de compreensão desse conceito, há de se considerar também a linha contínua em que estão inseridos de um lado o *ethos* dito, do outro, o *ethos* mostrado. Enquanto o *ethos* dito está relacionado ao que locutor expressa em sua enunciação, por meio de uma manifestação que pode ocorrer de forma mais direta ou indireta, o *ethos* mostrado está atrelado ao que é projetado no processo de enunciação, que pode ocorrer através da linguagem corporal, do tom de voz e de outras características extralinguísticas (Maingueneau, 2008a). O autor também assinala que quando é observável uma convergência entre o *ethos* dito e o mostrado, há um tipo de suporte mútuo entre eles, daí é que podemos compreender a sua inseparável interrelação, pois apesar das peculiaridades de cada um, não é possível estabelecer uma fronteira nítida entre eles (Maingueneau, 2008a).

É fundamental ressaltar que existe a possibilidade de apagamento do *ethos* em situações em que a cenografia demanda uma interpretação notoriamente mais complexa, frequentemente observada em instâncias em que se visa restringir esses interlocutores, para além dos contextos literários. No que concerne ao *ethos* mostrado, é possível que ele seja

apagado²⁷ em contextos em que se afasta do sujeito no intento de preconizar uma imagem mais subjetiva, na qual, aparentemente, o locutor não se faz presente na enunciação (Maingueneau, 2018 [2014]). Essa intencionalidade no seu apagamento não deve ser subestimada no processo de construção dos *ethé* aos quais o enunciador recorre, pois é ela que proporciona espaço para diferentes significados e variações construídas a partir do DR endossado pelo político em suas publicações.

Para além desses *ethé* mais homogêneos, abordados pelo linguista através do estudo de variados *corpora* ao longo do seu percurso epistemológico, há ainda a possibilidade de ocorrência do fenômeno do *ethos* híbrido. Esse tipo de *ethos* associa variados *ethé* em uma mesma enunciação, sejam eles os pré-discursivos — que estão relacionados aos estereótipos, os ditos ou os mostrados (Maingueneau, 2013). Com isso, em virtude dessa possibilidade de recorrer ao caráter flexível dessa noção, se pretende não apenas se dirigir a um interlocutor que está susceptível a recuperar as imagens mobilizadas pelo enunciado, mas também gerar uma identificação pautada na multiplicidade de sentidos existentes na configuração da sociedade hodierna. Percebe-se, assim, a recorrência de forma muito expressiva em contextos publicitários, propagandísticos e também na esfera política, na qual os esforços para gerar um tipo de identificação e adesão são contínuos.

Uma vez que se observa o êxito, ao longo da manutenção dessas instâncias, pode-se chegar a um *ethos* efetivo através das interações entre esses variados domínios: o *ethos* pré-discursivo, o *ethos* dito e o *ethos* mostrado, em grau maior ou menor, sem necessariamente envolver as peculiaridades de cada um, sensíveis ao que sublinha o linguista. Durante esse processo, a incorporação e a adesão são facetas fundamentais para a validação desse sucesso na projeção de um *ethos* efetivo.

Desse modo, observamos em Maingueneau (2008a, 2013) que a incorporação se dá por meio de três registros inseparáveis: primeiro, a partir da enunciação, o coenunciador atribui um *ethos* ao seu fiador que lhe corporifica, em seguida, o conjunto de atributos, os esquemas, as formas de habitar no mundo são incorporadas pelo coenunciador, nisso, a partir dessas incorporações, se estabelece um corpo que reúne uma coletividade imaginária dos que partilham da adesão referente a um discurso afim. É essa adesão que o linguista se refere ao declarar que a sua interpretação do *ethos* difere das de outras disciplinas, por exemplo. Ele sublinha, também, que o processo de incorporação não é estável e nem ocorre de modo

²⁷ Convém destacar que o apagamento do *ethos* não quer dizer que ele seja suprimido ou que não se produza um *ethos*, [...] “pois toda produção semiótica relacionada a uma fonte implica um *ethos*” (Maingueneau, 2020, p. 159). Dessa forma, o enunciador intencionalmente se esforça para edificar um *ethos* cujo primeiro plano é atribuído a uma instância superior, e não ao locutor, em uma espécie de deslizamento enunciativo.

homogêneo, mas muda a depender dos tipos e dos gêneros de discurso em questão. Assim sendo, o *ethos* também variará a depender dos enunciados analisados.

Em outras palavras, a incorporação refere-se à ação do *ethos* sobre seu interlocutor, buscando influenciá-lo e estabelecer, em certa medida, uma identificação com o conteúdo sustentado por determinado discurso, cujo aval é conferido pelo fiador, a fonte que endossa e legitima a exposição discursiva (Maingueneau, 2013). Destaca-se, ainda, a influência significativa do imaginário vinculado ao contexto ideológico do enunciador, essencial para recorrer aos estereótipos presentes na memória coletiva, o que se revela como sendo crucial para obter sucesso na construção da imagem almejada no processo de enunciação. Portanto, observa-se que outra particularidade importante da abordagem do *ethos* para o linguista francês está no realce do papel do outro, em consonância com os demais aspectos apontados, faceta ainda mais nítida no ambiente digital.

No que se refere ao enunciado, é imprescindível relacionar esse processo discutido por Maingueneau em sua reflexão sobre o *ethos* com o que é defendido por Volóchinov no que se refere ao auditório e ao relevante papel do outro no processo de enunciação. Partindo do postulado basilar da ADD de que todo o enunciado é dialógico e que esse está necessariamente imbuído de variados elementos extralinguísticos, o teórico russo destaca o papel do outro, sob a forma de auditório; em outras palavras, ele discorre sobre a importância de se considerar os possíveis receptores de determinado discurso, pois até mesmo as ponderações mais particulares são inteiramente dialógicas e atravessadas pela valoração de um potencial ouvinte, ainda que isso não seja pensado conscientemente pelo enunciador (Volóchinov, 2013).

Em acréscimo, é relevante considerar também a orientação social do enunciado, pois é ela [...] “que determina a entonação da voz e a gesticulação — que dependem parcialmente do tema da conversação — nas quais encontra sua expressão exterior a relação dessemelhante do falante e do ouvinte naquela situação e sua diferente valoração” (Volóchinov, 2013, p. 181). Percebe-se, portanto, que a atenção ao auditório durante o processo de enunciação é indispensável, tanto para a construção de um enunciado que tenha sucesso na sua expressão e no seu conteúdo exposto, como salienta Volóchinov (2013), quanto para a edificação de um *ethos* eficaz que produza o efeito pretendido naquele que entra em contato com determinado discurso, consoante ao ressaltado por Maingueneau (2008a, 2013).

Considerando, nesse sentido, o ambiente digital, essa adesão pode ser expressa de formas muito distintas, recorrendo a estratégias e a recursos que variam conforme o modo

particular que cada enunciador e coenunciador postam, repostam e respondem nessa esfera digital. Com isso, se observa que o expressivo teor dialógico já discutido, no qual as trocas são inevitáveis em todo o ato de comunicação, instaura uma espécie de transferência que visa se adaptar a essa não tão nova realidade. Nessa perspectiva, tendo em vista que de acordo com Volóchinov (2013), as trocas verbais são consideradas a forma mais natural da linguagem, percebe-se, no ambiente digital, que há uma adaptação e uma ampliação desses intercâmbios que passam a se manifestar em uma dimensão bem mais abrangente desta sublinhada pelo teórico russo. Não parece haver mais, dessa forma, apenas uma transferência da palavra para o outro, por meio da intercalação dos sujeitos enunciadores com fronteiras nitidamente demarcadas (Bakhtin, 1997), mas sim a ocorrência de uma fusão de numerosos elementos complexos, até então longe de serem integralmente compreendidos em virtude de sua atualidade²⁸.

Contudo, essa atualização oportunizada pela internet não deixa de lado algumas das formas de resistência já sinalizadas por Bakhtin (1993), no contexto da obra de Rabelais, pautadas no uso da linguagem e na dissociação de estruturas ou teses unívocas derivadas das autoridades e das instâncias de poder superiores da época. Dessa forma, para se levantar contra esses discursos dominantes, representados tanto pelo poder político quanto pelo aparato religioso, a linguagem passa a ser adotada como um instrumento de reação do povo que se distancia da linguagem dominante pertencente às hierarquias instauradas não aceitas.

Essa língua não oficial, que se afasta das convenções, das regras e das normas dominantes, não funciona apenas como uma dissipadora das fronteiras entre os falantes, mas oportuniza, sobretudo, a criação de um vínculo, na esfera digital, que abole, em certa medida, as distâncias e as divisões e aproxima os enunciadores — ou pelo menos aparenta, ilusoriamente fazer isso. Com isso, atrelando essas questões ao pseudoanonimato (Paveau, 2021[2017]), encontramos, de um lado, aqueles que continuam a se insubordinar e se rebelar contra essas forças por meio da *web* e, por outro, os que endossam esses discursos, o que pode ocorrer pela partilha de uma voz comum ou pela aderência ao enunciado projetado.

Por fim, recapitulando, destinamos essa seção para apontar algumas alterações e transformações que a noção de *ethos* discursivo enfrentou e enfrenta no empreendimento de alguns dos trabalhos de Maingueneau, considerando que, como o próprio linguista ressalta, estamos longe de explorar todo o seu potencial. Salientamos que a releitura feita pelo teórico não pode ser dissociada na construção de uma cenografia, esta também é reinterpretada e

²⁸ Nos referimos ao descentramento e aos avanços ocorridos sobretudo a partir da web 2.0 em diante.

aprofundada pelo analista do discurso para dar conta da múltipla variedade de *corpora* da atual configuração da internet que não segue as mesmas lógicas da genericidade clássica trabalhada pelo pesquisador.

Nesse contexto, também estabelecemos um diálogo com o significativo trabalho de Paveau a respeito das diretrizes teóricas e metodológicas essenciais que sua abordagem de Análise do Discurso Digital adiciona ao nosso campo de estudo, promovendo uma interação entre as concepções dos pesquisadores franceses. Realçamos, em seguida, algumas distinções das abordagens do *ethos* na retórica, assim como em outros estudiosos do âmbito das Ciências da Linguagem, no intento de enfatizar que a compreensão de Maingueneau se distancia delas, principalmente, por permitir a reflexão sobre o processo de incorporação e de adesão. Além disso, com base nos postulados dos teóricos russos que sustentam os alicerces da ADD, destacamos o papel central dos enunciados nesse processo de comunicação que a internet proporciona. Isto posto, reservaremos a próxima seção às questões da internet, do X (*Twitter*) e do discurso digital em sua integralidade.

3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A REDE SOCIAL X (*TWITTER*)

Previamente, tratamos sobre as principais questões teóricas referentes aos conceitos mais importantes aos quais recorreremos no âmbito da ADF e da ADD. Em virtude da já mencionada configuração não usual e compósita dos *corpora* na internet, adentraremos em alguns tópicos mais específicos nessa subseção. Assim, discorreremos sobre a importância da rede social X (*Twitter*) e os valores mobilizados pelos usuários em tal rede. Posteriormente, refletiremos sobre a necessidade da adoção de uma abordagem ecológica dos enunciados nativos digitais, consoante a perspectiva dos pesquisadores que nos sustentam, a fim de não desprezar nenhum aspecto dessas produções. Por fim, teceremos algumas observações sobre as implicações do algoritmo ao dissertar brevemente sobre o papel dele na configuração dos enunciados digitais.

3.1 OS VALORES E A RELEVÂNCIA DO X (*TWITTER*)

O Brasil é o quarto país do mundo que mais usa o site de rede social²⁹ X (*Twitter*), segundo informações de Braun (2022), disponíveis no site jornal *Valor Econômico*, referentes a um levantamento feito pela Statista, importante plataforma de dados estatísticos do mundo. Desde a sua fundação em 2006, a empresa passou por variadas mudanças, mas por muito tempo a rede social foi conhecida – diríamos que ela ainda é, apesar das mudanças – por ser uma espécie de *microblogging* (Recuero, 2009) que possuía, inicialmente, um limite de 140 caracteres em cada *tweet*, e, posteriormente, 280³⁰, o que converge com o “piar” no nome da rede e alude ao som breve da ave presente no seu antigo logo³¹ em virtude de suas restrições de espaço.

Para a comunicação política e a opinião pública, o SRS é uma importante ferramenta, pois oportuniza a convergência de diversos valores que contribuem para a conexão dos grupos

²⁹ Doravante SRS ou SRSs para o plural, em consonância com Recuero (2009).

³⁰ A título de informação, a partir de fevereiro de 2023, com algumas mudanças implementadas pelo recente dono da rede social, Elon Musk, os assinantes do chamado *Twitter Blue* passaram a possuir, entre outras coisas, um novo limite de 10 mil caracteres. Além disso, em julho de 2023, na etapa de análise dos dados desta pesquisa, o *Twitter* passou a se chamar “X”. Algumas mudanças pontuais ainda permanecem sendo implementadas na rede durante todo o momento de escrita deste trabalho, o que pode causar algum estranhamento a um futuro leitor tendo em vista essas transformações comuns dos SRSs, algo já apontado por Recuero (2009).

³¹ Informações disponíveis em: <https://veja.abril.com.br/tecnologia/enfim-twitter-decide-lutar-pela-propriedade-do-termo-tweet>. Acesso em: 11 mai. 2023.

e para o compartilhamento de conteúdos de forma ágil e prática (Recuero, 2009). Além disso, o X (*Twitter*) é expressivamente usado como fonte pela mídia impressa e digital (Zago, 2011), isso é muito perceptível no caso de figuras públicas, como políticos e celebridades, recorrendo a sua forma estereotipada (Paveau, 2021[2017]) para noticiar postagens relevantes dessas pessoas.

Prosseguindo na descrição das especificidades da rede, como já sublinhamos, é fundamental ressaltar, como destaca Recuero (2009), que as redes sociais, enquanto sistemas complexos, estão sujeitas a mudanças, assim, uma reflexão sobre essas alterações sempre será importante para compreender as peculiaridades na construção de um *corpus* que se dedica a examinar questões oriundas nesse espaço virtual³². Independentemente dessas mudanças, ainda segundo a autora, há alguns valores atrelados ao estudo dos SRSs adaptados pelos usuários: a *visibilidade*, a *reputação*, a *popularidade* e a *autoridade*.

Para a pesquisadora, a *visibilidade* se constitui como um valor, pois oportuniza que os nós, as conexões, sejam mais perceptíveis na rede, além de se relacionar com a manutenção da rede social para a instauração de laços com quem se encontra distante (Recuero, 2009). Ademais, a autora também realça que “a visibilidade, assim, é um valor por si só, decorrente da própria presença do ator na rede social. Mas ela também é matéria-prima para a criação de outros valores” [...] (Recuero, 2009, p. 109). Sob esse viés, é possível observar que é apoiando-se e recorrendo a essa visibilidade oportunizada pelo SRS que outros valores são erguidos nas redes.

A *reputação*, por sua vez, diz respeito à percepção construída pelos participantes nesse ambiente, ela envolve não apenas o intercâmbio entre “eu” e o “outro”, mas a relação estabelecida entre eles, nas informações existentes sobre a identidade e as opiniões destes agentes, que auxilia outras pessoas a construírem suas próprias impressões sobre eles (Recuero, 2009). Notamos, nessa interação, o pressuposto dialógico inerente a todos os discursos, construído mediante variados enunciados veiculados por meio da rede usada pelo enunciador. Não se pode evitar, ainda, que essa reputação esteja baseada em uma imagem edificada através do discurso projetado nesse ambiente, pois essa reputação se trata de valores associados, que não se restringem apenas aos números.

A pesquisadora também chama atenção para a inexistência de só um tipo de reputação de modo ímpar, mas há diversificados tipos que se baseiam no que é compartilhado por cada enunciador em sua rede. Nesse sentido, para a manutenção de uma audiência, que esteja

³² Isso será discutido de modo mais exaustivo na seção de metodologia do trabalho.

alinhada ao propósito do perfil, por exemplo, o agente precisa se esforçar para a construção de uma reputação que através do SRS obterá amparo através dos seus membros (Recuero, 2009).

A *popularidade* é compreendida por Recuero (2009) como um valor que está relacionado à audiência e à posição que uma determinada figura ocupa em uma dada rede social. Segundo a autora, no X (*Twitter*), ela se relaciona com o número de seguidores que determinado perfil possui, assim, ela se relaciona mais com a colocação estrutural do que com a apreensão dos conteúdos por si só. Há de se considerar, ainda, a natureza das conexões geradas na rede, pois o que mais importa em se tratando de popularidade não é a qualidade desses laços, mas a sua quantidade. Nesse sentido, o número de seguidores de um perfil, de curtidas, de respostas e de impressões³³ nas publicações são dados que permitem observar a popularidade de um SRSs (Recuero, 2009).

Nesse viés, quanto maior o montante de seguidores, bem como da reputação construída por certa figura na rede, espera-se que mais interações e conexões aconteçam, aumentando a popularidade e, conseqüentemente, a posição que um dado perfil ocupará no ambiente em questão. Observa-se, portanto, que a popularidade se relaciona muito com a importância social que uma determinada entidade possui na sociedade. Como exemplo da força dessa popularidade no âmbito digital, podemos citar os levantamentos executados pela empresa de consultoria e pesquisa Quaest, que medem o Índice de Popularidade Digital - IPD de personalidades e marcas, levantamentos que tiveram uma projeção relevante na mídia e no campo político nas eleições de 2022.

O terceiro e último valor apontado pela pesquisadora, a *autoridade*, se associa ao poder de influência exercido por cada entidade ou indivíduo presente na rede. É uma medida de influência diretamente relacionada à reputação, mas não está restrita a isso, pois nas palavras da autora: “é uma medida da efetiva influência de um ator com relação à sua rede, juntamente com a percepção dos demais atores da reputação dele” (Recuero, 2009, p. 113). Com base no seu postulado, essa autoridade considera as questões referentes aos demais valores dissecados anteriormente com base na autora, e associa legitimidade a partir da convergência de atributos que geram interações nos SRSs.

No X (*Twitter*), como exemplificado pela pesquisadora, essa autoridade também se relaciona com a aptidão de promover diálogos. Assim, a partir da influência e da popularidade pode se disseminar informações associadas à apreensão dos atores presentes na rede,

³³ Trata-se de um recurso implementado no final de 2022, no SRS, que permite observar o número de vezes que um determinado *Tweet* foi visto. Esses dados não constam nos enunciados do nosso corpus em virtude da construção deste ter se dado antes da implementação dessa funcionalidade.

permitindo observar, a partir disso, a dimensão dessa autoridade (Recuero, 2009). Transpondo essa reflexão para a esfera política, como já indicado anteriormente, é possível relacionar esse importante atributo sublinhado por Recuero a outras formas de autoridade que podem ser evocadas pelos enunciadores em suas publicações que procuram tornar o enunciado ainda mais legítimo e digno de confiança³⁴.

Por conseguinte, além desses valores discutidos por Recuero (2009) referentes ao estudo dos SRSs na perspectiva da autora, há considerações importantes para o trabalho com *corpora* voltados ao ambiente digital, sob enfoque das Ciências da Linguagem, destacadas por Paveau (2021[2017]), no âmbito da ADF. A linguista francesa defende uma abordagem ecológica do discurso, que vai além da apreensão dos elementos linguísticos e considera o conjunto do ambiente em que eles estão inseridos. Isso significa que esses discursos não podem ser dissociados dos seus lugares de produção e dos seus contextos, mas precisam ser compreendidos sob enfoque de sua natureza compósita que abrange as dimensões linguageira, tecnológica, social, política, cultural, social, ética, etc. (Paveau, 2021[2017]).

A teoria da linguista francesa surge, então, como uma necessidade, como a própria autora sublinha, em um mundo no qual a emergência de discursos digitais cada vez mais confronta a AD contemporânea, em virtude das variadas configurações discursivas emergentes oportunizadas e mediadas pela tecnologia (MAINGUENEAU, 2020a). Com isso, a sua abordagem defende que a produção e a recepção dos discursos online acarretam condutas de escrita que são inseparáveis dos enunciados e estes são dotados de uma dimensão relacional, e em medidas diferentes, se atrelam a outros enunciados (Paveau, 2021[2017]). É sobre isso que nos debruçamos a seguir.

3.2 IMPORTÂNCIA DA ECOLOGIA DOS DISCURSOS NO X (TWITTER)

Para compreender essa postura ecológica do discurso é essencial discorrer sobre a noção de ambiente no entendimento de Paveau (2021[2017]). A partir da proposição de uma forma de alternativa crítica às nomenclaturas adotadas na primeira fase da AD, considerar o ambiente significa conceber os discursos não mais partindo de uma visão dualista, que segrega, entre outras coisas, o linguageiro e o não linguageiro, mas sim estar atento ao agrupamento do sistema no qual o enunciado é produzido sob um enfoque pós-dualista

³⁴ Destinaremos a próxima seção para discorrer sobre isso.

(Paveau, 2021[2017]). Pretende-se, com isso, refletir sobre os usos languageiros da *web*, sob seu aspecto integral, que não mais considera o ambiente digital como um mero suporte. Convém realçar que as reflexões referentes ao suporte não são do interesse da abordagem da AD digital, pois se pensa agora em uma cointegração tecnodiscursiva entre o tecno e o discursivo. Assim, ao escrever em um SRS, por exemplo:

[...] o internauta escreve *nos* ecossistemas, *nas* máquinas, e não mais “sobre” ou “por meio” deles; o corpo, a máquina, as competências languageiras e os textos produzidos pelo internauta são integrados em um dispositivo comum, que se baseia em uma materialidade única, porém compósita. (Paveau, 2021[2017], p 162).

Nessa perspectiva, ao buscar dar conta desses aspectos compósitos que são tecnolinguageiros e tecnodiscursivos, a pesquisadora ressalta que a natureza técnica é um componente estrutural dos discursos, e não apenas um instrumento ou uma ferramenta que funciona como uma espécie de depósito. Desse modo, tendo como base que a língua constitui-se e deve ser pensada em sua relação com o outro, Paveau (2021[2017]) assinala que consideramos um elemento do discurso compósito quando, em sua composição, se imbricam o linguístico e o técnico nos discursos nativos digitais. Essa noção compreende que a relação humano e não-humano extrapola a comum utilização de objetos ao pensar as relações sociais como um agregado de fusões (Paveau, 2021[2017]).

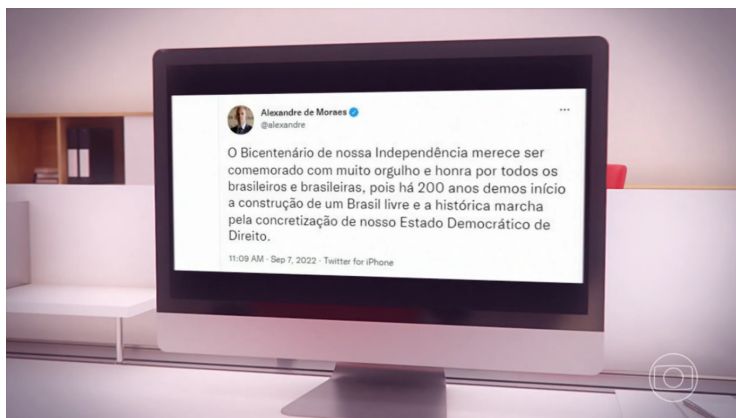
Notamos, com isso, que esses aspectos são adotados de forma diversificada por variados enunciadores para se expressar nos SRSs. A linguista exemplifica como estruturas compósitas o caso das *hashtags*, dos *hiperlinks* e dos próprios nomes das contas do X (*Twitter*), pois elas são passíveis de serem clicadas e esse gesto implica em uma ação, como seguir uma conta, curtir uma publicação, ser direcionado para uma determinada página, entre outras possibilidades. São executadas, dessa forma, uma série de operações tecno-enunciativas que se portam, em certas ocasiões, como complexas (Paveau, 2021[2017]).

Especificamente sobre o *tweet*, Paveau (2021[2017]) defende alguns postulados indispensáveis partindo da sua definição como um enunciado plurissemiótico complexo, fortemente contextualizado e produzido nativamente on-line. A linguista ainda acrescenta que ele é limitado a 140 caracteres e não é modificável, contudo, com as mudanças implementadas, como já sublinhamos, esse limite foi expandido para 280 caracteres para usuários não assinantes do *Twitter Blue*. Além disso, há a possibilidade de edição dos *tweets* pelos signatários do respectivo serviço de assinatura da rede. Essas modificações apontam para o defendido por Recuero (2009) no que se refere às mudanças que esses SRSs,

constantemente enfrentam. É importante frisar que isso não parece ser aplicável, até então, a *tweets* antigos na rede, assim, essa mudança não afeta diretamente o *corpus* deste trabalho, mas deve ser considerada em prováveis reflexões futuras sobre esses *corpora* do SRS em questão.

Prosseguindo na definição de suas formas, a linguista francesa discorre sobre as três formas do *tweet*: a *estereotipada*, a *ecológica* e a *logocentrada*. A forma *estereotipada* é observada quando um *tweet* é exportado para outros veículos, como na mídia *offline*, ele preserva alguns elementos como a foto do perfil, o nome do usuário, a data, o conteúdo do *tweet*, entre outras coisas. Além disso, em certos contextos, esse texto é traduzido e o veículo enfatiza a mensagem do enunciado em questão (Paveau, 2021[2017]). Nas imagens 1 e 2 abaixo, por exemplo, observamos que um enunciado do Ministro do Supremo Tribunal Federal Alexandre de Moraes é noticiado pelo Jornal Hoje da Rede Globo, no qual ele se pronuncia sobre o bicentenário da Independência do Brasil. Notamos, assim, uma ênfase ao enunciador e o enunciado lido durante o telejornal.

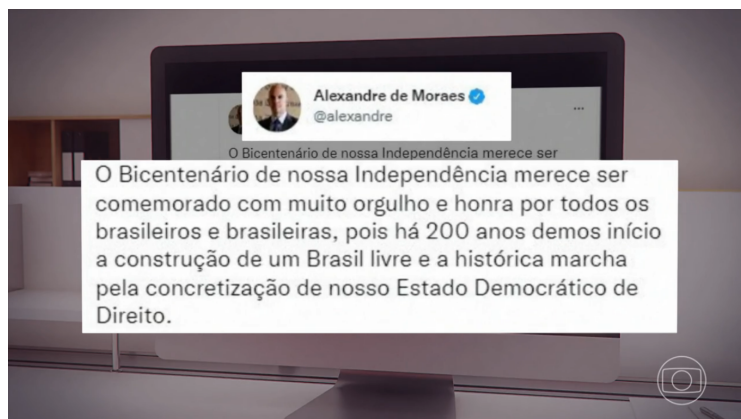
Figura 1: Exemplo de *tweet* em sua forma estereotipada, com base em Paveau (2021[2017])



Fonte: Globoplay³⁵

Figura 2: Exemplo de *tweet* em sua forma estereotipada, com base em Paveau (2021[2017])

³⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10917557/>. Acesso em 18 mai. 2023.



Fonte: Globoplay³⁶

A forma ecológica, por outro lado, compreende, além dos elementos já mencionados na forma estereotipada, a hora da publicação, o número de curtidas, de *retweets*, de comentários e de vezes que a postagem foi salva. Ela também incorpora uma caixa de resposta ao enunciado, os comentários e os avatares dos respectivos perfis (Paveau, 2021[2017]). A partir do enunciado primeiro é gerado um debate sob a forma de conversação, algo muito comum em perfis que possuem uma projeção pública maior, como ocorre com o Ministro, no *tweet* usado como exemplo, além dos valores defendidos por Recuero (2009) em relação aos SRSs de forma geral. Recuperamos, abaixo, o mesmo *tweet* do exemplo acima para ilustrar a sua forma ecológica que adotaremos no *corpus* estudado por essa pesquisa.

Figura 3: Exemplo de *tweet* em sua forma ecológica, com base em Paveau (2021[2017])

³⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10917557/>. Acesso em 18 mai. 2023.



Fonte: *Tweet* do Ministro Alexandre de Moraes recuperado do X (Twitter)³⁷

A terceira e última forma que Paveau (2021[2017]) discute é a forma logocentrada, que se restringe a exibição apenas dos conteúdos languageiros sem considerar os elementos discursivos e tecnodiscursivos presentes nas duas formas anteriores. Essa configuração não segue as diretrizes da AD digital proposta pela linguista por estar inserida em uma abordagem pré-digital, além de não considerar as questões referentes à ecologia do discurso, composição, ampliação, plurisemiotividade, etc. Com isso, os trabalhos concentrados na forma logocentrada, em suas diversas finalidades, sejam elas lexicométricas ou de outra natureza, estabelecem um tipo de gramática do *tweet* que é semelhante à gramática das frases, na qual o *tweet* serve como uma unidade de trabalho semelhantemente com a frase na linguística frástica (Paveau, 2021[2017]).

Ademais, a linguista propõe uma tipologia dos *tweets* que observa as formas de composição desse enunciado nativo digital complexo e são relevantes para esse trabalho. O *tweet*, como já discutido, trata-se, geralmente, de uma pequena mensagem que, embora seja restrita a 280 caracteres, pode vir acompanhada de uma sequência que visa driblar esse limite. Essa série é nomeada de *thread* (fio) e ela, normalmente, é sinalizada em seu início e fim. Isso implica uma organização antes da publicação que motive o coenunciador a abrir a publicação

³⁷ Disponível em: <https://twitter.com/alexandre/status/1567515459691417605>. Acesso em: 18 mai. 2023.

e continuar a leitura (Paveau, 2021[2017]). A autora também destaca a resposta ao *tweet* como um elemento importante encontrado após a publicação inicial, por meio do destaque “em resposta a”.

No entanto, com as alterações recentes na plataforma, o que se observa hoje ao clicar em uma resposta é um fio que aponta para a publicação original nos ícones dos perfis de cada usuário. Dessa forma, ainda que os comentários sejam dispersos no SRS, o enunciado “primeiro” é recuperado por meio desse recurso. Por fim, a pesquisadora enfatiza as particularidades presentes no *retweet*, antes, uma forma de discurso relatado, com fronteiras fluidas entre o discurso de quem citava e o discurso citado, agora, uma ferramenta otimizada e com menos confusões (Paveau, 2021[2017]). Contudo, como a pesquisadora sublinha, isso só foi possível graças ao esforço dos usuários, posteriormente, aprimorado pela plataforma³⁸.

3.3 IMPLICAÇÕES DO ALGORITMO NOS ENUNCIADOS DIGITAIS

Ao trazer para o debate um elemento que por muito tempo permaneceu fora do âmbito das Ciências da Linguagem, o algoritmo, Paveau (2021[2017]) defende a sua importância para analisar discursos digitais em virtude da composição híbrida languageira *online* e do seu papel nas restrições discursivas no ambiente digital. Ela os descreve como um conjunto de instruções, presentes nos diversos níveis da vida cotidiana sob a forma de segmentos, que permitem solucionar problemas. Na esfera linguística, eles são considerados “[...] operadores de coerção discursiva e de instrução semântica, que, como os pré-discursos, não têm existência languageira, mas são ativados no nível da produção languageira a partir de processos infra linguísticos tácitos, os cálculos” (Paveau, 2021[2017], p. 40).

Sob essa perspectiva, a partir da escolha do que é mais relevante, segundo os dados que alimentam o algoritmo, baseado em nossos vestígios digitais, somos levados ao consumo de certos conteúdos em detrimento de outros (Gillespie, 2018). Contudo, convém indagar, como assevera Gillespie (2018), quais as premissas filosóficas que munem essas ferramentas amplamente presentes na esfera digital e, conseqüentemente, em nosso dia a dia. Uma reflexão sobre isso nos leva a compreensão de que, conceber esses instrumentos como neutros

³⁸ Não consideramos relevante nos aprofundar nas práticas tecnodiscursivas mencionadas por Paveau (2021[2017]) por elas não serem tão comuns no caso do *corpus* construído e por acreditarmos que elas demandam um letramento digital maior, bem como um uso do SRS mais corriqueiro, diferentemente de figuras públicas ou pessoas notáveis, por exemplo.

é uma inverdade, uma vez que eles são mantidos e gerados por humanos permeados por distintas perspectivas e posicionamentos, como é discutido por Mello (2021).

Gillespie (2018) ao defender a relevância dos algoritmos na esfera social, acrescenta que eles são um modo de controle do fluxo de informações das quais somos dependentes, e que não se tratam de *softwares*, mas, de modo geral, são procedimentos codificados que a partir de comandos transformam informações em resultados almejados. O autor sublinha que os criadores dessas ferramentas se esforçam para que eles transmitam a impressão de que são despidos de contato e de intervenção humana. Esse empenho visa gerar credibilidade e relevância para o seu uso, num esforço constante de contornar os desvios que essa ferramenta pode cometer, isso é tão relevante e importante para as empresas quanto o seu próprio *design* a fim de que ele continue a exercer o seu papel social (Gillespie, 2018).

Assim, ao compreender que esses instrumentos não são isentos, em virtude de se colocarem a serviço de propósitos que não possuem o objetivo de atender, em todas as circunstâncias, os interesses coletivos (Mello, 2021), percebe-se o quão importante é ter cautela com o que se observa no ambiente digital, especificamente nos SRSs. Isso não se restringe ao que vemos e ao que somos direcionados a consumir, mas também a hierarquização geral de postagens, comentários e seus diversos desdobramentos.

Podemos exemplificar a importância desse olhar crítico, considerando essa ferramenta “invisível”, a partir das recentes mudanças implementadas pelo SRS X (*Twitter*) após sua compra por Elon Musk. A rede, desde o ano de 2022, segundo dados do portal Terra, passou a exibir de modo bastante aleatório perfis de direita a usuários, de forma geral, sobretudo na nova aba “para você”. Com a implementação do *Twitter Blue* e a inicial extinção dos selos verificados gratuitos, a própria página de assinatura do serviço garante que os assinantes terão “rankings priorizados nas conversas e na busca”, destacando essas contas em detrimento de outras.

Ao mesmo tempo, enquanto centenas de contas perderam os selos de verificados na rede, dados da *DeltaFolha*, revelados pela *Folha de São Paulo*, apontaram um crescimento de mais de 15% dos perfis de extrema-direita que adquiriram o selo. Isso é visível em muitas respostas a *tweets*, de forma geral, em que muitas pessoas “desconhecidas” assinantes do serviço passaram a ter primazia na exibição do algoritmo. A fim de tentar contornar essa confusão, o SRS criou novos selos: o cinza — destinado a instituições ou funcionários governamentais, ou organizações multilaterais e o dourado — destinado a empresas notáveis e

contas comerciais, além do azul já conhecido como o “clássico” verificado, que agora passou a ser adquirido.

Apesar de parecer distante do nosso objeto de pesquisa, essa ressalva é imprescindível, pois ao retornar para as publicações que constituem o nosso recorte, salvas em um período prévio a essas mudanças, algumas alterações são bem salientes. Em boa parte delas, os comentários após o *tweet* agora são de apoiadores ou simpatizantes da direita/ extrema-direita, e não mais com conteúdos que confrontavam e questionavam o conteúdo do enunciado. Como, inicialmente, não era nosso objetivo nos deter aos comentários, em virtude da extensão do *corpus* e do recorte delimitado, optamos por analisar apenas alguns deles, considerando que o nosso cerne está nas publicações e nos enunciados partilhados pelo político em questão.

Face ao exposto, é imprescindível considerar que essas mudanças, ainda que sutis, de alguma forma impactam a esperada e sustentada neutralidade que essas plataformas dizem possuir. No que se refere à opinião pública, parece que nos comentários, independentemente de quais sejam os *tweets*, o algoritmo agora tende a priorizar a óptica de quem financia a rede, longe de ser um reflexo isento e imparcial da percepção pública sobre determinado fato. Isso, sem incluir nessa discussão o papel dos robôs ou *bots*, conhecidos e adotados amplamente como falseadores de consensos e propagadores de notícias falsas (Recuero; Gruzd, 2019).

Em resumo, visamos discutir nessa parte do trabalho as particularidades na abordagem de um *corpus* digital nativo, implicações que se relacionam de modo muito iminente com as diretrizes metodológicas a serem aprofundadas a seguir. Destacamos a importância, de modo geral, do SRS X (*Twitter*), frisando a sua importância social a partir do cotejo de diferentes teóricos que reconhecem a relevância da rede. Nesse caminho, sublinhamos os valores sobre o SRS em questão, através do que é ressaltado por Recuero. Dialogamos, por conseguinte, com as questões colocadas por Paveau no âmbito da AD digital proposta pela linguista, interagindo com a discussão empreendida no início da subseção, de modo a chamar atenção para a estrutura não convencional dos enunciados que se originam e circulam no *website*.

Em virtude de suas peculiaridades, apontamos, ainda, a tipologia dos *tweets* em consonância com a pesquisadora francesa, enfatizando a sua forma ecológica em nosso estudo, em comparação com as outras formas mencionadas pela estudiosa. Por fim, nos concentramos em concatenar brevemente algumas observações sobre o algoritmo e a sua importância na compreensão desses enunciados e das suas possíveis reverberações nada isentas na sociedade, a fim de enfatizar a intensa instabilidade na exibição dos enunciados digitais. Trataremos, a seguir, sobre determinadas noções referentes ao discurso político.

4. CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISCURSO POLÍTICO: DO (NEO)CONSERVADORISMO À HEGEMONIA DA PÓS-VERDADE

Nesta seção, trataremos sobre o discurso político (DP) sob abordagem dos estudos do discurso, restringindo o nosso foco para a temática estudada referente ao discurso religioso e ao *ethos*. Começaremos discutindo sucintamente sobre o discurso conservador e suas reverberações no cenário brasileiro, enfatizando os principais pilares que sustentam essa ideologia atualmente, potencializadas expressivamente com o apoio da internet. Problematicamos, em seguida, a crise entre os saberes e as confusões que os permeiam com endosso das estratégias políticas de dar ênfase ao que contribuirá para a manutenção do *ethos* desejado. Além disso, dissertaremos sobre algumas figuras de verdade estrategicamente obscurecidas e recorrentes no DP, dialogando com alguns conceitos já discutidos. Encerraremos essa seção refletindo sobre as estratégias adotadas do âmbito dos *ethé* comuns à esfera política, em diálogo com a abordagem argumentativa, realçando sua configuração de forma não corriqueira nos enunciados estudados.

4.1 Breve retrospecto sobre discurso (neo)conservador

Desde a fundação da ADF, no âmbito da Escola Francesa de Análise do Discurso, os discursos políticos (DP), em geral, são do interesse da disciplina, sobretudo na relação entre o simbólico e o político, nas reflexões sobre como a linguagem é materializada pela ideologia e como essa ideologia é manifesta através da linguagem (Orlandi, 2005). Em Courtine (2003), observamos o papel da mídia, em especial através da comunicação audiovisual, na espetacularização e no crescente esforço que as novas tecnologias demandam na cultura de massas. Sem dúvida, essa importância é visível até a hodiernidade se pensamos na televisão e os seus efeitos “perversos” (Courtine, 2003), todavia, é necessário considerar que esses modos de comunicação política se transformaram ao longo da história, e não mais se baseiam em suas formas discursivas tradicionais, mas recorrem, agora, a estilos intermediários, que mesclam as formas populares de falar com as formas rebuscadas (Courtine, 2006). Vemos, portanto, uma espécie de vulgarização desses discursos, que embora ainda estejam um pouco distantes dos seus coenunciadores, é visível o esforço para a construção de uma proximidade com o povo.

Nesse sentido, o funcionamento da política e da democracia estão subordinados às estratégias das tecnologias de informação e de comunicação, que se destinam a seduzir os indivíduos da sociedade de massa (Courtine, 2006). Sob esse regime, na perspectiva de Chartier (2021), não é possível dissociar a política da verdade, qualquer tentativa nesse sentido é um risco à democracia. A verdade aqui não se refere apenas a uma particularidade do discurso, mas principalmente a um conhecimento que pode ser comprovado. Entretanto, é inquestionável que esse conceito de verdade se encontra em crise na atualidade, imbróglgio que perpassa diversas esferas, como a comunicação, o saber, a confiança (Charaudeau, 2022), e no discurso político essa adversidade é ainda maior. É necessário, portanto, retornar algumas décadas, ainda que brevemente, para observar que esse embate não é novo, e sempre entra em conflito, assim como os discursos, mas é possível que parte dessas verdades comunguem sem serem confundidas e ocupem o lugar uma das outras, sem que se extinga esse diálogo incessante que se dá por meio da linguagem.

Fruto de um complexo movimento de ascensão da direita política que começa, bem como se inspira, nos Estados Unidos da América (EUA) e se estende para a América Latina e o Brasil, a chegada de Jair Bolsonaro à posição de presidente em 2018 é resultado de um sólido movimento de motivações diversas. Desde a metade da década de 1950, a expressiva luta por valores religiosos já mostrava sua solidez na reivindicação de um anticomunismo nacional na América do Norte (Lacerda, 2018). Nessa conjuntura, a política, então, passou a se preocupar também em cuidar da vida privada dos cidadãos, no intento de “ganhá-los para Cristo”. Durante esse mesmo período, por exemplo, no Brasil, editoras relacionadas às missões norte-americanas no país ligavam o comunismo a entidades satânicas, reproduzindo um embate do bem contra o mal (Lacerda, 2018), o que não parece estar muito distante do que foi tão reforçado por Bolsonaro nos últimos anos.

Nos EUA, a solidificação desse neoconservadorismo se dá como uma reação tanto às pautas feministas e demandas homossexuais quanto à necessidade de configuração de uma direita cristã (Lacerda, 2018). Um exemplo disso é visto no que discute Grandin (2006) ao apontar que o avanço no debate sobre direitos humanos, como a legalização do aborto e as pautas homossexuais, consoante à interpretação de pregadores como John Price e Jerry Falwell, remeteriam a um colapso espiritual no qual a nação estadunidense estaria sucumbindo, a partir da sua derrota na Guerra do Vietnã. Portanto, a relação entre essas esferas, factual e religiosa, não são recentes, mas apontam para o conhecimento de maior

prestígio e dominância, que por muito tempo foi preponderante e mais valorizado em detrimento dos outros.

Nesse cenário, a condução da política externa com o, na época, presidente estadunidense Ronald Reagan, importante expoente apoiador das pautas conservadoras, [...] “deixou de ser baseada em direitos humanos para ser baseada no combate ao terrorismo internacional, associado ao comunismo” (Lacerda, 2018, p. 57). A partir disso, entende-se a necessidade do enfrentamento dessa batalha, não apenas através do investimento em forças militares, mas também pelo alicerce nas forças espirituais religiosas que desempenhava um papel insubstituível nesse contexto. Nesse viés, no entendimento de Kirk (2021) além de visar preservar a natureza humana, refletindo a imagem de Deus, os conservadores enxergam as ideologias como o comunismo, o nazismo e seus aliados, como ameaças que visam eliminar a religião, por ela ser, para eles, uma poderosa defesa contra o coletivismo e a tirania.

Em se tratando do cenário atual, a extrema-direita brasileira, assim, é uma importação de muito do que se observou há alguns anos nos EUA, a partir do enfraquecimento dos meios televisivos e da popularização da internet, nas novas formas de comunicação discutidas por Courtine (2003). No contexto dos Estados Unidos, um exemplo notável disso ocorreu nas eleições presidenciais de 2016. Naquela ocasião, a campanha de Donald Trump diferiu consideravelmente da campanha de Hillary Clinton. Enquanto esta última investiu maciçamente em publicidade televisiva, a equipe de Trump direcionou recursos financeiros significativamente menores para esse meio, optando por dar uma ênfase especial ao *Facebook*, reconhecendo a importância do SRS. Eles concentraram seus esforços na aplicação de estratégias de automação, aproveitando a amplificação automatizada do tráfego dos usuários, conforme discutido por Ituassu *et al.*, (2019).

No Brasil, a configuração do movimento conservador é complexa, mas também se move semelhantemente aos principais pontos discutidos por Lacerda (2018) e Ituassu *et al.* (2019) sobre o contexto norte-americano. Longe de ser um movimento com contornos e fronteiras explícitas, tal ideologia se ergue também como uma forma de resistir aos avanços da sociedade contemporânea na defesa dos pilares de uma sociedade tradicional (Messenberg, 2017; 2019). A cosmovisão dessa “nova direita”, pautada nos respectivos valores e lutas em favor de pautas individuais, adquire contorno e projeção ainda maiores com a popularização da internet. O papel dos influenciadores foi indispensável, nesse contexto, conforme destacado por Messenberg (2017), ao disseminar e reivindicar, principalmente, o resgate de

valores relacionados à fé cristã, à defesa de um patriotismo, da família tradicional, do anticomunismo, entre outros.

Sob um contexto em que a internet assumiu um papel crucial, foram muitas as mentiras divulgadas por meio de notícias falsas, atribuídas a candidatos adversários, uma vez que essa estratégia já havia demonstrado êxito num cenário semelhante nas eleições presidenciais dos Estados Unidos por Donald Trump. Algumas dessas mentiras, lá, calcadas na invenção de fatos, consoante Charaudeau (2022), recorreram à atribuição de acusações aos conselheiros da candidata opositora Hillary Clinton terem montado uma rede de pedófilos, a existência de uma “ilha de pedófilos”, frequentada por Bill Clinton, o financiamento do assassinato de pais de candidatos republicanos pelos Clinton e até a imputação a eles do também assassinato do presidente Kennedy. Além disso, em 2020, Joe Biden também foi alvo de mentiras relacionadas ao assédio de crianças e pedofilia³⁹, realçando o esforço da extrema-direita naquela nação na descredibilização do adversário.

Essas temáticas sensíveis, nesse sentido, sempre apontam para a mesma pauta que luta pela defesa da família patriarcal, contra o aborto e o feminismo, contra o comunismo, bem como contra os direitos dos homossexuais, que hoje se estendem para toda população LGBT+, também alvo de mentiras referentes à associação de pedofilia importadas dos EUA ao contexto brasileiro⁴⁰. Dessa forma, com esses tópicos vistos como polêmicos, é possível estabelecer a manipulação pelo medo (Charaudeau, 2022), uma vez que, frequentemente, é revisitada uma imagem depreciativa por meio de estereótipos de diversos grupos, como os mencionados, que, ao recorrerem à emoção e razão, buscam sempre identificar um responsável.

Olhando para esse movimento sob enfoque no cenário brasileiro, percebe-se que antes de atribuir a qualquer pessoa essa “expição”, ela é vinculada, inevitavelmente, ao mal, mais precisamente à figura do diabo, no âmbito do saber de revelação, que carrega em sua composição a verdade doutrinal consoante Charaudeau (2018, 2022). Vemos que essa associação de diversas informações segue a mesma linha do que foi sustentado por Bolsonaro na invenção de fatos no domínio da pós-verdade. Elas não mais se baseiam nos mesmos pressupostos adotados por muito tempo, como a televisão, mas se deslocam para os SRSs e a

³⁹ Mais informações disponíveis em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/11/10/verificamos-montagem-biden-pedofilia/>. Acesso em 27 jul. 2023.

⁴⁰ Mais informações disponíveis em: <https://www.aosfatos.org/noticias/noticia-falsa-que-relaciona-pedofilos-lgbts-foi-importada-dos-eua/>. Acesso em 01 jun. 2023.

internet, conforme apontado por Courtine (2003) quanto às novas formas de diálogo que se fazem importantes no debate político.

Na configuração dessa “nova direita” brasileira, consoante Ab’sáber (2021) e Freixo; Pinheiro-Machado (2017), a imputação de todos os problemas oriundos da sociedade atual, bem como a causa de toda a corrupção do país, é canalizada em torno dos governos petistas e do Partido dos Trabalhadores — PT. Nesse cenário, o trabalho dos influenciadores digitais discutido por Messenberg (2017), em reforçar esse antipetismo nos SRSs, se mostra como indispensável para esses movimentos se organizarem e se articularem em prol de ações coletivas. Essas ações se concentram, principalmente, em adequar o seu modo de operação mediante estratégias, que além de usarem as redes sociais, investem na comunicação em canais como o WhatsApp (Freixo; Pinheiro-Machado, 2017) motivadas pelo sucesso observado no cenário estadunidense com o uso do *Facebook*.

Nessa perspectiva, sendo Donald Trump uma nítida inspiração para Jair Bolsonaro, político que ao longo de quase três décadas, sete mandatos e sete legendas distintas como deputado aprovou apenas dois projetos⁴¹ (Curcino, 2021), a admiração pelo ex-presidente estadunidense foi sem dúvidas um estímulo para o seu modo de operação não só no X (*Twitter*), mas no ofício político como um todo. Nisso, percebe-se que a questão central que une ambos os líderes de extrema-direita se trata do negacionismo a saberes estabelecidos e da recorrência a contraverdades em distintas modalidades (Charaudeau, 2022). Essa recusa aos saberes se estabelece de diversas formas no entendimento do linguista, ora mediante a invenção dos saberes pelos próprios políticos, ora pela partilha dessas informações não checadas.

Aqui, já podemos antever um pouco a crise na qual a verdade se encontra e essas figuras exploram expressivamente, pois diante de tantos termos como *fake news*, pós-verdade e fatos alternativos, podemos cair na armadilha apontada por Ab’Sáber (2021) de eufemizar esses conceitos e afastá-los do seu cerne, deixando de chamá-los de mentira, o que são de fato. Para além disso, é indispensável compreender que “mais do que nunca, quando os autoritários passam a dizer que há versão alternativa dos fatos, é preciso não esquecer que a verdade e a legitimidade da narrativa histórica residem no compromisso com os sacrificados por distintas sortes de opressão” (Ab’Sáber, 2021, p. 14).

⁴¹ Um projeto sobre a isenção sobre do Imposto Sobre Produtos Industrializados (IPI) para bens de informática e o outro sobre a autorização do uso da fosfoetanolamina sintética, a chamada “pílula do câncer”, sem eficácia para o tratamento da doença. Mais informações disponíveis em: <https://glo.bo/2okONyF>. Acesso em 01 jun. 2023.

Assim, observa-se que a finalidade desses políticos é, sobretudo, resguardar-se de tudo o que executam e também do que não fazem, num tipo de blindagem simbólica (Curcino, 2021), que se apoia tanto na manutenção de um *antiethos* (Maingueneau, 2020a) quanto em distintas estratégias comuns do DP, as quais discutiremos a seguir.

4.1.2 Discurso político: confronto entre os saberes

Partindo do princípio fundamental de que a linguagem se efetua consoante a um princípio de alteridade, que atribui uma expressiva importância ao outro, é inegável que ela visa exercer influência sobre este, e não se pode concebê-la neutra ou isoladamente (Bakhtin, 1997; Charaudeau, 2018[2005]). A partir disso, ao compreender a influência que ela visa executar como indispensável para a esfera política, os agentes políticos recorrem a distintas formas de conquistar o prestígio dos cidadãos que lhes garantam não apenas o voto e o exercício do poder na *instância política*, mas também a aprovação e a identificação na *instância cidadã*, que deve, a partir do líder, se enxergar representada (Charaudeau, 2018[2005]).

No que se refere aos valores, para Charaudeau (2018[2005]), distante de uma unanimidade, nos referimos a um bem comum que deveria gerenciar o conflito de opiniões diversas, em favor do ideal mútuo. Contudo, observamos que a realidade pode ser bem destoante, a exemplo das ilustrações breves discutidas no início desta seção, em que a política no país é, majoritariamente, guiada pelo que lhe parece ser mais produtivo, se afastando não só do bem comum, mas também da Lei maior, a Constituição.

Com base em Charaudeau (2018[2005]), o DP possui um duplo funcionamento, que deve resultar entre um imbricamento tênue entre a palavra que deve fundar a política e a palavra que deve gerir a política. A análise do discurso político, no entendimento do autor, esbarra em todos os componentes, sejam eles decorrentes de atos, fatos, organização e estruturação de suas relações, atitudes dos indivíduos, práticas que exprimem seus sistemas de valores, etc. Isso porque, todos eles permitem observar traços discursivos desse imenso campo, que não se esgota na análise de ideias de que os discursos são portadores (Charaudeau, 2018[2005]).

Entretanto, o linguista francês sublinha que a AD se dedica mais ao estudo do *logos* em detrimento do *pathos* e do *ethos*, por se sustentar mais sobre os conteúdos apresentados,

os procedimentos e os valores dos argumentos aliados ao conjunto do que é defendido pelos políticos. Nessa perspectiva, aliado às transformações às quais esse discurso é submetido ao longo do tempo (Courtine, 2006), se identifica cada vez mais recorrência ao papel do *pathos* e do *ethos*, pois eles [...] “terminam por assumir o lugar de valores de verdade” (Charaudeau, 2018[2005], p. 46).

Um problema nítido que identificamos no emprego da linguagem na esfera política, com base nos estudos de Charaudeau (2018[2005]; 2022), que nos ajuda a compreender melhor esses deslocamentos, é a confusão entre os saberes e as figuras de verdade. O pesquisador distingue os *saberes de conhecimento* e os *saberes de crença*. Por saber de conhecimento, ele define aqueles que pretendem estabelecer uma verdade dos fenômenos do mundo. Em sua composição, os saberes de conhecimento visam subscrever uma verdade sobre os fatos do mundo, sobre o que se encontra exterior ao indivíduo, que apresenta a ele [...] “por meio de uma palavra de verdade absoluta, proveniente da ciência ou de uma transcendência” [...] (Charaudeau, 2022, p. 28). Como saber de conhecimento, o *saber científico*, por exemplo, recorre a procedimentos de observação, de cálculo, de testes e de análise, cuja garantia da validade é a possibilidade de reprodução experimental por outros indivíduos, no estabelecimento de uma verdade até que se evidencie o oposto (Charaudeau, 2022).

Diferentemente do que se pode esperar, o *saber de revelação* também é concebido como um saber de conhecimento, embora ele, habitualmente, seja considerado um saber de crença, pois a fonte de verdade está localizada externamente ao sujeito (Charaudeau, 2022). Ao contrário do *saber científico*, como de praxe, o *saber de revelação* é completamente fechado em si próprio, e os discursos organizados ao redor dele aparecem como evidências, o que se assemelha com o defendido em Bakhtin (2002) sobre a palavra autoritária em sua variação. Algo que permanece no defendido por Charaudeau (2022), que dialoga com Bakhtin (2002), está no caráter essencialmente dialógico do *saber científico*, que não é unívoco e se demonstra como verdade provisória.

Um exemplo que se sobressai e que, muitas vezes, foi usado por negacionistas para condenar a Organização Mundial de Saúde — OMS, foi a mudança na orientação de uso de máscara durante a pandemia do coronavírus, em virtude do surgimento de novas evidências sobre a transmissão do vírus, segundo a BBC⁴². A mudança, condicionada ao surgimento de novas evidências e estudos, é sempre vista com negação e descrença por parte dos que, até

⁴² Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52948408>. Acesso em 05 jun. 2023.

hoje, acreditam e espalham desinformação sobre o vírus e as vacinas, mas o diálogo e o acolhimento a elas são indispensáveis para o avanço dos estudos científicos e a manutenção desse saber.

Os *saberes de crença*, para o autor, se relacionam com o que o sujeito se impõe sobre o mundo, no ato de o descrever, em casos de saber por experiência, ou de construir julgamentos, por meio do saber de opinião. Ele está associado ao que as pessoas ponderam sobre o funcionamento dos acontecimentos e de suas atitudes, e se encontra no sujeito, diferentemente do saber de conhecimento que é externo ao sujeito (Charaudeau, 2018[2005]; 2022). Por opinião, se observam as imprecisas experiências às quais indivíduos se submetem e sustentam que outras pessoas, sob as mesmas circunstâncias, também passarão pelo mesmo. Não são, portanto, verificáveis, nisso, podem contradizer ou corroborar determinado saber científico (Charaudeau, 2022).

Podemos exemplificar, ainda no cenário da pandemia, o uso de medicamentos como a Hidroxicloroquina ou a Ivermectina para supostamente dirimir os sintomas ou casos graves da Covid-19. Até o momento, em ambos os casos, não há nenhum fato que comprove a eficácia de ambos os medicamentos, mas se alguém os ingeriu e teve sintomas leves da doença, atribuirá, certamente, o efeito do seu uso, a sua experiência, aos fármacos.

Há ainda, consoante Charaudeau (2022), o saber de opinião, inserido no saber de crença, que remete aos juízos atribuídos a determinados acontecimentos ou a seres e o seu valor que fazem com que o indivíduo se posicione. São, assim, um ponto de vista sobre um dado saber, passível de gerar oposições e sendo partilhada pessoalmente ou por um grupo. A opinião se caracteriza por três razões: [...] “o fato de o julgamento consistir em uma avaliação axiologizada, o fato de outros poderem discutir ou partilhar esse julgamento, o fato de o sujeito se engajar no julgamento” (Charaudeau, 2022, p. 33).

Exemplificamos esse saber de opinião no discurso de Bolsonaro compartilhado por muitos seguidores no que se refere ao uso de medicamentos sem eficácia contra a covid-19⁴³: “[...] se não faz mal, por que não tomar?⁴⁴”. Ao passo que muitos apoiadores endossaram o seu discurso, inclusive profissionais de saúde, muitas discordâncias reprovaram sua declaração e sua opinião, lutando em favor do polêmico e anticientífico “tratamento precoce”. Percebe-se, na recorrência a esses saberes de crença, a força dos imaginários sociais — a

⁴³ Há de se considerar, também, a produção e a compra desses medicamentos dos EUA, pelo governo Bolsonaro, como impulsionadores dessa tese nesse fármaco ineficaz.

⁴⁴ Mais informações disponíveis em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/02/4904741-se-nao-faz-mal-por-que-nao-tomar--diz-bolsonaro-sobre-remedios-sem-eficacia-contr-covid-19.html>. Acesso em: 13 set. 2023.

imagem que interpreta a realidade, por meio de um universo de significações, muitas vezes de forma não consciente (Charaudeau, 2018[2005]), na qual, para muitos indivíduos, a automedicação é naturalizada, em virtude de diversas questões, dentre elas a dificuldade e a demora no sistema público hospitalar⁴⁵, que prioriza o atendimento dos casos de emergência no país, resultando em longas esperas.

Como mencionamos brevemente, os imaginários são uma forma de enxergar os variados saberes e conhecimentos existentes em diversas esferas da sociedade. Por estarem pautados em uma atividade intersubjetiva, simultaneamente afetiva e racional, eles se constituem a partir do *pathos*, do *ethos* e do *logos*, no estabelecimento de verdades que se instalam na memória coletiva (Charaudeau, 2022). Dessa forma, o autor assinala que eles não podem ser vistos como verdadeiros ou falsos, é mais produtivo considerar sua produtividade, seja positiva ou negativa, sendo distinta a sua apreensão em diferentes esferas, como a política ou a religiosa.

Não se pode desconsiderar, também, que esses imaginários podem ser mobilizados para justificar atrocidades, como a “pureza”, em abusos, massacres e genocídios ao longo da história (Charaudeau, 2022) e a “liberdade” para justificar preconceitos, ataques e violência. Sob esse viés, quando se relaciona esses imaginários ao discurso religioso, ele é dotado de uma solidez que combina elementos de distintas ordens para a firmeza do que se sustenta, recorrendo ao jogo entre os diversos saberes, e também às figuras de verdade, numa união estratégica muito bem pensada.

4.1.3 Figuras de verdade no discurso político

No que se refere às figuras de verdade, Charaudeau (2022) discute sobre algumas delas, sendo do nosso interesse, principalmente, a *verdade factual*, a *verdade científica* e a *verdade doutrinal*⁴⁶. A *verdade factual*, segundo o autor, está voltada para o mundo, parece ser a mais universal e a menos questionável, o indivíduo pode confirmar o que vê, sem necessariamente recorrer a um saber científico. Além disso, o pesquisador acrescenta que ela se trata de uma verdade que é passível de verificação, oscilando entre a certeza, guiada pela percepção partilhada de um dado objeto com o seu espaço e tempo, e a verossimilhança, pela

⁴⁵ Como apresentado pelo levantamento disponível em:

<https://oglobo.globo.com/politica/tem-solucao/noticia/2022/09/demora-e-superlotacao-no-sus-e-cobertura-dos-pl-anos-sao-principais-da-saude-para-os-brasileiros.ghtml>. Acesso em 22 nov. 2023.

⁴⁶ O pesquisador ainda discorre sobre a *verdade-convicção*, a *verdade-sinceridade* e a *verdade-consenso*.

interpretação na qual o carácter verdadeiro é visto como um possível entre os demais. Em suas diversas formas, a verdade factual permite a verificação do raciocínio, saber ou crença sustentada, e em contextos nos quais essa verdade é confrontada, é necessário que os que a contestem provem a sua não factualidade (Charaudeau, 2022). Portanto, estamos diante de uma das definições mais conhecidas referentes à verdade, mas essa “verdade universal” não foi sempre assim.

Quando Charaudeau (2022) remete à verdade factual e a sua proximidade a uma “verdade universal”, somos remetidos a Bakhtin (1993), que discorre sobre a verdade universal na Idade Média, oriunda de uma esfera dominante, que possuía um estatuto peremptório, imutável e eterno, por se tratar de uma verdade pertencente à Igreja e ao Estado. Assim, a instituição religiosa, junto ao Estado, desempenhava um papel crucial na sociedade, com protagonismo até maior que este, por vezes, estabelecendo não apenas as condutas morais, mas também as práticas culturais do povo (Bakhtin, 1987). Daí a necessidade da verdade ser concebida como um dogma unívoco, no imperativo de que todos deveriam segui-lo.

Entretanto, nesse contexto antigo, a verdade universal passou a dar lugar às verdades singulares e particulares, que sob a forma de protesto e de resistência a essa palavra autoritária dominante, estabeleceram uma contraposição às normas em todos os sentidos, a carnavalização da cultura popular (Bakhtin, 1987). A partir desse deslocamento, a verdade universal que remetia à igreja e à religião passa por um enfraquecimento de poder e do seu estatuto universal em si, e apesar de continuar exercendo expressivo impacto na sociedade, ele não é o mesmo de décadas atrás.

Algumas entre as diversas razões que podem explicar esse enfraquecimento do imbricamento da Igreja e do Estado são o crescimento do pluralismo religioso, o avanço da cultura, bem como o avanço científico, que passou a tender para uma verdade, mas não universal e nem absoluta. Nesse viés, discorrendo sobre *verdade científica*, semelhantemente à verdade factual, ela também é voltada para o mundo, contudo, a partir de um viés explicativo. Ela recorre aos saberes de conhecimento por meio de observações, pesquisas, experimentos, divisão em partes oportunas, etc., por meio dos quais ela atesta uma verdade provisória, por meio da verificação, ao recorrer ao discurso de demonstração, até que seja possível atestar o oposto (Charaudeau, 2022).

Assim, ainda no entendimento do autor, a *verdade científica* não pertence a ninguém nem é criada pelo sujeito, mas é estabelecida por uma espécie de entidade-voz-da-ciência,

além da possibilidade de ela ser verificada por outros pesquisadores. No entanto, de acordo com Charaudeau (2022), longe da existência de muitas certezas, a ciência não estabelece verdades, ela inclina-se para ela, num cenário de muitas possibilidades e muitos questionamentos, por serem as perguntas que guiam os estudos. Desse modo, observamos que a ciência, longe de ser infalível, é porosamente dialógica em sua constituição e em seus desdobramentos, por isso ela avança e acolhe os questionamentos que visam contribuir para o seu progresso, algo diametralmente distinto das ofensas negacionistas de que ela, constantemente, é alvo.

No que se refere à verdade doutrinal, diferentemente das duas já discutidas, ela se volta para o discurso que a instaura, sendo este um discurso que regressa para o princípio sob a forma de gênese, tendo em vista que ela, necessariamente, está inserida em um contexto de absoluto (Charaudeau, 2022). Essa fundação é oriunda de um discurso fundador, dotado de uma verdade que é final e transcendente, e está presente no exterior do sujeito, advindo de um plano além. Nas palavras do autor:

Como vimos em relação ao saber de revelação, as doutrinas são transmitidas por um discurso fundador, em textos que têm um caráter sagrado: a Bíblia, o Novo Testamento, o Alcorão. Esses textos são portadores de uma palavra de revelação que, supostamente, decifra as mensagens do além, os quais procederiam de uma potência do insondável, e é precisamente porque essa potência encontra-se nesse insondável que a palavra que a revela assume o valor de verdade última e transcendente. (Charaudeau, 2022, p. 41).

É considerando as peculiaridades desse conjunto de discursos em sua natureza fechada que Bakhtin (2002) as compreende, há muito tempo, como um tipo de palavra monológica, como já discutimos, atrelado ao exercício de uma palavra autoritária que exerceu, durante um longo período, domínio e autoridade sobre variados povos (Bakhtin, 1987). Além disso, essa verdade doutrinal apontada por Charaudeau (2022) também se relaciona com o sustentado por Maingueneau (2000; 2008a; 2008b; 2021) como discurso constituinte religioso, junto a outros discursos.

Nessa perspectiva, considerando a apreensão de todos esses pesquisadores referente à temática religiosa, ainda que cada uma possua particularidades e ênfases distintas, é inegável que há na sociedade um entrelaçamento no emprego desses discursos, em que, frequentemente, há uma ênfase mais acentuada nessa verdade dogmática em detrimento das demais discutidas por Charaudeau. No DP, a situação é ainda mais complexa, considerando que além dessas três verdades, endossadas em uma porção maior ou menor, há, ainda, a

mentira adornada de verdade que se expressa no âmbito da pós-verdade, algo que vai bem além das *fake news*.

Já mencionamos, previamente, as mentiras endossadas no meio político através das estratégias da veiculação de *fake news*, as notícias falsas. O cerne dessas notícias, contudo, não é um fenômeno recente, assim como discorre Charaudeau (2022). Elas se apresentam, no entendimento do autor, por meio de distintas espécies de contraverdades, dotadas de variados atributos que podem ser aumentados, distorcidos, forjados e valem-se, de modo muito produtivo, das novidades oportunizadas pelas tecnologias digitais. Sob o viés discursivo, elas derivam, umas da *negação* dos fatos, outras da *invenção* destes (Charaudeau, 2022).

Nesse contexto, há uma recorrente evocação da verdade doutrinal, de um lado para explicar fatos consoante a esse saber fundador, numa tentativa de realçar e dar maior prestígio a essa verdade dogmática, do outro, para recuperar o já mencionado embate entre o bem contra o mal, no esforço constante de defendê-lo, pois sem a existência de um “mau”, não é possível poder se nomear “bom”. Especificamente tratando do contexto brasileiro, essas atitudes são bem perceptíveis no que defende Ab’Sáber (2021), referente à atribuição da responsabilidade da corrupção do país, única e exclusivamente ao governo do PT. Não apenas a corrupção, mas todo e qualquer problema, sobretudo aqueles de ordem moral e relativos aos valores de forma geral, encontram justificativa nessa manipulação discursiva endereçada ao respectivo partido.

Sob esse viés, com relação à negação de fatos ou informações comprovadas e demonstradas, instaura-se a prática do negacionismo. Esse movimento se ergue contra as verdades factual e científica, e vale-se de “fatos alternativos” para desacreditar constatações sem se provar ou avançar no conhecimento sobre aquele fato, estando inseridos, principalmente, no espectro ideológico da direita (Charaudeau, 2022). Essa contraverdade também se expressa por meio do revisionismo histórico, que passa a ser adotado como estratégia negacionista que reinterpreta e distorce fatos históricos. Charaudeau (2022) menciona o caso da negação da existência do genocídio dos judeus, no Holocausto, sustentado por aqueles que dizem que as câmaras de gás não eram para matar, mas para desinfecção de detentos.

Algo que também se assemelha ao discutido por Charaudeau (2022), em nosso contexto mais recente, é a negação da existência da ditadura brasileira, de acordo com

Bolsonaro⁴⁷, atenuada pela expressão “leves problemas”, segundo suas declarações durante a comemoração do golpe militar de 1964, que ocorreu durante os quatro anos de seu governo. Assim, a partir da negação e do ataque a essas verdades factuais, na reivindicação de explicações alternativas que se ancoram em narrativas fora da realidade, sustenta-se uma desconfiança, que aliada ao desconhecimento, mostra-se como um terreno fértil para que se acredite e endosse determinada falácia.

Partindo da sólida e insistente descredibilização dos saberes, da alimentação de um medo, mobilizado para mostrar-se sempre como uma ameaça onipresente (Charaudeau, 2022), e da complexa desinformação, sem mencionar o papel da mídia, nota-se uma espécie de pilar que sustenta esse imbróglio. Isso é realçado no contexto emergente das redes sociais e da facilidade com que elas podem mutuamente *informar* e *desinformar*. Nesse cenário, alimentados por advogar em favor de uma imparcialidade incompreendida, surge uma sólida negação da realidade sob forma de boicote à chamada grande mídia, dando margem para qualquer usuário reportar fatos alternativos e mentiras. Estas informações são concebidas como mais críveis por esses negacionistas que produzem essas “notícias”, bem como por grupos de extrema-direita, em detrimento do jornalismo profissional, tenazmente atacado e descredibilizado.

Esse problema decorre da própria natureza da mídia em noticiar o que será de interesse da maior parte do público, sem que se controle os seus efeitos, longe de uma estrita factualidade e isenção de posição (Charaudeau, 2019). Trata-se de um debate muito importante e urgente, que não temos o objetivo de aprofundar aqui, mas é indispensável considerar que consoante Charaudeau (2022, 2019), inevitavelmente sempre existem lógicas e tomadas de posição no que se refere à informação, e uma vez que a linguagem não é transparente, não se pode atingir e nem esperar uma parcialidade, isenção, neutralidade plenas. Como parte da sociedade, que também enfrenta os efeitos da descrença e da negação dos saberes, nos vemos diante da árdua tarefa mencionada pelo pesquisador francês — ainda que pareça longínqua, de inocular o veneno da desconfiança.

4.1.4 Os *ethé* no discurso político

⁴⁷ Mais informações disponíveis em: <https://istoe.com.br/comemoracao-de-1964-ficara-dentro-dos-quarteis-diz-bolsonaro-em-entrevista-na-tv/>. Acesso em 07 jun. 2023.

Prosseguindo na discussão sobre as estratégias do DP, Charaudeau (2018 [2005]) aponta a existência de um triângulo da dramaturgia política, que no intento de angariar adesão do público, se ancora na dissuasão do adversário ao lhe atribuir a *origem do mal*, que faz com que os cidadãos sofram a partir da *desordem social*, que encontra no político opositor uma *solução salvadora*. É inegável que essa estrutura recorre de forma muito produtiva ao DR, que por vezes mescla o plano físico e o espiritual, de modo a ser fundamental à imagem de um líder considerar esse domínio, ainda que ele não se filie a nenhuma crença, esse discurso pode aparecer como um slogan (Possenti, 2009a).

Nesse cenário político, estrategicamente, os espaços públicos e privados são confundidos, pois isso é essencial para imagem que o político visa construir, de modo que é complicado apontar distintivamente esses mecanismos de persuasão (Charaudeau, 2018 [2005]). O linguista francês descreve, na sequência, os *ethé* de credibilidade e de identificação aos quais o DP recorre — ou ao menos deveria recorrer, relacionados consecutivamente com a razão e com o afeto. Há de se ter em mente, porém, que no contexto brasileiro, especificamente falando de Bolsonaro, como veremos a seguir, essas imagens se instauram de maneiras não muito usuais.

Os *ethé* de credibilidade, assim, se referem ao que faz com que um sujeito seja merecedor de crença e de confiança, ainda que o seu discurso não seja acompanhado de atitudes, ele deve despertar uma forma de aceitação como um todo por quem o recebe. Ele deve conseguir satisfazer algumas condições: a de sinceridade, a de performance e a de eficácia, com isso, precisa construir com isso um *ethos* de sério, de virtuoso e de competente (Charaudeau, 2018 [2005]).

Apesar de não serem características tão subjetivas, mencionamos, no caso de Bolsonaro, que não se trata de condições não tão simples, pois o uso de piadas, as ofensas e o desrespeito a diversos grupos, a despeito de prejudicar essa imagem, em muitos casos, é endossado por apoiadores como uma virtude. Com essas atitudes, a seriedade parece não ser muito afetada, ainda menos a competência, ao se observar o que o político acrescentou à sociedade durante longos anos na política, algo não muito decente — para não dizer nada, nos termos de Ab’Sáber (2021).

Por conseguinte, os *ethé* de identificação estão estritamente relacionados com as imagens de afeto, sobretudo social, que [...] “mediante um processo de identificação irracional, funda sua identidade na do político” (Charaudeau, 2018 [2005], p. 138). Tendo em vista a sua ampla variabilidade, não é possível precisar restritamente essas imagens, estando

algumas delas direcionadas para si mesmo, enquanto outras são dirigidas aos cidadãos, nessa correlação com o outro. O pesquisador exemplifica os voltados para si expressos como o *ethos* de potência, de caráter, de inteligência e de humanidade. Por outro lado, o *ethos* de chefe e o de solidariedade se ancoram nesse intercâmbio entre os sujeitos (Charaudeau, 2018 [2005]).

Como mencionamos anteriormente, com relação aos *ethé* de credibilidade, essas representações voltadas à identificação se encontram diante de diversas configurações no contexto brasileiro. No caso de Bolsonaro, é perceptível as numerosas vezes em que ele se valeu de uma suposta virilidade sexual, na construção do *ethos* de potência, a exemplo do episódio do bicentenário⁴⁸, entre os diversos outros conhecidos. O *ethos* de caráter, segundo Charaudeau (2018 [2005]), expressa-se mediante vituperações, provocações e polêmicas. É o que faz com que o político se distinga dos demais, por meio de uma imagem mais saliente, dialogando com o que Maingueneau (2020) nomeia *ethos* forte. Por outro lado, de modo geral, percebe-se um enfraquecimento do *ethos* de inteligência e de humanidade, por exemplo, enquanto estes últimos parecem não suscitar tanta aderência em detrimento dos primeiros.

Com efeito, ao focalizar o aspecto argumentativo no âmbito do DP, Amossy; Koren (2016) constata a inexistência de uma concepção integrativa que seja unânime na abordagem da argumentação política, respaldando o diálogo e a interlocução teórica como fundamentais na adoção de pressupostos e noções de outros estudiosos. As autoras destacam a abordagem referente ao *ethos*, tanto sob a perspectiva de Charaudeau quanto da própria Amossy, no intento de destacar a argumentação a despeito de outros aspectos. Contudo, uma reflexão indispensável da autora para o estudo do DP está em Amossy; Pierrot (2010) ao discorrerem sobre os estereótipos e os clichês, noções intensamente recorrentes nas diversas esferas políticas.

Para elas, o estereótipo é compreendido como uma ideia convencional que se encontra associada a uma palavra em uma determinada cultura. Apesar de garantir uma descrição baseada no uso e no contexto social, o estereótipo se inscreve em uma tradução do senso comum, atrelado ao pré-construído (Amossy; Pierrot, 2010). Desse modo, além de se relacionar com o *ethos* pré-discursivo, o estereótipo pode estar associado aos simulacros (Maingueneau, 2008b), na medida em que estes recorrem a um fundamento diverso e susceptível a uma ampla gama de significações. Com base nisso, consoante ao pesquisador

⁴⁸ Mais informações disponíveis em: <https://www.estadao.com.br/politica/nunca-fraqueja-potencia-sexual-e-viril-veja-como-imprensa-estrangeira-traduziu-imbrotavel/>. Acesso em 08 jun. 2023.

francês, há uma dificuldade em se atingir a estabilidade do significante linguístico, resultando em entendimentos não unívocos, embora o contexto e idioma não sejam tão distintos.

Semelhantemente, o clichê aparece como uma fórmula estática, que é repetível, não apenas por meio de sua expressão superficial (Amossy; Pierrot, 2010). Ambos os conceitos se concatenam por traduzir compreensões que, embora sejam recorrentes, podem contribuir para realçar preconceitos e julgamentos, sejam eles negativos ou não. Nessa perspectiva, eles são observáveis como expressões solidamente presentes nos discursos políticos, pois, por estarem atrelados ao senso comum, estão suscetíveis a serem evocados pelos candidatos e governantes ao investir na simulada proximidade com os cidadãos.

Em síntese, reservamos essa subseção a tratar especificamente sobre o discurso político, com ênfase na discussão sobre as categorias de verdade que existem às quais esse discurso invoca. Começamos discutindo sobre algumas das transformações que o DP enfrentou, principalmente referentes às mudanças permitidas pelo avanço da internet, consoante Courtine. Em seguida, estabelecemos uma sucinta comparação do contexto estadunidense com o brasileiro, num breve retrospecto referente ao discurso neoconservador em teses que refletem até a sociedade atual, e que com a internet, recebem ainda maior amplitude.

Por conseguinte, tratamos sobre os saberes de conhecimento e de crença, com destaque para a interlocução entre abordagens que comungam no intento de compreender mais profundamente a convergência dessas temáticas no DP. Abordamos, ainda, as diferentes figuras de verdade, que em conjunto com os saberes, encontram-se numa constante tensão, que dá margem para a sua negação e, muitas vezes, é rechaçada com as contraverdades. Por fim, tratamos sobre os principais *ethé* do DP segundo Charaudeau e sublinhamos algumas noções da abordagem argumentativa do discurso cruciais dos discursos políticos. Na sequência, aprofundaremos os procedimentos metodológicos desta pesquisa.

5. EM TORNO DO PERCURSO METODOLÓGICO

Tendo discutido sobre as noções que nos sustentam teoricamente, na seção anterior, destinaremos essa seção aos principais apontamentos metodológicos a que recorreremos, baseados no *corpus* delimitado e sem perder de vista nossa indagação de pesquisa, que é *como o discurso religioso de João 8.32 foi veiculado no X (Twitter), no perfil de Bolsonaro, com a intenção de construir uma projeção etótica que, mediante estratégias de pós-verdade, suscitasse credibilidade?* Nesse sentido, elucidaremos o processo de constituição do *corpus* de investigação, trazendo ao debate alguns apontamentos e diretrizes já adiantadas e discutidas anteriormente. Enfatizaremos, ainda, alguns aspectos éticos importantes, bem como a abordagem, o método e a natureza do trabalho.

5.1 Das especificidades da construção do *corpus* à ecologia dos *Tweets*: diálogos indispensáveis

A construção do *corpus* de investigação deste estudo se deu nativamente no SRS X (*Twitter*) através da busca avançada. Por meio dessa funcionalidade é possível filtrar e selecionar todos os *tweets* de uma dada conta pública a partir de palavras, termos ou *hashtags*⁴⁹. Nesse sentido, buscamos pelos *tweets* da conta do político que fazem menção ao versículo bíblico “João 8.32”, no mês de agosto do ano de 2021, na etapa inicial de construção do projeto de pesquisa. A busca, assim, reúne na lupa do X (*Twitter*) o seguinte trecho “João 8.32 (from:jairbolsonaro)” sem recorrer a nenhum filtro de restrição.

A pesquisa resultou em 19 ocorrências de publicações que contêm a respectiva referência ao versículo, contudo, excluímos as duas postagens mais antigas de 2016 e 2017 por se tratar de um compartilhamento automático de publicações de outro SRS, o Facebook⁵⁰, nos deixando com um *corpus* de 17 enunciados. Após a busca, recorreremos ao recurso salvar, disponível no aplicativo para estabilizar os enunciados via capturas de tela, sensíveis às

⁴⁹ Essa funcionalidade pode ser acessada a partir de qualquer busca efetuada no SRS na lupa superior. Após a busca de determinado conteúdo, refinamentos podem ser adicionados nos três pontos, que também permitem ocultar conteúdos sensíveis, restringir idiomas, filtrar determinadas datas, etc.

⁵⁰ Não mais tão recorrente atualmente, esse compartilhamento simultâneo automático replicava parte do texto da publicação original do Facebook, como um tipo *spoiler*, visando que o usuário da outra rede, o X (*Twitter*), fosse conduzido, mediante um link, para a postagem completa em sua rede. As duas ocorrências desconsideradas se tratam de vídeos postados no SRS Facebook em que, ora parte, ora todo o título carrega o versículo de João 8.32.

considerações de Paveau (2021[2017]). Posteriormente, as publicações foram organizadas em ordem cronológica em um quadro de tratamento analítico, para a posterior análise.

Como destacado anteriormente, respeitamos, nesse processo de construção do *corpus*, a ecologia dos *tweets* (Paveau, 2021[2017]) tendo em vista que eles são produções que não podem ser dissociadas do seu ambiente. Trata-se, então, de um modo de escrita digital que possui uma memória tecnodiscursiva, além de uma relacionalidade que precisam ser consideradas. Essa forma de escrita está associada ao uso de ferramentas tecnológicas, estejam elas online ou não, sendo resultado de propriedades comunicacionais e discursivas particulares (Paveau, 2021[2017]).

Os escritos dos enunciados emergem, nesse sentido, a partir de um teclado, ou de uma tela, cuja conversão ao digital permite a expressão por meio de variados recursos linguageiros. Aliada a essas especificidades, convém lembrar que as práticas de escritas dos SRSs podem usar recursos como abreviações, os chamados internetês, letras em caixa alta — maiúsculas, emojis, emoticons, etc., além de, em certos contextos, não se adotar rigorosamente o registro formal da língua, haja vista que a comunicação que se estabelece nos SRSs, preza pela adoção de poucos caracteres, sendo as abreviações um modo de contornar isso, além dos demais recursos de expressão.

Durante o recorte desses enunciados, é importante considerar as respectivas memórias tecnodiscursivas e a relacionalidade estruturante das publicações nativas digitais. De acordo com Paveau (2021[2017]), a memória tecnodiscursiva se reproduz em espaços conectados, ampliando as capacidades dessa memória não equipada digitalmente, mediante a produção de enunciados nativos inéditos, além de ordenar esse conjunto de dados online, na criação de categorias e noções prévias para a construção dos discursos. Nesse contexto, além de possibilitar a contemplação dos pressupostos adicionais presentes no discurso, essa memória também abrange a plurissemiótica, a natureza investigativa e a imprevisibilidade inerente a tais enunciados.

Em acréscimo, nos enunciados do *corpus*, é possível identificar um tipo de encadeamento entre eles, que visam, de algum modo, respeitar uma ordem que remete a um assunto comum. Isso nos direciona para a sua relacionalidade, que atrela os discursos digitais a uma relação material manifestada em variados níveis. Primeiro, a partir do vínculo com outros tecnodiscursos hipertextuais, por conseguinte, mediante a natureza compósita de elementos produzidos na máquina e a sua correlação, finalmente, por meio da interação entre

escritores e escreitores, a qual é atravessada pela subjetividade das interfaces que associa aos discursos o ponto de vista único do internauta (Paveau, 2021[2017]).

No que se refere à privacidade, Paveau (2021[2017]) ressalta a necessidade de respeitar a integridade contextual dos tecnodiscursos. Com base na noção proposta por Helen Nissenbaum, a pesquisadora francesa define a integridade contextual como aquilo que diz respeito às fronteiras da privacidade preservadas ambientalmente. Entre outras coisas, ela permite ao pesquisador de AD categorizar elementos indo além das abordagens restritas ao dualismo público *versus* privado, assim como discorrer sobre o caráter ético dos discursos em enunciados nativos da *web* (Paveau, 2021[2017]).

Nesse contexto, ao transcender a dicotomia entre o domínio público e o âmbito privado, adquire-se uma compreensão mais profunda dos elementos dos tecnodiscursos, que se revelam em contextos e diretrizes mais particulares. Isso se mostra mais perceptível em contextos em que o que circula em postagens e em enunciados nos SRSs, surge em reação a um evento antecessor, ou conquista uma projeção posterior à publicação, sendo maximizados pela materialização dos enunciados digitais. Não se pode deixar de relacionar essa integridade à construção do *ethos*, pois em certos momentos ela não é respeitada intencionalmente, com propósitos que variam, principalmente no DP⁵¹.

Nessa perspectiva, Elm (2008) distingue algumas noções que ultrapassam os níveis público e privado. Para ela, um ambiente digital é *público* quando não requer nenhum tipo de cadastro para o acesso por meio da internet, sendo assim, qualquer pessoa com acesso à *web* possui aptidão para navegar nesses ambientes, um exemplo seriam as salas de bate-papo e as páginas da internet (Elm, 2008). O X (*Twitter*) pode ser enquadrado, com base na definição da pesquisadora, na esfera do *semipúblico*, pois ele embora seja acessível para a maioria das pessoas, requer um cadastro de usuário, assim como grande parte dos sites de redes sociais — se não todos eles. Não se está diante de algo público, como se pode esperar, ainda que seja possível acessar os *links* e alguns conteúdos limitados sem a criação de uma conta.

Assim, apenas com o acesso à internet, não é possível interagir nem dialogar, muito menos acessar todos os conteúdos nem recursos de um determinado perfil “público”, daí a nomenclatura semipúblico. Ademais, a título de esclarecimento, a autora ainda define *semiprivado* como resultante de uma restrição que, além do registro, adiciona um tipo de filtro, como em casos de organizações e contas da *web* institucionais, além do *privado*, que

⁵¹ A exemplo das vezes que Bolsonaro, em sua conta do SRS X (*Twitter*), um canal oficial, compartilhou conteúdos pornográficos infringindo a integridade contextual do respectivo canal para criticar o carnaval, em 2019. Antes, como deputado, o político já tinha feito algo semelhante em 2017, segundo informações do G1.

pode tanto ser restrito ao usuário criador de conteúdo, como em álbuns de fotos privadas, por exemplo, quanto ser disponibilizado para uma parcela filtrada restrita, como os “amigos próximos” em alguns SRS (Elm, 2008).

Ainda discorrendo sobre questões éticas, nos enunciados em que examinaremos alguns dos comentários em resposta às publicações analisadas, o anonimato do usuário será garantido, diferentemente do autor dos enunciados, que é uma figura pública, sendo de interesse público investigações que se voltem para esses discursos, a exemplo dos numerosos trabalhos de AD em diferentes vertentes de estudo. Recorrer a alguns desses comentários na análise coaduna com o sustentado por Rohling (2014), para a autora:

Além das questões relativas ao modo de empreender uma análise dialógica do discurso e as implicações éticas implicadas em pesquisas dessa natureza, é preponderante tomar a língua no seu aspecto histórico e concreto, uma vez que o discurso não se constrói sobre uma determinada realidade, mas sim na relação de responsabilidade a outro discurso. Não há um acesso à realidade em si, mas a um universo discursivo, que é histórico, concreto e circunscrito a uma dada situação de interação discursiva. Reiteramos, então, que a análise de discurso é sempre mediada pela linguagem e realizada sobre a linguagem, pois o sentido se constrói nas relações dialógicas. (Rohling, 2014, p. 49).

Sob essa perspectiva, considerando os enunciados analisados, visamos discorrer sobre como essa responsabilidade se manifesta em algumas das publicações que integram o *corpus* no intento de refletir sobre essa relação que se estabelece via comentários. Vistos como um objeto central para a AD digital (Paveau, 2021[2017]), eles surgem, usualmente, na relação que é expresso online sob determinado contexto, por isso também são históricos e concretos à medida que não podem ser dissociados de seu ambiente. Além disso, uma vez que esses comentários foram coletados — assim como o *corpus* foi constituído, pouco antes das mudanças implementadas discutidas na subseção 2.3, a observação deles pode auxiliar na discussão sobre recepção do conteúdo compartilhado pelo público, ainda que isso esteja longe de ocorrer de modo neutro ou isento, como já destacamos.

No que se refere à abordagem, este estudo se classifica como de natureza *qualitativa* (Rohling, 2014; Creswell, 2007; Bauer; Gaskell, 2002; Marconi; Lakatos, 2002; Flick, 2004, 2012; Yin, 2016). De acordo com Flick (2004), os textos desempenham três finalidades em uma abordagem qualitativa: eles não apenas representam os dados nos quais a descoberta se baseia, mas também servem como base para a interpretação e como meio de comunicação e veiculação das descobertas, corroborando o defendido por Creswell (2007). Ainda segundo Flick (2013), as investigações qualitativas não derivam necessariamente de uma hipótese, nem

se constroem sob uma mensuração, elas também não são rigorosamente padronizadas e nem fechadas, mas se estruturam mediante um diálogo no qual a sondagem, os novos aspectos e as suas próprias estimativas encontram seu espaço.

Em acréscimo, Yin (2016) elenca alguns pontos referentes à pesquisa qualitativa, dentre eles, dois nos interessam mais: a promoção de contribuições reveladoras acerca de conceitos já estabelecidos ou emergentes, que subsidiem a compreensão do comportamento social humano, mediante a busca sistemática de múltiplas fontes de evidência, em contrapartida à dependência de uma única fonte. Além disso, os estudos de perspectiva qualitativa pretendem, geralmente, responder à pergunta “como” em um estudo (Marconi; Lakatos, 2002).

Ademais, consideramos nosso corpus em seu aspecto *documental* (Gil, 2002; Marconi; Lakatos, 2002; Creswell, 2007; Charaudeau, 2011). O processo de documentação funciona como uma espécie de reconstrução da realidade que foi textualizada (Flick, 2004), essa reconstrução deve [...] “ser exata o suficiente a ponto de revelar as estruturas nesses materiais, e deve permitir abordagens que partam de perspectivas distintas” (Flick, 2004, p. 187). Esses documentos são classificados como primários quando não passaram por nenhum tratamento analítico ou secundários, quando já foram, de algum modo, analisados (Gil, 2002).

Para Creswell (2007), os primários são oriundos de dados das pessoas ou situações em estudo, enquanto os secundários são relatos de terceiros e de segunda mão. Creswell (2007) e Marconi; Lakatos (2002) ainda acrescentam as distinções referentes a materiais públicos e privados/ particulares, o que com Elm (2008), como discutido, é mais apropriado para pensar nos enunciados digitais. Além disso, dentre os variados tipos de coletas de dados, os materiais audiovisuais digitais documentados possuem uma série de vantagens que proporcionam ao investigador recorrer a variadas fontes para a compreensão do problema de pesquisa (Creswell; Creswell, 2021).

Por conseguinte, nos respaldamos no método *indutivo* (Marconi; Lakatos, 2002; Creswell, 2007). Para Creswell (2007) e Creswell; Creswell (2021) o procedimento de pesquisas qualitativas, em geral, são em sua maior parte indutivos, por ser a partir dos dados coletados que o pesquisador os interpreta e chega aos resultados. Por sua vez, Marconi; Lakatos (2002, p. 87) elencam alguns elementos presentes em todas as induções: “a) observação dos fenômenos; b) descoberta da relação entre eles e c) generalização da relação”. Inicialmente, é necessário observar detidamente os fatos ou fenômenos, para, em seguida, organizá-los a partir da relação que se observa ser existente entre esses fenômenos.

Finalmente, se atinge uma classificação, mediante a generalização verificada (Marconi; Lakatos, 2002).

Outrossim, no método indutivo não há, necessariamente, uma hipótese a ser verificada ou atestada mediante a análise, mas é a interpretação, a discussão e a observação dos dados que permitem observar uma generalidade sobre o que se está pesquisando (Xavier, 2010). Bauer; Gaskell (2002) ainda acrescentam que o estilo indutivo de investigação recorre a estratégias particulares de análise interpretativa referente a dados textuais.

No que tange à interdisciplinaridade e o diálogo metodológico e teórico, Maingueneau (2015a) assevera que o que faz com que os estudos do discurso exportem noções e processos de outras disciplinas são as questões comuns que as movem, isso oportuniza que se observe uma convergência de estudos e ponderações oriundas de várias regiões das ciências humanas, sociais e algumas correntes filosóficas. Esses discursos surgem mediante forças contraditórias constitutivas dos discursos, amplamente alimentadas pelas trocas existentes entre elas [...] “entre a fragmentação de seus objetivos de análise e o recurso a conceitos e procedimentos englobantes, entre o trabalho empírico e a especulação filosófica, entre a vontade de delimitar um espaço específico e a de se deixar absorver pelas ciências humanas e sociais” (Maingueneau, 2015a, p. 181).

Sob esse prisma, se pode pensar sobre questões que se desenvolvem por meio da linguagem, mas que não necessariamente se reduzem ou se esgotam nela, reverberando em outras esferas e territórios do saber afetados pelos enunciados que podem suscitar novos diálogos ou encerrá-los. Diante disso, é evidente a relevância da interlocução metodológica em conjunto com a abordagem teórica, constituindo uma necessidade imprescindível. Tal necessidade se deve à contínua evolução da sociedade, na qual a consideração e a incorporação dos novos dados e contribuições são elementos essenciais que não podem ser desconsiderados na produção científica.

No que se refere aos conceitos e às categorias de análise, recorreremos às noções de enunciado e dos gêneros do discurso sob enfoque do dialogismo, ao *ethos* discursivo e a sua cenografia digital e às considerações referentes à ecologia do discurso no SRS X (*Twitter*). Essas categorias remetem, inevitavelmente, ao discurso constituinte e à palavra monológica adotados mediante as figuras de verdade e aos saberes mobilizados nos enunciados a serem analisados. No plano de fundo, diluído nessas categorias, encontram-se as manifestações do conservadorismo e neoconservadorismo, que, no X (*Twitter*), remetem à importância notável que a opinião pública recebe e que devem ser considerados.

Portanto, recapitulando essa breve, mas indispensável seção, começamos explicando como se deu a construção do *corpus* de estudo, nativamente, por meio de ferramentas próprias do SRS X (*Twitter*). Enfatizamos, em seguida, algumas noções teórico-metodológicas propostas por Paveau (2021[2017]) referentes às noções fundamentais sobre a produção desses enunciados e as suas respectivas naturezas. Destacamos, ainda, pontos pertinentes sobre o aspecto ético do *corpus* de análise, chamando atenção para a classificação dele como semipúblico, segundo a abordagem de Elm (2008).

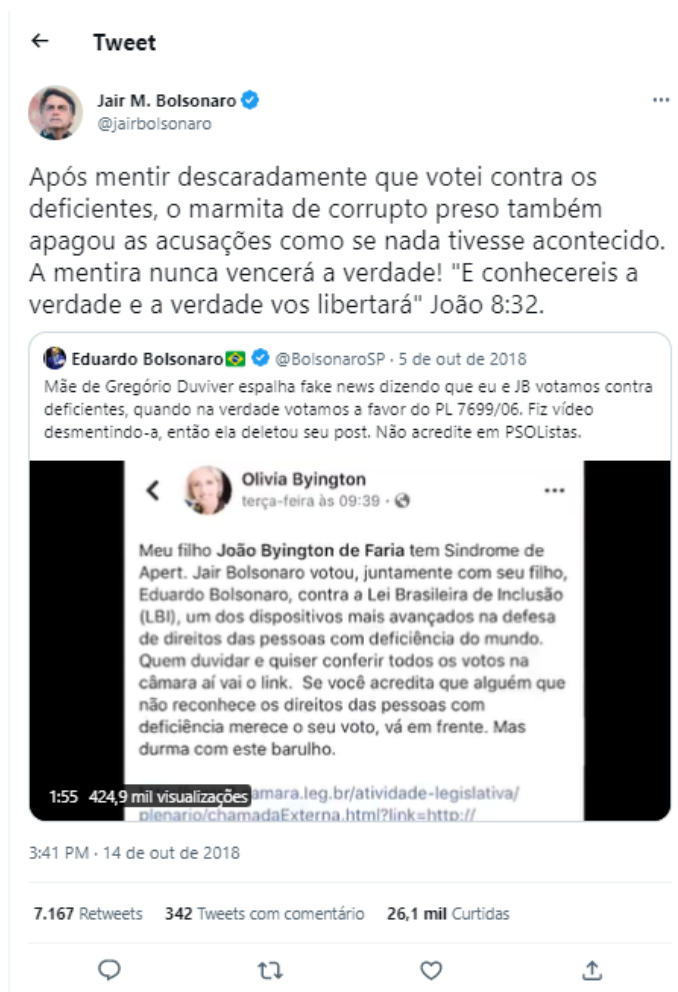
Em seguida, classificamos a pesquisa como de natureza qualitativa, de caráter documental e de viés indutivo consoante aos autores, brevemente, resenhados. Por conseguinte, dissertamos sobre a importância do diálogo e da interdisciplinaridade para o nosso trabalho, chamando atenção para algumas teses ou justificativas endossadas por Maingueneau (2015a). Por fim, relembramos nossos principais conceitos e categorias de análise a serem aplicados e retomados na discussão na seção posterior. Adentraremos, a seguir, na análise dos enunciados que constituem o *corpus*.

6. ANÁLISE DOS ENUNCIADOS DO *CORPUS*

Nesse capítulo, analisaremos os enunciados que constituem o nosso *corpus* em estudo, retomando os principais conceitos destacados nas seções de fundamentação teórica. Ao longo dele, frisaremos os pontos mais relevantes em relação ao que nos propomos a investigar, tendo em mente a questão de pesquisa que nos impulsiona e os objetivos gerais e específicos delineados na introdução do trabalho. Cada item será analisado individualmente, após a exposição de cada *Tweet* em sua forma ecológica, o que não nos impede de dialogar com os enunciados que já foram analisados a fim de comparar pontos de convergência e de divergência no conteúdo de cada uma das publicações. É indispensável salientar que ao longo das análises discorreremos sobre determinados fatos que continuam acontecendo no momento de redação deste trabalho. Este aspecto da temporalidade deve ser considerado ao refletir sobre a evolução histórica destes eventos.

6.1 Tweet 1

Figura 4: Voto contra deficientes



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro do X (Twitter)⁵²

Neste enunciado, Bolsonaro faz um *retweet* de uma publicação do seu filho, Eduardo Bolsonaro, para rebater uma *fake news* atribuída a eles sobre a votação contra “os deficientes” na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Na publicação, além de endossar a explicação do filho, ele menciona pejorativamente Fernando Haddad, na época candidato à presidência, ao chamá-lo de “marmita de corrupto preso”, em referência a Lula, único candidato à frente de Bolsonaro nas pesquisas, naquela época preso. Além de desmentir a publicação de Haddad, ele o critica pela remoção da *fake news* de seu perfil, nas palavras do ex-presidente, “como se nada tivesse acontecido”. Ao continuar a postagem, o político declara enfaticamente que “a mentira nunca vencerá a verdade!” e encerra a publicação postando o versículo bíblico: “e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” João 8:32”.

⁵² Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1051543587081596930>. Acesso em: 22 jan. 2023.

A composição desse enunciado remete a uma discussão sobre a Lei nº13.146/2015, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Na ocasião, segundo informações do *Estadão*⁵³, a referida lei foi aprovada por unanimidade. No entanto, após a aprovação, parlamentares se manifestaram especificamente sobre itens particulares da lei. Nesse momento, Bolsonaro e outros políticos se opuseram a um inciso referente ao “respeito à especificidade, à identidade de gênero e à orientação sexual”, o que gerou repercussão e acarretou a veiculação da referida *fake news*, sendo posteriormente retratada por Olivia Byington e por veículos de imprensa, a exemplo, a Central Única dos Trabalhadores⁵⁴, mas não pelo perfil do, na época candidato, Haddad, que deletou a publicação.

O enunciado se constitui mediante um tom áspero e afrontoso na parte inicial do texto, que visa enfatizar a gravidade do ato de, nas palavras do enunciador: “mentir descaradamente” sobre o seu voto. Na publicação, ele poderia encerrar a postagem no primeiro período que escreve, mas ele prossegue declarando que a “a mentira nunca vencerá a verdade!”. Nesse contexto, ele tende a mencionar a verdade factual (Charaudeau, 2022) por se referir a uma informação conhecida e inclusive verificada por agências de checagem. Contudo, por se tratar de um discurso relativamente taxativo e impreciso, ele visa atribuir ao seu candidato opositor, Fernando Haddad, um *ethos* de inverdade, enquanto ele se colocaria de encontro a tais condutas, pela sua preocupação em sempre levar “a verdade”.

Não se pode desconsiderar, na parte inicial do enunciado, a forma de desacreditização que Bolsonaro explora ao mencionar, ainda que deiticamente, Luis Inácio Lula da Silva, na época preso no âmbito das investigações da Lava Jato. Ao apagar discursivamente o seu adversário, com o intuito de acentuar a desacreditabilidade atribuída ao candidato, munida pelo crescente antipetismo da época (Ab’sáber, 2021; Curcino, 2021), o político estabelece o seu lugar ao se autodeclarar como distinto, não apenas dos políticos do Partido dos Trabalhadores — PT, mas de toda a esquerda. Com isso, inspirado e motivado pelo sucesso das investidas no cenário estadunidense, ainda que com particularidades e especificidades, se comparados o Brasil e EUA, o DR passa a ter posição indispensável em seus enunciados.

Em contraste com a reivindicação à verdade factual que o enunciador visa reestabelecer, a publicação se encerra com o versículo Bíblico e a sua referência: “e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” João 8:32. A adoção desse discurso traz mais

⁵³ Mais informações disponíveis em:

<https://www.estadao.com.br/brasil/vencer-limites/bolsonaro-nao-votou-contra-a-lbi/>. Acesso em: 19 jul. 2023.

⁵⁴ Mais informações disponíveis em:

<https://www.cut.org.br/noticias/bolsonaro-votou-contra-lei-que-protege-pessoas-com-deficiencia-f74a>. Acesso em: 19 jul. 2023.

uma verdade ao enunciado em questão: a verdade doutrinal (Charaudeau, 2022). Por estar voltada para si, é nítido que o emprego dessa verdade no DR não visa levar os coenunciadores ao evangelho, a Cristo ou a mensagem de Deus, como enfatizado por Curcino (2021). Em contrapartida, seu uso apropria-se da vagueza do versículo com o intuito de trazer ao plano factual a dimensão espiritual e religiosa, domínio muito importante para a maior parcela⁵⁵ da população brasileira que se declara cristã, grupos que passaram a ter lugar central na esfera política das últimas décadas.

No entanto, além dele ser adotado como um *slogan*, a sua presença na publicação visa recorrer ao valor do seu aspecto constituinte e fundador (Maingueneau, 2008a, 2021), que possui uma autoridade e uma posição notável na sociedade. Além disso, é imprescindível considerar as ponderações referentes à palavra autoritária (Bakhtin, 2002[1975]; Mueller, 2017). Com base nessas discussões, não é à toa a sua inserção no final do seu enunciado, ela visa tornar essa composição monológica, em outras palavras, não passível de questionamentos. Sob esse ponto de vista, para adquirir verdade, fundação e legitimidade na esfera doutrinal, o DR não deve ser confrontado ou questionado, mas apenas recebido e transmitido. Ao recorrer a essa blindagem, o político dá contornos particulares ao seu *ethos*, que passa a subsistir em função de um combate simultaneamente físico e espiritual.

A fim de acentuar esse embate, o político, além de confrontar na sua publicação a verdade factual e a verdade doutrinal, recorre aos saberes de conhecimento. Nesse primeiro *tweet* em especial, embora ele se apresente como a fonte da informação desmentida, foi quase de conhecimento geral, por meio da mídia, que a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência foi aprovada com unanimidade mediante uma votação simbólica. Entretanto, a ressalva referente ao inciso ao qual Bolsonaro foi contrário gerou compreensões que passaram a ser usadas como uma forma de desacreditar a sua imagem na corrida eleitoral em 2018. Com isso, a afirmação taxativa “a mentira nunca vencerá a verdade!” articulada ao versículo Bíblico, no final da publicação, explora o saber de revelação, partindo de uma generalização atribuída ao adversário de que ele recorrerá à mentira constantemente.

No plano do saber de revelação e da verdade doutrinal, expressivamente adotadas por candidatos conservadores e neoconservadores, a escolha das palavras precisa, necessariamente, remeter a esse plano. É isso que ocorre com o termo “vencerá”, que aponta, nessa esfera, para o embate constante na dicotomia entre o bem e o mal, como debatido por Lacerda (2018). Busca-se, nesse prisma, acentuar o pesado infortúnio espiritual e factual dos

⁵⁵ Conforme dados do Exame sobre a população cristã no Brasil. Disponível em: <https://exame.com/brasil/um-perfil-dos-cristaos-do-brasil-em-11-numeros/>. Acesso em: 21 ago. 2023.

quais a sociedade é vítima, visando combater essa adversidade nessas duas frentes: factual e espiritual. Nisso, se observa a importância do triângulo da dramaturgia política (Charaudeau, 2018[2005]), que trabalha incansavelmente para atribuir ao adversário a origem do mal, que provoca na coletividade uma desordem social, na qual a solução salvadora, nesse caso, seria Bolsonaro.

Na manutenção dessa imagem, ao reforçar a notícia falsa atribuída a Bolsonaro, se observa a edificação de um *ethos* de vítima, que se reporta ao opositor mediante um tom forte e ríspido no emprego de adjetivos de viés pejorativo. O DR adotado na publicação não visa apenas reforçar uma verdade factual, mas objetiva aproximá-la e torná-la parte de uma verdade doutrinal mais abrangente, que apresenta, ao retomar o embate entre mentira e verdade, esse domínio espiritual. Nessa perspectiva, o enunciador esvazia o versículo bíblico do seu sentido integral e se vale da vagueza do excerto para blindar a sua publicação, valendo-se, também, de seu aspecto monológico (Bakhtin, 2002[1975]). Isso se manifesta, nesse *tweet*, tanto pela consideração do aspecto fundador e constituinte desse discurso, quanto pelo seu viés autoritário e inquestionável, num imbricamento do plano físico e espiritual.

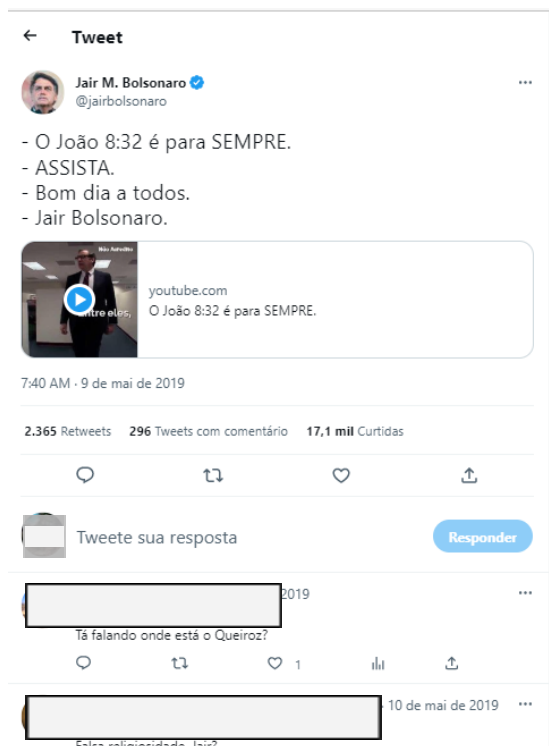
Por se tratar de um *retweet*, que visa realçar aspectos do enunciado que foi publicado pela conta do seu filho, Eduardo Bolsonaro, a publicação recorre a uma cenografia que se vale de elementos comuns em sua estrutura. O enunciado é curto e não recorre a abreviaturas, emojis ou elementos típicos da *web*, mas adota uma linguagem padrão, apesar das ofensas em sentido conotativo. Isso pode remeter à necessidade de adotar, ainda, uma postura mais branda, haja vista que o segundo turno das eleições de 2018 ainda não havia ocorrido. Daí a relevância de insistir no reforço do *antiethos* mediante as estratégias de desvirtuar e desacreditar o adversário, Fernando Haddad. O termo “vencerá”, sob esse aspecto, pode remeter, novamente, à vitória de Jair Bolsonaro sobre o seu adversário, considerando essa confluência dos âmbitos factual e espiritual já mencionados pelo político.

Ao se observar a ecologia desse discurso, o coenunciador se depara com uma estrutura compósita que reúne não apenas o enunciado referente à publicação, mas também os elementos imagéticos e visuais do vídeo postado no *tweet* original repostado por Bolsonaro. Esse conjunto faz com que o enunciador digital não apenas “deslize” ou passe por esse enunciado, mas interaja com ele à medida que se considera que o vídeo se torna mais chamativo e convidativo do que apenas o aspecto puramente textual da publicação. Nesse sentido, sendo o X (*Twitter*) um espaço em que há, sobretudo, textos curtos, um vídeo certamente conquistará uma atenção maior por parte dos interlocutores que navegam por esse

espaço. Com isso, esse todo discursivo é explorado com vistas a solidificar a imagem construída pelo político, firmada no emprego do DR, e esse é um investimento que parece possuir um nítido retorno.

6.2 Tweet 2

Figura 5: O João 8:32 é para sempre



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro do X (Twitter)⁵⁶

Neste segundo enunciado, Bolsonaro posta uma declaração sobre a referência do versículo de João 8. 32, seguida de uma mensagem de bom dia, um *link* de um vídeo do YouTube e a sua assinatura. Trata-se de uma postagem imprecisa, que recorre a alguns elementos compósitos em sua estrutura e considera que os seus interlocutores já recuperam o conteúdo para o qual a referência do vídeo aponta. No vídeo compartilhado, há uma mensagem sobre honestidade, no qual um chefe, ao escolher seu sucessor, testa a idoneidade de seus funcionários ao propor que plantem uma semente que, na realidade, é infértil, sendo apenas um deles sincero a ponto de dizer que não conseguiu bons resultados, o que fica com a promoção. Os termos grafados em letras maiúsculas também chamam a atenção nessa

⁵⁶ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1126436655991271425>. Acesso em: 22 jan. 2023.

composição aliados à vagueza na referência ao DR empregado para conferir credibilidade ao que foi publicado.

O enunciado é composto, inicialmente, pela ênfase ao DR ao realçar que “- O João 8:32 é para SEMPRE”. Essa parte inicial já conduz o leitor a inferir que o assunto a ser tratado é algo referente à verdade sob o seu duplo aspecto: tanto factual quanto doutrinal. Nesse prisma, o DR é retomado com um slogan que se relaciona com o assunto do vídeo. Assim, tendo em vista que o ato de clicar no *link* e ser direcionado para o vídeo não é algo feito por todos os coenunciadores no X (*Twitter*) e nos SRSs como um todo, o político reitera na publicação de modo imperativo e enfático o “- ASSISTA”, a fim de que os usuários sejam direcionados para a mensagem do vídeo. No fim da postagem, antes do *link*, que já expressa o menu do YouTube dando indícios do conteúdo a ser visto, a assinatura do ex-presidente concede mais fiabilidade ao discurso, uma vez que ele é o fiador dele.

Quanto ao vídeo compartilhado sob a forma de *link*, ele retrata a narrativa de um chefe CEO de uma empresa que resolve se aposentar em um ano. Para escolher seu sucessor, ele dá sementes aos seus funcionários, alegando que no término do prazo quer ver os vasos com as plantas que cresceram dessas sementes. Enquanto um funcionário planta e nada nasce, levando o vaso sem nada após um ano, outros levam plantas muito chamativas como sendo resultantes daquelas sementes. No fim, esse trabalhador que não tem sucesso com as sementes se torna chefe, pois todas elas eram inférteis, sendo as plantas chamativas dos colegas falsas, levadas apenas com intuito de agradar o seu superior. Há, nesse vídeo, um provável diálogo com algumas parábolas registradas no Novo Testamento bíblico, nas quais se almeja a multiplicação dos dons ou talentos, ou a germinação e o crescimento das sementes que se encontra com distintos tipos de solos, mas o que difere no vídeo é o resultado e a conduta final dos trabalhadores.

O DR nesta publicação não apenas retoma o slogan de João 8:32 “e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”, mas também adapta o seu discurso para a sua base apoiadora, que segue continuamente o caráter dogmático desse discurso. É em virtude disso que sobressai esse caráter mais inflexível e inalterável do referido discurso na postagem que se distancia, mais uma vez, do seu caráter bíblico de ensinamento. Essa forma de compartilhar e interagir, mediante o diálogo com os seguidores, visa solidificar ainda mais esse *ethos* de proximidade com eles, considerando que a publicação é postada no início do seu governo, mais precisamente no quinto mês. Convém destacar que o vídeo no *link* é postado na conta oficial do YouTube de Jair Bolsonaro com o mesmo trecho no título “O João 8:32 é para

SEMPRE.”, sem haver qualquer sinalização à fonte. A partir disso é possível compreender que não foi uma escolha qualquer, mas há um propósito e uma intenção na publicação, ainda que, aparentemente, não seja possível apontar com exatidão.

Trazendo à discussão o contexto e os fatos ocorridos antes e próximo a esse período, é impossível não considerar a crise transcorrida sobre o Caso Fabrício Queiroz⁵⁷, policial militar aposentado e ex-assessor da família Bolsonaro, acusado de movimentações suspeitas referentes à prática de rachadinha com Flávio Bolsonaro. Após serem apontadas transações duvidosas pelo Conselho de Controle de Atividades Financeiras — COAF, oriundas das investigações na esfera da Operação Lava Jato no Rio de Janeiro, Queiroz se ausentou de mais de um depoimento ao ser convocado pelo Ministério Público — MP. Semelhantemente, Flávio Bolsonaro também hesitou em falar com o MP, restringindo a sua defesa à negação das irregularidades que o envolviam e o seu ex-assessor em SRSs. Além disso, também foram identificados empenhos financeiros na conta da ex-primeira-dama Michele Bolsonaro, o que gerou algumas reações.

Nessa circunstância, no primeiro comentário em resposta ao *tweet* de Bolsonaro, há uma indagação que nos remete a esse contexto acima destacado, que diz, ironicamente: “Tá falando onde está o Queiroz?”. Assim, por se tratar de uma configuração muito comum na internet, ao mesmo tempo em que é muito produtivo para os discursos digitais, o comentário não esconde o seu viés de se manifestar, usualmente, sob a forma de ataque ou de provocação (Paveau, 2021[2017]). Nesse sentido, ainda que na publicação do ex-presidente não haja nada categórico que aponte para Queiroz, o enunciado resposta do comentário inicia outro diálogo dirigindo o foco da sua discussão para a polêmica em torno das acusações do ex-assessor e amigo da família Bolsonaro. É perceptível, nesse e no próximo comentário, que a sua composição na forma de indagação oportuniza a incorporação de novos valores (Recuero, 2009), acarretando, assim, novas interações.

Por sua vez, o segundo comentário já aponta para o emprego do DR na postagem de Bolsonaro, estabelecendo um novo diálogo com base na publicação inicial do político. A resposta, que contém: “Falsa religiosidade Jair?” recorre a um tom irônico e, ao mesmo tempo, de proximidade para desaprovar o uso da referência a João 8: 32. Além dessa crítica ao que é publicado pelo político, esse comentário questionador permite-nos refletir, especificamente, sobre o DR em seu enunciado. Diferentemente do *tweet* 1, em que o

⁵⁷ Mais informações em:

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/01/18/caso-fabricio-queiroz-o-que-e-cronologia-dos-fatos-per-sonagens.ghtml>. Acesso em 28 ago. 2023.

versículo encerra a publicação, o foco deste segundo *tweet* é depositado na mensagem da referência a João 8: 32. Espera-se, com isso, que quem se depara com essa postagem nesse enunciado atribua essa menção implícita à verdade doutrinal e ao saber de revelação (Charaudeau, 2022) os quais são apenas revelados e encerram-se em si mesmos sob a forma de palavra autoritária (Bakhtin, 2002[1975]). A crítica do segundo comentário questiona, justamente, esse repetido uso da referência bíblica utilizada corriqueiramente por Bolsonaro.

No que se refere à cenografia, observa-se que a saliência do *ethos* (Maingueneau, 2020a) possui uma expressiva importância nesse enunciado. Ela se manifesta mediante a comunhão entre os elementos textuais e o seu aspecto digital, o que é chamado de hipergênero para Maingueneau (2020), e que visa demonstrar, mediante a assinatura, que é de fato Bolsonaro que alimenta a sua rede. Com isso, o enunciador recorre a modos de tomar a palavra e de colocá-la em função do outro que só se realizam no ambiente digital, haja vista a distribuição do agente enunciativo em diversos espaços desse âmbito (Paveau, 2021[2017]). Acentua-se, dessa forma, o *ethos* de credibilidade (Charaudeau, 2018[2005]) que o político visa endossar com a sua postagem, pois a publicação é engendrada em seu perfil oficial no X (*Twitter*), assinada por Bolsonaro e topicalizada, intimando os que a leem a assistirem ao vídeo.

Ainda sobre a ecologia desse enunciado, tendo em vista que o seu *ethos* é diluído em razão da configuração da cenografia, alguns pontos diferem do primeiro *tweet* analisado. Embora ambos sejam compósitos (Paveau, 2021[2017]), ao refletir sobre esses elementos de natureza híbrida, esse segundo *tweet* orienta o “percurso digital” que o enunciador espera que os usuários trilhem ao enfatizar o “ASSISTA”. Essa ênfase é necessária, pois como sublinhamos, comumente nos SRSs os sujeitos que deslocam por esse ambiente não necessariamente clicam em todas as publicações compartilhadas. Logo, por ser um conteúdo que o ex-presidente presume ser importante, vale o empenho no emprego do verbo imperativo no ato de comissionar seus seguidores a serem levados para o outro SRS — YouTube, a fim de que ouçam a referida mensagem.

Com base nesses aspectos, a edificação da imagem do político nesse *tweet* apoia-se, sobretudo, no *ethos* de credibilidade (Charaudeau, 2018 [2005]), o qual é sustentado mediante a defesa irrevogável dos valores conservadores relacionados ao DR. Esses valores são recuperados na composição das publicações do político e são comumente atribuídos a pessoas cristãs. Sendo o discurso constituinte religioso (Maingueneau, 2008a, 2021) uma expressão que aponta para uma fundação, algo basilar, ele é incorporado nesse enunciado para operar

uma espécie de guia, um típico slogan — como foi usado durante a campanha do político, sujeito a ser retomado. Essa rememoração, consoante à postagem e aos demais aspectos observados em sua integralidade, não se daria somente como uma mensagem ou uma referência ao excerto do DR, mas principalmente como um guia de conduta, que atestaria a idoneidade do ex-presidente e dos seus familiares, resguardando-os de quaisquer possíveis incriminações.

6.3 Tweet 3

Figura 6: Mensagem sempre à frente



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro do X (Twitter)⁵⁸

No terceiro enunciado que compõe o *corpus* em análise é postada uma imagem de Bolsonaro sorrindo em frente a um quadro da Santa ceia ou da Última ceia bíblica, ocasião em que, segundo o cristianismo, Jesus teve a sua última refeição com os seus apóstolos. Na legenda da foto, além do versículo comum a todas as outras publicações do *corpus*, há uma mensagem: ““E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” João 8:32. Carrego esta mensagem sempre à frente de nossa missão. Bom dia a todos!”. Aqui, diferentemente das

⁵⁸ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1130797095122853888>. Acesso em: 22 jan. 2023.

duas publicações já analisadas, o político concentra a sua reflexão na passagem bíblica em si, e o diálogo da imagem com a legenda acentua a intensidade desse *ethos* que visa edificar.

Quanto a sua composição, como destacado acima, o versículo de João 8. 32 inicia a descrição da legenda ao citar diretamente o que a passagem bíblica relata. Na sequência, o enunciado enfatiza, em primeira pessoa: “carrego esta mensagem sempre à frente de nossa missão”. Até aqui, chama atenção o uso de “nossa missão”, pois ela não seria restrita a Bolsonaro, mas algo comum a outros indivíduos. Assim, o emprego do termo missão, tendo em vista o contexto de veiculação, aponta para um ato mais abrangente do que um trabalho ou a execução do ofício político de patamar mais elevado — na época de veiculação desse enunciado. A própria seleção lexical da palavra “missão” carrega uma conotação axiológica positiva no contexto religioso. A terminologia adotada pelo político, desse modo, continuamente aponta para a conjuntura do saber de revelação e da verdade doutrinal (Charaudeau, 2018[2005], 2022), fundindo o plano factual e o espiritual em uma dissensão nada recente entre o bem e o mal, como é debatido por Lacerda (2018).

A inserção dessa mensagem “à frente” da missão que Bolsonaro diz carregar, embora aponte para um tipo de priorização, considerando o contexto religioso, é vaga, pois o uso que ele faz dessa referência, bem como a sua menção, não são especificados ou justificados. Não é possível apontar a qual missão ele se refere, se é a relacionada ao ofício do seu cargo de político ou se isso sinaliza um aspecto mais espiritual e abrangente. Nessa perspectiva, em comparação com as demais menções ao DR observadas até aqui, percebe-se que há um amálgama que, ao recorrer a essa dubiedade, encontra no excerto bíblico uma conjuntura que possibilita a sustentação do que o enunciador quer defender em razão da descontextualização do versículo. Ao estruturar-se, assim, considerando o aspecto monológico do DR (Bakhtin, 2002[1975]), ainda que o SRS seja um ambiente dialógico, o seu emprego visa inviabilizar eventuais contra-argumentos, além de se ancorar em seu caráter constituinte na sustentação do seu *ethos*.

Na sequência, no final do texto dessa postagem, de modo semelhante à segunda analisada, há um “bom dia a todos!”, o que colabora para a preservação de um *ethos* de proximidade com quem o acompanha e se identifica com a mensagem partilhada pelo enunciador. Na fotografia, Bolsonaro se posiciona à direita do quadro, simultaneamente à direita de Cristo na imagem. Além disso, concomitantemente, sua colocação em frente ao quadro interrompe a visão de apenas uma curta parte dele, garantindo que, muito provavelmente, a maioria que observe essa imagem identifique do que se trata a arte e

relacione-a com o excerto bíblico do *tweet*. O alinhamento ao DR manifesta-se, na imagem, mediante um *ethos* de felicidade (Silva, 2019) que apontaria para uma espécie de plenitude. A expressão facial da foto, a legenda da postagem, toda a cenografia da publicação transparece essa percepção de parecer, de fato, inabalável, ainda que em uma conjuntura não muito favorável.

Discorrendo sobre o contexto de postagem deste enunciado, é indispensável pontuar a ocorrência próxima da postagem do primeiro protesto nacional contra o governo Bolsonaro, referentes aos cortes na educação no início do seu governo, em 15 de maio, consoante ao noticiado pelo *UOL*⁵⁹. Na ocasião, foram registradas manifestações em cerca de 200 cidades do país, após o anúncio de cortes de, inicialmente, 30% dos repasses às universidades federais — cortes esses que aumentaram com o tempo. Ao comentar sobre os atos, o ex-presidente se referiu aos manifestantes como sendo “idiotas úteis” e “imbecis” que estariam sendo usados por militantes, o que, em geral, repercutiu muito mal para o político. Em contrapartida, sua base apoiadora também veio a se mobilizar posteriormente, em 26 de maio, em manifestações de apoio ao político em ao menos 156 cidades, de acordo com o G1⁶⁰.

Sob essa circunstância, entende-se a configuração do *ethos* do enunciador nessa publicação visar demonstrar uma imagem de plenitude que, apesar das manifestações e das dificuldades, persevera inabalável em sua “missão”. O *tweet* pode ser observado como uma forma de se comunicar com os seus apoiadores visando, justamente, não se mostrar abalado, mas pelo contrário, usar essa circunstância para mobilizar outras imagens que acarretem mais adesão ao que ele defende. Isso pode ser observado na reafirmação de estar com a mensagem sempre à frente da missão na adoção de um *ethos* de líder, semelhantemente ao apontado em Maingueneau (2020). Trazendo ao enunciado as questões relacionadas a essa fusão do plano físico com o espiritual, pode se pensar em um chefe de uma batalha, que estaria configurada em ambos os planos mencionados, considerando essa disputa bem *versus* mal (Lacerda, (2018).

No que se refere ao comentário da postagem de Bolsonaro, observa-se, novamente, que há a instauração de um diálogo que vai se relacionar com o que o enunciador mobiliza em sua publicação de forma crítica. O comentário diz: “A verdade é que não tem esse trem de mamadeira, que a terra é redonda e que o sr. sancionou anistia a partidos políticos que

⁵⁹ Mais informações disponíveis em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/05/15/protestos-contras-cortes-na-educacao-pelo-brasil.htm>. Acesso em: 01 set. 2023.

⁶⁰ Mais informações disponíveis em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/05/26/cidades-brasileiras-registram-atos-em-apoio-ao-governo-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 01 set. 2023.

descumpriram valorização de mulheres na política 🍊🍊🍊 Pronto, agora estais livre!!!”. Em sua resposta ao *tweet* do político, o enunciador vale-se da estrutura do versículo compartilhado por ele para rememorar e endossar a verdade factual (Charaudeau, 2022) de uma fake news muito propagada no cenário eleitoral de 2019⁶¹, rebater uma teoria da conspiração ainda repetida por certos apoiadores do ex-presidente e desaprovar a conduta do político em relação à anistia a partidos políticos. No fim do comentário, o “agora estais livre” aponta para o trecho final do versículo citado pelo enunciador.

Em relação aos emojis de laranjas, em razão do tom mais crítico observado, é possível assinalar que eles não são aleatórios, mas podem indicar para uma menção indireta a outro escândalo do governo Bolsonaro referente à existência de candidaturas laranjas — candidatos de fachada usados para desviar recursos do fundo eleitoral. Segundo informações da imprensa, o ex-presidente teria se beneficiado de tais candidaturas do então partido ao qual ele pertencia, o Partido Social Liberal — PSL. Observa-se, assim, que, nesse diálogo, há um entrelaçamento de vozes e ressoam numa responsividade (Bakhtin, 2010) que amplifica a discussão oriunda de um enunciado que, apesar da tentativa de construir uma imagem determinada, não pode controlar as reações-resposta que o discurso inicial suscita em seus interlocutores.

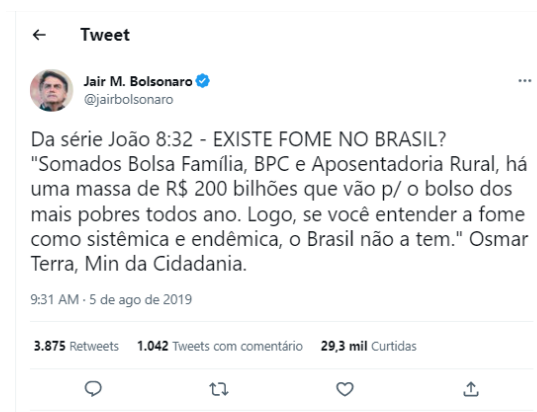
É possível apontar, nesse enunciado, a expressão da dimensão categorial do *ethos* (Maingueneau, 2020) que aparece sob a forma de líder de uma nação — presidente, na data da publicação, apresentado, no SRS, com uma declaração a uma mensagem de bom dia. A dimensão experiencial é vista na cenografia de um político cristão, que se manifesta como sendo sereno e inabalável, dialogando fortemente com a dimensão ideológica de um indivíduo conservador. Além disso, é relevante observar que nesse terceiro *tweet*, assim como no segundo analisado anteriormente, não há, explicitamente, a referência ao *antiethos* como na primeira postagem. Uma das justificativas prováveis para isso, considerando esse intervalo inicial dos primeiros meses do seu governo, é a necessidade de mostrar-se próximo dos seus seguidores e apoiadores, mas sob uma ótica de menos confronto, um pouco moderada e pacificadora, ao menos textualmente, em suas postagens oficiais. Isso é necessário, pois só assim seria validada, gradualmente, a sua imagem de liderança salvadora (Charaudeau, 2018[2005]).

⁶¹ Mais informações disponíveis em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/03/politica/1538583736_557680.html. Acesso em: 04 set. 2023.

6.4 Tweet 4

Figura 7: Fome no Brasil



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro do X (*Twitter*)⁶²

Neste enunciado⁶³, percebe-se uma estrutura inicial que faz referência à passagem bíblica já adotada nas publicações anteriores, acompanhada de um título específico: "Da série João 8:32 - EXISTE FOME NO BRASIL?". Em seguida, o Bolsonaro introduz uma citação do então ministro da cidadania de seu governo, Osmar Terra, utilizando aspas para destacá-la. O trecho citado versa sobre a soma dos benefícios sociais, como o Bolsa Família, o Benefício de Prestação Continuada (BPC) e a Aposentadoria Rural, totalizando um montante de R\$ 200 bilhões destinado aos estratos mais economicamente vulneráveis da sociedade. Na fala de Osmar Terra, o ministro argumenta que, considerando essa cifra e a concepção de fome como um problema sistêmico e endêmico, o Brasil não padece desse flagelo.

Na primeira parte da postagem, chama atenção a menção ao "da série João 8:32" no início da publicação. Nesse contexto, através da observação dos exemplares da sequência do *corpus*, nota-se que Bolsonaro parece adotar esse título como uma forma de dedução. Ao mencionar "da série João 8:32", então, ele quer dizer "da série verdade que o libertará" ou algo semelhante. Neste trecho específico do enunciado, torna-se evidente que o DR é respaldado exclusivamente como uma estratégia discursiva utilizada para fundamentar as afirmações subsequentes na postagem, desenvolvendo assim um significado que se afasta do contexto bíblico, relacionado à palavra de Deus e à própria figura de Cristo (Curcino, 2021). Assim, há um distanciamento da verdade doutrinal que o saber de revelação resguarda e um deslocamento para a referência a essa "verdade" que "liberta" como sendo uma verdade

⁶² Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1158354806613913601>. Acesso em: 22 jan. 2023.

⁶³ Uma análise preliminar, com base em dispositivos e enquadres teóricos distintos, pode ser encontrada em Melo (2023).

factual (Charaudeau, 2018[2005]). É, portanto, nisso, que ela tende a tornar os enunciados compartilhados monológicos, na esteira do que foi observado no primeiro *tweet*.

Refletindo sobre a sua composição, a declaração proferida pelo, na época, ministro diz respeito aos programas de assistência social e distribuição de renda destinados às camadas mais desfavorecidas da sociedade, tais como o Bolsa Família, o Benefício de Prestação Continuada (BPC) e a Aposentadoria Rural. O enunciado citado por Bolsonaro, em seu perfil oficial, sustenta a ideia de que, considerando os 200 bilhões de reais alocados para esses grupos vulneráveis, não seria apropriado afirmar que a fome se tratava de uma questão “sistêmica e endêmica” no país, sendo, portanto, de acordo com Osmar Terra, uma falsidade. O uso do verbo “existe”, na pergunta feita por Bolsonaro, é explorado ao longo da publicação ao contrastar com o DR mencionado no início, pois se não “existe” fome, faz-se necessário reafirmar essa “verdade” que “liberta” em seu enunciado no SRS.

Nesse contexto, torna-se evidente que os líderes governamentais procuram com essa publicação, de certa forma, se eximir de possíveis acusações de inação no combate à fome no país, ao argumentar que, à luz dos recursos alocados pelo Estado, ela não se configuraria como um fenômeno sistêmico e endêmico. No entanto, essa alegação entra em conflito com os dados apresentados pela FAO — Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, em 2018, que indicaram que cerca de 5,2 milhões de pessoas no Brasil estavam em situação de subalimentação no período entre 2015 e 2017⁶⁴. Dessa forma, constata-se que a defesa de Osmar Terra, compartilhada pelo presidente Bolsonaro na época, apresenta algumas incongruências com a realidade do país. Isso sugere um esforço por parte dos locutores em minimizar ou obscurecer a gravidade do problema da fome, utilizando a “justificativa” de que “R\$ 200 bilhões” são direcionados para as camadas mais desfavorecidas anualmente.

No que se refere ao estilo, percebem-se alguns elementos característicos do ecossistema digital no *tweet* em análise. No início do texto do enunciado, as letras maiúsculas no título que aparece como forma de indagação almejam elucidar esse assunto para o seu interlocutor no SRS. A linguagem empregada pelo político na citação é moldada ao contexto digital, evidenciada pelo uso de abreviações como “p/” em substituição a “para” e “Min” em lugar de “ministro”. Isso se deve em virtude das limitações existentes até um tempo atrás em relação os caracteres no X (*Twitter*), o que se modificou posteriormente, ainda mais com as

⁶⁴ Mais informações disponíveis em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/07/19/falar-que-se-passa-fome-no-brasil-e-uma-grande-mentira-diz-bolsonaro.htm>. Acesso em 05 set. 2023.

recentes mudanças referentes ao nome e o logo da rede. Há, ainda, um desvio de concordância no trecho “todos ano”, o que, no entanto, não prejudica a compreensão da mensagem que o enunciador visa transmitir.

A citação da fala do seu ministro, enfatizada por meio do emprego das aspas duplas, permite chegar à interpretação de que a missão de reafirmar essa “verdade” que “liberta” não seria algo restringido ao ex-presidente, mas sim uma tarefa compartilhada por todos os seus ministros. Isso justifica a necessidade de ele reiterar e fortalecer o discurso republicado. Esse aspecto de sua imagem não deixa de insinuar, de certa forma, uma analogia com a figura dos apóstolos ou discípulos de Cristo, no contexto do DR, destacando seu alinhamento com eles, em que o líder, padrão a ser imitado, orienta seus seguidores ou aprendizes. Nesse sentido, Bolsonaro poderia ter apenas repostado ou compartilhado a declaração de Osmar Terra, no entanto, ele molda esse discurso, enquadrando-o como a resposta à pergunta que ele mesmo faz ao indagar sobre a existência da fome no país.

Por conseguinte, considerando a imprescindível orientação dialógica de que todo o discurso é carregado de respostas e acompanhado de uma atitude responsiva ativa (Bakhtin, 1997[1979]), é importante discutir sobre o contexto em que esse enunciado e a sua reportagem são publicados. Assim, bem antes disso, em março de 2019, o, na época, presidente da câmara, Rodrigo Maia, havia criticado Bolsonaro sobre diversas questões, dentre elas a problemática da fome no país. Em resposta a essa declaração, Bolsonaro já havia exteriorizado antes dessa publicação que “falar que se passa fome no Brasil é uma grande mentira”⁶⁵. A então justificativa apresentada pelo seu ministro, referente à dotação de R\$ 200 bilhões, aparece, portanto, como uma prova de que o ex-presidente é o detentor da “verdade”, que é expressa mediante a acoplagem da verdade doutrinal do DR à “verdade” por ele defendida.

Com isso, percebe-se que, nesse enunciado, Bolsonaro argumenta em favor de uma contraverdade, uma pós-verdade, que aparece sob a forma de invenção de fatos e explicações (Charaudeau, 2022). Ainda que bilhões sejam destinados aos programas mencionados pelo ministro na citação, observa-se um empenho por parte dos enunciadores em dissimular ou mitigar a seriedade da questão da fome, utilizando a alegação de que o referido montante é destinado, anualmente, aos que mais precisam. O DR é apresentado, nessa postagem, visando outorgar sustentação e credibilidade ao que a fala de Osmar Terra exprime, mediante uma

⁶⁵ Mais informações disponíveis em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/19/falar-que-se-passa-fome-no-brasil-e-uma-grande-mentira-diz-bolsonaro.ghtml>. Acesso em 06 set. 2023

estratégia que recorre à fundação do âmbito religioso, por meio do versículo, como uma forma de respaldo para o enunciado. Desse modo, sendo a verdade factual ausente na declaração partilhada pelo ex-presidente, o saber de revelação, que apresenta em sua composição a verdade doutrinal, é a sua fonte legitimadora.

Em relação ao *ethos* e as suas dimensões no enunciado em análise, há, novamente, a apresentação de um *ethos* de um líder político, que se apresenta, sob seu viés categorial, alinhado com o discurso de seu ministro em favor da defesa do discurso sustentado. A dimensão experiencial, por sua vez, interage com esse *ethos* de líder ao se relacionar com a natureza do discurso projetado, uma vez que, normalmente, se tende a acreditar e a conferir validade e respeito ao que um presidente declara. Percebe-se, nessa dimensão, a abertura de um diálogo em virtude da menção ao “da série João 8:32”, sinalizando que a postagem em si não se encerra ali, mas é apenas a primeira de uma sequência que possui o objetivo de tornar público o conhecimento a uma “verdade” que “liberta”.

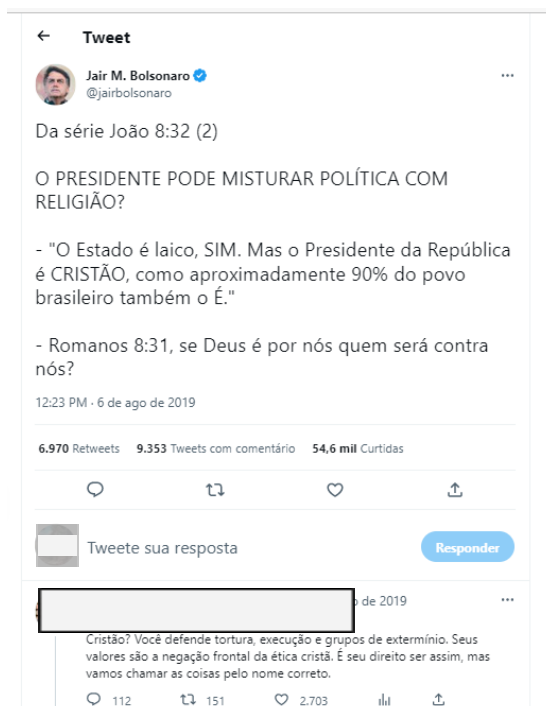
É relevante destacar, ainda, a dimensão ideológica, que se concentra, sobretudo, nos argumentos de viés conservador e de direita em suas manifestações nos SRSs, manifestando-se contrariamente a diversas questões relacionadas ao combate de desigualdades de forma geral. Prova disso, foi a extinção do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional — Consea e os escassos investimentos em programas de aquisição de alimentos, como o Programa de Aquisição de Alimentos — PAA, durante o governo Bolsonaro⁶⁶. Dessa forma, ao recorrer a uma pós-verdade, através da invenção de fatos e explicações, o DR é projetado para contribuir com a *fake news* que o político defende, manipulando o versículo bíblico para as alegações feitas serem apreendidas como um discurso monológico que apenas as revela.

⁶⁶ Mais informações disponíveis em:

<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2022/11/12/esvaziado-programa-federal-de-aquisicoes-de-alimentos-ve-doacoes-despencarem.ghtml>. Acesso em 07 set. 2023.

6.5 Tweet 5⁶⁷

Figura 8: Política e religião



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro do X (Twitter)⁶⁸

Neste quinto enunciado, assim como no quarto analisado anteriormente, Bolsonaro intitula o enunciado com o “Da série João 8:32 (2)”, sinalizando que essa será a segunda publicação desta sequência de *tweets* que ele compartilha em sua rede. Na sequência, ele a intitula, taxativamente: “O PRESIDENTE PODE MISTURAR POLÍTICA COM RELIGIÃO?”. Na sequência, o político responde a essa pergunta dizendo: “- “O Estado é laico, SIM. Mas o Presidente da República é CRISTÃO, como aproximadamente 90% do povo brasileiro também o É.””. Na parte final da postagem, Bolsonaro cita outro versículo bem conhecido “- Romanos 8:31, se Deus é por nós quem será contra nós?”. Percebe-se, nesse enunciado, que as menções ao DR abrem e encerram a publicação do político e dialogam ainda mais com o que ele partilha no SRS.

O que mais chama atenção em uma observação inicial sobre esse *tweet* é a ênfase na pergunta do título da publicação em relação aos outros termos destacados em letras maiúsculas por Bolsonaro. Com isso, o enunciador objetiva, de algum modo, prender a atenção do coenunciador que navega pelo SRS para saber a resposta dessa indagação. Ao

⁶⁷ Uma análise preliminar, com base em dispositivos e enquadres teóricos distintos, pode ser encontrada em Melo (2023).

⁶⁸ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1158760627638362122>. Acesso em: 22 jan. 2023.

justificar que "O Estado é laico, SIM. Mas o Presidente da República é CRISTÃO, como aproximadamente 90% do povo brasileiro também o É."”, ele se dirige a essa “maioria” e fala, sobretudo, para essa parcela. Isso é realçado nos termos “SIM”, “CRISTÃO” e “É”, em que, para além de enfatizar sua declaração na resposta implícita, se estabelece uma relação com essa porcentagem da qual ele diz fazer parte. Nesse sentido, ele se mostra como próximo desse público e insere o seu interlocutor nesse diálogo ao recorrer à conhecida passagem de Romanos 8:31: “se Deus é por nós quem será contra nós?”. Nota-se, novamente, o apelo ao âmbito espiritual em sua composição.

Embora seja bem próximo do enunciado analisado anteriormente, essa publicação surge, certamente, como uma resposta às reverberações de acontecimentos importantes que ocorreram em um breve intervalo de tempo daquele ano. Em julho, o ex-presidente havia participado de um culto evangélico declarando que indicaria um ministro “terrivelmente evangélico” para o Supremo Tribunal Federal — STF⁶⁹. Mais tarde, Bolsonaro também participou da Marcha para Jesus realizada na cidade de São Paulo, constituindo-se como o primeiro chefe de Estado a estar presente neste evento de viés protestante, mesmo ele se declarando católico. Nesse contexto, tanto suas declarações no culto quanto a sua presença e seu caráter de propaganda política marcha para Jesus — ambiente em que ele inclusive mencionou a possibilidade de tentar a reeleição — foram alvo de diversas críticas.

Em acréscimo, quando se analisam esses aspectos temporais na formulação do discurso, e ao direcionarmos nossa atenção para o conteúdo da publicação em questão, é evidente que o enunciador delega ao destinatário a interpretação da postagem, não oferecendo uma resposta explícita à indagação efetuada pelo próprio político. Em outras palavras, ele espera que o leitor complete as lacunas e deduza os elementos não claramente expressos em sua resposta. Assim, recuperando a sua repetida frase sobre as minorias terem que se curvar ou se adequar à maioria⁷⁰, Bolsonaro se insere nessa “maioria” e tende a rechaçar e invisibilizar todas as minorias, usando, muitas vezes, o DR para isso, algo costumeiro dos políticos conservadores e neoconservadores, como dissertado por Lacerda (2018).

Tendo em vista os *ethé* já apontados nas análises anteriores, percebe-se, nessa postagem, a tentativa de exprimir um *ethos* de cristão, além do *ethos* de líder (Maingueneau, 2020), como nas publicações anteriores, imbuído de um *ethos* de um político perseguido. A

⁶⁹ Mais informações disponíveis em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/10/bolsonaro-diz-que-vai-indicar-ministro-terrivelmente-evangelico-para-o-stf.ghtml>. Acesso em 08 set. 2023.

⁷⁰ Mais informações sobre essa declaração disponíveis em:

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/07/15/bolsonaro-defende-falas-transfobicas-minorias-tem-que-se-adequar.htm>. Acesso em 08 set. 2023.

sua edificação, desse modo, alicerça-se sob esse *ethos* coletivo de uma identidade discursiva compartilhada por um grupo ou uma comunidade que se reúne, sendo fundada e mantida pelo discurso constituinte religioso que a respalda e sustém os seus pilares. O encerramento da publicação com o trecho bíblico de Romanos também contribui para a manutenção da imagem que esse enunciado destaca. Assim, ao encerrar a postagem com o “- Romanos 8:31, se Deus é por nós quem será contra nós?”, o ex-presidente visa enfatizar a narrativa de confronto entre forças diametralmente opostas, abrangendo aspectos tanto físicos quanto espirituais. Nesse cenário, “o bem” é simbolizado pela posição ocupada pelo político enunciatador, enquanto “o mal” é representado por aquelas posições que se opõem ao bem, e, consequentemente, a ele.

Refletindo mais detalhadamente sobre as dimensões do *ethos* expressas nesse enunciado, a categorial é expressa, simultaneamente, por meio de um papel discursivo de líder político de posição considerável, mas que, extradiscursivamente, aparece como um cidadão que é parte destes 90% do povo brasileiro citado por ele. Essa exploração de uma imagem pautada em uma coletividade se relaciona com a dimensão experiencial encontrada no discurso de um “cidadão de bem”, algo indissociável da dimensão ideológica do *ethos*. Nesta última, é perceptível um imbricamento da política com a religião — o factual e o espiritual. Dada a ausência de uma resposta direta à pergunta formulada no início do *tweet*, a publicação sugere que a “mistura de política com religião” não seria um problema em virtude de a maioria da população ser cristã, segundo Bolsonaro.

O comentário, em resposta ao enunciado do político, contrasta com as alegações feitas por ele de modo bastante veemente. Ele indaga: “Cristão? Você defende tortura, execução e grupos de extermínio. Seus valores são a negação frontal da ética cristã. É seu direito ser assim, mas vamos chamar as coisas pelo nome correto.”. Considerando essa reação-resposta ao primeiro enunciado de Bolsonaro, percebe-se que o seu coenunciador traz à discussão no comentário elementos referentes às condutas e defesas do ex-presidente que lograram maior repercussão desde que ele passou a integrar o âmbito político, indo de deputado a presidente. Sob esse viés, observa-se que o *ethos* de cristão que o ex-presidente quer produzir, através da postagem, não converge com o seu *ethos* pré-discursivo (Maingueneau, 2008a), daí o questionamento do comentário. Diante disso, em virtude da “negação frontal da ética cristã”, segundo o autor do comentário, não seria coerente ele se intitular de cristão.

Esse comentário, de modo geral, pela sua própria intrepidez, suscita, como é possível observar, diversas novas respostas e interações no SRS X (*Twitter*), sinalizando que, de fato, o que Bolsonaro alega ser nessa publicação, não demonstra ser aceito como uma “verdade” que

“liberta”, como o versículo reiteradamente usado por ele indica. Embora não seja possível se aprofundar nesse aspecto nessa e em outras publicações, essa apreciação de alguns dos comentários nas publicações do *corpus* se faz importante para uma observação dos desdobramentos de suas declarações. Como sublinhado anteriormente, embora o político tente transparecer um *ethos* de cristão em seu enunciado, o comentário possibilita, em certo grau, a averiguação de que essa imagem não adquire contornos muito sólidos. No entanto, é inegável que para uma considerável parcela que o acompanha, esse discurso é crível e merecedor de confiança. Nisso, nota-se o sucesso do investimento nessa estratégia argumentativa que em nenhum momento abre mão do DR.

No que diz respeito à ecologia deste enunciado, é possível observar que tanto na publicação inicial quanto nos comentários críticos ao conteúdo divulgado pelo ex-presidente, ocorre um número considerável de *retweets*, comentários e curtidas. Nesse contexto, embora o número de interações seja relativamente menor nos comentários em comparação com a publicação original, isso demonstra a extensão que essas postagens alcançam nos SRSs. Isso evidencia que, apesar de o autor do enunciado tendencialmente conceber seus discursos de forma mais unidirecional, buscando evitar questionamentos e críticas, a rede social ainda possibilita contornar essa abordagem por meio das reações e respostas direcionadas ao político.

pessoais e relacionadas ao poder. Assim, Bolsonaro chama atenção, mediante a citação, salientando a necessidade de unir forças em prol desses cidadãos com caráter sadio, não precisando a que forças ele se refere. Pelo contexto e a própria sequência que ele cria, há uma tendência para a condução dessas forças para o âmbito espiritual, não apenas pelo demarcado no título da publicação, referente à passagem de João 8: 32, mas também pela sua menção a Lucas 12:2, quando ele sublinha que: “Mas nada há encoberto que não haja de ser descoberto; nem oculto, que não haja de ser sabido.”. É relevante observar, nessa citação, a importância da terminologia adotada pelo enunciador, que aponta para uma conjuntura espiritual: “forças”, “inclinações”, “algemadas”, o que possibilita que esse enunciado seja orientado para qualquer propósito.

O seu estilo manifesta-se, predominantemente, pela veiculação de distintos excertos, tanto a citação do autor desconhecido, quanto o versículo na resposta à postagem, sendo o “DA SÉRIE JOÃO 8:32 (3)” o único texto construído autoralmente por Bolsonaro. Com isso, o político espera que a mensagem expressa na citação signifique por si só, aliado com a menção ao versículo de Lucas 12:2, no *tweet* seguinte à postagem inicial. Isso permite observar que o seu *ethos* dito se mostra ausente nesse enunciado, consoante ao que Maingueneau (2008a) discorre em determinados contextos. Por outro lado, o *ethos* mostrado aparece semelhantemente aos enunciados analisados previamente. Almeja-se a construção de uma imagem de cristão que se ancora, mais uma vez, no DR que se faz presente tanto na “série João 8:32” como na menção a “Lucas 12:2”.

Por conseguinte, a dimensão categorial é expressa através da imagem de um chefe político que se preocupa com esse aspecto mais amplo da vida dos brasileiros, daí surge a necessidade de “reunir forças”. É por avaliar que essa temática é importante e merece ser conhecida pelos cidadãos que ele a insere, particularmente, nessa série de publicações reunidas na “série João 8:32”. Ele prossegue manifestando na sua dimensão ideológica um aspecto de político respaldado em valores moralmente conservadores, os quais são acentuados pelo uso do DR, e se encontram mais próximos do espectro da direita política. A dimensão experiencial, que interage fortemente com a dimensão ideológica, é observada, nesse caso, mediante a desconstrução do típico estereótipo atribuído a políticos referentes a ambição e a soberba pelo poder, o enunciador investe em se declarar antagônico a essas condutas visando que isso contribua com a manutenção de sua imagem e da sua credibilidade (Charaudeau, 2018[2005]).

No que se refere à ecologia do discurso, o enunciador se vale de um recurso comum no X (*Twitter*), no período em que não havia um limite maior de caracteres, a sequência, também chamado de *thread* por alguns. Através dela, ao navegar pelo ambiente digital do SRS em questão, cria-se uma espécie de prévia que induz o usuário a interagir com o conteúdo publicado clicando nele, a fim de acessar o restante dele no *tweet* seguinte. Para existir uma *thread* uma ou uma sequência, é necessário, portanto, mais de dois *tweets* publicados em série. Um dado interessante é que até o quinto exemplar analisado, Bolsonaro usava, predominantemente, uma lista com um traço (-) em suas postagens, sendo o primeiro registro distinto dele identificado nesse sexto enunciado. Essa “nova” forma de interagir e se comportar nesse ecossistema digital parece apontar para uma própria demanda dele, pois ainda não era possível editar os *tweets*, daí a possibilidade de recorrer a uma nova postagem na sequência para que esse novo enunciado não ficasse disperso no X (*Twitter*).

O comentário exibido na postagem escreve: “CarLuxo No comando! Kkkkkkkkkkkkkkkkkkk”. Nesse *tweet*, em resposta aos enunciados da sequência, o enunciador se refere a Carlos Bolsonaro, filho do ex-presidente, através do uso de um apelido que passou a ser usado com tom pejorativo em virtude de especulações sobre sua proximidade com um primo, Léo Índio. Ao mencionar o “no comando” ele visa atribuir a Carlos a autoria ou a própria publicação desse *tweet*. Isso se deve pelo fato de denúncias apontarem, em 2019, a existência de indivíduos que atuavam em prol da disseminação de *fake news*, cuja liderança foi atribuída a Carlos Bolsonaro, no chamado gabinete do ódio⁷². Nessa perspectiva, como ele era apontado como um tipo de mentor dos SRSs de Jair Bolsonaro, usuários, como esse que postou o comentário, passaram a, de algum modo, ironizar e zombar desse serviço atribuído a Carlos.

Em razão disso, embora se busque construir um *ethos* de cristão, mediante os discursos constituintes identificados no início e no final da publicação, há a recorrência a um *antiethos* que, indiretamente, na citação que ele publica na postagem, pois Bolsonaro se coloca como o oposto do que esses indivíduos que se encontrariam com as “mentes algemadas pela ilusão das vantagens pessoais e do poder”. A partir da sinalização dessa oposição como algo merecedor de ser revelado como “verdade”, o DR também é endossado para realçar esse engano, o qual não pode ficar oculto, tendo em vista o exposto no excerto de Lucas 12:2. Percebe-se, então, que o mais característico desse enunciado é o investimento

⁷² Mais informações podem ser consultadas em:

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/06/13/gabinete-do-odio.htm>. Acesso em: 09 set. 2023.

em um *ethos* oposto e contrário ao que a citação expressa, um *antiethos*, para o qual o DR possui valor insubstituível, haja vista a própria base de apoio do político.

6.7 Tweet 7

Figura 10: Foro de São Paulo



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro do X (Twitter)⁷³

Neste sétimo enunciado, Bolsonaro se refere aos saques aos bancos na Argentina em 2019, em meio à crise econômica que se instalou naquele país com receio do confisco do dinheiro pelos bancos. Ele inicia a postagem a intitulando de “- Da série JOÃO 8:32 (4)” a fim de indicar que esta é a quarta publicação da série que ele posta em seu X (Twitter). Na sucessão ele escreve: “- Com o possível retorno da turma do Foro de São Paulo na Argentina, agora o povo saca, em massa, seu dinheiro dos bancos. É a Argentina, pelo populismo, cada vez mais próxima da Venezuela.”. Em resposta ao seu *Tweet*, o político acrescenta outro versículo, que expressa: “- Provérbios 28:19: 'Quem lavra sua terra terá comida com fartura, quem persegue fantasias se fartará de miséria.'”. Em linhas gerais, ele segue a mesma estrutura identificada no enunciado analisado anteriormente, mas diferente da citação

⁷³ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1163054848805363712>. Acesso em: 22 jan. 2023.

veiculada anteriormente, ele apresenta um conteúdo após o título em que ele menciona João 8:32.

Quando ele se refere ao “possível retorno da turma do Foro de São Paulo na Argentina” ele está mencionando o cenário político daquele país, que, na época, estava próximo das eleições presidenciais. A “turma do foro de São Paulo” é uma expressão frequentemente utilizada na política brasileira para se referir a um grupo de políticos e líderes de esquerda que, supostamente, têm ligações ou afinidades ideológicas com o Foro de São Paulo. O Foro de São Paulo é uma organização internacional fundada em 1990 que reúne partidos políticos e movimentos de esquerda da América Latina e do Caribe. A referência a esse termo, por Bolsonaro, se dá mediante uma forma pejorativa de mencionar que, em outras palavras, a esquerda poderia voltar ao poder. Segundo o ex-presidente, a razão pela qual as pessoas estariam sacando o dinheiro do banco seria em virtude desse retorno da esquerda ao poder, o que, contudo, não procede.

Assim, a simplificação do que Bolsonaro declara em seu enunciado, não apenas dissemina uma contraverdade, uma *fake news*, mas também associa isso ao âmbito espiritual através do DR na postagem. Diferentemente do que o político alega, os saques em bancos na Argentina, durante o período de 2019, ocorreram devido a uma combinação de diversos fatores econômicos, políticos e sociais. Nesse viés, apesar de a crise econômica lá ter se iniciado no governo de Cristina Kirchner, ela se intensificou durante o governo de Mauricio Macri, líder de centro-direita, e continuou a afetar o país nos anos subsequentes. O propósito de Bolsonaro insistir nessa crítica e atribuição de todos os problemas do país à esquerda é um só: a rememoração do *antiethos* que ele visa combater e combate, tanto numa frente factual e real, como espiritualmente, uma vez que ele funde esses planos em seus discursos.

Percebe-se, com isso, que o ex-presidente relembra essa *desordem social* no contexto argentino para imputar aos políticos de esquerda em geral essa *origem do mal*, a fim de deixar implícita a *solução salvadora* nessa dramaturgia política (Charaudeau, 2018 [2005]). Nessa mesma linha de raciocínio, ele também cita a Venezuela ao declarar, no fim do *tweet*, que: “É a Argentina, pelo populismo, cada vez mais próxima da Venezuela.”. Aqui, observa-se que a Venezuela é concebida, possivelmente, como o ápice dessa desordem mencionada. Ao insistir nessa temática, por meio da descredibilização da esquerda e de qualquer político desse espectro, Bolsonaro estabelece, por meio de uma contraverdade, a estratégia da manipulação pelo medo (Charaudeau, 2022) mostrando-o como sendo sempre uma ameaça onipresente,

atribuída a esses governos aos quais ele se opõe, ainda que essa ameaça seja em uma nação próxima, e não diretamente no Brasil.

A menção ao DR, em resposta ao seu primeiro *tweet* dessa sequência, realça essa junção das esferas factual e espiritual em seu enunciado. Embora essa passagem seja bem abrangente, o emprego dela, por Bolsonaro, visa explorar na literatura bíblica uma explicação para o que é apontado por ele no cenário argentino que, segundo ele, se aproxima cada vez mais do observado na Venezuela. É nítido, portanto, que a narrativa do ex-presidente recorre à fundação do DR e a sua essência mais monológica (Bakhtin, 1997[1979]) com o intuito de resguardar-se de quaisquer críticas ou questionamentos. Ele se apresenta, então, como o único possuidor dessa “verdade” a que ele se refere ao mencionar a passagem de João 8: 32. Com isso, tendo em vista a ausência da verdade factual em seu enunciado, a verdade doutrinal, do saber de revelação é adotada com o propósito de conferir credibilidade ao que ele publica.

Nessa perspectiva, observa-se que as dimensões do *ethos* se apresentam de maneira coerente com o que foi anteriormente indicado nos enunciados objeto de análise. No que diz respeito à dimensão categorial, o enunciador manifesta um *ethos* de liderança, valendo-se da autoridade inerente a sua posição como presidente de uma nação para expressar suas considerações sobre os acontecimentos no país vizinho. A dimensão experiencial se entrelaça intrinsecamente com a dimensão ideológica, alicerçando-se na premissa estereotipada de que a esquerda política é uniforme em todos os países do mundo. Essa concepção vincula, por exemplo, questões como a corrupção e a ameaça do comunismo à esquerda de forma generalizada. Especificamente no contexto brasileiro, como já sublinhado, essa responsabilidade é predominantemente atribuída aos governos petistas (Ab’Sáber, 2021). Além disso, as críticas proferidas por Bolsonaro também alimentam e conferem destaque ao *antiethos* (Maingueneau, 2020) que ele busca incessantemente combater, tanto no plano físico quanto no espiritual.

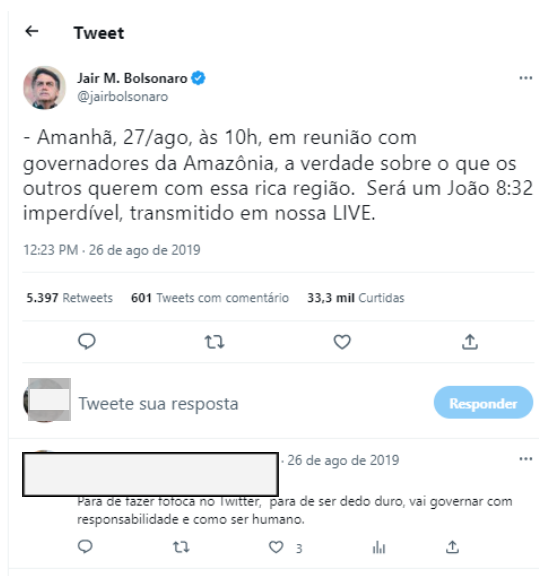
Por conseguinte, ao abordar o comentário relacionado a essa publicação, nota-se que o autor parece ser o primeiro a responder, o que, até então, sugere uma certa confiabilidade em relação ao enunciado de Bolsonaro e ao conteúdo por ele apresentado. O comentário declara: “Imagino o desespero dos argentinos. Deus nos livre, mas caso isso venha a ocorrer um dia novamente no Brasil, o povo faria igual!”. Na sua resposta, o autor não apenas confirma a credibilidade do conteúdo apresentado pelo ex-presidente, mas também se posiciona de forma reflexiva, colocando-se na perspectiva dos argentinos e enfatizando que, supostamente, se uma crise semelhante à mencionada por Bolsonaro ocorresse novamente no Brasil, o povo

reagiria de maneira semelhante. Além disso, o autor expressa o desejo de que Deus livre a nação de tal infortúnio, estabelecendo um diálogo com o teor do DR adotado por Bolsonaro.

No que se refere à ecologia dos discursos, é notável que o enunciador, de maneira semelhante ao enunciado previamente analisado, estrutura sua publicação sequencialmente para guiar o leitor que navega nos SRSs a interagir ao clicar no *tweet*, em razão dos seus elementos compósitos (Paveau, 2021[2017]0, a fim de visualizar a mensagem em sua totalidade. Além disso, é pertinente ressaltar a ênfase dada pelo político ao mencionar “JOÃO 8:32” em letras maiúsculas, destacando claramente o referencial discursivo presente em todos os seus enunciados. A progressão observada na enumeração das postagens que compõem essa série também desempenha um papel relevante na interpretação do coenunciador que encontra esse *tweet* online, apontando para uma progressão em cada publicação. Com base em seu título, é possível atribuir-lhe um valor diferenciado, variável consoante o horizonte apreciativo individual do leitor.

6.8 Tweet 8

Figura 11: Verdade sobre a Amazônia



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro do X (Twitter)⁷⁴

Neste enunciado, diferentemente dos anteriores que se relacionavam com a série de postagens nomeadas por Bolsonaro, há uma menção diferente à referência ao DR em sua

⁷⁴ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1166008237935796226>. Acesso em: 22 jan. 2023.

composição. Bolsonaro escreve: “- Amanhã, 27/ago, às 10h, em reunião com governadores da Amazônia, a verdade sobre o que os outros querem com essa rica região. Será um João 8:32 imperdível, transmitido em nossa LIVE.”. O político se refere, nessa postagem, ao encontro ocorrido entre ministros e governadores em 27 agosto de 2019 para debater a questão das queimadas na Amazônia naquele ano. Assim, a menção ao versículo bíblico no final da publicação, pressupõe o conhecimento do conteúdo expresso dessa passagem. Em outras palavras, a parte final do seu enunciado diz que: “será um *e conhecereis a verdade e a verdade os libertará* imperdível, transmitido em nossa LIVE”. No entanto, essa menção ao DR não apresenta relação com o sentido bíblico.

No que se refere ao seu conteúdo, essa postagem possui um tom convidativo ao versar sobre a “verdade sobre o que os outros querem” com relação à Amazônia, segundo Bolsonaro. Ela é publicada, desse modo, como uma reação a uma série de pressões relacionadas com o desastre das queimadas na Amazônia ao longo de 2019. Em razão da proporção da tragédia das queimadas na região, líderes internacionais manifestaram preocupação com relação a como o governo Bolsonaro estava reagindo à crise instaurada. Um dos representantes foi Emmanuel Macron, presidente da França, que além de demonstrar preocupação, requereu uma mobilização comum das potências mundiais contra o desmatamento. Durante o G7, encontro da cúpula dos países desenvolvidos, o grupo que anunciou um fundo emergencial para ações na floresta.

Nesse contexto, em reação a essas ocorrências, em transmissão ao vivo em suas redes sociais, Bolsonaro chamou de esmola a ajuda de grupo para combater as queimadas na Amazônia⁷⁵ e rejeitou o montante de 20 milhões de dólares, anunciado por Macron. Com isso, além de, continuamente, negar a realidade e não aceitar o fato do grave problema das queimadas, o ex-presidente atribuiu a culpa dos incêndios criminosos aos indígenas, às ONGs e a uma “campanha de desinformação” liderada pela imprensa, sempre procurando se ressaltar de qualquer imputação⁷⁶. Logo, se de acordo com Bolsonaro, até mesmo a imprensa estaria contribuindo para a mencionada desinformação apontada, justifica-se a necessidade de enfatizar o “João 8:32 imperdível” a ser difundido, exclusivamente, na mencionada LIVE destacada pelo político.

⁷⁵ Mais informações disponíveis em:

<https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2019/08/29/bolsonaro-chama-de-esmola-ajuda-do-g7-para-combater-queimadas-na-amazonia.htm>. Acesso em 10 set. 2023.

⁷⁶ Mais informações disponíveis em:

<https://www.brasildefato.com.br/2020/09/22/bolsonaro-culpa-indios-caboclos-midia-e-ongs-por-queimadas-e-consequencias-da-covid>. Acesso em 10 set. 2023.

É indispensável considerar que foi por meio dessas “lives”, transmissões ao vivo pelos SRSs de Bolsonaro, que ele compartilhou, reiteradas vezes, diversas categorias de contraverdades, as conhecidas *fake news*. Considerando o contexto dessa publicação, percebe-se que essa contraverdade emerge, tendo em vista o teorizado por Charaudeau (2022), a partir de uma *negação* do fato de que a Amazônia estava diante de uma tragédia catastrófica, que o governo Bolsonaro contribui significativamente, e, ao mesmo tempo, pela *invenção* de explicações que atribuíram, sem provas, a responsabilidade para outras pessoas. Assim, no contexto digital, uma vez que essas contraverdades são propagadas, não se pode medir o seu efeito e seu alcance, acarretando, infelizmente, a sedimentação dessas *fake news* como pós-verdades, atreladas ao DR endossado pelo político como uma fonte legitimadora.

Como nos enunciados analisados anteriormente, a dimensão experiencial apresenta-se através da imagem de um chefe político que usa o seu perfil para uma “verdade” a seus seguidores que o acompanham na rede. Ao convidar para a live que ele menciona, o político visa estabelecer um *ethos* de proximidade com os seus apoiadores, a própria live que ocorria semanalmente é um exemplo da importância de investir nessa estratégia. A dimensão experiencial, por sua vez, é vista no estereótipo reforçado por Bolsonaro em seu enunciado referente ao interesse internacional na Amazônia apontado por ele. Para o ex-presidente, a defesa insistente da preservação seria para explorar a floresta no futuro. Ele ainda disse, ao se referir a isso, que o “Brasil é virgem que todo tarado de fora quer”⁷⁷. Isso interage fortemente com a dimensão ideológica, especialmente da direita política, que preza pelo protagonismo, pela soberania e pela autossuficiência, por vezes egoísta, para conduzir a governança, a exemplo do discutido por Sousa; Azzi e Rodrigues (2022) ao tratar sobre o isolamento do país durante a gestão do político.

O enunciado expressa, então, sob forma de um anúncio de um evento, um convite para os seus seguidores presenciarem esse encontro online, por meio da live que ele cita. Nesse viés, ao compartilhar esse convite, o enunciador digital espera produzir uma atitude responsiva ativa (Bakhtin, 1997[1979]) no seu interlocutor, de que ele se faça presente na referida live. Considerando a ecologia digital, é possível apontar que as ações de *retweetar*, *retweetar* com comentário, curtir e comentar também podem ser observadas como uma resposta ao enunciado publicado pelo político. Contudo, como podemos observar a partir das considerações breves anteriores sobre os demais *tweets* analisados, uma considerável parcela

⁷⁷ Mais informações disponíveis em:

<https://veja.abril.com.br/politica/brasil-e-virgem-que-todo-tarado-de-fora-quer-diz-bolsonaro>. Acesso em 10 set. 2023.

desses comentários aponta para algumas críticas e formas de reprovar o que Bolsonaro exprime em seus enunciados na esfera digital.

Esse teor de *ethé* negativos e de crítica são observados no comentário desse oitavo enunciado. A resposta ao *tweet* de Bolsonaro diz: “Pare de fazer fofoca no Twitter, para de ser dedo duro, vai governar com responsabilidade e como ser humano.”. Como já identificado na análise de alguns *tweets* acima, as críticas endereçadas ao ex-presidente não apenas expressam discordância, mas reprovam e também cobram uma conduta diferente ao expor o que, na visão dos autores dos comentários, considerando o horizonte apreciativo de cada um, se mostram como dignos de receberem uma resposta. A partir disso, esse comentário rechaça a conduta do político fofocar e ser dedo-duro no SRS em detrimento de “governar com responsabilidade e como ser humano”. Chama atenção a forma como no comentário, de forma geral, o *ethos* de desaprovação é manifesto, reforçando a desaprovação do trabalho do político, que ao invés de governar, dispende tempo no X (*Twitter*) com atividades sem importância.

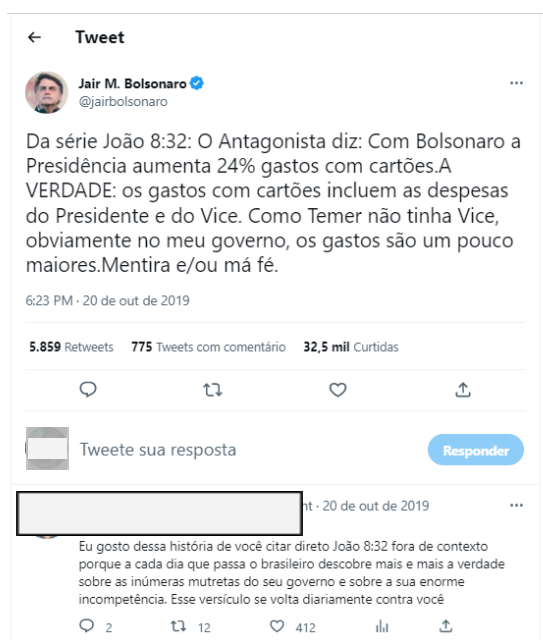
Além disso, o destaque em “como um ser humano” também se sobressai quando se analisa as condutas do ex-presidente em geral em relação ao contexto discutido. Não é possível apontar que essa parte em especial se direcione apenas ao enunciado publicado, mas há indícios de que isso se refira a uma avaliação mais global da forma como o líder estava conduzindo o seu governo. À vista disso, se comparamos o *ethos* projetado e almejado em seu SRS de modo geral, além dos *ethé* característicos da esfera política discutidos por Charaudeau (2018 [2005]), com o que esse comentário expressa, observamos um notável afastamento entre eles. Isso aponta para o considerável fato de o governo Bolsonaro ter atribuído às redes sociais uma importância indispensável. Isso é demonstrado pelo que Messenberg (2017) sublinha ao refletir sobre o papel dos influenciadores digitais de direita no país. Nesse contexto, sendo o ex-presidente o nome no mais elevado patamar da política, entende-se o motivo dele dispende tanto tempo nos SRSs.

Ao trazer ao seu enunciado o DR comum às demais publicações que integram o recorte do *corpus* analisado, Bolsonaro faz com que a “verdade” a que ele se refere ao mencionar a “verdade sobre o que os outros querem” seja enquadrada no âmbito da verdade doutrinal (Charaudeau, 2022), tendo em vista que o excerto bíblico é um discurso fundador. Isso objetiva acentuar que essa “verdade” que “liberta” que o versículo exprime seja apreendida como um discurso monológico autoritário (Bakhtin, 2002[1975]; 1993[1965]; Mueller, 2017) encerrado em si mesmo e sem a possibilidade de ser contrastado. Além disso,

ele demonstra ser o único possuidor dessa verdade, apresentando-se como uma autoverdade projetada para ser apreendida como se estivesse sendo revelada, semelhantemente a uma verdade doutrinal, no âmbito dos saberes de revelação, que também possui como pressuposto o seu encerramento sobre si.

6.9 Tweet 9

Figura 12: Uso do cartão corporativo



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro do X (Twitter)⁷⁸

Neste enunciado, Bolsonaro se manifesta sobre uma notícia publicada pelo site jornalístico *O Antagonista* sobre os gastos da presidência com cartões corporativos. Após iniciar a postagem com a menção a João: 32, declara que suas despesas são um pouco maiores em virtude de elas serem referentes a ele e ao seu vice, para isso, alega que o aumento se explica pelo fato de o ex-presidente Temer não possuir vice. No final da postagem, ele atribui ao jornal o uso da mentira e/ou da má-fé para atenuar a notícia que apontava, segundo o seu enunciado, um aumento de 24% em relação aos gastos. De forma geral, chama atenção a reivindicação de uma verdade à qual é atribuída uma elevada ênfase na grafia em letras maiúsculas, recuperando e se relacionando, de alguma forma, com a verdade que o enunciador apresenta na referência ao DR.

⁷⁸ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1186030286515126273>. Acesso em: 22 jan. 2023.

O conteúdo da publicação, na íntegra, diz: “Da série João 8:32: O Antagonista diz: Com Bolsonaro a Presidência aumenta 24% gastos com cartões. A VERDADE: os gastos com cartões incluem as despesas do Presidente e do Vice. Como Temer não tinha Vice, obviamente no meu governo, os gastos são um pouco maiores. Mentira e/ou má fé.”. Nessa composição, Bolsonaro contrasta um fato noticiado a partir da sua reinterpretação, expondo uma justificativa para o mencionado aumento e buscando auxiliar o coenunciador que o segue a compreender adequadamente o fato noticiado. O objetivo do enunciador é, então, atenuar o que é apresentado pelo portal jornalístico, tendo em vista o seu público e o seu alcance. A desculpa de Bolsonaro, em relação ao fato apresentado, se faz importante, pois o mencionado site está inserido no espectro da direita política, daí a preocupação do ex-presidente em levar “a verdade” com o intuito de se resguardar de possíveis críticas e reprovações da sua própria base de apoio.

As escolhas lexicais do político chamam atenção para a ênfase no que ele visa defender, em contraste com a informação apresentada pelo *jornal Antagonista*. Ao reivindicar “A VERDADE”, ele aspira induzir o coenunciador a um gesto de interpretação que considere essas novas informações apresentadas por ele; no entanto, sua reivindicação não altera o fato noticiado. O emprego do advérbio “obviamente” também endossa esse aspecto de que o aumento dos gastos trata-se de uma coisa evidente e sem motivo para que isso seja noticiado, por exemplo. Por conseguinte, ao mencionar que tais gastos são “um pouco maiores”, Bolsonaro atenua essa elevação, por se tratar de gastos referentes ao presidente e ao vice-presidente. Logo, percebe-se o porquê da atribuição de “mentira e/ou má fé” ao se referir ao noticiado.

Quanto ao tom observado nesse *tweet*, apesar de dizer que o aumento seria um tipo de mentira e/ou má fé, ele não acusa de forma muito ríspida ou se mostra áspero como no primeiro enunciado analisado, ao direcionar críticas ao seu, na época, candidato adversário, por exemplo. Isso pode ser explicado pelo fato de o jornal ser de viés mais próximo à direita política, em razão disso, a forma de dirigir suas críticas é mais moderada, de forma geral, não acusando frontalmente o site de noticiar mentiras. Tendo isso em vista, nota-se que o DR é expresso apenas na referência e na reivindicação da “verdade”, não se observa um investimento em mais excertos como identificado em alguns *tweets* analisados anteriormente mais direcionados à esquerda. Em última instância, é possível observar que o ex-presidente “resenha” a notícia sobre ele, guiando a compreensão do que ele espera que os seus seguidores exerçam.

De modo geral, a postagem de Bolsonaro alimenta, ainda que não explicitamente, um tipo de *ethos* que aspira reivindicar uma verdade com relação ao aumento dos gastos no seu governo, de modo a evitar possíveis repercussões negativas sobre a notícia citada. A cenografia expressa na notícia postada pelo político é observada por meio de um apagamento do *ethos* (Maingueneau, 2018 [2014]) que objetiva fazer com que o discurso que chega ao coenunciador seja apenas o enunciado de Bolsonaro, e não o título ou a manchete detalhada, que é passível de ser reinterpretada por quem o segue. À medida que o enunciador atenua esse *ethos* ao recorrer a uma forma de citar indireta, ao contrário de publicar uma captura de tela, por exemplo, ele torna o *ethos* de líder em seu *tweet* mais saliente, pois se apresenta como fiador do que está sendo declarado. Portanto, Bolsonaro se vale de informações de conhecimento geral, aparentemente óbvias, para, aliadas a algumas estratégias de pós-verdade, endossar o que diz.

Nesse sentido, ao refletir sobre as dimensões do *ethos*, a categorial é observada nessa dupla imagem de líder que ocupa o cargo que está sendo mencionado na notícia do enunciado, bem como na incumbência de que ele leve “a verdade” aos seus seguidores. Assim, Bolsonaro não apenas se resguarda do que está sendo noticiado sobre o aumento de 24% dos gastos com o cartão corporativo, mas alimenta também a dimensão experiencial de idoneidade, de honestidade — por gastar pouco, e de combate à corrupção, ao realçar no fim da publicação o “Mentira e/ou má fé”. Do ponto de vista ideológico, o político se apresenta como nas publicações anteriores, pautando-se em um caráter conservador, próximo do interlocutor — ainda que no ambiente digital, que prossegue tornando públicas as verdades da série de postagens que ele criou.

Em acréscimo, ao focar em justificar o aumento dos gastos apontados pelo site citado, a referência ao DR é, mais uma vez, endossada como uma estratégia discursiva que desloca os termos e o significado da passagem bíblica para a sustentação do que Bolsonaro defende. A partir disso, sendo a bíblia uma referência absoluta (Charaudeau, 2022) ao saber de revelação cristão, é recuperada a fundação e a legitimidade desse saber de conhecimento para o enunciado ser apreendido como mais consistente e crível possível. Para além de conferir credibilidade, o enunciado postado intenta em se resguardar de contestações e de contra-argumentos ao se considerar o caráter monológico comum do DR que é adotado, reiteradas vezes, pelo político.

Observando o comentário que é direcionado ao enunciado de Bolsonaro, lemos o seguinte: “Eu gosto dessa história de você citar direto João 8:32 fora de contexto porque a

cada dia que passa o brasileiro descobre mais e mais a verdade sobre as inúmeras mutretas do seu governo e sobre a sua enorme incompetência. Esse versículo se volta diariamente contra você”. Nessa resposta, o coenunciador, além de não aprovar a descontextualização do versículo por Bolsonaro, também atribui algumas críticas pautadas em um *ethos* de incompetência por parte do político.

Ao mencionar que o versículo se volta diariamente contra o enunciador, é possível inferir que essa resposta, certamente, parte de alguém que conhece o seu interdiscurso e o seu contexto, por isso, exprime a desaprovação e contrasta a verdade que Bolsonaro alega. Além disso, é perceptível que o coenunciador fala por si e também reflete sobre uma coletividade [...] “a cada dia que passa o brasileiro descobre mais e mais a verdade sobre as inúmeras mutretas do seu governo e sobre a sua enorme incompetência”. Esta composição, embora não apresente uma complexidade sintática significativa, revela uma profundidade comparável à presente no *Tweet* 5, que se manifesta por meio da crítica em relação ao enunciador. Portanto, ao considerar esse comentário, é visível que a imagem desejada não se revela tão produtiva para o interlocutor em questão, instigando um *ethos* distinto daquele originalmente concebido.

Discorrendo sobre a ecologia desse enunciado, de forma semelhante aos *tweets* já analisados, há a repetição das estratégias já apontadas, como no destaque do trecho “A VERDADE” e a já mencionada repetição do “Da série João 8:32”. Essa reiteração das estratégias, além de se mostrar produtiva, demonstra dimensão relacional que une todos esses enunciados em graus distintos, conforme salientado por Paveau (2021[2017]). Desse modo, a criação desses enunciados, ainda que não seja sob a forma de uma sequência cronológica, permite a observação e a recuperação desse *continuum* que marca a abordagem da linguagem na perspectiva pós-dualista sustentada pela linguista francesa aludida.

6.10 Tweet 10

Figura 13: Notícia



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro do X (Twitter)⁷⁹

Neste enunciado, é postada uma imagem contendo a manchete e o *lead* de uma notícia referente às investigações do assassinato de Marielle Franco, antecedida pelo versículo bíblico grafado em letras maiúsculas. O conteúdo da notícia expressa apenas a parte da manchete, mediante uma captura de tela, na parte de *investigação* do *website*: “Porteiro mentiu sobre ida de suspeito de morte de Marielle Franco à casa de Bolsonaro”. Por conseguinte, o *lead* diz: “Procuradoria confirmou que o funcionário que envolveu o nome do presidente no assassinato da vereadora não falou a verdade à Polícia Civil”. De modo geral, é possível observar que há a incorporação do DR, na postagem, para explicar o fato apresentado no registro de tela da notícia. Essa junção da verdade doutrinal aliada à verdade factual visa perpetuar o *ethos* sustentado pelo político, fundamentado em valores e princípios conservadores aos quais ele está vinculado.

Para além dos aspectos mencionados, a composição deste enunciado, novamente, surge como uma resposta a polêmicas já estabelecidas envolvendo a atribuição ao ex-presidente de que o suspeito de assassinato de Marielle Franco teria ido à casa de Bolsonaro. Nesse contexto, durante um tempo considerável, foram associados diversos *ethé* negativos ao político, imputações que persistem até o presente, embora com menor ênfase, devido às investigações em curso sobre o assassinato. Chama atenção, na legenda na imagem,

⁷⁹ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1189636282227531776>. Acesso em: 22 jan. 2023.

o protagonismo do versículo tão endossado por Bolsonaro, em letras maiúsculas e com a inserção de uma exclamação antes de apontar a referência: “E CONHECEREIS A VERDADE E A VERDADE VOS LIBERTARÁ! JOÃO 8:32”. Assim, a ênfase é posta tanto no que a passagem declara quanto na captura de tela, um imbricamento da verdade doutrinal com a verdade factual (Charaudeau, 2022).

Quanto ao estilo, ao considerar os elementos presentes nesta publicação, é visível o esforço do enunciador em suas escolhas linguísticas. Assim como em outras postagens anteriores, as letras são escritas em sua forma maiúscula na legenda da captura de tela compartilhada. Tendo em vista que a imagem também é composta mediante um recorte de uma notícia, ambos textos dialogam e se complementam. Há de se observar, também, que, como nos demais enunciados, Bolsonaro poderia ter apenas apontado a menção ao “Da série João 8:32” ou apenas “João 8:32”, no entanto, ele não o faz. O político também poderia ter compartilhado o *link* da notícia que ele cita, ao invés do registro de tela, contudo, seria mais difícil garantir que o seu coenunciador interagisse com essa informação compósita no X (*Twitter*).

A partir dessas preferências linguísticas, é possível notar que ao passo que o dito é explorado pelo enunciador, em algumas postagens, o não dito recebe uma importância considerável em outras, com o objetivo de realçar o *ethos* que o político visa edificar. Nessa conjuntura, a cenografia é observada mediante uma saliência na informação que a manchete da notícia expressa, em conjunto com a referência ao DR, empregado na legenda escrita por Bolsonaro. Ao mesmo tempo, é possível perceber que há um apagamento do *ethos* do líder presidente considerando que ele evita falar ou expressar sua interpretação sobre a manchete, diferentemente do que ocorreu no *Tweet* 9, em que o enunciador destaca a “sua” explicação sobre o que é veiculado. Nesse contexto, tanto a verdade factual é recuperada no registro de tela publicado, quanto a verdade doutrinal através do versículo.

Ao alicerçar o que ele visa defender recorrendo ao DR, Bolsonaro reitera a verdade como sendo um adjetivo comum que direciona suas condutas, contribuindo para a manutenção do seu *ethos* de caráter e de credibilidade na esteira do que discorre Charaudeau (2018[2005]). Para isso, ele considera o aspecto constitutivo e fundador da referência bíblica indispensável em todas as suas publicações, não sendo diferente nesta. Em acréscimo, o líder político amalgama as esferas física e espiritual, buscando conferir inquestionabilidade ao seu discurso e à “verdade” que ele incorpora, considerando a abordagem dogmática do DR, que

não é passível de questionamentos. Assim, mais uma vez, observamos a nítida deturpação do versículo com propósitos políticos valendo-se de distintas estratégias discursivas.

Nessa perspectiva, a justificativa para a existência dessa publicação reside na necessidade de reiterar a mencionada “verdade” sustentada por Bolsonaro e reivindicar a detenção dela pelo político. Essa “verdade” é projetada como sendo, por vezes, uma verdade simultaneamente do âmbito factual e espiritual, sendo que este último assume uma influência e fundamentação mais robustas no contexto político (Charaudeau, 2022). Assim, recorrendo à fundação do DR (Maingueneau, 2000; 2008a; 2008b) se aspira associar essa legitimidade e autoridade ao que está sendo publicado. Dessa forma, consoante ao que sublinha Charaudeau (2018[2005] sobre as significações do discurso político serem fabricadas e refabricadas, conjuntamente, através do dispositivo da situação de comunicação e por seus agentes, vemos uma reincorporação dessa estratégia, sob diferentes enfoques, nos *tweets* analisados.

A presença do *ethos* nessa composição não se restringe a (re)construir uma imagem, mas também a desconstruir os *ethé* negativos atribuídos ao enunciador. Sob esse ponto de vista, a dimensão categorial é apresentada, nesse enunciado, sem que haja menção diretamente aos papéis de líder ou de chefe de Estado no que o político posta, embora isso esteja presente na captura de tela. Há, extradiscursivamente, os não ditos, que apelam aqui para uma dimensão experiencial mais branda e cristã, o que é observável no modo de enunciação, ao apelar exclusivamente para a passagem bíblica. Além disso, esse aspecto também contribui para alimentar o viés ideológico conservador que o político diz ser adepto no que diz respeito à dimensão ideológica do *ethos* (Maingueneau, 2020).

Como já foi antecipado, o enunciador recorre às estratégias importantes da ecologia no SRS visando que os seus coenunciadores dialoguem com o publicado. O recurso que chama mais atenção ao se deparar com a postagem é a imagem da manchete da notícia, uma captura de tela que enfatiza apenas a sua parte inicial. Aliado a isso, o político posta em letras maiúsculas a passagem e a referência do versículo presente em todas as postagens observadas até então. Essa passagem desempenha a função de uma legenda associada ao registro de tela que exhibe o conteúdo da notícia. Dessa maneira, essa seleção cuidadosa assegura que aqueles que se deparem com o enunciado apresentem uma maior inclinação para a sua leitura, em vez de direcionar os seguidores para a notícia em outro *website*, caso Bolsonaro partilhasse o *link* da matéria, por exemplo.

Com base nisso, considerando que o SRS X (*Twitter*) também é uma fonte de informações, assim como as redes no geral, é visível um esforço do enunciador para que o seu

discurso seja moldado às particularidades desse ecossistema. Isso faz com que Bolsonaro não se preocupe em citar a fonte, dar os créditos sobre a matéria ou ainda sugerir a leitura do texto integral da notícia. Entre outras coisas, essa prática evidencia que, para seus coenunciadores, a mera publicação da “verdade”, por parte do enunciador é suficiente, uma vez que sua posição política e sua veiculação pelo perfil oficial conferem credibilidade e veracidade ao conteúdo divulgado. Em outras palavras, Bolsonaro molda esse enunciado em especial à superficialidade comum a boa parcela dos SRS, ambientes que se mostram improdutivos para grandes textos e *links* demasiados provenientes de outros sites, a exemplo da notícia.

Observando a estrutura deste seu enunciado, no que se refere às verdades mencionadas por Charaudeau (2022), são novamente aludidas a verdade factual e a doutrinal. Embora possua o *ethos* enfraquecido em virtude do recorte via captura de tela e da sua veiculação parcial, a verdade factual é expressa na imagem da manchete no *tweet*. Seu enquadramento atribui à verdade doutrinal uma abrangência maior ao contrastar com o “mentiu” da notícia. Nesse sentido, é projetado um imbricamento entre as “verdades”, no qual o saber de revelação e a verdade doutrinal preponderam sobre os demais. Dito de outro modo, não basta evidenciar que, na ocasião noticiada, o porteiro mentiu, é necessário que essas atitudes sejam direcionadas para a esfera espiritual no intento de contribuir para o já mencionado embate entre o bem e o mal (Lacerda, 2018) para que isso seja explorado politicamente por Bolsonaro.

6.11 Tweet 11

Figura 14: Taxação do sol



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro do X (Twitter)⁸⁰

Neste enunciado, Bolsonaro publica uma imagem e repete parte do texto da foto na legenda da publicação de modo a destacar ainda mais o que está sendo declarado. A estrutura segue o identificado em alguns *tweets* analisados: há a menção ao “Da série João 8:32” com a indicação de que se trata do sétimo enunciado dessa sequência, seguido de um título acompanhado de asteriscos “*TAXAR O "SOL"*”. A publicação surge como um pronunciamento do ex-presidente sobre uma proposta da ANEEL (Agência Nacional de Energia Elétrica) de taxar geração de energia solar. Ao reiterar a sua posição de não taxar o usuário, o político busca afastar de si e do seu governo críticas e *ethé* negativos, para isso, ele destaca que a autonomia da instituição foi estabelecida há vários anos e não é uma particularidade de sua administração.

Quanto à composição, a imagem compartilhada exibe algumas placas solares de um lado da foto e elenca alguns pontos referentes ao que o político visa defender. Na legenda da imagem ele ressaltava o conteúdo dela e assina o que está sendo dito, escrevendo: “- O nosso Governo está trabalhando junto a ANEEL para atender ao interesse público nessa questão, ou seja, estimular a geração de energia solar (placas fotovoltaicas), *sem taxar o usuário*. -

⁸⁰ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1191001799517450242>. Acesso em: 22 jan. 2023.

Presidente JAIR BOLSONARO”. Além desse conteúdo e do título “*TAXAR O "SOL"*” atribuído à postagem, há apenas a menção à referência bíblica no início do enunciado, semelhantemente aos *tweets* 6 e 7. Contudo, não há nenhuma justificativa, exploração ou enquadramento na legenda que aponte para o DR nessa publicação. Logo, a presença do versículo no *tweet*, com base no que temos observado nos outros enunciados, é apenas para atribuir credibilidade ao que está sendo dito.

O estilo adotado nesse *tweet* difere em poucas coisas dos anteriores, mas há elementos novos que chamam atenção ao se observar a ecologia que essa publicação recupera. No texto escrito no SRS que repete a mensagem da foto há o emprego de vários asteriscos (*) no início e no fim de algumas palavras, o que não faz sentido ser usado no X (*Twitter*), haja vista que o próprio Bolsonaro já usou as aspas duplas em outras ênfases nos enunciados anteriores. O que pode explicar a presença desse asterisco nessa publicação em específico é a transposição dessa mensagem de outro canal, mais especificamente o mensageiro WhatsApp. Isso pode ser inferido considerando que o emprego desses sinais neste outro aplicativo atribui ênfase ao usar o negrito, assim, ao escrever “*TAXAR O "SOL"*” em uma mensagem no WhatsApp ele exibe “**TAXAR O "SOL"**” funcionalidade não presente na ecologia X (*Twitter*), daí a exibição dos asteriscos.

Nesse contexto, a fusão entre o texto do enunciado e a imagem também contribui para a aceitação deste enunciado por parte daqueles que interagem com a publicação, como evidenciado pela quantidade significativa de reações, notadamente as numerosas curtidas. No modo de enunciação adotado pelo político no SRS destaca-se também a maneira pela qual Bolsonaro assina o enunciado de maneira semelhante ao *tweet* 2. Essa peculiaridade pode ser atribuída a uma possível origem inicial dessas postagens em outros ambientes, como o WhatsApp, sendo posteriormente compartilhadas em outras plataformas sem os devidos ajustes e adaptações às particularidades de cada ecossistema digital.

Ademais, é possível perceber como a construção do *ethos* neste enunciado se concentra na imagem e na declaração do político, ainda que mencione o versículo no início da publicação. Desse modo, caso o enunciador não apontasse para a série de postagens que ele escreve após a referência do DR, o “- *Da série João 8:32 (7)*”, seria possível atribuir uma certa vagueza à presença da referência bíblica nesse *tweet*. Em comparação com as outras publicações analisadas, é notável que a exploração desse discurso nesse enunciado é mais escassa em virtude da sua pouca relação direta com a passagem bíblica em questão. Assim, se percebe um *ethos* mais apagado, no qual o cerne da mensagem se volta para as declarações do

político enquanto governo, e não sob um caráter mais próximo e pessoal como nos enunciados anteriores.

Por ser voltar mais para o conteúdo expresso na postagem do que para outros elementos, o enunciado segue um tom mais brando com uma certa impessoalidade. A redação em terceira pessoa, a estrutura que elenca alguns tópicos de modo mais didático e a assinatura do ex-presidente no final aludem a uma aparência mais formal. Nesse sentido, a interação das dimensões do *ethos* nessa postagem se expressa de modo um pouco distinto das demais observadas. Há, então, maior expressividade nas dimensões categorial e experiencial que se manifestam mediante a posição discursiva ocupada pelo político em questão, que enuncia em nome do seu governo, e sob um *ethos* brando em contraste com o identificado nos outros enunciados analisados. Pelo conjunto de atributos, a dimensão ideológica aqui se volta para o interesse público, diferentemente de outras situações em que Bolsonaro se direciona, notavelmente, para um grupo mais restrito.

No que se refere ao DR, é perceptível a sua pouca exploração por parte do enunciador nessa publicação, tendo em vista que ele apenas intitula a postagem com a referência ao trecho bíblico que não é retomado ou referido, ainda que indiretamente, no enunciado compartilhado. Tendo isso em vista, essa escolha faz com que não se observe tanta produtividade em relação à adesão e a manutenção do *ethos* projetado em comparação com os demais enunciados até então analisados. Dessa forma, é perceptível que Bolsonaro se vale desse discurso, aqui, como se ele fosse de conhecimento geral de todos os cidadãos, o que reitera apenas a menção à referência bíblica, e não a passagem inteira. No entanto, o político não considera a possibilidade de que outras pessoas, ao interagirem com o enunciado, não recuperarem o que ele quer dizer ao usar o “Da série João 8:32”.

Ao refletir sobre as figuras de verdade mobilizadas nesse enunciado, mais uma vez o DR é aludido como uma fonte de legitimidade e de credibilidade da esfera doutrinal, visando chamar atenção dos seguidores e realçar a incumbência de Bolsonaro em tornar pública uma “verdade” que se apresenta como sendo, concomitantemente, doutrinal e factual (Charaudeau, 2022). Nesse cenário, como previamente notado, percebe-se uma marcante propensão à recorrência dessa combinação nos *tweets* nos quais o político utiliza essa referência bíblica. A apontada improdutividade observada nesse enunciado em particular pode ser compreendida, possivelmente, devido à transferência dessa mensagem de um ambiente diferente para o X (*Twitter*), considerando as observações sobre estilo e ecologia presentes na publicação.

6.12 Tweet 12

Figura 15: Futuro do Brasil



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro do X (Twitter)⁸¹

Neste enunciado, o enunciador continua a postar a série de *tweets*, agora nomeados de “- Da série João 8:32 (9)”⁸². No tweet principal, ele enuncia o seguinte: “- O futuro do Brasil depende do esforço de cada um de nós. Não cobre, de uma única pessoa, a solução do que foi destruído, por décadas, pela ação dos maus e omissão dos bons.” Além disso, ele responde esse enunciado com outro excerto bíblico em resposta a si: “- ¹⁰ Porque se um cair o outro levanta o seu companheiro; mas ai do que estiver só; pois, caindo, não haverá outro que o levante. Eclesiastes 4:10.”. Essa publicação, datada do final de dezembro de 2019, parece ser direcionada às críticas que o político enfrentava, aliado a sua desaprovação que, na época, chegava em 38%⁸³. Na postagem, ele visa afastar de si uma imagem de “solução” da “destruição” de todos os problemas da nação, para isso, convoca o auxílio de todos os cidadãos.

⁸¹ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1209461937597235200>. Acesso em: 22 jan. 2023.

⁸² Essas enumerações não seguem uma ordem lógica. Há publicações sem elas e outras não são enumeradas. Nesse caso, é impossível precisar se Bolsonaro apagou o *tweet* que seria o (8) oitavo da série ou se ele se confundiu e passou do (7) sétimo para o (9) nono.

⁸³ Mais informações disponíveis em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/12/20/governo-bolsonaro-tem-aprovacao-de-29percent-e-reprovacao-de-38percent-diz-pesquisa-ibope.ghtml>. Acesso em 04 dez. 2023.

O *tweet* 12 segue uma estrutura composicional análoga à dos *tweets* 6 e 7: começa com a referência ao DR comum a todos os enunciados, “Da série João 8:32”, seguido pelo próprio enunciado. Em resposta ao *tweet* inicial, é então apresentado outro versículo, neste caso, a passagem de Eclesiastes 4:10, que dialoga com o conteúdo expresso na mensagem publicada. No texto, o ex-presidente se reporta aos seus seguidores para se defender de cobranças referentes ao futuro do Brasil. Ao realçar que não se deve cobrar a um único indivíduo “[...] a solução do que foi destruído, por décadas [...]” ele reconhece a necessidade de soluções, provavelmente, destruição atribuída ao seu *antiethos*. Além disso, outra dualidade que volta ser mencionada em seu enunciado é a dita “ação dos maus e omissão dos bons” o que torna a publicação vaga e passível de ser compreendida de variadas formas, mas, neste caso, ela é guiada pelo DR ao qual ela está atrelada.

O *tweet* adota um estilo que demonstra ser produtivo para a veiculação do que está sendo defendido pelo político. Além da topicalização, o emolduramento que é construído neste enunciado e em outros que repetem a mesma estrutura estabelece um tipo de camada que inicia com a referência do DR e se encerra com outra citação bíblica, destinando o seu interior para o conteúdo da publicação. Dessa forma, se estabelece um alicerce para o que é compartilhado, onde as bases que sustentam o conteúdo encontrado no enunciado são os trechos do DR, seja de forma mais explícita ao mencionar a passagem e a referência, ou de maneira mais sutil ao indicar apenas a referência.

Além disso, é importante salientar a resposta ao próprio *tweet* com a segunda passagem de Eclesiastes 4:10 por Bolsonaro. Quando se navega pela rede social X (*Twitter*) e se observa uma publicação feita em resposta a outro *tweet*, a rede exibe uma forma de “spoiler” que objetiva levar o coenunciador a interagir também com a publicação original. Tendo isso em vista, ao compartilhar a segunda passagem sozinha, em resposta ao seu enunciado “principal”, Bolsonaro tende a atrair maior adesão e repercussão em seu *tweet*, alimentado pela legitimidade do DR. Um dado quantitativo que aponta para esse engajamento maior pode ser observado ao se comparar o quantitativo de comentários da passagem que responde ao enunciado primeiro, por exemplo.

No que se refere à cenografia, sua expressão se delineia através do domínio que o enunciador detém em relação ao seu desenvolvimento no discurso. Consequentemente, de maneira progressiva, o dispositivo discursivo da cenografia é elaborado (Maingueneau, 2008a), recorrendo à persuasão junto ao coenunciador. Dessa forma, em virtude de uma estrutura semelhante já ter sido previamente explorada em publicações anteriores, ocorre uma

reiteração da estratégia discursiva ao enquadrar o enunciado entre os versículos do DR compartilhados. Nesse contexto, não apenas o enunciador atesta a autenticidade ao disseminar tal mensagem no *tweet*, mas também o próprio discurso contribui para a legitimação a ele conferida. Isso orienta o leitor para uma interpretação que se concentra no conteúdo do *tweet*, tendo o DR como parte integrante de sua composição.

As dimensões do *ethos* nesse *tweet* são similares às da maioria dos exemplares analisados. Ao incorporar o papel discursivo de líder, Bolsonaro visa, com esse enunciado, se aproximar dos seus coenunciadores, ao mesmo tempo em que quer os tornar parte da construção desse futuro citado por ele. Experiencialmente, ele apela para a característica de um *ethos* mais brando e manso, em conjunto com os atributos comumente imputados aos *ethé* cristãos, comungando muito bem com a dimensão ideológica. Esta, apresenta a sua característica mais nítida no posicionamento do político mediante o que ele declara, pertencente ao conservadorismo e à direita.

Em acréscimo, ainda que indiretamente, Bolsonaro recupera o seu *antiethos* neste enunciado ao discorrer sobre a destruição atribuída à ação dos maus. Nesse cenário, além de se reafirmar como oposto a esse mau, o enunciador visa explorar esse sentido também na esfera espiritual e doutrinal do DR. De forma análoga, testemunhamos também um certo tom de autocritica quando o político fala sobre a “omissão dos bons”, pois é evidente que ele não se apresentaria como mau, mediante uma imagem negativa que afetasse sua credibilidade. Portanto, é nítido que o político molda progressivamente o seu *ethos* com o intuito de parecer o mais creditável possível. No enunciado analisado, em especial, há uma harmonia no que Bolsonaro defende, à luz do DR endossado por ele, que leva à adesão de muitos seguidores, mas não de todos eles.

Nesse sentido, nos detendo agora no comentário que responde o enunciador do *tweet*, observamos um texto curto, seguido de duas *hashtags*, que recuperam interdiscursos importantes quando se visa compreender a profundidade dessa réplica. O comentário em resposta ao enunciado diz: “Alô família... #NatalSemHipocrisia #LulaMelhorPresidente 🍷❤️🍷”. Refletindo sobre esse enunciado, é possível que ele recupere dois interdiscursos, ou ambos simultaneamente. O primeiro se refere às chamadas milícias digitais denunciadas por deputados, que seriam responsáveis por operar campanhas de ataques nas redes sociais contra adversários e dissidentes do governo⁸⁴, sob o comando de Carlos Bolsonaro. A

⁸⁴ Mais informações podem ser consultadas em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/10/30/frota-afirma-que-carlos-bolsonaro-comanda-2018milita-virtual2019-do-governo-dentro-do-planalto>. Acesso em 04 dez. 2023.

denúncia motivou a abertura do chamado “Inquérito das Milícias Digitais”, prorrogado e, até então, não concluído com suas investigações.

A segunda possível retomada a que esse comentário pode se referir é a apontada proximidade e relação da família Bolsonaro com suspeitos de envolvimento com milícias. No caso mais conhecido, Fabricio Queiroz, ex-assessor parlamentar de Flávio Bolsonaro, teria recebido repasses de miliciano morto em ações da polícia, além de depósitos suspeitos, segundo informações da *CNN*⁸⁵. Assim, ao responder a Bolsonaro de tal forma, a autora do comentário deixa evidente sua crítica e desaprovação ao político e recorre inclusive a outros recursos tecnolinguageiros: as *hashtags* e os emojis.

Desse modo, ao utilizar a expressão “#NatalSemHipocrisia”, a enunciadora destaca não apenas sua reprovação em relação ao conteúdo publicado pelo político no *tweet*, mas também orienta outros interlocutores que interajam com tal comentário a redirecionarem sua atenção para outra página, por meio do emprego do recurso compósito, conforme discutido por Paveau (2021[2017]). De modo semelhante, a *hashtag* “#LulaMelhorPresidente” desempenha um papel análogo, ao assinalar não apenas a posição política e ideológica da enunciadora, mas também ao expressar sua avaliação positiva em relação à figura de Lula como o melhor presidente, durante o período em que ele se destacava como o principal opositor de Bolsonaro.

Por fim, apesar de parecer só um simples emoji, o uso de “👊❤️👊” sinaliza para uma expressão bem particular que pode passar despercebida. O punho erguido e fechado “👊” está comumente vinculado à ideia de resistência e união contra diversas formas de opressão. Contudo, é essencial observar que este não é um punho qualquer, mas sim um representando a pele negra, estabelecendo um diálogo com as contínuas e significativas lutas dos movimentos antirracistas e antifascistas. Dessa maneira, o símbolo do coração “❤️” sugere que essa resistência seja adotada com um viés afetivo, incorporando sentimentos positivos associados ao amor e à entrega a essa luta.

Nessa perspectiva, recuperando as diversas polêmicas que envolveram Bolsonaro, as declarações racistas foram uma constante ao longo do seu mandato como presidente, repetindo o que já era sua prática enquanto o político era deputado. Em 2017, por exemplo, ele chegou a ser condenado a pagar 150 mil reais por dano moral coletivo por fazer

⁸⁵ Mais informações disponíveis em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/miliciano-repassou-mais-de-r-200-mil-a-queiroz-em-rachadinha-diz-denuncia/>. Acesso em 04 dez. 2023.

declarações homofóbicas e racistas em um programa de televisão⁸⁶. Além disso, em 2019, no mesmo ano da postagem do *tweet*, o político minimizou novamente o racismo, declarado que “essa coisa do racismo, no Brasil, é coisa rara”⁸⁷. Há de se considerar, também, as suas numerosas ofensas direcionadas às mulheres, às pessoas da comunidade LGBTQ+ e a outras minorias. Portanto, torna-se evidente que o contraste entre o comentário em questão e aquele compartilhado por Bolsonaro é o elemento propulsor que viabiliza a persistência dos diálogos e das respostas no SRS, evitando o encerramento dessas trocas interativas.

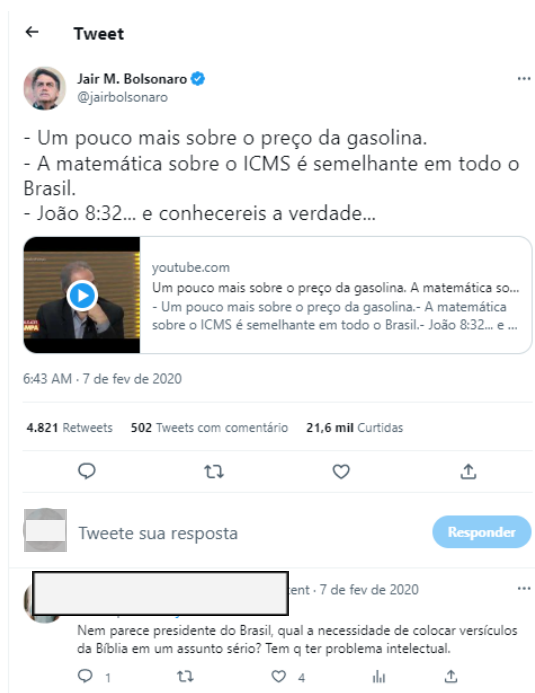
Discorrendo ainda sobre os elementos relacionados à ecologia, observamos a produtividade da construção desse enunciado em recorrer ao chamado “fio” no *tweet*, que é essa estratégia de publicar outro discurso em resposta ao enunciado primeiro, como realçamos. Ademais, outra estratégia muito produtiva é a adoção dos recursos tecnolinguageiros identificados no comentário crítico ao enunciado de Bolsonaro, como as *hashtags* e os emojis, algo não adotado pelo político em suas publicações, ao menos no recorte delimitado dessa pesquisa. Todavia, ainda que não faça uso dessas estratégias, o *tweet* recebe um notável engajamento se observamos o montante das curtidas, dos *retweets* e dos comentários no enunciado primeiro e na resposta à sua própria publicação.

⁸⁶ Mais informações disponíveis em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/bolsonaro-e-condenado-a-pagar-r-150-mil-reais-por-declaracoes-homofobicas-e-racistas/>. Acesso em 04 dez. 2023.

⁸⁷ Mais informações podem ser consultadas em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/05/08/interna_internacional,1052188/bolsonaro-afirma-que-racismo-e-algo-raro-no-brasil.shtml. Acesso em 04 dez. 2023.

6.13 Tweet 13

Figura 16: Preço da gasolina



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro do X (Twitter)⁸⁸

Neste enunciado, Bolsonaro compartilha um *link* de um vídeo postado em seu canal do YouTube com a seguinte legenda: “- Um pouco mais sobre o preço da gasolina. - A matemática sobre o ICMS é semelhante em todo o Brasil. - João 8:32... e conhecereis a verdade...”. De modo geral, é possível observar que esse *tweet* difere da maioria dos analisados até então, mas se aproxima um pouco do que é observado no *tweet* 1 e 8 ao levar o DR para o final da publicação. Além disso, o enunciador não enquadra essa publicação na série de *tweets* nomeada “da série João 8.32”, apenas insere o discurso no final dela, esperando que o leitor complete o que foi postado. Esse enunciado surge no contexto dos regulares aumentos dos preços dos combustíveis no governo Bolsonaro, buscando reestabelecer a “verdade” defendida pelo enunciador de que a alta é oriunda dos governos estaduais.

Na publicação, o vídeo do YouTube compartilhado repete o texto do enunciado no X (Twitter): “Um pouco mais sobre o preço da gasolina. A matemática sobre o ICMS é semelhante em todo o Brasil”, e é um recorte de um trecho de um programa de TV nomeado *Atualidades do Pampa*, da TV Pampa, emissora do estado do Rio Grande do Sul. No excerto do vídeo do programa, o jornalista Gustavo Victorino esclarece algumas informações

⁸⁸ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1225716616048074752>. Acesso em: 22 jan. 2023.

matemáticas sobre o ICMS - Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços, e a composição do preço da gasolina. Gustavo atribui uma “vigarice” e um “estelionato” na cobrança desses impostos pelo governo estadual do Rio Grande do Sul, com quem fica, segundo ele, uma parcela aproximada de 75% do preço do combustível que sai das refinarias. Em outras palavras, é possível inferir que a cobrança relativa aos preços do combustível não deve incidir sobre o governo federal, mas sim sobre os governos estaduais.

Desse modo, partindo desse cenário, no trecho do vídeo e na explicação feita por Gustavo Victorino, Bolsonaro, em seu enunciado, visa generalizar essa explanação referente ao cálculo do preço da gasolina para todos os estados do país ao focalizar que “- A matemática sobre o ICMS é semelhante em todo o Brasil.”. Com isso, o político objetiva se distanciar de cobranças e declarações sobre ele ser responsável pelas altas nos preços dos combustíveis. Para contribuir com essa explicação, ele também recorre ao DR ao final do texto do enunciado, apontando: “- João 8:32... e conhecereis a verdade...”. Aqui, é possível observar que o efeito pretendido com esse fragmento não é afetado pela ausência do trecho integral da passagem bíblica. O político, então, concebe esse discurso como já instalado no repertório de quem o segue ou de quem se depara com o enunciado, em razão de sua ampla veiculação por ele.

Além disso, ao mencionar o DR e o conhecimento da referida “verdade”, o enunciador se dirige diretamente àqueles que sustentam o oposto do que trecho do vídeo defende: de que Bolsonaro é responsável pelos elevados preços dos combustíveis. Assim, é necessário tornar público esse conhecimento compartilhado no vídeo, com o propósito de fazer com que essa “verdade” não só contraste com a “mentira”, na visão do enunciador, mas também, no âmbito espiritual, que ela liberte quem vier a conhecê-la. Portanto, mais uma vez é perceptível a fusão entre a verdade factual que o enunciador sustenta com a verdade doutrinal do DR que ele também conjura. É importante destacar, ainda, que isso ocorre sem que se obedeça à estrutura que vem sendo reiterada numerosas vezes nos *tweets* analisados, apenas a presença da referência e de parte do texto bíblico é suficiente para conferir credibilidade e legitimidade ao que Bolsonaro sustenta.

Observando o estilo desse enunciado, é possível identificar que ele se estrutura de forma semelhante ao *tweet* 2. Na publicação, o enunciador compartilha um link do seu canal do YouTube com um vídeo e repete a legenda do título do vídeo em seu enunciado, acompanhado do excerto do DR. Logo, para assistir ao conteúdo se faz necessário que o coenunciador interaja com a estrutura compósita que se apresenta, seja clicando e abrindo o

vídeo no próprio X (*Twitter*) ou sendo redirecionado para a outra rede. Para contribuir para esse gesto, diferentemente do que Bolsonaro publicou no enunciado 2 - ASSISTA, aqui ele não reforça ou usa o imperativo para conduzir os seguidores ao vídeo do enunciado. Isso pode ser explicado pela natureza polêmica do assunto da publicação. Nesse sentido, por toda polêmica ser referente a um assunto de interesse público em uma dada atualidade (Amossy, 2017), recupera-se essa polêmica atual referente aos preços dos combustíveis, o que se torna chamativo para quem interaja com esse enunciado.

Por conseguinte, a cenografia expressa nesse enunciado se constitui através da veiculação do conteúdo da publicação, por Bolsonaro, como algo de interesse público. Diferentemente das outras postagens nas quais ele recorre a uma estrutura que respeita uma determinada hierarquia, aqui, o enunciador externaliza o que ele visa defender mediante um *ethos* mais simples. Isso pode ser verificado na atitude do político de repetir, na legenda do vídeo no X (*Twitter*), o que já consta no título do vídeo do *YouTube*, sendo o “novo” apenas a parte da passagem bíblica. No entanto, ainda que menos elaborado, isso não interfere negativamente no engajamento e na repercussão do conteúdo expresso, haja vista o número de reações que ele consegue despertar na publicação.

Em acréscimo, ponderando sobre as dimensões do *ethos* identificadas neste enunciado, ela é visível, categorialmente, principalmente na manifestação de Bolsonaro sobre a “verdade” defendida. O político não apenas compartilha essa verdade, mas ele se expressa como sendo a fonte dela, e recorre ao DR para legitimar o que profere. Ocupando, então, uma posição de líder, ele se vale desse estatuto para deixar pistas que contribuirão para a compreensão do enunciado, seja discursivamente ou extradiscursivamente. Além disso, experiencialmente, é manifesto um *ethos* de brando que não salienta no enunciado elementos com uma maior ênfase ou destaque. Na dimensão ideológica, observa-se que o enunciador reitera o que já é sustentado nas publicações anteriores, mediante um aspecto conservador.

Contrastando com o enunciado publicado, o comentário expresso em resposta a Bolsonaro tece críticas ao político e ao uso do DR na publicação. É apresentado o seguinte: “Nem parece presidente do Brasil, qual a necessidade de colocar versículos da Bíblia em um assunto sério? Tem q ter problema intelectual.”. Nessa réplica, além de rechaçar o uso da referência bíblica pelo político como desnecessário, o comentário atribui a Bolsonaro um problema intelectual por ele adotar esse discurso em postagens com “assuntos sérios”. Esse comentário permite compreender que, na visão de quem o enuncia, o DR não parece ser plausível de ser incorporado em um conteúdo de interesse e seriedade notáveis, daí a

motivação pela qual é sugerido que o político possui “problema intelectual” por insistir nesse emprego.

Nessa perspectiva, entende-se que a condenação observada no comentário sobre o emprego do DR, no enunciado de Bolsonaro, não está necessariamente atribuindo um *ethé* negativo a esse discurso em particular, mas reprova seu emprego vago e não justificado em um tópico que, aparentemente, não daria margem para a inserção de tal referência religiosa. Desse modo, para o autor dessa resposta que se dirige a Bolsonaro, não há uma convergência no *ethos* prévio que se almeja do político e o seu *ethos* efetivo, o que ele demonstra de fato no seu enunciado. Assim, consoante o que a réplica argumenta, essa conduta faz com que o político não pareça, no ato de publicação deste enunciado em 2020, presidente do Brasil. Com isso, para esse coenunciador em particular, nota-se que a apreciação desse enunciado não parece ser positiva e nem se interessar com o conteúdo veiculado.

A postagem, no entanto, não demonstra ser de desinteresse amplo, mas reúne uma expressiva quantidade de reações que, garantidamente, contribuem para o engajamento e a repercussão do que está sendo enunciado⁸⁹. Ecologicamente, percebe-se que Bolsonaro prossegue adotando a estrutura de tópicos para didatizar o que ele publica. Na resposta do tema polêmico que ele redige, o DR é, em especial, colocado no centro do enunciado, abaixo da legenda e antes do trecho do vídeo. Essa disposição, conjuntamente com as lacunas deixadas implicitamente pelo político em seu enunciado, contribui para a legitimidade do conteúdo compartilhado.

Por fim, observa-se, nesta postagem, que embora o enunciador destine apenas um trecho final na legenda para o DR, ele concede credibilidade e legitimidade ao que é postado semelhantemente aos *tweets* já analisados. No *tweet* 13, em particular, o político vale-se do conhecimento da passagem bíblica tão reiterada por ele como slogan e aponta apenas uma parte dela, deixando uma lacuna a ser completada pelos seus coenunciadores. Mistura-se, mais uma vez, a verdade doutrinal do DR com a verdade dita factual que Bolsonaro quer reivindicar com relação ao cálculo nos preços da gasolina, mediante o excerto do vídeo. Desse modo, esse “conhecimento” referente à matemática exposta no enunciado do político é tido, através da descontextualização do DR, como uma “verdade que liberta”, contrastando com o *antiethos* combatido por ele.

⁸⁹ É relevante ressaltar que um considerável volume de curtidas, retweets e reweets com comentários pode envolver tanto enunciadores humanos quanto não humanos (bots), em razão disso não é atribuída tanta ênfase a esses números.

6.14 Tweet 14⁹⁰

Figura 17: Imprensa e a verdade



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro do X (Twitter)⁹¹

Neste enunciado, encontra-se uma estrutura semelhante à maioria das publicações analisadas que apontam para a série de *tweets* mencionada pelo enunciador. Bolsonaro enuncia o seguinte: “Da série João 8:32/O q leva parte da imprensa a mentir, deturpar, caluniar...enfim, atentar contra o Brasil 24h/dia? Abstinência de verba ou medo da verdade? -Jeremias 1:19/E pelearão contra ti, mas não prevalecerão contra ti, porque eu sou contigo, para ti livrar, diz o Senhor.”. Através do questionamento inicial sobre o que ele sugere que parte da imprensa faz, o próprio enunciador aponta duas possíveis respostas que contrastam diretamente com o DR. Esse DR é reforçado tanto no começo do enunciado quanto no final dele mediante outro versículo bíblico contextualizado em prol do que o político defende. Publicado em 26 de fevereiro de 2020, esse *tweet* remete a algo infelizmente comum no governo Bolsonaro: os ataques aos jornalistas e à imprensa.

De forma geral, a estrutura desse enunciado se assemelha aos *tweets* 6, 7 e 12, porém trata-se de apenas um *tweet*, diferentemente dos demais, que possuem, além do primeiro *tweet*, outra publicação em resposta ao primeiro postado. O enunciador, assim, acusa parte da imprensa de mentir, deturpar, caluniar e atentar contra o Brasil, reiteradamente, 24 horas por dia. Segundo ele, o que justifica essas condutas seriam duas coisas: a abstinência de verba e/ou o medo da verdade. Para a compreensão dessa publicação de forma mais produtiva, é

⁹⁰ Uma análise preliminar, com base em dispositivos e enquadres teóricos distintos, pode ser encontrada em Melo (2023).

⁹¹ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1232791206662459392>. Acesso em: 22 jan. 2023.

necessário recuperar o contexto ao qual está inserida, pois ela também surge em resposta a uma polêmica já instaurada na sociedade na época sobre declarações do ex-presidente.

Ao comentar sobre um depoimento com apoiadores, em 18 de fevereiro de 2020, Bolsonaro, ao se referir à jornalista da *Folha de São Paulo*, Patrícia Campos Mello, declarou: “Ela [Patrícia] queria um furo. Ela queria dar o furo, dar o furo a qualquer preço”⁹². De modo dúbio e sarcástico, de um lado, o gesto foi recebido por louvor e bravura por parte dos apoiadores do político, já do outro, a ofensa de Bolsonaro foi rechaçada veementemente, a exemplo da manifestação da Associação Brasileira de Imprensa – ABI⁹³, entre tantas outras. Logo, com o intuito de se resguardar dessa e de outras críticas referentes ao que o político declarou à imprensa, o enunciador se ampara não apenas em desacreditizar parte da mídia, mas também associa isso à esfera espiritual, através do uso do DR.

Observando o estilo empregado pelo enunciador nesse *tweet*, percebe-se que em detrimento de boa parte dos enunciados analisados, neste em especial há uma espécie de monobloco, sem parágrafos e sem elencar os tópicos, até então, produtivamente usados pelo emissor nos outros *tweets*. Isso pode apontar para uma escrita mais rápida, sem tanta preocupação com a estrutura, considerando as abreviações, a falta de espaços, o uso de outros sinais e também o desvio de ortografia em “ti”. Esse emprego despreocupado com relação às normas ortográficas respeita a ecologia do SRS, em que é comum usar abreviaturas e uma linguagem própria da internet, como no caso de “q”, mas também pode colaborar para a manutenção de um *ethos* de humildade, pois para muitos seguidores esse desvio nem será notado.

A cenografia instituída por esse discurso presente no enunciado é apresentada mediante um chefe de Estado que acusa uma parcela da imprensa de “atentar contra o Brasil” incessantemente. No entanto, tendo em vista os elementos já discutidos sobre as corriqueiras ofensas de Bolsonaro à mídia, pode-se entender que essa acusação não se endereça ao país propriamente, mas ao governo Bolsonaro e ao próprio político, personificado por ocupar, no momento de produção desse enunciado, a presidência do país. Nesse sentido, ele se coloca como na linha de frente dessa nação que é atentada, para combater essa “peleja” que não se trata de um combate meramente físico, mas sobretudo espiritual, pois o versículo do DR no fim do enunciado atesta esse conflito.

⁹² Mais informações em:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/02/18/interna_politica,828834/bolsonaro-sobre-reporter-da-folha-ela-queria-dar-um-furo-jornal-reage.shtml. Acesso em 11 jan. 2024.

⁹³ Cf. nota anterior.

Nessa ótica, além da comum menção ao “Da série João 8: 32” presente no início do enunciado, após o conteúdo postado por Bolsonaro, ele cita outro excerto do DR, desta vez de Jeremias 1: 19. No que se refere a esse discurso, no âmbito bíblico, a conclusão do primeiro capítulo do livro de Jeremias, representada pela passagem citada, descreve a instrução divina concedida a Jeremias para o exercício de sua vocação profética. Diante desse cenário, apesar da antecipação de adversidades, a promessa estabelecida é de que o Senhor estará ao seu lado, capacitando-o para enfrentar com resiliência tais desafios. Em contrapartida, longe desse contexto, o político enquadra esse DR a fim de fornecer uma explicação espiritual para os ataques que ele sugere que a imprensa profere contra o Brasil. Assim, ainda que esses ataques existam, consoante a Jeremias 1: 19: “não prevalecerão contra ti, porque eu sou contigo, para ti livrar, diz o Senhor.”.

Ainda discorrendo sobre a importância do DR nesse *tweet*, a passagem de João 8: 32 também está enquadrada para dialogar com o que Bolsonaro indaga no enunciado. Ao evocar o que motiva os alegados ataques de parte da imprensa, ele sugere “Abstinência de verba ou medo da verdade?”. Essa “verdade” que o político menciona trata-se de uma verdade, certamente, factual, tendo em vista que ele cita “mentir, deturpar, caluniar...”. Contudo, a referência ao texto de João funde essas verdades factuais e doutrinárias, almejando que se torne esse enunciado mais creditável e legítimo. A magnitude desse DR na postagem é salientada pela constante necessidade de, cada vez mais, aludir a mais referências bíblicas além da reiterada alusão a João 8:32.

Outro ponto de nítida pertinência nesse *tweet* diz respeito ao emprego do DR como uma forma de tornar os enunciados publicados indiscutíveis por sua natureza monológica (Mueller, 2017; Bakhtin, 2002[1975]), projetada e alimentada pela autoridade que a legitima. Outra vez, assim como visto no *tweet* 12 e seus semelhantes, o conteúdo da publicação de Bolsonaro é encaixado entre dois versículos, dessa vez, João 8: 32 e Jeremias 1: 19. Ao trazer para sua postagem esses discursos, além da própria formulação do enunciado trazer a resposta sugerida pelo político, ele também objetiva blindar o que é proferido (Curcino, 2021), ao considerar que no DR se encontra o absoluto, o irrefutável, a origem (Charaudeau, 2022). Logo, quando Bolsonaro enuncia, percebe-se não apenas um enunciador, mas sim a construção de um sólido alicerce espiritual robusto que o ampara, conferindo-lhe a capacidade de proclamar uma dada “verdade” que ele julga necessário compartilhar.

Com isso, assim como a acusação vaga feita por Bolsonaro à parte da imprensa, verifica-se que o político, recorrendo ao DR e às distintas formas de evocá-lo nos seus *tweets*,

pode veicular quaisquer alegações sem o compromisso com a verdade factual. Ou seja, ainda que esse *tweet* não possua respaldo, ele passa a adquirir amparo, fundação e credibilidade mediante o emprego do saber de revelação e da verdade doutrinal que o acompanha. Dessa forma, sabendo que as mentiras e as contraverdades são costumeiramente adotadas no domínio do DP (Charaudeau, 2022), observa-se que essas estratégias são escolhidas para a construção do *ethos* do político cujos enunciados estão sendo analisados, sendo pautados, sobretudo, em uma pós-verdade.

Sobre a edificação desse *ethos* no enunciado, nota-se que ele interage de forma muito semelhante com as dimensões observadas nos *tweets* anteriores. O *ethos* de líder e de chefe da nação é identificado no que se refere a sua dimensão categorial. Ele é expresso através da figura de um político que, além de exercer suas funções, mostra-se, experiencial e ideologicamente, como sendo orientado e conduzido pelo alicerce espiritual que o resguarda e o “livra de todo o mal”. Essa figura de liderança se relaciona com o estereótipo de salvação e de “mito” atribuída a Bolsonaro, cuja força provém de um além-inacessível, que não agiria sem ser guiado por esse ser soberano (Charaudeau, 2018[2005]). Conclui-se, em virtude da adoção das referências bíblicas e do DR cristão, comum no transcurso político conservador, que essa força se diz ser atribuída a Deus ou a Cristo.

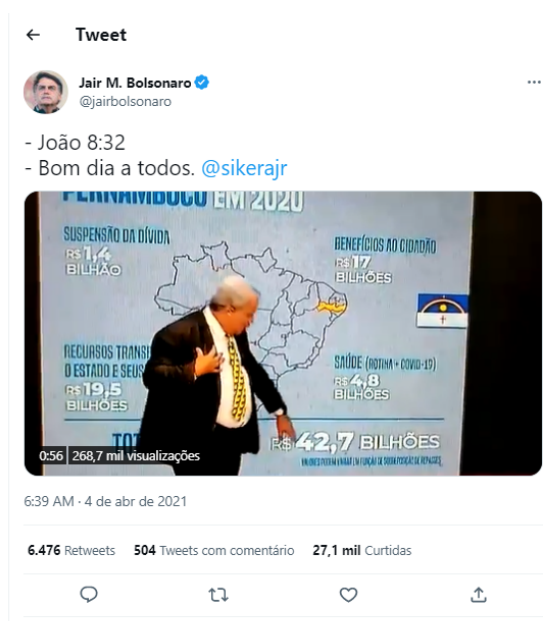
Em acréscimo, há dois comentários, em resposta ao político, destacados pelo algoritmo do X (*Twitter*). O primeiro comentário é bastante vago, e diz: “Ta fraaaaaaaco”. Não se pode precisar se ele se refere à fraqueza de Bolsonaro diante dos ataques que ele diz que o país sofre ou se é um comentário que não possui relação direta com o enunciado pelo político. Por outro lado, o segundo comentário expressa o seguinte: “quem vê até pensa que Bolsonaro acredita em Deus”. Neste *tweet*, a réplica ao político tece uma crítica de forma irônica ao seu discurso ao insinuar que, considerando as atitudes e a imagem de Bolsonaro, elas não parecem se portarem como oriundas de alguém que possui uma crença em Deus. Dito de outro modo, o autor do comentário alega que o *ethos* dito e projetado por ele, no *tweet*, não condiz com o seu *ethos* mostrado. Portanto, conforme o comentário, o emprego desse DR seria apenas para salientar uma imagem distante da realidade de Bolsonaro.

Destacando, por fim, alguns elementos relativos à ecologia deste *tweet*, como mencionado anteriormente, observa-se que ele é, provavelmente, publicado de um dispositivo móvel. Isso pode ser inferido, tendo em vista a forma com que o enunciator redige o texto do enunciado. Além desses elementos, o político recorre ao sinal de barra “/” para separar a referência aos versículos do conteúdo textual e não adota paragrafação ou a segregação como

nos *tweets* anteriores, como já sublinhado. Percebe-se, ainda, que há um notável e expressivo número de curtidas neste *tweet*, o que denota que, embora haja possíveis discordâncias e críticas, como visto nos comentários, o enunciado consegue despertar e atingir um público considerável, seja por conter um conteúdo julgado importante ou pelo DR empregado.

6.15 *Tweet 15*

Figura 18: Recursos repassados pelo governo



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro do X (Twitter)⁹⁴

Neste décimo quinto enunciado, Bolsonaro já abandona a menção ao “Da série” que inseria em boa parte dos enunciados anteriores e posta apenas o versículo bíblico João 8:32, seguido de um “Bom dia a todos” e marca o perfil do apresentador Sikêra Júnior, “@sikerajr”. Também integra o enunciado corte de um vídeo breve do apresentador marcado, certamente, do programa *Alerta Nacional*, da *RedeTV!*, apresentado por Sikêra. No vídeo, é possível inferir que o apresentador fala sobre os repasses do governo federal para os estados do Brasil. No excerto postado, Sikêra mostra os 42,7 bilhões repassados para o governo estadual de Pernambuco, alegando que o dinheiro destinado à saúde, por exemplo, não é de Paulo Câmara, na época, governador de Pernambuco, “é pra salvar vidas”. Além disso, ele também manda os governadores criarem vergonha na cara, e dizerem ao povo quanto cada um recebeu para “cuidar das vidas”.

⁹⁴ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1378643471070822401>. Acesso em: 22 jan. 2023.

De modo geral, percebe-se que Bolsonaro publica o excerto do vídeo em seu perfil do SRS para reforçar o que está sendo dito referente ao valor endereçado aos estados durante a pandemia da Covid-19. Para isso, ele usa o DR a fim de conferir legitimidade ao que está sendo veiculado, no intuito de tornar pública essa “verdade” para que os que a conhecerem serem “libertos”. No *tweet*, ele faz questão de marcar o apresentador, “@sikerajr”, além de publicar o excerto do vídeo diretamente em seu perfil, diferentemente das publicações em que ele posta o vídeo em seu canal do *YouTube* e compartilha apenas o *link* no enunciado publicado. Isso ocorre, certamente, em virtude da gravação mais informal que, aparentemente, captura de um aparelho celular o que é exibido na TV ou em um monitor de computador, tendo em vista a instabilidade na gravação.

O estilo desse enunciado, publicado em 4 de abril de 2021, segue uma estrutura com algumas similaridades e outros ajustes pontuais por parte do enunciador. No *tweet*, não há mais o encadeamento observado na série de postagens que o político nomeava “Da série João 8:32”, percebe-se apenas a menção à referência bíblica desta vez. Com essa adaptação, observa-se uma ênfase maior no DR, já que ele é o conteúdo mais importante da postagem, uma vez que em seguida só há um “- Bom dia a todos. @sikerajr”. Dessa forma, pode-se observar que Bolsonaro, por meio do vídeo e do DR inserido na legenda, busca torná-lo ainda mais legítimo e verídico ao trazer a verdade doutrinal para a postagem, aliado aos dizeres do apresentador observados no vídeo.

De modo similar ao que Bolsonaro publica no *tweet* 4, nesse enunciado ele ancora-se no discurso de Sikêra Júnior como uma forma de se resguardar e se isentar de cobranças referentes a destinação de recursos para os governos estaduais. Assim, percebe-se que, ao reiterar que 42,7 bilhões são destinados ao estado de Pernambuco em um ano, por exemplo, ele busca, mediante o mostrado pelo apresentador, sobressair o seu *ethos* de trabalho, de cumprimento de funções e de credibilidade, e para isso adota o DR. Por outro lado, quando Sikêra fala sobre Paulo Câmara, ele demonstra um tom de indignação e desconforto, como se o governador estadual escondesse que recebe tais verbas. Com isso, é nítido o *ethos* negativo atribuído ao líder estadual, o que é evidenciado pela fala do apresentador sobre tomarem “vergonha na cara” para comunicar à população o montante que cada um recebeu pelo encargo de “preservar vidas”.

Sob esse contexto, convém lembrar as falas preconceituosas do ex-presidente, especificamente, com os governadores dos estados do nordeste, a exemplo da declaração dada em 2019: “daqueles governadores de 'paraíba', o pior é o do Maranhão; tem que ter nada com

esse cara”⁹⁵. Além disso, também foi notável o desconforto de Bolsonaro decorrente de ações contrárias ao que ele defendia em relação a como cada governante conduzia o estado durante a emergência da Covid-19. Nesse cenário, ganhou destaque a articulação entre os estados do nordeste, mediante as ações do Consórcio do Nordeste, formalmente Consórcio Interestadual de Desenvolvimento Sustentável do Nordeste, que atuou em prol da diminuição dos efeitos causados pela pandemia⁹⁶. Logo, observa-se que as motivações políticas também impulsionam a veiculação desse enunciado, considerando que Bolsonaro era opositor político de todos eles.

No que diz respeito à cenografia observada nesse enunciado, percebe-se que ela vai sendo legitimada a partir do que é exposto no vídeo do apresentador. Assim como ocorre com os enunciados analisados anteriormente, o enunciador recorre ao DR para que essa legitimação e validação seja fundida com o âmbito espiritual, adquirindo a condição de dupla verdade: factual, tendo em vista os números expostos pelo apresentador no vídeo, e doutrinal: através do emprego da referência a João 8:32, considerando a sua ampla veiculação nos *tweets* de Bolsonaro, sua adoção como um slogan e a sua descontextualização pelo político. Dessa forma, é em virtude disso que não se identifica outro conteúdo no enunciado a não ser a menção à referência bíblia e o bom dia, seguido da marcação do apresentador Sikêra Júnior.

Com relação às dimensões do *ethos* observadas nesse enunciado, novamente o político adota uma abordagem categorial na qual ele, enquanto líder e governante, se dirige aos seguidores visando compartilhar o seu enunciado recorrendo a um *ethos* de proximidade. Isso é visível no modo como a postagem é orientada, seguida de um “bom dia a todos”. Além disso, percebe-se ainda uma imagem branda, em virtude de a ênfase ser voltada para o vídeo publicado, e não tanto para a legenda nele. Em acréscimo, ainda que isso não esteja explícito no *tweet*, a dimensão ideológica ancora-se no que é exibido pelo vídeo. Essa dimensão é compartilhada tanto pelo político quanto pelo apresentador que, declaradamente, o apoia, mediante um viés conservador similar ao que é observado nos enunciados anteriores.

Ademais, além dos aspectos já mencionados sobre a ecologia neste *tweet*, nota-se que há um elemento compósito no enunciado, o “@sikerajr”. A marcação do perfil do apresentador sugere não apenas a atribuição da autoria do vídeo a ele, mas motiva também o seguidor e coenunciador a visitar o perfil e interagir com ele, o impelindo a ter acesso a mais

⁹⁵ Mais informações disponíveis em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/19/daqueles-governadores-de-paraiba-o-pior-e-o-do-maranhao-diz-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 11 jan. 2024.

⁹⁶ Mais informações disponíveis em:

<https://sbmt.org.br/consorcio-nordeste-articula-se-para-mitigar-pandemia-de-covid-19/>. Acesso em: 11 jan. 2024.

conteúdos de caráter similar compartilhado. No *corpus*, percebe-se que essa é a única vez em que Bolsonaro marca alguém em uma publicação, desconsiderando o *retweet* na publicação do seu filho, no *tweet* 1. Uma das prováveis razões para a citação do perfil é a conhecida amizade entre Bolsonaro e Sikêra Júnior, desde a sua candidatura em 2018, daí o alinhamento do apresentador com o que é de interesse de Bolsonaro ser exibido no programa, que inclusive recebeu cachês do governo⁹⁷.

Discorrendo sobre o DR no *tweet*, é visível que a referência a João 8:32 objetiva apropriar-se da menção à “verdade” presente no versículo bíblico a fim de enquadrá-la como uma verdade que é superior a quaisquer outras. Ao considerar, ainda, o caráter doutrinal do DR, projeta-se um enunciado que se isenta de contra-argumentos e contestações, uma vez que o enunciador direciona a cenografia desse *tweet* para ser recuperado o slogan defendido por Bolsonaro. Nesse prisma, há a insistência do político em alimentar o saber de revelação, no qual a fonte da verdade é externa ao sujeito (Charaudeau, 2022) visando mostrar-se como o detentor do conhecimento na execução de um *ethos* de chefe, representado, similarmente, ao que Charaudeau (2018[2005]) nomeia de guia supremo.

⁹⁷ Mais informações disponíveis em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/governo-repassou-r-120-mil-em-cache-a-apresentador-bolsonarista-mostra-documento-da-cpi.shtml>. Acesso em: 11 jan. 2024.

6.16 Tweet 16

Figura 19: Reabertura da economia



Fonte: Perfil de Jair Bolsonaro do X (Twitter)⁹⁸

Neste enunciado, de 4 de maio de 2021, similarmente ao *tweet* 10, o enunciador posta uma manchete de uma notícia do *UOL*⁹⁹ com uma foto de Fernando Henrique Cardoso, FHC, ex-presidente do Brasil. A captura de tela diz o seguinte: “É preciso reabrir a economia para gerar trabalho e renda a brasileiros, diz FHC”, acompanhado de uma imagem do ex-presidente. Na legenda, Bolsonaro diz: “- FHC reconhece que Jair Bolsonaro sempre teve razão. - Que o milagre de João 8:32 mude para sempre a sua vida.”. De modo geral, o político, nessa publicação, apropria-se da fala de FHC e a descontextualiza por meio de uma conclusão inapropriada sobre ela. Além disso, o DR também é referido no *tweet* para incorporar a dimensão espiritual e realçar a credibilidade ao que é declarado do enunciado.

Seguindo uma estrutura semelhante ao que já vem sendo observado nas análises, percebe-se, nesta postagem, que Bolsonaro já não considera mais necessário citar o versículo todo em suas menções a João 8:32. Nesse sentido, em outros e neste enunciado, ele apenas

⁹⁸ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1389527836281692163>. Acesso em: 22 jan. 2023.

⁹⁹ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2021/05/01/e-preciso-reabrir-a-economia-para-gerar-trabalho-e-renda-a-brasileiros-diz-fhc.htm>. Acesso em: 15 jan. 2024.

chama atenção para a sua referência e o termo chave: a verdade, ainda que ela apareça indiretamente aqui. O enunciador elenca dois tópicos na legenda e compartilha apenas a captura de tela, visando enfatizar, sobretudo, a manchete, a qual é desvinculada do seu interdiscurso e atribuída a uma conclusão improvável. Ao contrário do que Bolsonaro defendia, a notícia ressalta que a fala de FHC menciona [...] “reabrir a economia brasileira com segurança, para gerar trabalho e renda para os brasileiros”¹⁰⁰. Logo, é visível que Bolsonaro compartilha uma contraverdade nesse enunciado, em termos mais precisos, uma informação falsa.

Centrando a reflexão sobre o conteúdo desse *tweet*, observa-se que o enunciador se apropria do exposto na manchete e cria uma pseudo conclusão, sob a forma de silogismo referente à fala de FHC, visando validar a cenografia que ele instaura. Se Bolsonaro defendia, insistentemente, a reabertura e a retomada da economia (premissa maior) e FHC diz que é preciso “reabrir a economia” (premissa menor), *logo*, “- FHC reconhece que Jair Bolsonaro sempre teve razão” (conclusão). No entanto, é óbvio que esse raciocínio é inválido e insustentável, pois a reabertura que FHC menciona destoa completamente do que Bolsonaro sustentava, tornando a sua interpretação sobre ela uma desinformação. Essa adoção da fala de um ex-presidente, visa atrair, entre outras coisas, o apoio e a credibilidade, mediante a aproximação com prováveis simpatizantes de FHC.

Quanto ao estilo notado nessa publicação, algumas similaridades são próximas ao *tweet* 10, no entanto, alguns elementos se sobressaem neste enunciado em especial. Além de elencar dois pontos sobre a imagem, o modo como o DR é empregado destoa do observado em outros *tweets*, pois ele é incorporado ao texto da legenda. Nesse sentido, em acréscimo ao enunciado sobre Bolsonaro sempre ter razão, a menção ao DR é incorporada no final da publicação como sendo “o milagre de João 8:32”, levando ao domínio do saber de revelação o compartilhado. Por sua vez, a adoção de como o registro de tela é feito dialoga com o enunciado produtivamente, pois embora Bolsonaro pudesse compartilhar apenas o título da manchete, ele faz questão de inserir a foto de FHC, em um enquadramento em que ele parece falar, e gesticula apontando para o texto.

Por conseguinte, refletindo conjuntamente sobre a cenografia e as dimensões do *ethos* neste enunciado, como mencionado, a cenografia é instaurada através do falso silogismo que Bolsonaro cria com base na declaração de FHC. Desse modo, além do uso da captura de tela, ele incorpora o DR e a menção à mudança na vida para sempre para tornar legítimo o que ele

¹⁰⁰ Cf. nota anterior.

profere e validar o que é expreso. Aliado a isso, percebe-se que o *ethos* é enunciado categorialmente mediante a posição de líder e de chefe, que se manifesta, no *tweet*, sobre suas próprias teses referentes à abertura da economia. Tal razão apresenta-se como algo, estereotipicamente, inerente a Bolsonaro em razão do uso do “sempre teve razão”. A dimensão experiencial é notada, sobretudo, nesse modo como o político se declara como a fonte e possuidor do que é declarado no enunciado. Por fim, ideologicamente, este trecho reafirma a prevalência do viés conservador em consonância com observações anteriores. Adicionalmente, destaca-se a incorporação de perspectivas fundamentadas nas liberdades individuais, respaldando teses que se opõem às restrições.

No que diz respeito ao papel do DR nesse *tweet*, nota-se que a menção à referência bíblica na segunda parte do enunciado pode alimentar uma ambiguidade por não ser possível precisar a quem ou ao que o pronome “sua” se refere. Assim, além de conferir credibilidade e validação ao conteúdo enunciado, por meio do DR, o enunciador pode insinuar que o reconhecimento por parte de FHC, afirmando que Jair Bolsonaro “sempre teve razão”, ocorreu como resultado do que é referido como o “milagre de João 8:32”. Por outro lado, também é possível que o trecho “- Que o milagre de João 8:32 mude para sempre a sua vida.” se dirija, simplesmente, para o seguidor ou seu coenunciador que interage com o enunciado, não possuindo direta relação com a notícia, embora isso seja menos provável.

Na primeira, na segunda menção ou em ambas, caso a ambiguidade tenha sido intencional, é inegável perceber a importância atribuída ao DR, que recebe, aqui, a atribuição de ser um “milagre”. Percebe-se, assim, que o enunciador recupera o que é expreso no versículo, de modo a indicar, em outras palavras, algo próximo a: “que o milagre do conhecimento *à verdade que liberta* mude para sempre a sua vida”. Desse modo, o DR é integrado à legenda do *tweet* como um saber de conhecimento que sobrepõe às explicações do domínio factual e se volta para o próprio saber de revelação. Objetiva-se, com esse emprego, recorrer à referência bíblica, concebendo a autoridade e a legitimidade do discurso como uma verdade que se sobrepõe a qualquer outra, através da apropriação da vagueza identificada na descontextualização da passagem bíblica.

Nesse contexto, a ecologia escolhida pelo enunciador desse *tweet* contribui significativamente para a sua notável repercussão. Bolsonaro, mais uma vez, não opta por compartilhar o *link* integral da notícia e, como já mencionado, nem posta apenas o texto de sua manchete, como no *tweet* 10. Essas escolhas objetivam atrair o leitor, que ao navegar pelo SRS, mediante vários *tweets*, predominantemente escritos, se depara com a foto de FHC e é

impelido a interagir com o enunciado do político. Sob esse ponto de vista, oriundos de seguidores do ex-presidente Bolsonaro ou de simpatizantes do ex-presidente FHC, percebe-se um volume expressivo de reações na publicação, sobretudo as curtidas, sugerindo a incorporação do discurso.

Convém enfatizar, por fim, como Bolsonaro, intencionalmente, propaga desinformação através desse *tweet*. O trecho inicial da postagem diz que “FHC reconhece que Jair Bolsonaro sempre teve razão”, porém é evidente que isso não procede. Ocorre, nesse caso, uma invenção de fato e explicação (Charaudeau, 2022), um tipo de contraverdade que, comumente, são puras invenções, mas nesse *tweet*, Bolsonaro se apropria da concisão da manchete do *UOL* para inventar e se autodeclarar com razão. Dessa forma, entende-se porque o enunciador não aponta a fonte da notícia, considerando que ele é o autor dela, e assim, o político exerce o seu *ethos* de chefe (Charaudeau, 2018[2005]), sendo produtivo usar o DR para gerar solidez e amparo ao que ele defende: uma pós-verdade.

6.17 Tweet 17

Figura 20: Manchete sobre mensalão



Fonte: *Perfil de Jair Bolsonaro do X (Twitter)*¹⁰¹

Neste último enunciado, publicado em 5 de agosto de 2021, Bolsonaro, novamente, publica uma captura de tela de uma notícia e escreve na legenda: “- João 8:32. - Bom dia a todos.”. Na imagem, o político compartilha um registro de tela do *g1* de uma notícia, de 2016, que diz: “Barroso concede perdão da pena de José Dirceu no mensalão do PT”, acompanhado de uma imagem de Dirceu com alguns policiais. Chama atenção, em um primeiro olhar, o *design* antigo da página de notícias do *g1*, que ainda usava uma letra g maiúscula. Ademais, o *tweet* aparenta ser um enunciado bastante vago, uma vez que, além da referência bíblica, apresenta apenas uma saudação de bom dia. Assim, torna-se imperativo refletir sobre o seu contexto para uma compreensão eficaz.

Nesse sentido, a menção da notícia ao Ministro Luís Roberto Barroso parece ser a principal razão pela qual Bolsonaro compartilha esse enunciado. Isso porque, durante muitas ocasiões, o ex-presidente o criticou e o atacou frontalmente, especialmente com relação às declarações do Ministro durante a sua presidência do Tribunal Superior Eleitoral — TSE. Eleito pelas urnas eletrônicas em 2018, Bolsonaro ao longo de todo o seu mandato como presidente colocou em dúvida o sistema eleitoral brasileiro e as urnas que o elegeram¹⁰². Desse modo, o político visou desacreditar e atribuir *ethé* negativos não apenas ao Ministro em questão, mas a todos os magistrados do Supremo Tribunal Federal — STF que se opunham às teses que Bolsonaro defendia.

Especificamente em 2021, o principal alvo dos ataques de Bolsonaro foi Luís Roberto Barroso por ele responder e desmentir as reiteradas alegações do ex-presidente sobre a confiabilidade do processo eleitoral e a reivindicação da adoção do voto impresso nas eleições de 2022. Com isso, não apenas Bolsonaro passou a insultar e atacar, mas muitos apoiadores foram motivados a repetir a mesma estratégia. Nesse contexto, suas declarações e muitas ocasiões tiveram retornos visíveis, a exemplo da suspensão de encontros, como ocorreu com o Ministro Luiz Fux¹⁰³, no dia exato de publicação desse *tweet*. Isso evidencia a importância das declarações de Bolsonaro para a esfera pública, e pode apontar para a inexistência de outro

¹⁰¹ Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1423215407935143937>. Acesso em: 22 jan. 2023.

¹⁰² Mais informações disponíveis em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-atacou-sistema-eleitoral-mais-de-20-vezes-em-2021/>. Acesso em 17 jan. 2024.

¹⁰³ Mais informações disponíveis em: <https://www.jota.info/stf/do-supremo/fux-suspende-encontro-com-bolsonaro-apos-ataques-contr-ministros-do-stf-05082021>. Acesso em 17 jan. 2024.

conteúdo na legenda do enunciado, apenas a menção ao DR. Portanto, o enunciador destina sua postagem para apenas “mostrar” o que ele considera relevante, vinculando o DR a isso.

Na notícia, o destaque é posto no título dela: “Barroso concede perdão da pena de José Dirceu no mensalão do PT” e o *lead*, a síntese do noticiado, acaba não obtendo tanta importância, pelo próprio enquadramento do que foi postado na postagem. Nele, é possível ter acesso a mais informações sobre o relatado, ao ser sublinhado que: “Ministro do STF atendeu a parecer da PGR com base em indulto natalino. Ex-ministro da Casa Civil permanecerá preso por condenação na Lava Jato”. A partir dessas observações, a cenografia instaurada por Bolsonaro é de que, de algum modo, há um favorecimento de Dirceu por Barroso. No entanto, o ex-presidente omite que o mesmo indulto também foi concedido a Roberto Jefferson, amigo do político¹⁰⁴. Logo, espera-se que se conceba apenas a imagem negativa do Ministro, justificando a partilha apenas do registro de tela, do DR e da saudação.

Observando o estilo deste enunciado, encontram-se nítidas similaridades com *tweets* analisados anteriormente, a exemplo do *tweet* 10. Não é por acaso o compartilhamento apenas desse registro de tela da notícia, tal enquadramento visa contribuir para a estruturação da cenografia construída por Bolsonaro. É importante frisar que, em virtude da leitura dinâmica dos SRS como um todo, é pouco provável que os coenunciadores atribuam uma relevância maior no título da notícia em detrimento do *lead*. Com isso, é esperado que se atribua relevância maior ao que integra a legenda da publicação e a manchete. Destaca-se, ainda, as numerosas reações que a postagem reúne.

Como indicado, a cenografia é legitimada, principalmente, pelo recorte feito pelo enunciador da página de notícias do *g1*. No entanto, ainda que se objetive atribuir credibilidade ao que é noticiado, trata-se de uma notícia antiga em virtude do design da página. Porém, isso é contornado com a aproximação da notícia com o domínio do DR. É o saber de revelação que é realçado na legenda do enunciado, mediante o diálogo com a verdade factual exposta na notícia. Assim, a “verdade” é veiculada mediante duas instâncias, numa imbricação que faz a verdade doutrinal ser proeminente à verdade factual. Logo, percebe-se que a menção à verdade do DR é dotada do atributo de “libertar”, e aqui, ela aponta para um tipo de “despertar” sustentado por Bolsonaro.

A construção do *ethos* neste enunciado manifesta suas dimensões semelhantemente ao observado nos *tweets* já analisados. A dimensão categorial é identificada na atitude de se

¹⁰⁴ Como apontado em reportagem da *Folha de São Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2021/08/barroso-concedeu-perdao-a-roberto-jefferson-mas-bolsonaro-so-divulga-medida-adotada-em-favor-de-dirceu.shtml>. Acesso em: 17 jan. 2024.

dirigir aos seus seguidores por meio de um *ethos* brando e menos saliente, manifesto apenas via o *ethos* de líder (Maingueneau, 2020) e de chefe (Charaudeau, 2018[2005]). Assim, acentua-se a dimensão experiencial do *ethos*, alimentada pelos estereótipos relacionados à figura de Bolsonaro como um guia supremo, dotado de atributos que o tornam um político distinto dos demais. Essa dimensão dialoga intensamente com a abordagem ideológica, reforçada pela incorporação do DR, comumente adotado por líderes conservadores. Logo, verifica-se, outra vez, que Bolsonaro emprega a referência bíblica sem qualquer relação com seu interdiscurso, mas como uma estratégia discursiva.

A seguir, elencamos uma síntese das principais estratégias relacionadas ao uso do DR e a sua consequente manifestação através do *ethos* discursivo nos enunciados analisados nessa seção.

Quadro 1: Súmula comparativa das estratégias identificadas nos *tweets*

Enunciados	Estratégias	
	Discurso Religioso	<i>Ethos</i> discursivo
<i>Tweet 1</i>	• Torna legítimo e inquestionável o enunciado via verdade doutrinal; • Desloca o sentido bíblico e adota a “verdade” doutrinal de João 8:32 como uma verdade factual e antônima à mentira; • Reforça o <i>antiethos</i> mediante o DR;	• <i>Ethos</i> de vítima (perseguido pelos opositores políticos);
<i>Tweet 2</i>	• Torna legítimo e inquestionável o enunciado via verdade doutrinal; • Desloca o sentido bíblico e adota a “verdade” doutrinal de João 8:32 como uma verdade factual;	• <i>Ethos</i> de credibilidade através da referência a João 8:32;
<i>Tweet 3</i>	• Torna legítimo e inquestionável o enunciado via verdade doutrinal; • Adota o versículo como uma mensagem ou <i>slogan</i>;	• <i>Ethos</i> de felicidade (Silva, 2019), <i>ethos</i> de líder (Maingueneau, 2020) e <i>ethos</i> de chefe (Charaudeau, 2018[2005]);
<i>Tweet 4</i>	• Torna legítimo e inquestionável o enunciado via verdade doutrinal; • Desloca o sentido bíblico e adota a “verdade” doutrinal de João 8:32 como uma verdade factual e antônima à mentira;	• <i>Ethos</i> de líder (Maingueneau, 2020) e <i>ethos</i> de chefe (Charaudeau 2018[2005]);

	• Usa o DR para alimentar uma pós-verdade;	
<i>Tweet 5</i>	• Torna legítimo e inquestionável o enunciado via verdade doutrinal; • Desloca o sentido bíblico e adota a “verdade” doutrinal de João 8:32 como uma verdade factual;	• <i>Ethos</i> de líder (Maingueneau, 2020), <i>ethos</i> de chefe (Charaudeau 2018[2005]) imbuído de valores cristãos e <i>ethos</i> de um político perseguido;
<i>Tweet 6</i>	• Torna legítimo e inquestionável o enunciado via verdade doutrinal; • Desloca o sentido bíblico e adota a “verdade” doutrinal de João 8:32 como uma verdade factual;	• Ethos de credibilidade (Charaudeau 2018[2005]) através da referência a João 8:32 e Lucas 12:2;
<i>Tweet 7</i>	• Torna legítimo e inquestionável o enunciado via verdade doutrinal; • Desloca o sentido bíblico e adota a “verdade” doutrinal de João 8:32 como uma verdade factual; • Usa o DR para alimentar uma pós-verdade;	• <i>Ethos</i> de liderança e acentuação do <i>antiethos</i> (Maingueneau, 2020a) oposto ao político;
<i>Tweet 8</i>	• Torna legítimo e inquestionável o enunciado via verdade doutrinal; • Desloca o sentido bíblico e adota a “verdade” doutrinal de João 8:32 como uma verdade factual e antônima à mentira;	• <i>Ethos</i> de proximidade (com seguidores);
<i>Tweet 9</i>	• Torna legítimo e inquestionável o enunciado via verdade doutrinal; • Desloca o sentido bíblico e adota a “verdade” de João 8:32 como verdade factual e antônima à mentira;	• <i>Ethos</i> de líder (Maingueneau, 2020), defesa contra possíveis <i>ethé</i> negativos;
<i>Tweet 10</i>	• Torna legítimo e inquestionável o enunciado via verdade doutrinal; • Desloca o sentido bíblico e adota a “verdade” doutrinal de João 8:32 como uma verdade factual;	• <i>Ethos</i> de caráter e de credibilidade (Charaudeau, 2018[2005]), ancorado no DR;
<i>Tweet 11</i>	• Torna legítimo e inquestionável o enunciado via verdade doutrinal; • Desloca o sentido bíblico e adota a “verdade” doutrinal de João 8:32 como	• <i>Ethos</i> brando pelo tom mais impessoal;

	uma verdade factual;	
<i>Tweet 12</i>	• Torna legítimo e inquestionável o enunciado via verdade doutrinal; • Desloca o sentido bíblico e adota a “verdade” doutrinal de João 8:32 como uma verdade factual e antônima à mentira;	• <i>Ethos</i> brando e manso intensificado pelo DR e acentuação do <i>antiethos</i> (Maingueneau, 2020a) oposto ao político;
<i>Tweet 13</i>	• Torna legítimo e inquestionável o enunciado via verdade doutrinal; • Desloca o sentido bíblico e adota a “verdade” doutrinal de João 8:32 como uma verdade factual e antônima à mentira;	• <i>Ethos</i> de líder (Maingueneau, 2020a) <i>ethos</i> brando e defesa contra possíveis <i>ethé</i> negativos;
<i>Tweet 14</i>	• Torna legítimo e inquestionável o enunciado via verdade doutrinal; • Desloca o sentido bíblico e adota a “verdade” doutrinal de João 8:32 como uma verdade factual e antônima à mentira;	• <i>Ethos</i> de líder (Maingueneau, 2020a) e <i>ethos</i> de chefe alicerçados no DR;
<i>Tweet 15</i>	• Torna legítimo e inquestionável o enunciado via verdade doutrinal; • Desloca o sentido bíblico e adota a “verdade” doutrinal de João 8:32 como uma verdade factual e antônima à mentira;	• <i>Ethos</i> de um político trabalhador, <i>ethos</i> de líder (Maingueneau, 2020a), <i>ethos</i> de chefe (Charaudeau 2018[2005]) alicerçados no DR, <i>ethos</i> de proximidade com seguidores;
<i>Tweet 16</i>	• Torna legítimo e inquestionável o enunciado via verdade doutrinal; • Desloca o sentido bíblico e adota a “verdade” doutrinal de João 8:32 como uma verdade factual e antônima à mentira; • Usa o DR para alimentar uma pós-verdade;	• <i>Ethos</i> de chefe (Charaudeau 2018[2005]);
<i>Tweet 17</i>	• Torna legítimo e inquestionável o enunciado via verdade doutrinal; • Desloca o sentido bíblico e adota a “verdade” doutrinal de João 8:32 como uma verdade factual e antônima à mentira;	• <i>Ethos</i> menos saliente de líder (Maingueneau, 2020a) e <i>ethos</i> de chefe (Charaudeau 2018[2005]).

Fonte: Produzido pelo autor com base na análise dos enunciados do *corpus*.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta última seção, retomaremos brevemente a proposta do trabalho apontada na introdução, com ênfase na análise e na observação dos resultados após a análise dos enunciados do *corpus*. Retomaremos os nossos objetivos, apontando as constatações e os trajetos a que cada um nos conduziu mediante a análise. Relembraremos, em seguida, a nossa questão de pesquisa, visando sintetizá-la e respondê-la de modo breve, alicerçados na análise dos *tweets*. Finalmente, destacaremos as limitações, desafios e aspectos a serem, posteriormente, objeto de reflexões futuras.

A partir da análise dos enunciados que integram o *corpus* deste estudo, visamos investigar a construção do *ethos* de Bolsonaro, pautado no uso do DR em publicações no X (*Twitter*). Para isso, delimitamos como objetivo geral: examinar a formação do *ethos* discursivo de Jair Bolsonaro no X (*Twitter*), fundamentado no emprego do discurso religioso de João 8.32, identificando estratégias, significados e variações resultantes de sua disseminação no ecossistema digital. Visando atingir esse objetivo, elencamos alguns objetivos específicos, sobre os quais discorreremos a seguir tecendo algumas observações conclusivas.

No primeiro objetivo específico, propusemos: *a) Identificar as estratégias discursivas e argumentativas construídas pelo enunciador para a construção e manutenção dos seus éthé no X (Twitter)*. Nesse sentido, a partir da apreciação dos enunciados observados, sintetizados no quadro no final da seção anterior, constatou-se que o DR é esvaziado do seu sentido, significado e interdiscurso na maior parcela das postagens analisadas. Com isso, discursivamente, Bolsonaro apropriou-se da vagueza dessa descontextualização e enquadrando a referência bíblica em situações que o emprego dela conferiu credibilidade, fundação e melhorou a edificação do *ethos* conservador do político.

Nessa perspectiva, pode-se apontar como principais estratégias adotadas pelo enunciador: a inserção do DR em um lugar similar na maioria das postagens; a construção de um encadeamento através do emprego do mote “da série João 8:32”, visando reunir as publicações que receberam a ênfase do político; a menção a outros textos bíblicos em resposta aos enunciados iniciais para gerar maior engajamento (*tweets* 6, 7 e 12); a construção de cenografias cujo apoio e o próprio fiador eram Bolsonaro, em alguns casos, disseminando contraverdades (*tweets* 4, 7 e 16); e o emprego de estruturas compósitas: *links* de vídeos e outros recursos, como imagens, capturas de telas entre outros (*tweets* 1, 2 e 3).

No segundo objetivo específico, determinamos *b) Apontar as estratégias identificadas nos enunciados relacionadas ao emprego da pós-verdade*. Desse modo, é indubitável que, após a análise dos *tweets*, percebe-se que o político recorreu numerosas vezes ao DR para atribuir legitimidade ao enunciado publicado, no domínio da pós-verdade. Sob esse viés, é possível observar como estratégias, calcadas no emprego da pós-verdade: a disseminação de diversas informações, sendo frequente a utilização do DR como meio de validação do conteúdo veiculado no discurso; incorporação da “verdade” do DR como uma verdade simultaneamente da esfera doutrinal e factual, em defesa ao que o político visou sustentar; o uso de discursos relatados, em formas de vídeos e de fotografias, para buscar respaldar o que foi dito (*tweet* 16) e a recorrência ao DR para o alastramento de desinformação, mediante a invenção de fatos e explicações, na esteira do que assinala Charaudeau (2022) (*tweets* 4 e 7).

Por conseguinte, no terceiro objetivo específico, sugerimos: *c) Interpretar os sentidos atribuídos aos discursos religiosos empregados pelo enunciador, em suas postagens, refletindo sobre a sua imprescindibilidade e o diálogo entre os saberes para a manutenção do ethos de Bolsonaro em suas postagens*. Sob esse viés, como sublinhado anteriormente, há uma constante ressignificação da “verdade” do DR pelo enunciador, deslocando a referência bíblica para um sentido de verdade antônima à mentira. Além disso, também constatarem-se os seguintes movimentos: o DR é descontextualizado, especificamente, para ser inserido no enunciado que Bolsonaro compartilha como fonte fundadora; em suas postagens há uma fusão do ofício político com a esfera espiritual, comum no conservadorismo, fazendo com que seja impossível desconsiderar esse intercâmbio (*tweet* 12); e, nesse processo, o saber de revelação é focalizado, com vistas a fazer preponderar a verdade doutrinal sobre as outras na manutenção do *ethos*.

Em acréscimo, também delimitamos *d) Verificar as variações no ethos edificado pelo enunciador, comparando o contexto de criação dos enunciados postados nos tweets com o diálogo com outros discursos*. Nesse viés, percebeu-se que é visível o que Maingueneau (2020) aponta sobre as alterações no *ethos* no ambiente digital. Nos *tweets* analisados, verificou-se que o enunciador ajusta os seus discursos, diversificando os *ethé* mediante a sua saliência, o seu apagamento, as menções constantes ao *antiethos* que o político combate, entre outras flutuações. Ademais, também se notou que vários enunciados (*tweets* 1, 4, 5, 9 e 13) emergem a partir de uma polêmica já estabelecida (Amossy, 2017), sendo indispensável considerar o dialogismo constitutivo que perpassa as publicações (Bakhtin, 1997[1979];

Destri; Marchezan, 2021), a fim de compreender o que é reivindicado por Bolsonaro em seus *tweets*.

Desse modo, com relação a esse último objetivo específico, também constatou-se: a veiculação de variados *ethé*, sobretudo o *ethos* de líder (Maingueneau, 2020) e o *ethos* de chefe (Charaudeau, 2018[2005]), pautados no *ethos* de credibilidade, em situações em que Bolsonaro visou sustentar alguma declaração ou se defender de outras, insubstituivelmente acompanhado do DR; a construção de cenografias nas quais o político era o próprio fiador do que foi apresentado, com margem para a veiculação de desinformação e pós-verdades; e a incorporação de estratégias voltadas ao ecossistema digital, objetivando alcançar os seguidores eficazmente, muitas vezes, usando produtivamente o SRS X (*Twitter*).

Portanto, rememorando a questão de pesquisa que nos guiou: *como o discurso religioso de João 8.32 foi veiculado no X (Twitter), no perfil de Bolsonaro, com a intenção de construir uma projeção etótica que, mediante estratégias de pós-verdade, suscitasse credibilidade?* Constatamos que o emprego do DR alimentou uma ambiguidade entre as figuras de verdade doutrinal e factual nas postagens, indicando uma inclinação em apresentar tudo como verdade factual, embora essa expressão seja empregada em certos contextos para difundir pós-verdade. Através disso, identificamos que o enunciador constrói diversos *ethé*, todos eles sustentados pelo DR: *ethos* de vítima, *ethos* de credibilidade (Charaudeau, 2018[2005]), *ethos* de líder, *ethos* de chefe, *ethos* de trabalho, *ethos* de proximidade (com seguidores), *ethos* de caráter, *ethos* brando e manso e o *antiethos* (Maingueneau, 2020a).

Adicionalmente, houve uma fusão contínua entre os planos factual e espiritual, típica da política conservadora, na qual os conflitos e problemas nas declarações do ex-presidente não se mostravam apenas como físicos, mas também possuindo uma dimensão espiritual. Assim, na escassez de dados concretos, o DR foi utilizado para conferir um caráter transcendental às alegações de Bolsonaro, revelando que a amplitude da verdade doutrinal, comum na esfera religiosa, ultrapassou em muitas circunstâncias a esfera factual. Essas estratégias contribuíram para a validação do *ethos* do ex-presidente, que se aproximou de seguidores através desse discurso, ainda que pelas formas aqui observadas de deturpação deste.

Em decorrência do espaço e das próprias restrições impostas pelos objetivos do trabalho, como foi possível observar, não foi atribuída tanta ênfase aos comentários em todas as postagens. No entanto, como sublinhamos nas análises de algumas dessas réplicas, percebeu-se que alguns comentários, em geral, confrontam o aspecto mais monológico e

autoritário que se visa atingir através do DR, mediante críticas (*tweets* 3, 8, 9, 12, 14), questionamentos (*tweet* 13), acusações (*tweets* 2 e 5), entre outros. Em contrapartida, há quem atribua credibilidade e confiança ao que é compartilhado (*tweet* 7), demonstrando, nesse contexto, um êxito por parte do enunciador em sua postagem.

Outro aspecto importante a ser considerado, diz respeito às mudanças discutidas na subseção 3.3 sobre as implicações do algoritmo e das mudanças sofridas pelo X (*Twitter*) após sua alteração por mudança de dono e administração. Isso implicou em alterações no SRS e também na própria exibição dos conteúdos no feed de notícias da rede. Nessa perspectiva, há muito que pode ser discutido em relação aos desdobramentos práticos das constantes transformações pelas quais o X (*Twitter*) passa em relação aos algoritmos, valores e a nova lógica da rede, o que não foi de nosso interesse neste estudo. Desse modo, faz-se mais que necessário continuar refletindo sobre como essas estratégias ainda ressoarão na conjuntura política atual e futura, pois como se percebeu nas observações sobre o DP, as estratégias apenas se renovam e se adéquam às formas de interação contemporâneas.

Almejou-se, com a realização deste trabalho, avançar nas discussões sobre o DR no âmbito dos estudos do discurso, contribuindo para o cenário observado nas lacunas discutidas no referencial teórico, sobretudo as elencadas por Maingueneau (2021). Para prosseguir em nossa reflexão, dialogamos com variados pesquisadores, o que nos proporcionou um aporte teórico mais fecundo para submeter o *corpus* desta pesquisa. No cenário brasileiro, esperamos ter contribuído com as constatações apontadas sobre o produtivo emprego do DR dissociado do seu significado inicial para a esfera política pelo enunciador através dos seus *tweets*.

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, Tales. Ilusão, convicção e mentira: linguagem e psicopolítica da pós-verdade. *In*: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (org.). **Discurso e (pós)verdade**. São Paulo: Parábola, 2021. p. 41–57.
- ALMEIDA, Maria de Fátima; SOUZA, Ramísio Vieira de. Entonação. *In*: PEREIRA, Sônia Virginia Martins; RODRIGUES, Siane Gois Cavalcanti (org.). **Diálogos em Verbetes: noções e conceitos da Teoria Dialógica da Linguagem**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 69-74.
- AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2020.
- AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.
- AMOSSY, Ruth. Argumentação e Análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**. p. 129–144, 1 nov. 2011[2008].
- AMOSSY, Ruth. Ethos. *In*: CHARAUDEAU, Patrick. MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coord. Trad. Fabiana Komesu. 3ª ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008. p. 220 - 221.
- AMOSSY, Ruth. (Org.) **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. – 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- AMOSSY, Ruth. KOREN, Roselyne. Argumentação e discurso político. *In*: EMEDIATO, Wander (Org.). **Análises do discurso político**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2016.
- AMOSSY, Ruth. PIERROT, Anne Herschberg. Linguística, retórica y análisis del discurso. *In*: AMOSSY, Ruth. PIERROT, Anne Herschberg. **Estereotipos y clichés**. Buenos Aires: Eudeba, 2010. p. 93-122.
- AMOSSY, Ruth; ZAVAGLIA, Adriana. O lugar da argumentação na Análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. **Filologia e Linguística Portuguesa**, [S. l.], n. 9, p. 121-146, 2007. DOI: 10.11606/issn.2176-9419.v0i9p121-146. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59776>. Acesso em: 24 abr. 2023.
- ARAUJO, Eduardo Oliveira Henriques de; PEREIRA, Sônia Virginia Martins. Enunciado. *In*: PEREIRA, Sônia Virginia Martins; RODRIGUES, Siane Gois Cavalcanti (org.). **Diálogos em Verbetes: noções e conceitos da Teoria Dialógica da Linguagem**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 75-81.
- ARISTÓTELES. **Retórica 2**. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Biblioteca de autores clássicos, 2005.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2019.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. HETEROGENEIDADE(S) ENUNCIATIVA(S). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 19, p. 25–42, 2012. DOI: 10.20396/cel.v19i0.8636824. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824>. Acesso em: 15 ago. 2022.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993[1965].

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997[1979].

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 2002[1975].

BARONAS, Roberto Leiser. **Ensaio em análise de discurso**: questões analítico-teóricas. São Carlos: EdUFSCAR, 2011.

BARONAS, Roberto Leiser; PONSONI, Samuel. Uma análise de discurso de base enunciativa: notas de leitura sobre o percurso epistemológico de Dominique Maingueneau. **Revista Heterotópica**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 83–107, 2019. DOI: 10.14393/HTP-v1n1-2019-48527. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/48527>. Acesso em: 15 ago. 2022.

BAUER, Martin. W.; GASKELL, George. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BEZERRA, Benedito Gomes. **A palavra de Deus na palavra humana**: Gênero, preconceito e tradução da Bíblia à luz da Linguística. São Paulo: Pá de Palavra, 2019.

BOLSONARO, Jair. “Paciência”, diz Bolsonaro sobre possibilidade de cloroquina ser ineficaz. Poder 360. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/paciencia-diz-bolsonaro-sobre-possibilidade-de-cloroquina-ser-ineficaz/>. Acesso em 29 jun. 2023.

BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin**: Conceitos-Chave. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o círculo. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 56, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5531>. Acesso em: 23 jun. 2023.

BRAUN, Daniela. Brasil tem a quarta maior base de usuários do Twitter no mundo. Valor Investe. 2022. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/internacional-e-commodities/noticia/2022/04/25/brasil-tem-a-quarta-maior-base-de-usuarios-do-twitter-no-mundo.ghml>. Acesso em: 29 jun. 2023.

CARREON, Renata de Oliveira. Comunicação política e(m) imagens de si: percursos a caminho do ethos semiotizado. 2018. 221f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

CARREON, Renata de Oliveira; RUIZ, Marco Antonio Almeida; ARAUJO, Lígia Mara Boin Menossi de. Ensaio teórico sobre a noção de ethos discursivo em Maingueneau: caminhando entre releituras. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 61, p. 1–16, 2019. DOI: 10.20396/cel.v61i0.8655004. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8655004>. Acesso em: 29 jun. 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. **A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade**. São Paulo: Contexto, 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. tradução de Angela M. S. Corrêa. 2. ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. **Diadorim**, v. 10, n. 0, 22 dez. 2011. DOI 10.35520/diadorim.2011.v10n0a3932. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3932>. Acesso em: 29 jun. 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coord. Trad. Fabiana Komesu. 3ª ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

CHARTIER, Roger. Verdade e prova: retórica, literatura, memória e história. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos. (org.). **Discurso e (pós)verdade**. São Paulo: Parábola, 2021. p. 19–39.

CORDEIRO, Rafaela Queiroz Ferreira; PEREIRA, Sônia Virginia Martins. In: PEREIRA, Sônia Virginia Martins; RODRIGUES, Siane Gois Cavalcanti (org.). **Diálogos em Verbetes: noções e conceitos da Teoria Dialógica da Linguagem**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 135 - 141.

COSTA, Nelson Barros da. Dialogismo e análise do discurso - alguns efeitos do pensamento Bakhtiniano nos estudos do discurso. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 15, n. 2, p. 321–335, ago. 2015. <https://doi.org/10.1590/1982-4017-150207-1215>.

COURTINE, Jean-Jacques. A estranha memória da Análise do Discurso. *In*: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, M. C. (orgs.) **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2005, p. 25 – 32.

COURTINE, Jean-Jacques. As derivas da vida pública: sexo e política nos Estados Unidos. *In*: **Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública**. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 127-146.

COURTINE, Jean-Jacques. Os deslizamentos do espetáculo político. *In*: Gregolin, Maria do Rosário. et al. (org). **Discurso político e mídia: a cultura do espetáculo**. São Paulo: Claraluz, 2003. p. 21-34.

CRESWELL, John Ward. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRESWELL, John Ward; CRESWELL, J. David. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5 ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

CURCINO, Luzmara. *Lives e livros: versículos e verdade na eleição presidencial brasileira*. *In*: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (org.). **Discurso e (pós)verdade**. São Paulo: Parábola, 2021. p. 105–134.

CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (org.). **Discurso e (pós)verdade**. São Paulo: Parábola, 2021.

DE PAULA, L. Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica de discurso. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 21, n. 1, p. 239-257, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.21.1.239-258>

DESTRI, Alana; MARCHEZAN, Renata. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. **Revista da ABRALIN**, p. 1–25, 16 jul. 2021. <https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i2.1853>.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987[1984].

EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. *In*: AMOSSY, Ruth (org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 29-56.

ELM, Malin Sveningsson. How do various notions of privacy influence decisions in qualitative internet research? *In*: MARKHAM, Annette; BAYM, Nancy. **Internet inquiry: Conversations about method**. Los Angeles: Sage, 2008. p. 69-87.

EMEDIATO, Wander. **Análise do discurso** numa perspectiva enunciativa e pragmática. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

FALCONI-PIRES, Livia Maria; LOURENÇO, Julia. Twitter ontem e hoje: observações metodológicas críticas. **Revista Heterotópica**, v. 4, n. Especial, p. 36–52, 7 out. 2022. <https://doi.org/10.14393/HTP-v4nEspecial-2022-67202>.

FREIXO, Alexandre de; PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Dias de um futuro (quase) esquecido: um país em transe, a democracia em colapso. In: PINHEIRO-MACHADO, Rosana; FREIXO, Alexandre de. (org.) **Brasil em transe: Bolsonarismo, Nova direita e Desdemocratização**. Rio de Janeiro : Oficina Raquel, 2019, Edição Kindle. n. p.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciante**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. (org.). **Dicionário de Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. Materialidades Discursivas: A fronteira ausente (Matérialités Discursives: La frontiere absente). **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 91-97, 2005. DOI: 10.22481/el.v1i1.982. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/982>. Acesso em: 2 mar. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008[1969].

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística**. Tradução de Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas-SP: Pontes Editores, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GILLESPIE, Tarleton. A relevância dos algoritmos. Tradução de Amanda Jurno. **Parágrafo**. São Paulo, Brasil, v. 6, n. 1, p. 95-121, jan./abr. 2018. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5971548/mod_resource/content/1/722-2195-1-PB.pdf. Acesso em 29 jun. 2023.

GRANDIN, Greg. **Empire's Workshop: Latin America, the United States, and the Rise of the New Imperialism**. (The American Empire Project.) New York: Metropolitan Books. 2006.

GRIGOLETTO, Evandra, DE NARDI, Fabiele Stockmans, SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da, FRANCELINO, Pedro Farias. Análise do discurso no nordeste: filiações teóricas e institucionais. In: ATAÍDE, Cleber; GOMES, Valéria Severina; GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE (Org.). **Cartografia GeINE: 20 anos de pesquisas em linguística e literatura**. Campinas, SP: Pontes, 2019.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. A metalingüística: por uma ciência dialógica da linguagem. **Horizontes**, v. 24, n. 2, p. 121-128, jul./dez. 2006. Disponível em:

https://lyceumononline.usf.edu.br/webp/portalUSF/edusf/publicacoes/RevistaHorizontes/Volume_08/uploadAddress/Art1%5B6565%5D.pdf. Acesso em: 29 jun. 2023.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo; VELOSO, Simone Ribeiro de Ávila. Diálogos entre Maingueneau e o Círculo de Bakhtin. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 0, n. 9, p. 229, 2 jun. 2007. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i9p229-250>.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais. **Filologia e Linguística Portuguesa**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 235-246, 2012. DOI: 10.11606/issn.2176-9419.v14i2p235-246. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59912>. Acesso em: 23 jun. 2022.

HAROCHE, Claudine.; PÊCHEUX, Michel.; HENRY, Paul. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. Tradução de Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. **Linguagem**, São Carlos, n. 3, out./nov. 2008 [1971].

HARRIS, Zellig Sabbetai. Discourse analysis. **Language**, New York, v. 28, n. 1, p. 1-30, 1952.

INDURSKY, Freda. Remontando de Pêcheaux a Foucault: uma leitura em contraponto. In: Indurky, Freda; Ferreira, Maria Cristina Leandro (org.) **Michel Pêcheaux & Análise do Discurso**: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2007.

ITUASSU, Arthur. et al. DE DONALD TRUMP A JAIR BOLSONARO: democracia e comunicação política digital nas eleições de 2016, nos Estados Unidos, e 2018, no Brasil. Brasília: VIII COMPOLÍTICA, 2019. Disponível em: http://ctpol.unb.br/compolitica2019/GT4/gt4_Ituassu_et_al.pdf. Acesso em: 05 jul. 2023.

KIRK, Russel. **Breve manual de conservadorismo**. São Paulo: Trinitas, 2021.

LACERDA, Marina Basso. Neoconservadorismo de periferia: articulação familista, punitiva e neoliberal na Câmara dos Deputados. 2018. 209 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. Saussure, Chomsky, Pêcheux: a metáfora geométrica do dentro/fora da língua. **Linguagem & Ensino**, v. 2, n.º 1, 1999, p. 123 - 137.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. O caráter singular da língua na Análise do Discurso. **Organon** 35, v. 17, n. 35, 2003, p. 189 - 200. DOI: <https://doi.org/10.22456/2238-8915.30023>.

MACEDO, Wilza Karla Leão de. Por Saussure e Bakhtin: concepções sobre língua/linguagem. Ilhéus: I CONLIRE, 2009. Disponível em: http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire_anais/anais-53.pdf. Acesso em: 23 jun. 2022.

MACEDO, Yuri Miguel. Teorias de Mikhail Bakhtin como alicerce para educadores na busca de alternativas às práticas dos estudos de linguagem. **Rebena - Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, [S. l.], v. 6, p. 4-21, 2023. Disponível em: <https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/91>. Acesso em: 13 abr. 2023.

MACHADO, Irene Araújo. Texto como enunciação. A abordagem de Mikhail Bakhtin. **Língua e Literatura**, n. 22, p. 89-105, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. ANÁLISE DE DISCURSO: A QUESTÃO DOS FUNDAMENTOS. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 19, p. 65–74, 1990. DOI: 10.20396/cel.v19i0.8636826. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636826>. Acesso em: 17 out. 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. A ANÁLISE DO DISCURSO E SUAS FRONTEIRAS. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, p. 13-37, jan./jun. 2007. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/nucleos/nad/MAINGUENEAU%20-%20An%C3%A1lise%20do%20discurso%20e%20suas%20fronteiras.pdf. Acesso em: 29 jun. 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. ANÁLISE DE DISCURSO: A QUESTÃO DOS FUNDAMENTOS. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 19, p. 65–74, 2012. DOI: 10.20396/cel.v19i0.8636826. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636826>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MAINGUENEAU, Dominique, "Paveau, Marie-Anne. 2017. *Análise Digital do Discurso. Dictionnaire des formes et des pratiques* (Paris: Hermann) ", **Argumentation et Analyse du Discours** [En ligne], 20 | 2018, online 15 abril 2018, acesso em 19 janeiro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/aad/2554>; DOI: <https://doi.org/10.4000/aad.2554>

MAINGUENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. Tradução de Nelson Barros da Costa. **Revista do GELNE**, [S.l.], v. 2, n. 2., p. 1 – 12, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/download/9331/6685/>. Acesso em: 23 jun. 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. Argumentação e Análise do Discurso: reflexões a partir da segunda Provincial. Tradução: Eduardo L. Piris e Moisés Olímpio Ferreira. In: BARONAS, Roberto Leiser; MIOTELLO, Valdemir (org.). **Análise de discurso: teorizações e métodos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 69-86.

MAINGUENEAU, Dominique. Aux limites de l'analyse du discours. **Cadernos de Linguística**, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 1 – 15, 2021. DOI: 10.25189/2675-4916.2021.V2.N1.ID336. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/336>. Acesso em 16 ago. 2022

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008a.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015a.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. Discussion critique sur l'ethos (en réponse à Ruth Amossy). **Argumentation et Analyse du Discours**, n. 30, 16 abr. 2023. DOI 10.4000/aad.7416. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aad/7416>. Acesso em: 29 jun. 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth. (Org.) **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. – 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2018a. p. 69 – 92.

MAINGUENEAU, Dominique. **O ethos discursivo e o desafio da internet**. Tradução de Artur Viana do Nascimento Neto e Maria das Dores Nogueira Mendes. Fórum Linguístico, v. 20, n. 3, p. 9314–9324, DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2023.e92280>. Acesso em: 15 nov. 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola, 2008b.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 2ª Ed. Campinas, SP. Pontes: Editora da Unicamp, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. O que pesquisam os analistas do discurso? Tradução de Sírio Possenti. **Revista da ABRALIN**, [S.l.], v. 14., n. 4., p. 31-40, jul.- dez. 2015b. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42547/25810>. Acesso em: 07 fev. 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. Paveau, Marie-Anne. 2017. L'Analyse du discours numérique. Dictionnaire des formes et des pratiques (Paris : Hermann). **Argumentation et Analyse du Discours**, n. 20, 15 abr. 2018. DOI 10.4000/aad.2554. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aad/2554>. Acesso em: 29 jun. 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. Une inquiétante fracture discursive. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, n. 28, p. 29–45, 17 set. 2020b. <https://doi.org/10.47284/2359-2419.2020.28.2945>.

MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o *ethos***. São Paulo: Parábola, 2020a.

MAINGUENEAU, Dominique; COSSUTTA, Frédéric. L'analyse des discours constitutants. **Langages**, [S.l.], 29e année, n°117, 1995. p. 112-125. DOI: 10.3406/lgge.1995.1721. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726X_1995_num_29_117_1709. Acesso em 07 dez. 2022.

MALDIDIER, Denise. A inquietude do discurso. Um trajeto na história da Análise do Discurso: o trabalho de Michel Pêcheux. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanise (org.). **Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 39-62.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Campinas: Pontes, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade.; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2003.

MEDVIÉDEV, Pavel Nikoláievich. **O método formal dos estudos literários:** introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2012[1928].

MELLO, Bruno Cesar de Souza. Inteligência artificial e a não neutralidade dos algoritmos sobre os “corpos dóceis” . **Revista Vianna Sapiens**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 24, 2021. DOI: 10.31994/rvs.v12i2.776. Disponível em: <https://viannasapiens.com.br/revista/article/view/776>. Acesso em: 29 jun. 2023.

MELO, José Arthur Soares de. A construção do ethos discursivo de Bolsonaro no Twitter sob amparo do discurso constituinte religioso: uma análise da semântica global. **Revista Heterotópica**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 178–201, 2023. DOI: 10.14393/HTP-v4n2-2022-66860. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/66860>. Acesso em: 27 ago. 2023.

MESSENBERG, Débora. A cosmovisão da “nova” direita brasileira. *In:* PINHEIRO-MACHADO, Rosana; FREIXO, Alexandre de. (org.) **Brasil em transe:** Bolsonarismo, Nova direita e Desdemocratização. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019, Edição Kindle. n. p.

MESSENBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, vol. 32, n. 3, p. 621-647, set-dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/KP5Fw74VrvfByjxRpHfKbRS/abstract/?lang=pt>. Acesso em 06 jul. 2023.

MUELLER, Beatriz Gutiérrez. A palavra religiosa como uma variante da ‘palavra autoritária’ em Bakhtin. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. Port. 91–112 / Eng. 91, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/27177>. Acesso em: 16 out. 2023.

MUSSALIN, Fernanda. Análise do discurso. *In:* BENTES, Anna Christina. MUSSALIN, Fernanda (Org.). **Introdução à linguística:** domínios e fronteiras, v. 2 - 4. ed. - São Paulo: Cortez, 2004.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. 10. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso (Michel Pêcheux et l’Analyse de Discours). **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 9-13, 2005. DOI: 10.22481/el.v1i1.973. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/973>. Acesso em: 14 mar. 2023.

ORLANDI, Eni. Nota ao leitor. *In*: PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. 7ª Edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 7-9.
Paulo: Contexto, 2011, p. 39-62.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021[2017].

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Elias. **As grandes teorias da linguística**: da gramática comparada à pragmática. São Carlos: Claraluz, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). *In*: GADET, F.; HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997[1969]. p. 61-161.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas [1983]. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony. (org.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Ed. da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso** (AAD 69) [1969]. Trad. Eni Orlandi e Greciely Costa. Campinas: Pontes, 2019.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. 7ª Edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In*: Achard, Pierre. et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2015. p. 43-51.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**, uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso. Tradução de Eni Orlandi. *In*: PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2011. p. 283-294.

PEREIRA, Sônia Virginia Martins. Gênero do discurso. *In*: PEREIRA, Sônia Virginia Martins; RODRIGUES, Siane Gois Cavalcanti (org.). **Diálogos em Verbetes**: noções e conceitos da Teoria Dialógica da Linguagem. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 105-111.

PEREIRA, Sônia Virginia Martins. O lugar do texto e do discurso em teorias enunciativas e discursivas. **Scripta**, v. 22, n. 44, p. 189-202, 15 jun. 2018.

PETRI, Verli; CERVO, Larissa Montagner. A presença de Saussure na obra de Michel Pêcheux: reflexões sobre a noção de língua. *In*: SOUZA, Lucília Maria Abrahão; NAGEM, Glaucia; BALDINI, Lauro (Org.). **A Palavra de Saussure**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016, p. 261 - 278.

PIOVEZANI, Carlos. Efeitos de verdade: a retórica eleitoral de Bolsonaro. *In*: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos. (org.). **Discurso e (pós)verdade**. São Paulo: Parábola, 2021. p. 155–187.

POSSENTI, Sírio. Apresentação. *In*: MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 7 – 9.

POSSENTI, Sírio. BARONAS, Roberto Leiser. (Org.) **Contribuições de Dominique Maingueneau para a análise do discurso no Brasil**. São Carlos: Pedro & João, 2008.

POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009b.

POSSENTI, Sírio. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009a.

POSSENTI, Sírio.; MUSSALIM, Fernanda. Contribuições de Dominique Maingueneau à Análise do Discurso. *In*: PAULA, Luciane de.; STAFUZZA, Grenissa. **Da Análise do Discurso no Brasil à Análise do Discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas**. Ubelândia, MG: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, EDUFU, 2010.

REBOUL, Olivier. Aristóteles, a retórica e a dialética. *In*: **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 21 - 41.

REBOUL, Olivier. Introdução: natureza e função da retórica. *In*: **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. XIII — XXII.

REBOUL, Olivier. Origens da retórica na Grécia. *In*: **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 1 - 19.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galáxia** (São Paulo) p. 31–47, 23 maio 2019.
<https://doi.org/10.1590/1982-25542019239035>.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Erislane Rodrigues. METALINGUÍSTICA E LINGUÍSTICA: DO DIÁLOGO ENTRE BAKHTIN E SAUSSURE. **Acta Semiótica et Lingvistica**, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/23451>. Acesso em: 29 jun. 2023.

ROHLING, Nívea. A PESQUISA QUALITATIVA E ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: CAMINHOS POSSÍVEIS. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 15, n. 2, p. 44–60, 19 dez. 2014. <https://doi.org/10.26512/les.v15i2.7561>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/7561>. Acesso em: 12 jun. 2023.

SANTOS, Manuel Álvaro Soares dos; SANTOS, Lúcia de Fátima Santos. A CRÍTICA BAKHTINIANA AO TEORICISMO E SUA RELEVÂNCIA NO FAZER DO LINGUISTA APLICADO. **Revista Humanidades e Inovação**. v. 8, n. 30, p. 11-22. 11 mar. 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4675>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006[1916].

SILVA, Mônica Thais Cordeiro da. **A construção do ethos de violência no Instagram: uma análise de selfies da hashtag #profchato**. 2019. 109f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) — Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Letras, Garanhuns — PE, 2019.

SOUSA, Ana Tereza Lopes Marra de. AZZI, Diego Araujo. Rodrigues, Gilberto Marcos Antonio. (org.). **Política externa brasileira** em tempos de isolamento diplomático. Rio de Janeiro: Telha, 2022.

VIEIRA FILHO, Maurício João; PROCÓPIO, Mariana Ramalho. O ethos de Jair Bolsonaro: uma análise discursiva dos discursos da posse presidencial. **Revista Temática**. [S.l.], v. 16, n. 08. p. 157-171. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8931.2020v16n08.54522>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/54522>. Acesso em: 15 ago. 2022.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas: João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013[1930].

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2018[1929].

VOTRE, Sebastião Josué. **Análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2019.

XAVIER, Antonio Carlos. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos**: ciências humanas e sociais aplicadas: artigo, resumo, resenha, monografia, tese, dissertação, tcc, projeto, slide. Recife: Rêspel, 2010.

YAGUELLO, Marina. Introdução. In: BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 11 – 19.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZAGO, Gabriela da Silva. O TWITTER COMO FONTE PARA O JORNALISMO. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, [S. l.], v. 10, n. 20, 2011. DOI: 10.5902/217549772786. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/2786>. Acesso em: 29 jun. 2023.

ZOPPI FONTANA, Mônica. Pós-verdade e enunciação política: entre a mentira e o humor. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos. (org.). **Discurso e (pós)verdade**. São Paulo: Parábola, 2021. p. 87–104.